

TERRA DE HISTÓRIAS

A ODISSEIA DE UM ESCRITOR



CHRIS
COLFER

Benvirá



TERRA DE HISTÓRIAS

CHRIS COLFER

TERRA DE HISTÓRIAS

A ODISSEIA DE UM ESCRITOR

Ilustrações
Brandon Dorman



Tradução
Pedro Sette-Câmara

Benvirá



Avenida das Nações Unidas, 7221 - 1º andar, Setor B
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP: 05425-902

SAC

0800-0117875

De 2ª 6ª, das 8h00 às 18h00

www.editorasaraiva.com.br/contato

Presidente	Eduardo Mufarej
Vice-Presidente	Cláudio Lensing
Diretora editorial	Flávia Alves Bravin
Editores	Débora Gutterman, Paula Regina Carvalho, Tatiana Vieira Allegro
Editora de arte	Deborah Mattos
Suporte editorial	Juliana Bojczuk Fermينو

Preparação	Augusto Iriarte
Revisão	Simone Oliveira
Diagramação	Eduardo Amaral
Arte de capa e ilustrações de miolo	Brandon Dorman

ISBN:978-85-5717-185-5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Colfer, Chris

Terra de histórias : a odisseia de um escritor, v. 5 / Chris Colfer ; ilustrações de Brandon Dorman ; tradução de Pedro Sette-Camara. -- São Paulo : Benvirá, 2017.

376 p. : il.

ISBN: 978-85-5717-185-5

Título original: *The land of stories – an author's odyssey*

1. Literatura infantojuvenil 2. Contos de fadas 3. Ficção I. Título II. Dorman, Brandon
III. Sette-Camara, Pedro

17-1455
CDD 028.5
CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil

Copyright © 2016 by Christopher Colfer Copyright de arte de capa e ilustrações © 2016 by Brandon Dorman Foto do autor: Brian Bowen Smith/Fox Copyright de capa © 2016 Hachette Book Group, Inc. Título original: *The Land of Stories – An Author's Odyssey* Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company, Nova York, Nova York, EUA.

[Todos os direitos reservados à Benvirá, um selo da Editora Saraiva. www.benvira.com.br](http://www.benvira.com.br)

1ª edição, 2017

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva Educação. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

CL 670738

*Para Will, por passar horas jogando “Como se
soletra?”, “O que é mais engraçado?”,
“Será que uma criança de dez anos entenderia?”*

*e outros jogos interativos enquanto eu escrevo.
Obrigado por ser a minha arma secreta.*

“Um escritor é um mundo
preso em uma pessoa.”
Victor Hugo



PRÓLOGO



O aluno favorito

O Distrito Escolar Unificado de Willow Crest não fez economias para celebrar a aposentadoria de uma diretora muito querida. O salão de festas da comunidade estava decorado com grande elegância. Não havia nenhum sinal do Bingo da Terceira Idade da noite anterior. As mesas estavam arrumadas com toalhas rendadas, arranjos de flores no centro e velas a pilha. Cada convidado dispunha de pratos dourados e de mais talheres do que sabia usar.

Professores, psicólogos, zeladores, funcionários da cantina e ex-alunos apareceram aos montes para dizer adeus e desejar felicidades à diretora. Para todos eles, a festa de aposentadoria era um dos eventos mais classudos a que jamais haviam ido. Porém, quando a convidada de honra olhou em volta e viu todos aqueles rostos fechados, a ocasião lhe pareceu mais um funeral do que uma celebração.

O novo superintendente do distrito, recém-empossado, bateu na taça de champanhe com uma colher, e o salão ficou em silêncio.

– Atenção, por favor – ele disse ao microfone. – Boa noite a todos. Meu nome é doutor Brian Mitchell. Como os senhores sabem, estamos aqui para celebrar uma das maiores educadoras que o Distrito Escolar Unificado de Willow Crest teve o privilégio de empregar, a senhora Evelyn Peters.

O nome foi seguido de uma calorosa salva de palmas. Um holofote foi apontado para a Sra. Peters, que se achava sentada na frente do salão, ao lado do Dr. Mitchell. Ela sorriu e acenou para os convidados, embora secretamente preferisse nunca ter concordado com a reunião. Sempre ficava desconfortável com atenções especiais e com elogios dos colegas, e a noite estava apenas começando.

– Pediram-me que falasse um pouco sobre a senhora Peters, o que me deixa muito intimidado – o Dr. Mitchell continuou. – Porque, não importa o que eu diga, sei que, em vez de aceitar meus elogios,

ela só vai prestar atenção em minhas palavras para pegar erros de gramática.

Os convidados riram, e a Sra. Peters escondeu uma risadinha atrás do guardanapo. Todos que a conheciam sabiam que era verdade.

– É fácil dizer que alguém é bom no que faz, mas eu sei com absoluta certeza que Evelyn Peters é uma educadora *incrível*. Quase três décadas atrás, muito antes de ela ser diretora, fui seu aluno na sua primeira turma de sexto ano, na Escola Fundamental de Willow Crest. Antes de conhecê-la, minha infância tinha sido muito difícil. Quando fiz dez anos, meu pai e minha mãe estavam na prisão, e eu entrava e saía de orfanatos. Quando entrei na turma da senhora Peters, eu mal sabia ler. Graças a ela, no final daquele ano, eu estava lendo Dickens e Melville.

Muitos convidados bateram palmas, fazendo a Sra. Peters corar. Vários deles tinham vivido ou testemunhado histórias parecidas.

– No começo, nós não nos demos muito bem – disse o Dr. Mitchell. – Ela exigia mais de mim do que qualquer pessoa tinha exigido. Me dava lição de casa extra e me fazia ficar na escola depois da aula para ler em voz alta para ela. Chegou uma hora em que fiquei tão cansado daquele tratamento especial que ameacei pichar sua casa se ela não parasse. No dia seguinte, ela me deu uma lata de spray e falou: “Não sei o que o senhor vai escrever, mas escreva corretamente”.

O salão explodiu em risos. Os convidados voltaram-se para a Sra. Peters, que confirmou a história com um tímido aceno de cabeça.

– A senhora Peters me ensinou muito mais do que apenas ler – disse o Dr. Mitchell, cuja voz começou a falhar. – Ela me ensinou a importância da compaixão e da paciência. Sinto que foi a única professora que se importou *comigo* tanto quanto com as minhas notas. Ela me fazia ter vontade de aprender e me inspirou a ser um educador. Estamos muito tristes por vê-la se aposentar, mas todos sabemos que, se ela tivesse se candidatado à superintendência em vez de se aposentar, eu *nunca* teria sido contratado.

A Sra. Peters limpou os óculos para distrair os convidados das lágrimas que se formavam em seus olhos. Se não fosse por esse

cerimonial, ela nunca teria admitido para si todo o impacto que causara em tantas vidas.

– Agora, por favor, façamos um brinde – disse o Dr. Mitchell, erguendo a taça. – A Evelyn Peters: obrigado por nos inspirar e por nos ensinar. O Distrito Escolar Unificado de Willow Crest não será mais o mesmo sem a senhora.

Todos no salão ergueram as taças para brindar à Sra. Peters. Quando eles terminaram, ela pegou o microfone e ergueu sua taça para eles.

– Agora, por favor, permitam-me dizer algumas palavras. O meu falecido marido também era professor, e ele me deu o melhor conselho que um educador pode dar a outro. Assim, eu gostaria de passá-lo adiante, caso esta seja a minha última oportunidade.

Todos no salão se inclinaram para a frente, em especial os professores.

– Como professores, não devemos guiar nossos alunos para que se tornem as pessoas *que nós queremos que eles sejam*, mas elevá-los para que se tornem as pessoas *que nasceram para ser*. Lembrem-se de que o incentivo que nós damos a nossos alunos talvez seja o único incentivo que eles receberão na vida; por isso, não economizem. Depois de vinte e cinco anos dando aula no ensino fundamental e da minha breve experiência administrativa, posso garantir que meu marido tinha toda razão. E, como esse é o melhor ensinamento que posso passar, digo pela última vez: *turma dispensada*.

A conclusão de sua fala foi recebida com aplausos em pé. Após alguns instantes de ovação, a Sra. Peters pediu aos convidados que se sentassem, mas isso só fez com que eles a aclamassem mais alto.

As luzes foram diminuídas, e uma tela de projeção foi abaixada. O Dr. Mitchell e a Sra. Peters sentaram-se e observaram as fotos das turmas da Sra. Peters, começando por sua primeira turma de sexto ano, quase trinta anos antes. Conforme os slides passavam, os ex-alunos riam de como eram aos onze, doze anos, dos seus penteados ridículos e das roupas das décadas passadas. Foi particularmente notado o fato de que a Sra. Peters tinha mudado

muito pouco ao longo dos anos. Em cada imagem, o cabelo, os óculos e os vestidos floridos da educadora eram exatamente os mesmos. Era como se a Sra. Peters estivesse congelada no tempo enquanto o mundo à sua volta se transformava.

Os slides, mais do que qualquer coisa naquela noite, a deixaram emotiva. Era como ver um álbum de família se materializar diante dos olhos. Ela lembrava o nome de cada rosto. Ainda conhecia pessoalmente a maior parte dos alunos, ou sabia o que eles tinham se tornado, mas havia alguns com os quais tinha perdido contato por completo. Este fato – ter sido, em dado momento, tão próxima de uma criança e depois sentir como se ela tivesse simplesmente desaparecido – lhe causava uma sensação dolorosa.

Os alunos da Sra. Peters eram para ela como os filhos que não tivera. Ela desejava que estivessem todos felizes e saudáveis onde quer que estivessem. Se já não era ela quem lhes oferecia compaixão e guiamento em suas vidas, esperava que eles tivessem encontrado isso em outra pessoa.

– *Evelyn?* – sussurrou o Dr. Mitchell.

A Sra. Peters ainda achava estranho que um ex-aluno se dirigisse a ela por seu prenome – mesmo que esse aluno fosse o superintendente.

– *Sim, doutor Mitchell?* – ela sussurrou de volta.

– A senhora já teve um aluno favorito? – ele perguntou, com um enorme sorriso. – Eu sei que não *devemos* ter favoritos, mas existe algum aluno que tenha se destacado para a senhora? Além de mim, claro.

A Sra. Peters nunca tinha pensado nisso. Ela já tinha dado aula para mais de quinhentos alunos e lembrava de cada um por motivos diferentes; selecionar um *favorito* nunca tinha sido uma prioridade.

– Eu certamente achei mais *prazeroso* dar aulas para alguns do que para outros, mas jamais poderia escolher um favorito. Para isso, eu teria de julgá-los, e sempre achei que julgar um menino ou uma menina seria como julgar uma obra de arte inacabada. Toda criança que entra na sala de aula tem seus próprios obstáculos, sejam de comportamento ou escolares. Cabe ao professor identificar esses

problemas e ajudar os alunos a superá-los; e nunca depreciá-los por causa disso.

O Dr. Mitchell nunca tinha olhado para a questão desse ângulo. Mesmo adulto, ainda tinha o que aprender com a Sra. Peters.

– Posso até ser o superintendente, mas sempre vou ser seu aluno.

– Ah, doutor Mitchell... – A Sra. Peters riu. – Nunca deixamos de ser alunos na sala de aula da vida.

Embora tivesse pensado que não responder era a melhor resposta, a Sra. Peters logo percebeu que estava equivocada. Apareceu na tela a foto de sua última turma de sexto ano, de três anos antes. Ela examinou os rostos dos ex-alunos e deteve o olhar em dois gêmeos de doze anos, Alex e Conner Bailey.

Alex tinha o cabelo caprichosamente preso em uma faixa rosa e segurava uma pilha de livros contra o peito; um sorriso enorme preenchia seu rosto, já que a escola era o seu lugar favorito no mundo. Já o irmão estava com os olhos inchados e a boca aberta; parecia ter acabado de acordar de uma soneca e não ter a menor ideia de que a foto estava sendo tirada.

A Sra. Peters riu porque eles estavam exatamente como ela se lembrava, e a foto lhe lembrou o quanto sentia saudade dos dois.

Os gêmeos Bailey tinham mudado de escola inesperadamente, e a Sra. Peters nem sequer havia tido a oportunidade de se despedir. Alex fora morar com a avó, em Vermont, no meio do sétimo ano, e Conner se juntara a ela no ano seguinte. Embora a mãe dos gêmeos ainda morasse na cidade, a Sra. Peters escutara que eles estavam melhor com a avó.

Até onde ela sabia, Alex se mudara para frequentar uma escola para alunos avançados. Porém, o fato de Conner ter ido estudar com ela continuava sendo um mistério.

Um ano antes de eles se mudarem, Conner fugira com outra aluna, Bree Campbell, durante uma viagem da escola à Europa. Aquela escapada não combinava com nenhum dos dois, que tinham fichas limpas até então. Se Conner tivesse ficado na escola da Sra. Peters, teria sido devidamente punido, assim como fora Bree, mas a

Sra. Peters nunca achou que fosse o caso de transferi-lo para outro distrito escolar.

Toda a situação era muito suspeita e incomodava pessoalmente a Sra. Peters. Conner tinha acabado de descobrir um talento natural para escrever e pela primeira vez ia muito bem na escola. Onde quer que ele estivesse agora, a Sra. Peters esperava que o garoto tivesse encontrado alguém que o incentivasse. Para ela, não havia nada pior no mundo do que o potencial desperdiçado de um aluno.

Os slides terminaram, e a sobremesa foi servida no salão. Após mais uma dúzia de discursos elogiosos de ex-colegas e alunos, a noite enfim terminou.

A Sra. Peters pôs no carro a pilha de cartões de despedida e alguns buquês. Ansiava por uma noite tranquila em casa para relaxar depois da cerimônia longa e emotiva. A caminho de casa, sem querer, ela passou pela Escola Fundamental de Willow Crest. A Sra. Peters pisou fundo nos freios e estacionou o carro. A escola a fez lembrar de mais uma despedida que ela tinha de fazer antes de se aposentar oficialmente.

Ela vasculhou sua grande bolsa à procura da chave da sala onde antigamente lecionava para o sexto ano. Por sorte, a fechadura não tinha sido trocada, e ela entrou sem dificuldades na sala 6B. Porém, em vez de sentir a onda de nostalgia que esperava, a Sra. Peters mal reconheceu a sala escura.

O professor atual havia feito uma decoração muito diferente da dela. As mesas estavam dispostas em grupos, e não em fileiras. As paredes, que antes abrigavam prateleiras com dicionários e enciclopédias, agora tinham computadores e tablets. Os pôsteres de famosos escritores e cientistas foram trocados por pôsteres de celebridades com seus livros favoritos – os quais, a Sra. Peters desconfiava, elas não tinham sequer lido.

Ela sentiu-se como um ator pisando no palco de outro. Não estava acreditando no quanto uma sala de aula podia mudar em tão pouco tempo. Era como se ela nunca tivesse dado aula ali. A única semelhança era a mesa do professor, que estava no mesmíssimo lugar em que a Sra. Peters mantivera a sua por vinte e cinco anos.

A aposentada sentou-se na cadeira e observou a sala com um sentimento agri-doce.

Esperava que a decoração não indicasse nada além do gosto do novo professor. Que a moral e os valores compartilhados fossem, em sua ausência, os mesmos que ela ensinara. Que as novas tecnologias aguçassem tais lições, em vez de trocá-las por ideologias menores. Mais do que tudo, a Sra. Peters desejava que o novo professor desse ao ensino *a mesma importância* que ela dava.

Antes que aquilo a deprimisse, lembrou a si própria de que teria se sentido pior se não tivesse havido mudança *nenhuma*. Afinal, era graças a professores como ela que a geração atual progredia tão facilmente rumo ao futuro.

E, assim como todos os professores antes dela, era hora de a Sra. Peters passar o bastão. Ela não imaginava que soltá-lo fosse tão difícil.

– Adeus, sala de aula – disse. – Vou sentir saudades dos ensinamentos que demos juntas, mas, mais do que tudo, vou sentir saudades dos ensinamentos que recebemos.

Assim que ela se levantou para sair, uma súbita lufada de vento circulou pela sala de aula. Papéis soltaram-se das paredes, e um vórtice formou-se no centro do aposento. Um potente clarão iluminou como um relâmpago a sala escura, e a Sra. Peters escondeu-se embaixo da mesa para se proteger.

Espiando por debaixo da mesa, viu dois pares de pés surgirem no ar. Um usava tênis, e o outro, pantufas cintilantes.

– Bem, isso aqui está bem diferente de quando a gente estava no sexto ano – disse a voz familiar de um rapazinho. – *Ah, cara!* Eles têm computadores! Por que a gente não tinha? Eu teria caído no sono bem menos vezes!

– Sinal dos tempos – disse outra voz familiar, a de uma mocinha. – Logo vão parar até de construir escolas. Os alunos vão se plugar num dispositivo e ter aula em casa. Você consegue imaginar algo pior?

– Uma crise de cada vez. Você procura nas mesas dos computadores, e eu procuro no arquivo. As minhas histórias têm de estar em algum lugar por aqui.

Os pés se separaram e se deslocaram para lados diferentes da sala. A Sra. Peters sabia que já tinha ouvido aquelas vozes muitas vezes, mas não conseguia visualizar os rostos a que pertenciam.

– Se as histórias não estavam no antigo escritório dela, por que você acha que estariam aqui? – perguntou a mocinha.

– É o único lugar que não olhamos – o mocinho respondeu. – Professores são sentimentais. Será que ela colocou numa cápsula do tempo ou algo assim? Eu só queria olhar em todos os lugares antes de invadir a casa dela.

A Sra. Peters não suportou o suspense. Lentamente ficou de pé e olhou por cima da mesa. Assim que identificou os recém-chegados, sufocou um grito, causando um sobressalto nos dois.

– *Senhor Bailey! Senhorita Bailey!*

Os gêmeos tinham crescido muito desde a última vez que a Sra. Peters os vira, especialmente Alex. A Sra. Peters não conseguiu evitar ficar boquiaberta com o vestido longo e bonito que ela usava. Era da cor do céu e cintilava conforme Alex se movia, como se tivesse saído de um conto de fadas.

Alex e Conner Bailey ficaram tão atônitos por verem a ex-professora quanto ela ficou por vê-los.

– Ahn... Oi, senhora Peters! – disse Alex, rindo de nervoso. – Há quanto tempo!

– Senhora Peters? – Conner perguntou. – O que a senhora está fazendo aqui a esta hora?

A Sra. Peters cruzou os braços e os fitou intensamente por sobre os óculos.

– Eu ia fazer aos senhores a mesma pergunta. Como os senhores entraram sem chave? De onde vieram toda aquela luz e todo aquele vento? Estão no meio de alguma brincadeira?

Os gêmeos se entreolharam; nenhum dos dois sabia o que dizer. Sem ter outra ideia, Conner começou a saltitar pela sala abanando os braços como se fossem algas.

– Senhora Peters, isto é um soooonho! – ele entoou. – A senhora comeu sushi estragado e agora está tendo um pesadelo com seus ex-alunos! Saia da sala antes que nos transformemos em materiais escolares gigantes!

A Sra. Peters franziu o rosto diante daquela péssima tentativa de enganá-la, e Conner logo deixou os braços caírem.

– Estou perfeitamente consciente, senhor Bailey. Agora, algum dos senhores vai me explicar como é que os dois *apareceram* nesta sala de aula, ou preciso chamar a polícia?

A esta altura, explicar a situação para alguém do Outro-mundo deveria ser fácil, mas, quando os gêmeos se coloca-ram na frente da antiga professora na antiga sala de aula, foi como se tivessem doze anos de novo. Era impossível men-tir para a Sra. Peters. Por outro lado, ela nunca acreditaria na verdade.

– Nós poderíamos explicar, mas a história é bem comprida – disse Alex.

– Eu tenho mestrado em literatura. *Adoro* histórias compri-das – disse a Sra. Peters.

A expressão severa da aposentada subitamente desapareceu de seu rosto. O seu olhar se deslocava de um gêmeo ao outro. Ela estava incrédula; era como se tivesse descoberto sozinha a verdade e estivesse com dificuldade para aceitá-la.

– Calma lá – disse a Sra. Peters. – Isso tem alguma coisa a ver com o *mundo dos contos de fadas*?

Os queixos dos gêmeos caíram ao mesmo tempo. Era a última coisa que eles esperavam que saísse da boca dela. Era como se eles estivessem num filme e uma cena de repente tivesse sido pulada.

– Ahn... *Sim* – disse Conner. – Bem, *essa* foi fácil.

Alex olhou feio para Conner, certa de que havia alguma informação que ele tinha esquecido de compartilhar com ela.

– Conner, você contou para a senhora Peters sobre o mundo dos contos de fadas?

– Claro que não! Provavelmente foi a mamãe! Ela tinha de explicar de algum jeito a nossa transferência.

Quando os gêmeos olharam de novo para a Sra. Peters, ela estava fazendo uma cara que eles nunca a tinham visto fazer. Os olhos estavam enormes e reluzentes, e ela cobria um grande sorriso com as duas mãos. A aposentada parecia uma garotinha empolgada.

– Minha nossa... – disse a Sra. Peters. – Depois desses anos todos, finalmente tenho certeza de que foi real... Não sei nem dizer quanto tempo passei me perguntando se tinha sido sonho ou alucinação, mas os senhores surgiram aqui exatamente como *ela*... E esse vestido é igual ao *dela*...

Os gêmeos não podiam estar mais confusos.

– O *que* foi real? – perguntou Conner.

– *De quem* a senhora está falando? – Alex pressionou.

– Quando eu era criança, fiquei internada no hospital, com pneumonia. Uma noite, bem tarde, enquanto as enfermeiras estavam ocupadas com outros pacientes, uma mulher bondosa com um vestido exatamente igual ao seu apareceu no meu quarto. Ela penteou meu cabelo e passou a noite lendo histórias para mim para que eu me sentisse melhor. Achei que ela era um anjo. Quando ela foi embora, pedi para me dizer quem era. Ela me disse que era uma Fada Madrinha e que morava no mundo dos contos de fadas.

Os gêmeos não acreditavam no que estavam ouvindo. Eles conheciam a Sra. Peters havia anos, mas nunca souberam que ela tinha algum conhecimento do mundo dos contos de fadas.

– Caramba, *que mundos pequenos* – disse Conner.

– Essa mulher era nossa avó – disse Alex. – Ela e outras fadas costumavam viajar até este mundo para ler contos de fadas para crianças doentes ou carentes. A vovó dizia que as histórias sempre davam esperança às crianças.

A Sra. Peters sentou-se na mesa e pôs a mão sobre o coração.

– Bem, ela tinha razão. Assim que fiquei boa, eu devorei contos de fadas pelo resto da minha infância. Virei professora para compartilhar as mesmas histórias com outras pessoas.

– Não é possível! – disse Conner. – Era por isso que a senhora mandava a gente fazer aqueles relatórios sobre contos de fadas! Isto é *meta*!

– Conner, detesto quando você usa essa palavra – Alex falou.

– Concordo com o senhor Bailey: *isto é meta*! – A Sra. Peters riu.

– Não há palavras para descrever o quanto estou grata por enfim saber a verdade. Durante esse tempo todo, os senhores não estavam morando em outro estado; estavam morando com a sua

avó na dimensão dos contos de fadas! Isso explica as transferências abruptas, a explicação vaga da sua mãe... E presumo que isso tenha a ver com o fato de o senhor Bailey ter abandonado a excursão na Europa.

– Confesso – Conner falou acanhadamente. – Viu, não sou um delinquente!

– E a sua avó, ainda está viva? – a Sra. Peters perguntou.

Ela parecia tão feliz que os gêmeos hesitaram em lhe contar a notícia.

– Na verdade, a vovó faleceu há pouco mais de um ano – disse Alex.

– Pois é, logo depois de ter *matado um dragão*! – gabou-se Conner. – Mas essa é outra longa história que só vai levar a outras longas histórias. Acredite em mim, nosso futuro biógrafo vai ter muito trabalho. Agora não temos muito tempo de explicar! Viemos aqui para procurar algo muito importante.

– É mesmo? – disse a Sra. Peters.

– Lembra de quando a senhora guardou as minhas histórias num portfólio, para quando eu começasse a me candidatar para universidades? A senhora sabe onde elas estão?

– O senhor não tem as suas cópias?

– Não, elas foram escritas à mão. Já foi penoso demais produzir os originais. Minha mão não aguentaria fazer cópias.

– Senhor Bailey, se pretende ser escritor, o senhor precisa aprender a proteger o seu trabalho...

– Pois é, estou aprendendo do jeito mais difícil. É o seguinte: aconteceu uma coisa terrível no mundo dos contos de fadas, e precisamos dos meus contos para salvá-lo.

– Tenho certeza de que a senhora tem um milhão de perguntas, mas, como o Conner falou, realmente estamos com pouco tempo – Alex acrescentou. – Se a senhora sabe onde as histórias estão, *por favor* nos diga. Muita gente depende de nós.

Pelo tom em suas vozes e pela urgência em seus olhos, a Sra. Peters soube que eles estavam falando muito sério e não fez mais perguntas.

– Os senhores estão com sorte. Elas estão comigo.

A Sra. Peters pegou a bolsa embaixo da mesa e tirou um grande fichário de dentro dela. Folheou o fichário, e os gêmeos notaram que ele estava cheio de redações de alunos, de provas de matemática, de relatórios sobre livros, de provas de história e de desenhos.

– Hoje foi meu último dia antes de me aposentar – disse a Sra. Peters. – Limpei minha mesa, e lá estava *isto*. É uma coletânea que fiz ao longo dos anos dos trabalhos que mais me deixaram orgulhosa de ser educadora. Sempre que tenho um dia particularmente difícil, dou uma olhada nela para voltar a me inspirar.

Ao chegar ao fim do fichário, a Sra. Peters abriu as presilhas e entregou a Conner um maço de papéis escritos em pés-sima caligrafia.

– Aqui estão seus contos, senhor Bailey.

Os gêmeos suspiraram de alívio. Após uma longa procura, eles finalmente os tinham encontrado! Conner fez menção de pegá-los da mão da Sra. Peters, porém ela os segurou com mais firmeza.

– Só entrego se o senhor me fizer uma promessa.

– Ele faz o que a senhora quiser! – disse Alex, desesperada.

Conner fez que sim com a cabeça.

– Sim, eu faço!

A Sra. Peters olhou bem nos olhos dele.

– Quando essa parte complicada da sua vida acabar, prometa que vai voltar para a escola e continuar a escrever.

Conner esperava algo muito pior do que aquilo.

– Ok, prometo – disse.

– Ótimo! As pessoas precisam de escritores como o senhor para inspirá-las, senhor Bailey. Não despreze o seu talento e não o desperdice.

A Sra. Peters soltou os papéis; os contos finalmente estavam na posse de Conner. Alex ficou aliviada por ter sido uma troca fácil; estava preparada para lançar um encanto paralisante na Sra. Peters se fosse necessário.

– Fico contente por fazer parte do seu fichário – disse Conner.

– Nunca achei que fosse dizer isso, senhor Bailey, mas o senhor é o mais próximo que terei de um aluno favorito.

– *Eu?* Mas... Mas... *Por quê?*

– Sim, *por quê?* – perguntou também Alex, incapaz de se conter.

– Com todo o respeito, senhorita Bailey, quando eu estiver mais velha e minha memória ficar mais fraca, não vou lembrar dos alunos que tiravam as melhores notas ou que tinham a melhor frequência. Vou lembrar daqueles que progrediram mais, e seu irmão melhorou muito desde que tirava sonecas na aula.

– Acho que não progredi mais do que ninguém – disse Conner, dando de ombros.

– Você diz isso porque ninguém tem o privilégio de olhar para si pelos olhos de outra pessoa – disse a Sra. Peters. – Eu testemunhei as suas dificuldades após a morte do seu pai, mas o senhor não se deixou levar por elas. Em vez de se afundar na tristeza, o senhor desenvolveu um forte senso de humor. Logo eu estava o tempo todo condenando as suas palhaçadas em sala de aula. No ano seguinte, quando me tornei diretora, tive a impressão de que, por trás daquele humor, havia uma imaginação extraordinária. Pedi à sua professora que me mandasse amostras dos seus textos, e a minha suspeita se provou correta. O senhor escolheu *crescer* na tragédia, e é preciso ser muito forte para fazer isso.

Alex sorriu de orgulho do irmão. O rosto inteiro de Conner brilhava de tão vermelho. Ele era tão bom em receber elogios quanto a Sra. Peters.

– Ah, caramba – ele disse. – Acho que eu sou mais sofisticado do que pensava.

– O senhor talvez fique surpreso – disse a Sra. Peters –, mas aprendi muito sobre o senhor por seus textos, talvez mais do que o senhor pretendia compartilhar. Talvez, ao reler essas histórias, o senhor aprenda algo sobre si mesmo.

Isso deixou Conner um pouco apreensivo. O quanto de si mesmo ele tinha exposto? Quando escrevia, Conner só se preocupava em contar uma boa história; nunca pensava nas digitais que deixaria

nas entrelinhas. Subitamente teve a sensação de estar no chuveiro e ter esquecido de trancar a porta do banheiro.

– Obrigado, senhora Peters – disse ele. – A verdade é que a senhora também sempre foi a minha professora favorita. Eu nunca teria gostado de escrever se não fosse pela senhora.

A Sra. Peters se sentiu muito feliz por ter esbarrado nos gêmeos Bailey naquela noite. Saber que tinha ajudado a fazer dos gêmeos os moços maravilhosos e responsáveis que eles tinham se tornado era o maior presente de aposentadoria que ela poderia ter recebido. Colocou o fichário de volta na bolsa e olhou para o relógio; era desalentador que o novo professor tivesse tido o mau gosto de decorar o relógio como um sol.

– Não acredito que já passou da meia-noite – disse a Sra. Peters.
– Estou completamente exausta. Se os senhores me dão licença, acho que vou...

Com outra lufada de vento e um clarão, os gêmeos Bailey desapareceram em pleno ar, o que fez a Sra. Peters rir: aquela saída rápida confirmou algo em que ela acreditava piamente.

– *Alunos*. Eles vêm e vão tão rápido...



CAPÍTULO 1



O império mascarado

Havia tanta fumaça no ar que mal dava para ver o céu. Toda vez que um vento forte a dissipava, ela era logo reabastecida por outra cidade saqueada ou por uma floresta incendiada. Durante o dia, o sol parecia uma fraca lanterna brilhando através de um lençol marrom. À noite, enxergar uma estrela passara a ser tão raro quanto avistar uma estrela cadente.

O mundo dos contos de fadas tinha enfrentado muitos momentos difíceis nos últimos anos, mas nada como aquilo. Era a primeira vez na história que um retorno ao *felizes para sempre* parecia impossível.

Ao longo de uma única noite, o exército de Winkies da Bruxa Má do Oeste atacou o Reino Encantado e o Território Duetroll. Seus macacos voadores foram enviados para aterrorizar o Império dos Elfos e o Reino do Canto. A Rainha de Copas mandou seus soldados de cartas para o Reino do Centro e levou o caos ao Reino do Leste. O bando de piratas do Capitão Gancho envenenou as águas da Baía das Sereias, forçando as sereias a fugirem para o fundo do oceano. O *Caveira e Ossos*, o navio voador do Capitão Gancho, atacou o Reino das Fadas, deixando o lugar em pedaços. Em seguida, o capitão arrasou o Reino do Norte.

Os soldados e os habitantes de todos os reinos, que outrora tinham se unido para combater a Grande Armée, não foram páreo para os novos invasores. Suas casas e cidades foram saqueadas e incendiadas; as fazendas e estábulos, pilhados; o gado e os cavalos, roubados.

Todas as fadas eram dadas como mortas ou desaparecidas. Os reis e rainhas tinham perdido seus tronos, e seus lares estavam em ruínas. As florestas foram paulatinamente queimadas, uma de cada vez, de modo que animais e refugiados tinham cada vez menos lugares para se esconder.

Os reinos e os territórios tal como eram conhecidos deixaram de existir. Todo o território do mundo dos contos de fadas se organizava agora num grande império governado pelo notório Homem Mascarado e seu recém-levantado Exército Literário.

Os civis elfos, trolls, duendes e humanos de todo o mundo dos contos de fadas foram reunidos e enviados ao Reino do Norte e depois confinados no Lago dos Cisnes, contíguo ao Palácio do Norte, quase destruído. O lago havia sido secado pelo Exército Literário; não passava de uma cratera funda e enlameada, perfeita para manter os civis aprisionados. Quando o lago ficou cheio de gente, o sol já começava a descer no oeste. Foi então que os soldados literários dirigiram a atenção dos cativos para um grande balcão do palácio.

As portas se abriram, e o Homem Mascarado apareceu. Sua cabeça inteira estava coberta por uma máscara feita de rubis e joias, e os olhos eram duas pequenas frestas. As roupas, antes esfarrapadas, tinham recebido melhorias: ele agora trajava um conjunto bem costurado, com uma longa capa preta cujo colarinho torreava sinistramente acima de sua cabeça.

O Homem Mascarado enfim parecia o líder ameaçador que sempre quis ser.

Sua aparição foi recebida com um estrondo de vaias e silvos, que se intensificou quando a Rainha de Copas, a Bruxa Má do Oeste e o Capitão Gancho se juntaram a ele no balcão. O Homem Mascarado ergueu as mãos diante de si, abraçando o ruído como se fossem aplausos.

– Ora, ora, ora – disse. – É assim que vocês recebem seu novo *imperador*?

O título não foi bem recebido pela plateia de cativos. Muitos dos civis tinham escondido alimentos nas roupas antes de serem expulsos de casa e, em vez de guardá-los, jogaram-nos com raiva no Homem Mascarado. O autoproclamado imperador foi coberto de tomates, ameixas e alfaces.

Os civis gargalharam intensamente. Até a Bruxa Má do Oeste soltou uma risadinha diante da embaraçosa cena. Porém, o Homem

Mascarado não permitiria que seus primeiros momentos como imperador virassem uma piada.

– SILÊNCIO! OU MATO VOCÊS TODOS! – gritou.

Os alimentos pararam de ser arremessados, e um silêncio tenso caiu sobre o lago seco. O Homem Mascarado já tinha destruído suas aldeias e casas; os cativos não sabiam até onde ele iria para ganhar respeito. Um macaco de asas entregou um pano ao Homem Mascarado, que limpou a roupa.

– A partir de hoje, vocês não são mais o *povo* de seus reinos ridículos, mas *propriedade* deste império. Desrespeitem-me outra vez, e não demonstrarei a mesma misericórdia de seus reis fracotes e de suas rainhas frágeis. Qualquer pessoa que ousar se colocar no meu caminho perderá a vida, mas não só isso! Antes, vai ver a vida de seus familiares ser tirada por mim!

As crianças no lago começaram a chorar e foram abraçadas com força por seus pais. Parecia que o pior ainda não havia chegado.

– Eu os trouxe aqui para testemunhar o nascimento de uma nova era. Mas, antes que cheguemos ao novo futuro, os caminhos do passado precisam ser destruídos. E isso inclui os *líderes* do passado!

O Homem Mascarado fez um gesto para uma grande plataforma de madeira abaixo do balcão, no gramado entre o palácio e o lago seco. Um homem muito alto com uma longa capa preta subiu na plataforma e colocou um grande bloco de madeira no centro.

Uma dúzia de macacos voadores surgiu de trás do palácio puxando um vagão. Nele estavam todos os antigos reis e rainhas do mundo dos contos de fadas: Cinderela, o Rei Chance, a Bela Adormecida, o Rei Chase, a Branca de Neve, o Rei Chandler, Trollbella, a Imperatriz Elfina, Rapunzel, Sir William e até as jovens princesas Esperança e Cinerea. Todos os nobres estavam com as mãos atadas, vendados e amordaçados com uma faixa de pano branco.

O homem alto na plataforma tirou da capa um grande machado prateado. Os civis começaram a gritar de terror quando perceberam para que ele serviria – o *Homem Mascarado ia executar as famílias reais!*

Ainda que não pudessem ver, os reis e as rainhas sabiam, pelo som da multidão aterrorizada, o que estava acontecendo. Lutavam contra os panos que os amarravam, mas sem sucesso. Os civis tentavam desesperadamente sair do lago seco para salvar seus governantes, mas eram chutados de volta para a lama. Os soldados de cartas se mantinham de braços dados em torno do perímetro do lago, formando um muro.

O Homem Mascarado ria loucamente do terror que causava. Soldados Winkies tiraram os nobres do vagão, os empurraram pelos degraus da plataforma e montaram guarda em volta dela. O carrasco afiou o machado enquanto esperava a ordem para começar.

– Comece pelos homens, depois as mulheres, depois as *crianças* – o Homem Mascarado falou. – Vossa Majestade, faça as honras da casa...

A Rainha de Copas foi para a frente do balcão. Com os olhos arregalados e um sorriso perverso, fitou os perturbados nobres como se fossem uma deliciosa refeição.

– COOOOOOORRRRTEM-LHES AS CABEEEEEEÇAS! – ela rugiu.

O lago irrompeu em protestos. As mulheres gritavam súplicas desesperadas para que a execução parasse; os homens berravam palavrões contra a crueldade do Homem Mascarado. As famílias reais juntaram-se num canto da plataforma, tremendo.

O carrasco escolheu o Rei Chance para ser o primeiro. Tomou-o pelo braço e levou-o até o bloco. Cinderela e Esperança gritaram sob as mordidas quando perceberam que ele não estava mais a seu lado.

O carrasco forçou Chance a ajoelhar-se e posicionou sua cabeça no bloco de madeira. Ergueu o machado sobre o pescoço do rei e ensaiou o vaivém. A cada vaivém, os civis arquejavam, temendo que fosse o golpe fatal. Enfim, o carrasco ergueu o machado mais alto. As súplicas e os gritos dos observadores desesperados multiplicaram-se; os nobres sabiam que era questão de segundos para que o rei perdesse a cabeça.

O carrasco desceu o machado – mas, ao fazê-lo, girou o corpo e acertou o chão da plataforma em vez do pescoço do rei. O chão ruiu, fazendo com que o carrasco e todos os nobres caíssem pela plataforma e sumissem de vista. Foi tão inesperado que a multidão calou-se – aquilo não podia ser parte do plano.

– MAS O QUE ACONTECEU? – gritou o Homem Mascarado. – TIREM-NOS DE LÁ!

Quando os soldados Winkies se aproximaram para inspecionar a plataforma, *três grandes cavalos irromperam de dentro dela!* Mingau, Buckle e Aveia tinham estado o tempo inteiro debaixo da plataforma. Agora, puxavam uma carruagem com o carrasco e os nobres a bordo e seguros. *A plataforma era na verdade um grande alçapão!*

– NÃÃÃOOO! – gritou o Homem Mascarado, debruçando-se ao máximo no parapeito do balcão para ver melhor.

Para seu horror, viu Cachinhos Dourados montada em Mingau e João montado em Buckle! O casal conduziu os cavalos e a carruagem para a floresta que ficava além do palácio, derrubando dezenas de soldados Winkies ao passar. *A execução tinha virado uma missão de resgate aos olhos do Homem Mascarado!*

Cachinhos Dourados virou o rosto para os nobres resgatados.

– Todos bem aí?

Os nobres gemeram sob as mordanças. Ainda vendados, não tinham ideia do que estava acontecendo. O carrasco tirou a capa – *era o Homem de Lata!*

– Não se preocupem, Majestades! – disse ele. – Isto é um resgate!

Com o machado, partiu os panos que prendiam as mãos dos nobres.

– Ainda não estamos seguros – disse João. – Protejam-se! Vai ser uma viagem de balançar o esqueleto!

Enquanto isso, os civis abraçavam-se e celebravam a fuga de seus líderes. O Homem Mascarado praticamente soltava fogo pela boca de tão furioso. O pedaço visível de pele em volta de seus olhos ficou tão vermelho que passou a combinar com os rubis da máscara.

– ATRÁS DELES! – ordenou ao Exército Literário. – NÃO OS DEIXEM FUGIR!

O grupo resgatado era perseguido pela floresta por Winkies e por soldados de cartas montados em cavalos. A frota de macacos voadores os seguia pelo céu enfumaçado. Quando os nobres removeram as vendas e olharam em volta, a fuga lhes pareceu improvável – a carruagem não tinha chance contra os soldados literários. Por sorte, João e Cachinhos Dourados tinham amigos com alguns truques na manga.

Os Winkies e os soldados de cartas se aproximavam cada vez mais da carruagem. Cachinhos Dourados acenou com a cabeça para João, que assobiou. De repente, Sir Grant e Sir Lampton apareceram com dezenas de homens a cavalo, formando um círculo de proteção em volta da carruagem e derrubando os soldados literários mais próximos.

– Sir Lampton, é você? – disse Cinderela.

– Olá, Majestade. Preferia que as circunstâncias fossem outras, mas estou muito contente por vê-la viva!

Os homens de Sir Grant e de Sir Lampton não estavam sozinhos. Dividiam os cavalos com os Meninos Perdidos da Terra do Nunca. Quando chegaram perto o suficiente, Magrelo, Bico, Firula e os Gêmeos Perdidos saltaram dos cavalos e pousaram na carruagem. Os Meninos Perdidos tiraram estilingues dos bolsos e lançaram pedras contra os Winkies e os soldados de cartas, acertando-os no rosto e derrubando-os das montarias.

– Isso é divertido! – disse Magrelo.

– Vamos criar um jogo! – falou Firula.

– Dez pontos para os quadradões e cinco para os dourados – Bico decidiu.

– Fechado! – disseram os Gêmeos Perdidos.

Os Meninos Perdidos riam tanto vendo os Winkies e as cartas caindo dos cavalos que lágrimas escorriam por seus rostos rosados. Não se divertiam assim desde que haviam deixado a Terra do Nunca.

Graças aos Meninos Perdidos e aos homens de Sir Grant e de Sir Lampton, o número de soldados literários que perseguiam a

carruagem diminuiu significativamente. No entanto, ainda havia muitos Winkies e cartas com os quais se preocupar. Por sorte, a fase seguinte do plano de resgate estava próxima.

Enquanto o grupo acelerava floresta adentro, Cachinhos divisou uma flecha espetada na lateral de uma árvore – *era um sinal!*

– João, estou vendo a flecha. Estamos nos aproximando dos Alegres Homens!

João ficou aliviado ao ouvir a informação, pois Mingau, Buckle e Aveia começavam a diminuir a velocidade, cansados. Ele assobiou para a copa das árvores tão alto quanto era capaz.

– SERÁ ESTE O ASSOBO POR QUE ESPERÁVAMOS, OU MEUS OUVIDOS ESTÃO ME ENGANANDO? – gritou das árvores uma voz exuberante.

João revirou os olhos e assobiou de novo.

– OUTRA VEZ! NOSSA HORA CHEGOU, ALEGRES HOMENS! ATACAR!

Robin Hood e seus Alegres Homens se jogaram da copa das árvores sustentados em cordas como macacos em cipós. João Pequeno, Alan-a-Dale e Will Escarlata caíram em cima dos Winkies e das cartas, derrubando-os; em seguida, roubaram seus cavalos. Robin Hood balançou no ar e pousou na carruagem. Tirou o chapéu e curvou-se para as rainhas.

– NÃO TENHAM MEDO, SENHORAS, POIS O VERDADEIRO HERÓI CHEGOU! – disse, piscando sedutoramente e beijando a mão de Rapunzel, o que não caiu muito bem com Sir William.

– *Caramba, eu realmente detesto esse cara!* – João sussurrou para Cachinhos Dourados.

Robin Hood pegou o arco e as flechas atados às costas do colete e juntou-se aos Meninos Perdidos, derrubando Winkies e cartas. Após acertar alguns, o príncipe dos ladrões se sentiu o maior e começou a se exhibir para as rainhas, fazendo poses ridículas enquanto disparava.

– NÃO SE INTIMIDEM, MENINOS PERDIDOS – disse, passando a mão na cabeça de Magrelo. – A BATALHA É LUGAR DE HOMENS.

Magrelo disparou o estilingue contra as nádegas de Robin Hood, que ganiu como um suíno ferido.

– Magrelo, guarde a munição para o inimigo! – Cachinhos ralhou.

– Desculpe, escapou – disse Magrelo.

Àquela altura, todos os Winkies e soldados de cartas tinham sido derrubados ou recuado para o Palácio do Norte. Porém, a perseguição ainda não havia acabado. Gritos esganiçados ecoaram pela floresta quando os macacos voadores se abateram sobre a carruagem.

João assobiou de novo e gritou:

– *Peter, sua vez!*

Como um foguete, Peter Pan disparou de debaixo da carruagem, onde estava escondido. Foi tão rápido que as famílias reais se sobressaltaram. O menino que não queria crescer entregou dois sacos de fogos de artifício para João Pequeno e Alan-a-Dale e fósforos para Will Escarlata. Os Alegres Homens jogaram os fogos de artifício para Will Escarlata, e, assim que ele os acendeu, Peter os pegou. O menino sobrevoou a copa das árvores e jogou os fogos contra os macacos voadores que se aproximavam.

Cada explosão chocava e desnorteava os macacos voadores, que flutuavam para o chão. Peter e os Alegres Homens continuaram a lançar fogos de artifício até que todos os macacos voadores tivessem sido derrubados.

– Tomem ISSO, seus morcegos desproporcionais! – Peter riu.

Trollbella observava atônita. Seu coração batia tão rápido que, se tivesse asas, elas a teriam alçado até Peter Pan.

– É como se eu tivesse sido decapitada e ido para o céu! – ela disse. – Ele é igual ao Butterboy, só que *flutua e cintila!* *Eu não imaginava que pudesse existir um menino tão maravilhoso!* Chega, Trollbella! Contenha-se! Você prometeu a si mesma que só voltaria a amar quando o mundo estivesse em melhor estado!

Mesmo assim, a Rainha Duetroll tentava pegar os rastros do pó de pirlimpimpim que Peter soltava ao voar ao lado da carruagem.

Enfim livres do Exército Literário do Homem Mascarado, os nobres e seus salvadores respiraram aliviados. Cachinhos Dourados e João assumiram as rédeas de seus cavalos e os fizeram virar

abruptamente à esquerda, conduzindo o grupo para as Florestas dos Anões.

– Aonde estamos indo? – Branca de Neve perguntou.

– Para um lugar onde o Homem Mascarado e seu exército jamais nos encontrarão – disse Cachinhos.

– Façam o máximo de silêncio – João instruiu. – Quanto menos barulho fizermos, melhor.

Os nobres obedeceram às instruções. Pelo resto do dia, o grupo de resgate se embrenhou cada vez mais nas Florestas dos Anões. Os reis e rainhas examinavam nervosos a densa floresta; a maioria deles jamais tinha estado naquelas partes. Temiam que algo assustador aparecesse de repente, mas a floresta que notoriamente abrigava as criaturas e os criminosos mais perigosos do mundo dos contos de fadas parecia bem vazia.

Pouco antes do cair da noite, o grupo chegou a um trecho montanhoso. Cachinhos Dourados parou a procissão na frente de um enorme rochedo grudado à encosta de uma colina. Cobriu a boca e juntou as mãos num gesto peculiar.

– Cu-CO, cu-CO – chamou.

O chilreio ecoou pela floresta. O grupo aguardou ansiosamente e em silêncio. Um momento depois, um canto de pássaro baixinho soou de algum lugar do outro lado do rochedo.

– Cu-cu-CA, cu-cu-CA.

O rochedo foi lentamente empurrado por dois monstruosos ursos negros, e um túnel escondido na encosta da colina foi revelado. A visão dos ursos assustou os nobres, que se seguraram uns nos outros.

– *Não se assustem, eles estão com a gente* – Cachinhos Dourados sussurrou. – *E, se alguém tem pé atrás com ursos, esse alguém sou eu.*

A carruagem entrou no túnel, seguida pelos homens a cavalo. Assim que todo o grupo de resgate se achava do lado de dentro, os ursos colocaram o rochedo de volta no lugar, escondendo a entrada. A caravana percorreu algumas centenas de metros pelo túnel e adentrou uma mina cavernosa.

O chão era coberto de trilhos que se estendiam por outros túneis, em direção às profundezas da colina. Cobrindo as estalactites, milhares de vagalumes iluminavam a caverna como rudes candelabros. Dezenas de lençóis e cobertores se prendiam às estalagmites e formavam diversas tendas.

As famílias reais ficaram muito surpresas quando se viram entre centenas de outros refugiados. Famílias de humanos, de elfos, de trolls e de duendes se espalhavam pela mina. Havia também vários grupos de animais: raposas, lobos, texugos, ursos, pássaros de todas as espécies. Até os *animais* estavam se refugiando durante aquela época terrível – o que explicava por que a floresta estava tão vazia.

Também havia entre os escondidos alguns rostos conhecidos. Hagetta e Frei Tuck cozinhavam uma refeição num grande caldeirão. O Mercador Viajante, o velho sujeito que vendera a João os feijões mágicos dos quais brotara o notório pé, se achava reclinado contra uma estalagmite e contava os pés de galinha que guardava numa bolsinha.

A Rainha Chapeuzinho Vermelho estava nos fundos da mina, quieta. A Vovozinha e a Velhinha do Shoe Inn, a seu lado, costuravam colchas para fazer mais tendas. Caracol, o Menino Perdido que tinha virado bebê por causa de uma poção da juventude, tirava um cochilo num cesto ao lado das duas senhoras. Blubo, um pequeno macaco voador, estava aninhado com ele. Por conta da vista ruim, a Vovozinha achava que Blubo era um bebê extremamente peludo.

Animais de estimação de mulheres de gosto muito sofisticado que eram, Clawdius e Lester tornaram-se amigos íntimos na mina. Os animais cochilavam juntos, revezando-se no uso do outro como travesseiro.

Rook Robins e o pai se achavam junto com um grupo de pessoas da mesma aldeia. Como ele próprio, um ano antes, quase causara a morte dos nobres, Rook foi tomado por uma culpa insuportável ao vê-los. Pediu licença ao grupo e foi caminhar pelos túneis para ficar sozinho.

A entrada do grupo resgatado causou bastante comoção. Todos ficaram tão felizes com o fato de que as famílias reais estavam vivas que a mina vibrou com os aplausos emocionados. Os refugiados cercaram a carruagem e receberam os líderes no único refúgio que sobrara no mundo dos contos de fadas.

– Graças aos céus, vocês estão bem! – disse Hagetta.

– Todas as nossas preces foram atendidas! – Frei Tuck falou.

João desmontou de Buckle e ajudou Cachinhos Dourados a descer cuidadosamente de Mingau, ato que ficava mais difícil à medida que a barriga grávida de Cachinhos crescia. Era uma questão de tempo para que o filho deles chegasse ao mundo; os dois só queriam que um mundo melhor o esperasse.

Robin Hood e os Alegres Homens ajudaram, com muita disposição, as rainhas a descerem da carruagem, beijando-as nas mãos, o que muito incomodou seus maridos.

– Onde estamos? – Bela Adormecida perguntou.

– Estamos numa mina de anões abandonada, nas Colinas Oeste das Florestas dos Anões – disse Cachinhos Dourados. – Não é o luxo com que você está acostumada, mas aqui estamos seguros. Poucas pessoas sabem que ela existe, e fica a quilômetros das partes da floresta que estão sendo queimadas.

– Estávamos nos abrigando numa pequena caverna nas Montanhas do Norte, mas, como você pode ver, nossos números aumentaram – disse João.

– De onde são todas essas pessoas e criaturas? – perguntou o rei Chase.

– De todos os reinos – disse Cachinhos. – São os poucos que conseguiram fugir do exército do Homem Mascarado. Assim como vocês, eles perderam tudo o que tinham.

Os nobres demonstravam muita empatia pelas pessoas em volta, mas tinham uma clara relutância em dividir a mina com as criaturas da floresta.

– Garanto que tudo e todos nesta mina são confiáveis – disse Sir Lampton. – Estamos todos unidos contra o mesmo inimigo. E assim precisamos permanecer se quisermos recuperar nosso mundo.

Os nobres se entreolharam e assentiram com a cabeça.

– De nossa parte, não haverá qualquer objeção – a imperatriz Elfina falou em nome dos nobres. – Precisamos colocar de lado nossas antigas diferenças, ou não haverá esperança para o futuro.

Essas palavras da imperatriz tiveram um peso enorme pois os elfos eram historicamente repelidos pelos outros reinos. Eles já tinham perdido muito; *unidade* era algo que não podiam se dar ao luxo de perder.

– Onde estão as fadas? – perguntou Rapunzel.

– Tomara que escondidas – disse Cachinhos Dourados.

– É verdade que o Conselho das Fadas foi transformado em pedra? – Trollbella indagou.

– Não sabemos – disse João, com um longo suspiro. – Depois que os reinos foram atacados, Alex e Conner viajaram ao Reino das Fadas para procurar o conselho e obter ajuda, mas nunca voltaram.

Todos na mina encararam o chão com olhos preocupados e o coração pesado. Aquela era a notícia mais perturbadora de todas. Sem o Conselho das Fadas ou os gêmeos Bailey, como eles poderiam derrotar o Homem Mascarado e seu Exército Literário? O futuro parecia ainda mais devastador do que antes.

– Alex tinha razão – Cinderela falou. – O Conselho das Fadas deveria ter dado ouvidos a ela. Se tivessem ido atrás do Homem Mascarado como ela pediu, nada disso teria acontecido.

– E Charlie e aquele monstro que o levou? – perguntou o rei Chandler. – Alguém sabe para onde eles foram?

Todos os refugiados se voltaram para Chapeuzinho, porém a rainha permaneceu em silêncio. Ela não tinha forças para reviver aquilo.

– Chapeuzinho e os Meninos Perdidos o encontraram na cabana de Morina – Cachinhos contou. – A bruxa o aprisionou dentro de um espelho mágico. Eles também acharam as crianças que tinham sumido do Reino do Canto e do Reino Encantado. Elas estão sob o efeito de algum encanto que suga a juventude.

Com tudo mais que havia acontecido, os nobres quase tinham se esquecido das crianças perdidas.

– Não podemos planejar o resgate delas também? – perguntou Rapunzel.

– As crianças foram amaldiçoadas com magia muito negra – Hageeta explicou. – Tirá-las da cama pode acabar com o que lhes resta de força vital.

– Mas e Charlie? – perguntou o rei Chandler. – Como vamos tirá-lo do espelho?

– Não podemos – disse Chapeuzinho. – Uma vez que você está preso dentro de um espelho mágico, é quase impossível ser libertado. É preciso uma magia poderosa para colocar alguém dentro de um espelho e uma mais poderosa ainda para tirar.

– Ela tem razão – disse Branca de Neve. – Minha madrasta passou a vida inteira tentando libertar o homem do seu espelho. Ela era mais capaz e mais determinada do que qualquer um, mas mesmo ela precisou do *Feitiço do Desejo* para conseguir.

Os irmãos Encantados relutavam em acreditar, mas não podiam fugir da realidade. Não havia qualquer esperança na qual se agarrar – para *nenhuma* de suas preocupações.

– Se nós sabemos onde elas estão, então não estão perdidas – disse Cinderela. – Precisamos encontrar consolo onde pudermos. Do contrário, vamos literalmente morrer de preocupação. Se Deus quiser, as crianças e Charlie estarão entre as muitas coisas que resgataremos nos próximos meses.

– Sim, mas como começamos a resgatar qualquer coisa? – perguntou Sir William. – Já enfrentamos alguma ameaça estando em tanta desvantagem?

Parecia que cada pergunta era acompanhada de mais notícias terríveis; por isso, todos na mina fizeram silêncio. Ninguém queria aceitar a derrota, mas o pouco de esperança que sobrevivia em seus corações estava morrendo rápido. Se não acontecesse algo, e logo, o mundo dos contos de fadas como eles o conheciam acabaria para sempre.

O tenso silêncio foi rompido pelo Mercador Viajante, que até então estava mordendo a língua.

– *A-ham*. – Ele tossiu.

Todos os refugiados na mina reviraram os olhos para o velho sujeito. Era claro que ele não era querido entre os sobreviventes.

Como ninguém lhe deu a palavra, o velho tentou chamar a atenção de novo.

– *A-HAM*. – E tossiu ainda mais alto.

Hagetta foi a única com paciência o bastante para lhe dar atenção.

– Sim, o que foi, velho?

– Posso oferecer uma sugestão? – perguntou o Mercador Viajante.

A pergunta foi imediatamente seguida de um coro de suspiros sonoros. Toda vez que o Mercador abria a boca, só fazia encher a cabeça de todos com coisas sem sentido. Mas, para ser justo com o velho, João ergueu as mãos e silenciou a plateia exasperada.

– A menos que mais alguém tenha uma sugestão, não há motivo para não dar crédito à dele – disse.

Chapeuzinho resmungou dramaticamente:

– Tapem os ouvidos. Eu ouvi dizer que *maluquice* é contagiosa em ambientes fechados.

Apesar da rudez com que foi recebido por seus colegas, o Mercador Viajante foi até o centro da mina para que todos pudessem vê-lo e lhes ofereceu sua sugestão:

– Talvez estejamos olhando a situação pelo ângulo errado. Em épocas conturbadas como esta, não deveríamos ficar nos torturando com perguntas para as quais não temos respostas. *Vamos perguntar às pedras!*

Ele propôs a ideia como se todos soubessem do que estava falando.

– PERGUNTAR ÀS *PEDRAS*? – disse Robin Hood. – ALEGRES HOMENS, ACHO QUE ESTE VELHO ESQUISITO LEVOU UMA PEDRADA NA CABEÇA!

Robin Hood gargalhou loucamente da própria piada, mas ninguém mais riu. O Mercador ficou frustrado por ter de se explicar.

– Não estou falando de *qualquer pedra* – disse. – Por acaso, tenho comigo *preciosas pedras premonitórias* que estão diretamente conectadas com a *vontade dos fados*!

O velho desajeitado tocou o cinto para pegar as pedras, mas elas não estavam lá. Ele girou em torno de si mesmo, perscrutando o chão em busca do local onde as teria deixado cair.

– Mas onde estão as minhas preciosas pedras? Alguém viu? Elas estavam numa bolsa de pele.

Todos os cinco Meninos Perdidos ficaram vermelhos.

– Ops! – disse Magrelo. – Talvez a gente tenha usado essas pedras no resgate...

– O *QUÊ?* – gritou o Mercador. – *Essas pedras têm milhares de anos! Existem para prever o futuro, não para serem munição de estilingue!*

– Desculpe, não foi nossa intenção! – Magrelo falou.

– Elas não pareciam pedras especiais – disse Firula.

– Você realmente não devia deixar suas pedras dando bobeira por aí – Bico observou.

– É! Tem crianças aqui! – disseram os Gêmeos Perdidos.

O Mercador sentou-se no chão e pôs os braços em volta da cabeça.

– E agora, o que eu vou fazer para prever a vontade dos fados? – perguntou.

Os Meninos Perdidos verificaram os bolsos.

– Que tal *bolas de gude?* – perguntou Magrelo.

O Mercador Viajante soltou um suspiro profundo e apreensivo.

– Muito bem. Passe-as para mim.

Magrelo despejou um pequeno saco de bolas coloridas nas mãos trêmulas do Mercador, que fechou os olhos, esfregou as bolas de gude e sussurrou algo ininteligível para elas. Depois, jogou-as no chão à sua frente e observou atentamente conforme elas quicavam e rolavam umas contra as outras.

– Interessante – falou. – *Muito* interessante.

O Mercador gaguejava algo como se as bolas de gude falassem um idioma que só ele entendia. Aquela provação estava se mostrando pior do que os refugiados esperavam. Mesmo assim, foram tomados pela curiosidade e formaram um círculo em volta do velho.

– O que as bolas de gude estão dizendo? – João indagou.

– Não seja ridículo: *bolas de gude não falam!* Elas simplesmente se movem como mandam os fados – disse o Mercador. – Está vendo essa bola cinza? Triste, feia, atolada: *ela nos representa!* Está vendo a azul e a rosa, movendo-se perfeitamente juntas, afastando-se da cinza? *Elas devem representar os gêmeos!* Não temam, os Bailey estão vivos!

Alguns dos refugiados deram vivas, mas logo pararam quando lembraram que a informação vinha de um velhote que falava com bolas de gude.

– Mas onde eles estão? – João perguntou.

– A esta altura, estão bem longe, muito provavelmente no Outromundo. *Mas esperem!*

Todos os refugiados se inclinaram um pouco mais para perto. Maluquice ou não, aquilo era a coisa mais divertida que acontecia com eles em semanas.

– Estão vendo que a bola rosa e a azul rolaram para a prateada, a amarela, a roxa e a vermelha? *Agora observem...* A rosa e a azul estão rolando de volta para a cinza com a prateada, a amarela, a roxa e a vermelha! *Vejam, todas as bolas de gude desatolaram a cinza! É um MILAGRE!*

O Mercador se levantou num salto e lançou as mãos para o ar em celebração. Os refugiados estavam ansiosíssimos pela interpretação da mensagem. Ainda que a novidade não se mostrasse tão grande quanto parecia, o entusiasmo do Mercador era contagiante – todos só esperavam que não fosse a *maluquice* de que Chapeuzinho falara.

– O que tudo isso significa? – João perguntou.

– Significa que os gêmeos terão de viajar para lugares muito, muito distantes, mas vão voltar com reforço e salvar nosso mundo! – disse o Mercador. – Porém, isso vai acontecer se, e *apenas se...*

– *Sim?*

– *Mundos colidirem!* – O Mercador tinha os olhos arregalados e contundentes.

Ninguém tinha a menor ideia do que o velho estava dizendo, mas todos estavam tão desesperados por algo positivo que entenderam

aquilo como um bom sinal. Chapeuzinho, por outro lado, não ficou tão entusiasmada.

– Não vejo nada além de um velho que perdeu o juízo – disse.

Com isso, os demais refugiados logo recuperaram o bom senso. Não era porque aquilo era o mais próximo de uma boa notícia que recebiam em tempos que eles deveriam dar ouvidos.

– Concordo com o velho – Cachinhos anunciou. – Não importa o que as bolas de gude dizem ou não: os gêmeos Bailey nunca nos decepcionaram. Não é porque ainda não tivemos notícias que devemos deixar de acreditar neles. Precisamos ter fé de que eles voltarão com ajuda.

– E o que fazemos enquanto isso? – perguntou Chapeuzinho.

– *Esperamos* – disse Cachinhos Dourados. – É tudo o que podemos fazer.



CAPÍTULO 2



De castigo

Alex e Conner deixaram a sala de aula e caminharam até um parque para descansar e preparar a fase seguinte do plano. Faltava cerca de uma hora para o amanhecer, e o céu noturno se tornava mais claro a cada minuto. Tudo estava tão silencioso e tranquilo ali que era difícil imaginar o quão caótica estava a vida no mundo dos contos de fadas e as coisas terríveis que seus amigos enfrentavam.

Conforme o nascer do sol se aproximava, mais pessoas passavam de carro na frente do parque a caminho do trabalho. Naturalmente, Alex já tinha visto essa cena muitas vezes, mas cada carro que via a eletrizava um pouco. Fazia muito tempo que ela não voltava ao Outromundo, e foi naquele momento que percebeu o quanto sentia falta dele.

– É bom ver que as coisas mudaram pouco por aqui – Alex falou.
– O mundo dos contos de fadas muda tanto que nunca tive um instante para recuperar o fôlego.

Conner a ouvia sem prestar muita atenção. Folheava seus contos e os separava em quatro pilhas no chão.

– Ótimo, estão todos aqui! – disse. – “Estibórdia”, “Rainha da Galáxia”, “Os Zirmãos”, e “As aventuras do garoto do dirigível”! Essas são as histórias com personagens que podem nos ajudar! Vamos usar a poção e viajar para dentro das histórias, encontrar os protagonistas e levá-los para o mundo dos contos de fadas a fim de nos ajudar a combater o exército do nosso tio.

Alex só concordara com o plano do irmão porque as opções eram muito limitadas. À medida que a execução do plano se aproximava, mais dúvidas ela tinha. Uma coisa era viajar para dentro de livros clássicos; entrar nos contos escritos pelo irmão era algo totalmente distinto.

– As suas histórias parecem mais elaboradas do que eu imaginava – disse Alex. – Achava que você escrevia sobre as

nossas experiências no mundo dos contos de fadas e simplesmente mudava os nomes.

– Foi assim que começou. Mas, depois que peguei o jeito, pode-se dizer que exagerei um pouco e tomei certas liberdades. É o que todos os bons autores fazem... eu acho.

– Liberdades? – perguntou Alex, receosa. – Conner, no que exatamente estamos nos metendo?

Conner fez um gesto com a mão como se não fosse nada de mais.

– Relaxe, não tem nada mais perigoso do que o que já enfrentamos. “Estibórdia” é uma aventura de pirata, “Rainha da Galáxia” é sobre exploração do espaço, “Os Zirmãos” são um grupo de super-heróis, e “As aventuras do garoto do dirigível” acompanha um jovem arqueólogo. Vai ser moleza.

As sinopses não confortaram Alex nem um pouco. Os gêmeos tinham sorte por ter sobrevivido a tantas aventuras ao longo dos anos. Se as histórias eram baseadas nessas experiências, Alex não estava ansiosa para reviver nenhuma delas – ainda mais se tivessem sido exageradas pela imaginação distorcida do irmão.

– Tem certeza de que vai funcionar? – ela perguntou. – Não estou querendo parecer esnobe, mas talvez a gente devesse ficar só com histórias *publicadas*.

– Pare de se preocupar. Não há feiticeiras malvadas nem dragões nem soldados franceses nem exércitos literários. Todos os meus personagens se baseiam em pessoas que conhecemos e amamos. Eles têm a mesma bravura, inteligência e compaixão que os nossos amigos. Eles vão *querer* nos ajudar. Vamos entrar e sair antes que os antagonistas sequer apareçam.

– E o que vamos fazer com os seus personagens depois de tirá-los das histórias? Onde vamos alojá-los?

Conner estava tão preocupado em *encontrar* as histórias que não tinha pensado no que fazer depois de encontrá-las.

– Boa pergunta. Precisamos de um lugar onde eles possam ficar enquanto recrutamos os personagens das outras histórias. Também precisamos de alguém que fique de olho neles para que não saiam

por aí. Alguém em quem confiemos totalmente, que não vá se apavorar com o que estamos fazendo.

Os gêmeos ponderaram sobre o local perfeito e a pessoa perfeita para a função, porém os candidatos eram muito escassos. Precisava ser alguém do Outromundo que já conhecesse o mundo dos contos de fadas, alguém que já tivesse visto magia e não se alarmaria. A pessoa precisava ser responsável o bastante para tomar conta de vários personagens ficcionais e ter espaço o bastante para hospedá-los. Alex e Conner chegaram à mesma conclusão exatamente no mesmo instante. Entreolharam-se e souberam que estavam pensando a mesma coisa – só havia uma pessoa qualificada para a tarefa.

– *Mamãe!* – os gêmeos disseram em uníssono.

A resolução foi imediatamente seguida por uma avalanche de culpa.

– Nem me lembro da última vez que falei com a mamãe... – disse Alex.

– Nem eu. Ela deve estar muito preocupada.

– Estamos sempre tão ocupados salvando o mundo dos contos de fadas que nunca temos tempo de ligar ou fazer uma visita.

– Somos boas pessoas, mas filhos *terríveis*.

– Independentemente de ela querer nos ajudar, precisamos visitá-la para que saiba que estamos vivos. Vamos torcer para que ela nos ajude.

Os gêmeos estavam totalmente de acordo. Conner juntou suas histórias, e eles rumaram à saída do parque. Alex seguiu o irmão, mas a direção que ele tomou a deixou confusa.

– Aonde você vai? – ela perguntou.

– Para casa.

– Mas nossa casa fica para *lá*.

– Não, ela *ficava* para lá. Mamãe e eu fomos para a casa do Bob depois que eles se casaram, lembra?

A culpa de Alex foi redobrada por outra avalanche: ela estava tão distanciada que não sabia nem onde a própria família morava. Sempre que pensava na mãe e no padrasto no Outromundo, os

imaginava morando na casa alugada para onde se mudaram quando o pai faleceu. Talvez o Outromundo tivesse mudado mais do que ela imaginava.

– Sou a pior filha do mundo. Não vai ser uma visita divertida, vai?

– Não. Mamãe vai ficar bem chateada quando nos vir, e eu não a culpo.

Quando eles chegaram ao limite do parque, Conner se deteve e falou:

– Você não está esquecendo de nada?

– O quê?

Conner fitou a irmã de cima a baixo como se fosse óbvio.

– Alex, você está vestida igualzinho à Fada dos Dentes. Não pode andar por aí assim.

– Ah! Você tem razão. Um segundo.

Com um giro rápido, Alex transformou o vestido e os sapatos cintilantes em camiseta, jeans e tênis.

– Tinha me esquecido do quão confortáveis são as roupas do Outromundo.

– Você está parecendo você novamente. Vamos. Quanto mais rápido fizermos isso, melhor.

Eles caminharam pelas ruas do bairro até chegarem à Sycamore Drive. Àquela altura, o sol tinha nascido, e Alex observava todas as espaçosas casas na rua. Ficou contente com o fato de que a mãe e Bob viviam num bairro tão bonito. Alex soube qual era a casa antes que Conner a apontasse, pois os leitos de flores ostentavam as rosas favoritas da mãe.

– Tomara que eles estejam em casa – disse Conner. – A esta hora, eles normalmente estão começando um turno diurno ou encerrando um noturno.

Os gêmeos percorreram o caminho em curva e bateram à porta. Alguns instantes depois, o padrasto a abriu. Bob ainda estava de pijama e na primeira xícara de café. Seus olhos estavam inchados, como se tivesse acabado de acordar. O médico precisou esfregar os olhos ao ver Alex e Conner na porta.

– Bom dia, Bob – Alex falou alegremente. – Que bom te ver!

Bob coçou a cabeça. Ainda não estava convencido de que havia despertado.

– Ahn... *oi* – disse. – Que surpresa.

– A mamãe está em casa? – disse Conner. – Precisamos falar com ela.

– Sim, está lá em cima, se aprontando para o trabalho. Rapaz, ela vai ficar contente por ver vocês. *Charlotte, você tem visitas!* – ele gritou para o interior da casa.

Os gêmeos ouviram uma janela se abrindo sobre a varanda. Olharam para cima e viram Charlotte os encarando do segundo andar, já vestida de jaleco azul para o trabalho. Seu rosto tinha muitas expressões ao mesmo tempo – choque por ver os filhos, alívio por eles estarem bem, alegria por eles finalmente voltarem para casa –, que se amalgamaram em raiva.

– Oi, mãe – disseram os gêmeos cordeiramente.

– PARA DENTRO! JÁ! – disse Charlotte, batendo a janela.

Conner engoliu em seco.

– Começamos bem.

Em segundos, Alex e Conner se achavam sentados no sofá da sala enquanto a mãe andava furiosamente de um lado a outro diante deles. Ela estava tão zangada que não conseguia sequer formar as palavras para ralhar com os dois. Bob, sentado a uma poltrona ao lado dos gêmeos, espiava cautelosamente por cima da xícara, temendo pela segurança dos irmãos.

– A casa nova é bem bonita – disse Alex. – Adorei a decoração...

– *Silêncio* – Charlotte falou. – Algum de vocês tem ideia do que me fizeram passar? Estou tão preocupada que não durmo há meses!

– Sentimos muito mesmo, mãe – disse Conner. – Não era nossa intenção te deixar...

– *Boca fechada, ouvidos abertos.* Vocês sabem o que é ir à mercearia, perguntarem “Como vão seus filhos?” e você mesma não ter a menor ideia? Sabem o que é informar ao distrito escolar que “Meus filhos mudaram de escola” sem ter nenhuma prova dessa transferência? Sabem o que é não ouvir nada dos filhos por semanas a fio exceto “Desculpe por não termos ligado, mãe.

Tínhamos de enfrentar um dragão”, ou “Precisamos ir, mãe, tem um exército invadindo o castelo”?

Charlotte fitou os filhos zangadamente enquanto esperava a resposta, mas os gêmeos permaneceram calados. Não sabiam se deveriam falar ou se ela só estava fazendo uma pausa dramática.

– Para o seu bem, espero que os *seus* filhos demonstrem mais respeito e cortesia do que os *meus* demonstraram – Charlotte continuou. – Porque *não saber* se os seus filhos estão vivos ou mortos em outra dimensão é a pior coisa que se pode sentir. É pior do que lutar contra feiticeiras, é pior do que matar dragões e é pior do que enfrentar exércitos, *eu garanto!*

Os olhos de Charlotte marejaram, e ela se virou para limpá-los com um lenço. A culpa que os gêmeos sentiram antes não era nada em comparação com a culpa que sentiam agora. A culpa apertava tanto o estômago e o peito dos dois que eles achavam que seu corpo ia implodir.

– Mãe, a gente não estava te negligenciando de propósito – disse Alex. – A gente pode explicar, se você permitir. Aconteceu algo realmente horrível e precisamos da sua ajuda...

– *Não me importa o que aconteceu!* Sempre vai haver uma nova crise no mundo dos contos de fadas! A família tem de vir primeiro! Foi isso o que seu pai e eu ensinamos a vocês, ou ao menos era o que eu achava.

– Foi! E nós acreditamos nisso – Conner falou. – Mas a vida de tantas pessoas está em perigo...

– E a *vida de vocês*? – Charlotte indagou. – Desde que têm treze anos, vocês estão ocupados demais salvando outras pessoas e nunca cuidaram de si próprios. Algum de vocês por acaso sabe *que dia é hoje*?

Alex e Conner olharam um para o outro, mas nenhum dos dois sabia a que ela estava se referindo. Eles rapidamente passaram uma lista mental de possíveis comemorações ou ocasiões especiais, mas nada ocorreu a nenhum dos dois.

– Aniversário de namoro de vocês? – Conner perguntou.

Charlotte ficou mais triste do que nunca.

– Não, hoje é o aniversário de quinze anos de vocês – disse.

Os gêmeos ficaram chocados. Como poderiam não lembrar do próprio aniversário? De repente, tudo o que Charlotte dissera fazia total sentido. Eles estavam tão ocupados salvando outras pessoas que deixaram de lado a própria vida.

Charlotte olhou para o relógio e pegou a bolsa e as chaves do carro no móvel ao lado da porta da frente.

– Preciso trabalhar. Os dois estão *de castigo*.

Conner olhou para Alex e falou:

– Peraí, ela ainda pode fazer isso?

– *Pode ter certeza!* – disse Charlotte. – Quero que os dois subam para seus respectivos quartos e não saiam até eu voltar.

– Ei, eu tenho um quarto aqui? – perguntou Alex.

Charlotte ficou ofendida com a pergunta.

– Claro que tem. Quando eu voltar, vamos sair para um *jantar gostoso em família* para celebrar o aniversário de vocês.

– Mãe, é uma ótima ideia, mas nós estamos correndo contra o tempo – Alex falou.

– Alexandra Bailey, isso é o mínimo que vocês podem fazer por mim – disse Charlotte. – Depois de termos um *jantar gostoso em família* e conversarmos sobre *coisas normais de família*, falaremos da ajuda de que vocês precisam. Mas só *depois*. Conner, por favor, leve sua irmã ao quarto dela.

Charlotte saiu para trabalhar, deixando os filhos num silêncio muito desconfortável. Eles estavam sentindo tantas coisas – culpa, vergonha, decepção, ansiedade – que não sabiam em qual emoção se fixar.

Bob tentou quebrar a tensão, mas nem ele sabia o que sentir:

– *Então... Feliz aniversário?*



CAPÍTULO 3



O imperador caído

Os civis presos no lago seco estavam contentes e aliviados pelo fato de seus reis e rainhas terem escapado da execução. Porém, para evitarem ser alvo da frustração crescente do imperador, todos permaneceram tão imóveis e calados quanto possível.

Dentro das ruínas do Palácio do Norte, na grande câmara da qual a Rainha Branca de Neve e o Rei Chandler outrora reinavam, o Homem Mascarado andava freneticamente de um lado a outro, na frente de seu novo trono. A enorme cadeira tinha sido construída com as peças de todos os tronos dos reinos que o Exército Literário conquistara.

– Não entendo como os idiotas dos seus soldados não perceberam que a plataforma não era só uma plataforma! – o Homem Mascarado gritou. – Por que eles não a inspecionaram?

A Bruxa Má do Oeste, a Rainha de Copas e o Capitão Gancho se achavam diante do Homem Mascarado. O novo imperador tinha caído na temerária rotina de culpar os vilões literários quando algo não acontecia exatamente como planejado.

– *Nossos* soldados? – disse a Bruxa Má do Oeste. – Desde que chegamos, é você quem comanda os nossos exércitos! Se queria que eles inspecionassem a plataforma antes da execução, você deveria ter dado a ordem!

Os vilões literários já estavam sem paciência com o Homem Mascarado. Era graças a eles que ele era imperador, e, ainda assim, em vez de cumprir a sua parte no trato, o Homem Mascarado ficava lhes dando ordens como se fossem servos. O poder tinha claramente lhe subido à cabeça, e *isso* não era aceitável.

– Já estou cansada de ouvir que *nós* decepçcionamos *você*! – grunhiu a Rainha de Copas. – É hora de você dar o que nos prometeu!

– *Você me prometeu Peter Pan!* – gritou o Capitão Gancho.

– *E você me prometeu os sapatos prateados!* – berrou a Bruxa Má do Oeste.

– *E você me prometeu CABEÇAS!* – a Rainha de Copas rugiu.

O Homem Mascarado não tinha um pinga de empatia pelos vilões literários. A frustração dos três não era nada em comparação com a raiva que fervia dentro dele.

– Vocês receberão o que prometi assim que os nobres forem recapturados e executados – disse o Homem Mascarado. – Vocês concordaram em me coroar imperador, e eu não serei um verdadeiro imperador até que todos os meus adversários sejam destruídos!

Passos ecoaram pela sala do trono. O Homem Mascarado e os vilões literários viraram-se e viram o Sr. Barrica correndo em sua direção. O pirata estava suando, ofegando e tremendo – como se estivesse fugindo de algo terrível.

– Com licença, Excelência! – o Sr. Barrica disse com a voz entrecortada.

– É bom que seja importante – disse o Homem Mascarado.

– É sobre a criatura na masmorra, senhor.

A criatura responsável por transformar o Conselho das Fadas em pedra era mantida na masmorra, na mesma cela que outrora confinara a Rainha Diabólica. Era um monstro de poder lendário, motivo pelo qual o Homem Mascarado ordenara que todos os piratas do Capitão Gancho patrulhassem a masmorra e ficassem de olho nele.

– Sim, o que tem ela? – o Homem Mascarado perguntou.

O Sr. Barrica estava tremendo tanto que seus joelhos batiam um contra o outro. Não importava como desse a notícia, sabia que o imperador ficaria furioso ao ouvi-la.

– Escapou! De algum modo, conseguiu tirar a venda enquanto estava na cela. Quando os piratas foram alimentá-la, olharam-nos olhos e foram transformados em pedra!

Como o vapor de uma chaleira, a raiva que se acumulou dentro do Homem Mascarado foi tanta que um estrondoso uivo irrompeu de sua boca. Ele envolveu a garganta do Sr. Barrica com as mãos e

estrangulou o pirata. O dia tinha virado um desastre formidável e, infelizmente para ele, estava prestes a piorar muito.

Uma trombeta soou para anunciar o retorno dos soldados literários que tinham sido enviados no encalço das famílias reais. O Homem Mascarado soltou o Sr. Barrica e correu para o balcão. A Bruxa Má, a Rainha de Copas e o Capitão Gancho seguiram-no.

Do balcão, o Homem Mascarado viu os Winkies e os soldados de cartas surgindo lentamente da floresta. Estavam todos roxos e alquebrados; muitos nem conseguiam andar sem apoio. Os macacos voadores desceram dos céus; pareciam em tão mau estado quanto os Winkies e as cartas, se não piores. Estavam tão desorientados que muitos erravam o balcão e se chocavam contra as paredes externas do palácio.

Pior de tudo: não havia sinal das famílias reais em lugar nenhum. O Homem Mascarado pegou o macaco voador mais próximo pelo colete e sacudiu-o com violência.

– ONDE ESTÃO AS FAMÍLIAS REAIS? – rosnou.

– Fugiram – o macaco guinchou.

– COMO FUGIRAM? HAVIA DEZ DE VOCÊS PARA CADA UM DELES!

– Eles tinham um plano muito estratégico para o qual não estávamos preparados! Eles tinham reforços à espera na floresta! Homens a cavalo, homens nas árvores, *eles tinham até um garoto que voava!*

O Homem Mascarado teve a sensação de que o coração tombou do peito. Se não fosse pela máscara, todos teriam visto a cor desaparecer de seu rosto. Ele torceu para que tivesse entendido mal o macaco alado e para que seus ouvidos estivessem pregando uma peça cruel em sua mente.

– Você acabou de dizer “*eles tinham até um garoto que voava*”?

O macaco alado fez que sim com a cabeça.

– Sim, senhor. Ele usava roupas feitas de folhas! Veio voando do alto das árvores e jogou fogos de artifício contra nós!

– PETER PAN! – rugiu o Capitão Gancho. – Você disse que ele ficaria preso no livro até que nós o tirássemos de lá!

O Homem Mascarado jogou o macaco alado no chão e pôs as mãos no peito. Pensou que estava tendo um ataque do coração. Toda vez que achava que a situação não podia piorar, era provado do contrário.

– Não, isso não é possível! – disse. – Se Peter Pan conseguiu escapar, isso significa que minha sobrinha e meu sobrinho também escaparam!

O Homem Mascarado voltou-se para os vilões literários, e sua fúria logo dissolveu-se em medo. A Rainha de Copas e o Capitão Gancho estavam mais furiosos do que ele jamais vira. Com Peter Pan e as famílias reais fora de alcance, o Homem Mascarado não poderia cumprir sua parte nos acordos. Eles o tinham seguido até o mundo dos contos de fadas e lhe oferecido seus soldados e sua cavalaria para nada.

– Escutem, eu ainda posso dar o que prometi – o Homem Mascarado falou. – Só preciso de mais tempo!

O Capitão Gancho e a Rainha de Copas se aproximaram lentamente dele, encurralando-o contra a balaustrada do balcão.

– MENTIROSO! – rugiu a Rainha de Copas. – Sem *nobres*, sem **CABEÇAS**!

– E você não pode me *dar* Peter Pan se não *tem* Peter Pan! – disse o Capitão Gancho entredentes.

Com medo de ser lançado do balcão, o Homem Mascarado caiu de joelhos e prostrou-se aos pés da Bruxa Má do Oeste.

– Eu ainda posso lhe dar os sapatos de prata! – suplicou. – Nem tudo está perdido!

– Eu não vou me deixar enganar por mais nenhuma das suas mentiras! O seu reinado acaba hoje!

Ela bateu o guarda-chuva no chão, e dois dos macacos voadores pegaram o Homem Mascarado pelos braços. Eles o suspenderam muito alto no céu, sobre a floresta. Os civis no lago seco alertaram-se para aquela visão, mas ninguém sabia o que estava acontecendo.

– NÃO FAÇAM ISSO! – o Homem Mascarado gritou. – VOCÊS ESTÃO COMETENDO UM ERRO! SEM MIM, MINHA SOBRINHA E MEU SOBRINHO VÃO DESTRUIR VOCÊS!

– Nosso maior erro foi confiar em você! – ganiu a Bruxa Má do Oeste. Ela bateu o guarda-chuva outra vez, e os macacos voadores soltaram o Homem Mascarado, que despencou na direção da terra, gritando sem parar, e acabou em algum lugar no meio da floresta.

– Vejam, o imperador caiu! – a Bruxa Má do Oeste cacarejou.

Era óbvio para os civis que os vilões literários tinham acabado de dar um golpe. Com o fim do Homem Mascarado, os civis quiseram comemorar, mas a morte do imperador não significava que seus problemas tivessem acabado.

– Se não teremos o que viemos buscar, o que faremos agora? – perguntou o Capitão Gancho. – Voltar para a Terra do Nunca, para Oz, para o País das Maravilhas?

Os vilões literários pensaram bastante; agora que tinham visto o mundo dos contos de fadas em primeira mão, seus próprios mundos não lhes pareciam tão atraentes. Sem o Homem Mascarado, eles tinham poder ilimitado sobre aquela terra estranha, e, em mãos erradas, o poder é muito viciante. O mundo dos contos de fadas parecia ter muito mais a oferecer do que seus próprios mundos.

– Até que eu gosto deste mundo – disse o Capitão Gancho. – A gente não precisa combater Meninos Perdidos, sereias, índios. E, se Peter Pan está aqui, não há motivo para voltar para a Terra do Nunca.

– Não há Rainhas Brancas, Chapeleiros Malucos nem Gatos de Cheshire para encher o saco – disse a Rainha de Copas. – Por que voltar para o País das Maravilhas quando tenho tantas cabeças para cortar aqui?

– Não há magos, Munchkins nem Bruxas Boas para nos atrasar – disse a Bruxa Má do Oeste. – E eu tenho mais poder aqui do que os sapatos de prata me dariam em Oz!

Os vilões literários compartilharam um sorriso ameaçador.

– Vamos ficar neste mundo e governar nós mesmos o império – disse a Bruxa Má. – Talvez, se trabalharmos juntos, consigamos *mais* do que o Homem Mascarado nos prometeu.

Os vilões voltaram o olhar para os civis no lago seco.

Pelo jeito como os três os fitaram do balcão, os civis entenderam que o pesadelo estava longe de acabar...



CAPÍTULO 4



Um gostoso jantar em família

Durante a semana, o Grelhados com Histórias ficava bem movimentado na hora do jantar. Toda noite, por volta das sete, a lanchonete se enchia de famílias e de adolescentes que pediam o equivalente ao próprio peso em Fritas Duendes e em Milk-shakes da Meia-noite. Os frequentadores eram sempre barulhentos e animados, e aquela noite não era exceção.

Porém, o grupo na mesa mais ao fundo não combinava com a alegria dos demais clientes e, por isso, chamava a atenção como um dedão inchado.

Cindy, Lindy, Mindy e Wendy – quatro adolescentes que tinham acabado de reinstituir as Abraçadoras de Livros – bebiam lugubrememente seus milk-shakes e dividiam uma porção de batatas-fritas. Cada menina tinha à frente uma cópia de *As aventuras de Sherlock Holmes*, de Sir Arthur Conan Doyle, porém nenhuma parecia muito interessada na obra.

– Acho que deveríamos falar do livro, se vamos refundar o nosso clube de leitura – disse Cindy.

As outras meninas fizeram que sim com a cabeça, mas nenhuma estava ansiosa por começar. Recentemente, o quarteto tinha feito uma pausa nas leituras para se concentrar em outras paixões – bem, *paixão* – e iniciado o Clube da Conspiração. Porém, esse clube só as deixava mais inquietas do que já eram naturalmente, e elas foram aconselhadas a voltar à leitura.

– Alguém tem algum trecho favorito para compartilhar? – Cindy perguntou. – Ou, quem sabe, um personagem favorito?

Todas as Abraçadoras de Livros ficaram em silêncio, forçando Cindy a assumir o comando:

– Lindy, vamos começar com você.

Lindy estava desajeitadamente curvada sobre o milk-shake, olhando para o nada, quando Cindy a chamou. Onde quer que

estivesse sua mente, com certeza não era em *Sherlock Holmes*.

– Ahn... Eu gostei do cão? – disse Lindy.

– O cão dos *Baskerville*? – Cindy perguntou.

Lindy olhou desconfortavelmente de um lado a outro.

– Tinha outro?

– Você chegou a ler o livro? – Cindy inquiriu.

Lindy se curvou ainda mais do que antes e balançou a cabeça com vergonha.

– *Alguém* leu o livro esta semana? – perguntou Cindy.

As outras Abraçadoras de Livros curvaram-se envergonhadas e também balançaram a cabeça. Cindy soltou um longo e frustrado suspiro.

– Não podemos reviver o clube de leitura se não vamos ler livros – disse. – Mas, para ser sincera, eu também não li *As aventuras de Sherlock Holmes*.

– Eu comecei – Mindy falou. – Mas é muito difícil se concentrar num mistério fictício sendo que o *mistério real* nunca foi resolvido.

As Abraçadoras de Livros concordaram com a cabeça. Não importava o quanto elas tentassem se inspirar com novos interesses, novos hobbies, novos clubes ou clubes ressuscitados: durante todo o último ano, a única coisa que não lhes saía da cabeça era o desaparecimento de Alex e Conner Bailey.

– Era de se pensar que as coisas ficariam mais fáceis com o tempo. Mas não – disse Lindy.

– Só começamos a perguntar sobre Alex porque estávamos entediadas e já tínhamos lido todos os livros da biblioteca da escola – Mindy falou. – Mas cada resposta só nos trazia mais perguntas, e, quanto mais perguntas tínhamos, mais enfeitiçadas ficávamos.

– Eu já li livros e já vi programas de TV sobre pessoas com obsessões reais; nunca achei que fosse me tornar uma delas – Lindy comentou. – É tudo em que penso quando estou acordada e tudo com que sonho quando estou dormindo.

Wendy fez que sim com a cabeça – aquilo também estava mexendo com seu sono.

– Bree Campbell sabe alguma coisa que nós não sabemos – Cindy afirmou. – Mas acho que, até que alguma de nós ganhe poderes telepáticos, ou que a tortura seja legalizada, nunca vamos arrancar dela a informação.

– Ela não aparece na escola há quase duas semanas! – disse Mindy. – Eu não ficaria surpresa se ela for a próxima a ser “*transferida para Vermont*”, como falaram.

A vida se tornara infundavelmente exaustiva para as Abraçadoras de Livros. Elas se sentiam como ratas presas num labirinto sem queijo.

– O que vamos fazer, meninas? – Lindy perguntou à mesa. – Eu não quero que isso afete o resto das nossas vidas! Quero virar psicóloga, não *precisar* de psicóloga!

– Eu nunca vou virar cirurgiã cardíaca se não me concentrar na faculdade de medicina! – disse Mindy.

– Eu nunca vou vencer meu primeiro debate presidencial se não conseguir me lembrar das questões realmente importantes! – Cindy falou.

Wendy apontou o teto e fez um xis com os dedos indicadores dando a entender que nunca realizaria o sonho de virar astronauta.

– Isso já foi longe demais, senhoritas – Cindy determinou. – Está parecendo 1984, e já não tem mais sentido lutar contra o Grande Irmão. Temos de nos recompor enquanto é tempo. Por nossa sanidade e nosso destino, precisamos esquecer os gêmeos Bailey.

As Abraçadoras de Livros ergueram os milk-shakes e brindaram. Estavam prontas para virar a página. Não seria fácil, mas era necessário, se queriam voltar a viver uma vida normal.

Infelizmente, o nobre propósito das Abraçadoras de Livros estava prestes a soar como o remate de uma grande piada cósmica.

A porta da frente do Grelhados com Histórias se abriu, e os gêmeos Bailey entraram com Charlotte e Bob. Por acaso, Wendy desviou o olhar do milk-shake naquele exato instante e foi a primeira a reparar em Alex e Conner. Nos primeiros segundos após vê-los, ela teve certeza de que era uma alucinação. Elas tinham *acabado* de falar dos gêmeos Bailey. Era coincidência demais que eles estivessem na mesma lanchonete exatamente na mesma hora.

Porém, conforme eles não desapareciam de sua visão, mais ela atinava que não se tratava de uma miragem – *a Alex e o Conner Bailey de carne e osso estavam bem ali!* O choque paralisou Wendy. Seu rosto empalideceu, e ela parou de sentir as pernas e os braços.

– Acho que deveríamos ler *As aventuras de Sherlock Holmes*. Ler de verdade – disse Cindy. – Semana que vem, voltamos aqui para ter uma discussão séria sobre o livro, como fazíamos.

– Concordo – Mindy falou. – Mas podemos fazer isso uma semana depois de amanhã? Daqui a exatamente uma semana, vou tirar o aparelho.

– Parabéns! – disse Lindy. – Você vai precisar usar aparelho móvel depois?

Wendy começou a murmurar para chamar a atenção das outras Abraçadoras de Livros, porém o som foi abafado pelo barulho da lanchonete.

– Só nas primeiras seis semanas, depois só de noite – Mindy informou.

– Fiquei tão aliviada quando tirei o meu – contou Cindy. – Parecia que tinham tirado uma algema da minha boca.

– Meu dentista falou que eu não preciso de aparelho – disse Lindy. – O que é ótimo. Eu não teria paciência.

Wendy não conseguia acreditar que elas estivessem falando de algo tão insignificante quando algo tão extraordinário estava bem na frente delas. Ela readquiriu a sensibilidade em uma das mãos e cutucou de leve o ombro de Cindy.

– Wendy, tudo bem? – Lindy perguntou.

– Parece que você vai vomitar – disse Mindy.

– Tinha alguma coisa no seu Milk-shake da Meia-noite? – Cindy indagou.

Desesperada para que elas vissem o que ela estava vendo, Wendy usou um recurso que não usava desde a primeira série: *palavras faladas!*

– *Alex... Conner... ali!* – piou.

Sua voz era aguda e esganiçada como a de um filhote de passarinho. As Abraçadoras de Livros ficaram tão chocadas com o

fato de ela ter emitido algum som que precisaram de um segundo para se dar conta de que ela tinha mesmo usado *palavras em voz alta* e que as palavras *faziam sentido*. Após decodificarem a mensagem, elas viraram a cabeça na direção da porta tão abruptamente que torceram o músculo do pescoço. Assim que avistaram os gêmeos Bailey, ficaram tão imóveis e tão pálidas quanto o Monte Rushmore.

Os gêmeos observavam com muito interesse a decoração da lanchonete, que misturava os anos 1950 com contos de fadas. Eles sabiam que a madrastra e as irmãs postiças de Cinderela tinham aberto um restaurante depois que se mudaram para o Outromundo, mas era a primeira vez que o viam.

Rosemary estava anotando um pedido quando viu os Bailey pelo canto do olho. A garçonete largou os clientes no meio da frase para cumprimentar os velhos amigos.

– Vejam só o que os bons ventos trouxeram – disse Rosemary, abraçando os gêmeos.

– Oi, Rosemary – disse Conner. – Isto aqui está ótimo!

– Petúnia e sua mãe estão por aí? – Alex perguntou.

– Mamãe está tirando a noite de folga e Petúnia arrumou outro emprego, está trabalhando para uma veterinária. Ainda bem, se querem saber. Ela era uma garçonete péssima! Podem deixar que vou dizer a elas que vocês vieram aqui! Vão jantar?

– Sim – disse Charlotte. – Mesa para quatro, por favor.

– Por aqui – disse Rosemary.

A irmã postiça pegou quatro cardápios e os distribuiu sobre a mesa vizinha à das Abraçadoras de Livros. Elas rapidamente pegaram as cópias de *As aventuras de Sherlock Holmes* e cobriram o rosto, mas Alex e Conner não estavam prestando atenção. Os gêmeos estavam tão distraídos com as obras de arte e os bibelôs da lanchonete que nem repararam nas antigas colegas.

– Como vai a Cinderela? – Rosemary perguntou aos gêmeos assim que eles se sentaram.

– Então, na verdade...

Alex ia começar a contar a verdade quando a mãe a fitou com uma cara feia. Qualquer coisa que desviasse do assunto “agradável

conversa de família” estava proibida naquela noite.

– *Está ótima* – disse Alex. – Esperança está crescendo que só.

– Que maravilha. Por favor, mande um beijo – Rosemary pediu. – Espero que vocês gostem da comida. Quando quiserem fazer o pedido, é só me chamar. Ah, estamos sem Salada de Pé de Feijão.

Rosemary voltou aos clientes enquanto Alex e a família liam o cardápio. Havia tantas referências a tantas pessoas e a tantos lugares do mundo dos contos de fadas que era exasperador não poder falar da crise atual. Os gêmeos queriam que o *gostoso jantar em família* acabasse o quanto antes.

– Então, crianças, quais as novidades? – Charlotte perguntou. – Como vão seus amigos?

Estava tão calma e descontraída que Alex e Conner deduziram que ela não estava se referindo à verdade. Os dois trocaram um olhar curioso e de repente perceberam o que a mãe estava fazendo. O *gostoso jantar em família* era uma chance para a mãe fingir que eles eram uma família perfeitamente normal, a qual levava uma vida perfeitamente normal. Os gêmeos se sentiram como atores numa peça cujo roteiro desconheciam.

– *Bem* – disse Conner. – Ahn... Cachinhos Dourados e João estão esperando o primeiro filho!

– Que maravilha – Charlotte falou. – Eles sabem se é menino ou menina?

Charlotte sabia tanto quanto ele que não havia ultrassom no mundo dos contos de fadas, mas Conner continuou jogando o jogo dela:

– Não. Acho que eles preferem a surpresa.

– Seu pai e eu fizemos o mesmo quando tivemos vocês. Não sabíamos se teríamos dois meninos ou duas meninas, só sabíamos que seriam dois. Imagine a nossa surpresa quando tivemos um de cada. Não precisamos devolver as roupinhas de bebê.

Conner achou aquilo fascinante.

– Mesmo? Que nomes vocês teriam dado se fôssemos duas meninas ou dois meninos?

– O primeiro a nascer se chamaria Alex de qualquer jeito. Desde garotinha, eu adorava esse nome. Era o nome da minha boneca

favorita. Mas, se Conner fosse menina, se chamaria Sarah.

– Mas que coincidência! Antes de Margret falecer, planejávamos ter um filho e, se fosse menina, também a chamaríamos de Sarah – disse Bob. – O parto de Alex e Conner foi fácil?

Charlotte soltou uma longa risada com a lembrança.

– Parir foi moleza em comparação aos dias seguintes. A avó deles estava tão eufórica com os netos que nos visitava todos os dias com alguém do mundo dos contos de fadas. No primeiro dia, ela trouxe a Mamãe Ganso, que quase trocou a mamadeira de Conner pelo seu cantil! Ainda bem que eu era uma mãe de primeira viagem superprotetora e percebi! No segundo dia, todo o Conselho das Fadas apareceu em casa. Elas eram umas fofas, mas ficavam melhorando nossos pertences com magia. Quando foram embora, nem reconhecemos a casa!

Os gêmeos, que nunca tinham ouvido essa história, riram tão alto quanto Bob. Perceberam que a mãe gostou de contá-la tanto quanto eles de ouvi-la.

– Bons tempos – disse Charlotte, com um sorriso agidoce. – Sinto saudades.

Eram momentos de *boa conversa de família* como esse que Charlotte desejava ardentemente. Os Bailey não os tinham desde a morte do pai dos gêmeos. Diferentemente de suas conversas habituais, esta não tinha nada de morte ou provações; ali estava uma família simplesmente rindo e compartilhando histórias.

Por mais que Alex quisesse ouvir mais histórias sobre os pais, o impedimento de falar das questões imediatas a estava comendo por dentro. Conner praticamente sentiu a impaciência da irmã fervendo; ele sabia que era só uma questão de tempo até que ela pusesse um fim no teatrinho da mãe.

– Mãe, sinto muito por você não ter tido mais momentos para nos contar histórias como essa – disse Alex. – Você tem razão, você e papai nos criaram para colocar a família em primeiro lugar, e há muito não colocamos.

– Obrigada, Alex – disse Charlotte. – É importante para mim ouvir isso.

– No entanto, não posso continuar fingindo que está tudo bem quando sabemos que não está.

Conner cobriu o rosto com as mãos.

– Ah, lá vamos nós – disse.

– Alex, eu pedi a vocês para não falarem sobre... – Charlotte falou.

– Desculpe, mas eu preciso falar – disse Alex. – Neste exato momento, muita gente precisa da nossa ajuda. Eu sei que Conner e eu abrimos mão de muita coisa e que, por isso, você foi obrigada a abrir mão de muita coisa também, mas não nos importa o que teremos de sacrificar se isso salvar nossos amigos e as muitas famílias como a nossa. *Estamos fazendo a coisa certa* porque também *foi isso* que você e o papai nos ensinaram. Então, por favor, *nos deixe fazer*.

Charlotte encarou os filhos com uma expressão diferente da que exibira durante todo o dia. Ela os fitou não com frustração ou com raiva, mas com orgulho. Estendeu a mão sobre a mesa e segurou as mãos deles.

– Desculpem – disse. – Acho que fui um pouco egoísta. Eu só quero que vocês tenham as mesmas experiências que qualquer adolescente tem antes que essa época da vida acabe, mas sempre esqueço que não existe nada de *normal* em vocês. Não importa o que eu quero. Vocês precisam viver a vida que devem viver. Me perdoem. É que foi muito difícil perder seu pai; detesto sentir que perdi vocês também.

– Desculpe se fizemos você sentir que nos perdeu também – disse Conner.

– Vocês são meus filhos, mas são os heróis de outras pessoas. Qualquer mãe seria sortuda de estar no meu lugar, mas isso não significa que seja fácil. Às vezes, à noite, eu preciso fingir que vocês estão dormindo no quarto ao lado.

Charlotte secou o canto de cada olho com a ponta do guardanapo. Alex e Conner não podiam culpar a mãe por querer que as coisas fossem diferentes. Eles também queriam. Os gêmeos gastavam tanto tempo e energia acabando com o sofrimento alheio que nunca se deram conta do quanto a própria mãe sofria. Porém,

se consentisse, ela estava prestes a participar da vida deles para além do que estava preparada.

– Agora me digam: o que está acontecendo no mundo dos contos de fadas – Charlotte falou. – E como eu posso ajudar?

Alex e Conner ficaram aliviados por voltar a discutir seu plano. Ambos abriram a boca para colocá-la a par da situação, mas ficaram sem palavras. Afinal, era algo complicado de explicar. Uma parte enorme envolvia o tio Lloyd, e eles não queriam sobrecarregar a mãe com a notícia de um cunhado maligno.

– Para resumir: um homem realmente terrível ocupou o mundo dos contos de fadas – disse Conner. – Ele é conhecido como o Homem Mascarado.

– Como ele ocupou? – Charlotte perguntou.

– Roubou uma poção da vovó que transforma cada obra escrita num portal para o mundo que ela descreve – Alex explicou. – Ele viajou para dentro de *Alice no País das Maravilhas*, de *O Mágico de Oz* e de *Peter Pan*. Conseguiu recrutar a Rainha de Copas, a Bruxa Má do Oeste, o Capitão Gancho e todos seus ajudantes e soldados para um grande Exército Literário e atacou todos os reinos.

– Isso parece *aterrorizante* – disse Bob. – Esses vilões me davam pesadelos quando eu era criança.

– Eles são muito piores na vida real – Conner afirmou. – Pegue o quanto você *achava* que eles eram assustadores, multiplique por dois, passe manteiga e deixe curtir ao sol por uma semana: essa é a medida da maldade deles.

– Por que o Conselho das Fadas não faz alguma coisa? Por que são sempre vocês que têm de fazer algo? – Charlotte questionou.

– O Conselho das Fadas foi transformado em pedra, e nem todos os soldados de todos os reinos podem fazer frente ao Exército Literário – disse Alex. – Se nós não descobirmos um jeito de detê-los, ninguém vai.

Charlotte odiava o fato de tamanha responsabilidade recair sobre os jovens ombros de seus filhos.

– Que fique registrado que eu *não* aprovo vocês dois combatendo esses caras – ela falou. – Mas como vocês vão detê-los?

Alex cutucou Conner.

– Conte a ela o seu plano.

Conner não apreciou a introdução desalentada da irmã.

– Vamos recrutar o nosso próprio exército – ele disse. – Vamos usar a mesma poção para viajar para dentro dos meus contos e trazer os meus personagens.

Charlotte e Bob não acreditaram no que ouviram.

– *Minha nossa!* – disse Charlotte. – Será que essa é mesmo a única alternativa?

– Pode acreditar, eu adoraria apresentar uma denúncia ao Pentágono – Conner brincou. – Às vezes, é preciso combater o fogo com fogo.

– Ainda não entendo que papel eu poderia ter nisso tudo – Charlotte comentou.

Finalmente era chegado o momento de os gêmeos lhe falarem. Era um pedido tão absurdo que eles estavam com medo de fazê-lo. Se ela recusasse, não saberiam a quem mais pedir ajuda.

– Precisamos que você tome conta dos personagens de Conner que tiramos das histórias – Alex explicou.

Foi como se alguém houvesse apertado o botão de *pause* em Charlotte e Bob. Eles simplesmente olhavam para os gêmeos, boquiabertos, os olhos arregalados, sem piscar ou respirar. Não estavam lidando muito bem com aquilo.

Conner abanou as mãos diante deles.

– Terra chamando!

– Desculpe – disse Bob. – É só que... a maior parte dos pais de adolescentes de quinze anos só se preocupam com pedidos de dinheiro para o cinema ou com a carteira de habilitação de aprendiz.

Conner empertigou a coluna, empolgado.

– *Minha-nossa-Alex-já-temos-idade-para-dirigir!* – falou num só fôlego.

– Uma crise de cada vez, lembra? – disse Alex. – Então, mãe e Bob, vocês podem ajudar a gente?

Bob e Charlotte se entreolharam e deram de ombros.

– Se isso vai salvar o mundo dos contos de fada, não tenho nada contra – disse Bob.

– Que *tipo* de personagens vão pisar na minha casa? – Charlotte perguntou. – Acabamos de mandar limpar os carpetes.

– Ah, nada de mais: *piratas, cyborgs, super-heróis, múmias*, os suspeitos ficcionais de sempre. – Conner falou bem baixinho. – Então, isso quer dizer que vocês estão dentro?

Os gêmeos prenderam a respiração. Charlotte estava hesitante – bem, mais preocupante seria se ela tivesse aceitado a ideia imediatamente.

– Tudo bem – ela falou. – Vai ser uma aventura.

Os gêmeos ficaram tão aliviados que se afundaram uns trinta centímetros no assento.

– Maravilha! – disse Conner.

– Fantástico! – Alex comemorou.

Bob e Charlotte voltaram a ler o cardápio do Grelhados com Histórias, mas comer hambúrgueres e batatas fritas depois daquela conversa seria complicado. Os dois afastaram os cardápios.

– Sabe de uma coisa, acho que perdi o apetite – disse Charlotte. – Talvez a gente deva voltar para casa, e eu cozinho alguma coisa mais tarde.

– Concordo – Bob falou.

Os gêmeos não iriam discutir. Deixaram o Grelhados com Histórias ao lado de Bob e Charlotte e foram para casa. Todos completamente alheios de que a conversa inteira fora ouvida pelas clientes da cabine ao lado.

As Abraçadoras de Livros inclinaram-se tanto em seus assentos para vê-los saindo que Cindy e Mindy caíram no chão. A noite tinha consistido na mais importante bisbilhotice de suas vidas.

– Meninas, vocês ouviram tudo o que eu acabei de ouvir? – disse Cindy.

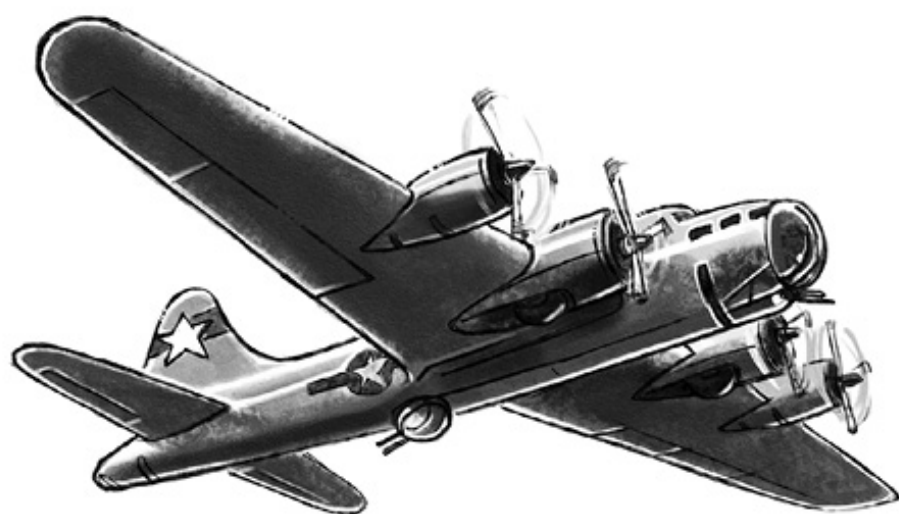
– Não estou certa – Lindy falou. – Meu coração começou a bater tão forte no final que eu não ouvi várias palavras.

– Nós estávamos certas esse tempo todo! – Mindy afirmou. – Eles nunca foram para Vermont; estavam morando em outra dimensão!

Alguma de nós pensou nisso?

Wendy ergueu uma mão para lembrar ao grupo que essa havia sido uma de suas suspeitas desde o começo.

– Podem esquecer Sherlock Holmes – disse Cindy. – Temos nosso próprio mistério.



CAPÍTULO 5



Choro no castelo

Se, duas semanas atrás, alguém tivesse dito a Bree Campbell que ela em breve estaria sobrevoando outro continente em um avião da Segunda Guerra Mundial acompanhada de três parentes distantes, a jovem teria rido. Ironicamente, era exatamente onde se encontrava agora, e ela tinha vontade de chorar. Sempre se considerara uma pessoa sensata e respeitável, mas, quicando pelo Boeing B-17 Fortaleza Voadora a treze mil pés de altitude, em algum lugar entre a França e a Alemanha, Bree subitamente se viu como a personagem principal de uma fábula moralizante.

– Acredita que eu não piloto uma coisa dessas desde os anos sessenta? – Cornelia berrou do assento do capitão. As mãos da velha senhora seguravam com força os controles, mas, pelos trancos para a frente e para trás, mais parecia que o avião a controlava do que ela controlava o avião.

Bree, Wanda e Frenda, afiveladas nos assentos, temiam pela própria vida. A viagem já durava nove horas, e, dadas as questionáveis habilidades de pilotagem de Cornelia, aquele era o voo mais turbulento da vida de Bree. Pelo jeito que as coisas iam, bem poderia ser o último.

– Tia Cornelia, tem certeza de que não precisa de uma ajuda aí?

– Wanda perguntou.

– Obrigada, querida, mas está tudo sob controle – disse Cornelia.

– É como andar de bicicleta!

– Sim, rumo ao precipício! – Frenda falou.

Quando Bree conhecera as irmãs Grimm e seu trabalho de monitoramento de portais entre o Outromundo e o mundo dos contos de fadas, pensara que elas eram as mulheres mais hábeis que já tinha conhecido. Porém, estava descobrindo do pior jeito que tais habilidades não incluíam pilotar um avião.

– Cornelia, quando foi mesmo que você fez curso de pilotagem? – Bree perguntou.

– Bem, *tecnicamente* eu nunca fiz curso – disse Cornelia. – Meu pai foi piloto durante a guerra. Este avião era dele. Ele me ensinou a pilotar quando eu tinha mais ou menos a sua idade, Bree. Meu pai voou para a Alemanha com esta beleza várias vezes. Ainda bem que estamos indo em circunstâncias distintas.

– O seu pai combateu na Segunda Guerra Mundial? Deve ter sido difícil com tantos familiares na Alemanha.

– A maior parte da família foi embora bem antes da guerra. Quer aprender a pilotar, Bree?

Bree não estava convencida de que Cornelia sabia pilotar, que diria ensinar alguém. Ela olhou para Wanda e Frenda, que gesticularam para que ela fosse.

– Você não pode ser pior do que ela! – disse Frenda.

– Aprenda tudo o que ela sabe e nos salve! – Wanda rogou.

Bree teve medo de soltar o cinto de segurança, mas o desafiou e correu para o assento do copiloto. Havia um número avassalador de botões, interruptores e alavancas à sua frente.

– Não sei se consigo fazer isso... – disse Bree.

– Se você consegue operar aquele seu telefone tão bem, isto vai ser moleza – Cornelia falou. – Além disso, o trabalho do copiloto é o mais fácil.

– Calma aí! O certo era ter *duas* pessoas pilotando este avião?

– Normalmente sim. Mas sempre são necessários dois homens para fazer o que uma mulher faz sozinha.

Bree nunca teria entrado no avião se achasse que as coisas chegariam a este ponto. Ela estava fazendo a viagem para salvar um amigo, mas quem a salvaria?

Assim que soubera do sequestro de Emmerich, Bree tivera a forte sensação de que não se tratava de um rapto normal do Outromundo. Não tinha indícios para embasar a suspeita, mas sentia isso com cada fibra do seu ser e não conseguia afastar essa sensação de maneira nenhuma. Bree importunara Fräulein Himmelsbach por mais informações sobre o incidente, porém a mãe de Emmerich se enchera com as perguntas e passara a ignorar

seus telefonemas. Então, Bree compartilhara suas suspeitas com as irmãs Grimm, que concordaram que as circunstâncias eram esquisitas.

– É curioso que ele tenha sido sequestrado logo depois de ter estado no mundo dos contos de fadas – Cornelia comentara.

– Se ele foi levado por alguém do mundo dos contos de fadas, temos instrumentos que podem provar isso – dissera Wanda.

– Que tipo de instrumentos? – Bree indagara.

– Dispositivos de rastreamento de emissões interdimensionais – dissera Frenda. – Sempre que algo ou alguém passa entre os mundos, o portal deixa uma espécie de cheiro radioativo na coisa ou na pessoa que passou. Temos máquinas que o detectam.

– Fantástico! – Bree falara. – Agora só precisamos arrumar um jeito de ir para a Alemanha.

Cornelia se enfurnara por muito tempo na casa de Connecticut e procurava uma desculpa, qualquer desculpa, para sair dali. Ela generosamente oferecera a Bree uma carona para a Alemanha no avião da família. A jovem estava tão desesperada para encontrar Emmerich que não hesitara em aceitar a oferta.

Só havia um pequeno obstáculo: tecnicamente, Bree tinha fugido de casa para encontrar as irmãs Grimm. Para ir à Europa, precisava de uma desculpa realmente boa para que os pais não acionassem a polícia. Por sorte, Cornelia dera um jeito nisso também.

– É o Eddy? – Cornelia dissera ao pai de Bree ao telefone. – É a sua prima Cornelia... Eu sei, faz *muito* tempo mesmo... Querido, estou ligando para me desculpar com você e sua esposa. Veja só, Bree recentemente me contatou para saber sobre o passado da nossa família. Ela estava tão interessada que a convidei para ficar comigo, assim eu poderia lhe contar tudo... Bem, eu *acabei* de descobrir que ela nunca contou para vocês... Falei a mesma coisa! Imperdoável! Vocês devem ter ficado assustadíssimos... A minha intenção era mandá-la imediatamente para casa, mas infelizmente sofri uma queda hoje de manhã e machuquei a bacia... Não, não estou com dor... *Sim*, tem algo que você pode fazer. Seria muito ruim se a Bree ficasse comigo até o fim da semana? Não estou conseguindo fazer nada sozinha... Só até a Wanda voltar para a

cidade. Assim que ela voltar, nós colocamos a Bree no trem para casa... Ela tem ajudado tanto... Fique tranquilo, nada de regalias... *Obrigada mesmo, querido!*

Sem demora, Bree e as irmãs Grimm estavam a caminho de um pequeno aeroporto privado. Bree, Wanda e Frenda achavam que Cornelia tinha contratado um piloto para levá-las à Alemanha. Só se deram conta de que Cornelia planejava *pilotar ela própria o avião* quando ela ligara as hélices e decolara.

Agora, aos quinze anos, Bree se achava sentada ao lado da senhora e aprendia a pilotar o Boeing B-17 Fortaleza Voadora. Bree teve dúvida se seus netos acreditariam na história que estava vivendo agora. Isto é, se vivesse o bastante para se tornar uma idosa.

– Decolar é a parte mais fácil – Cornelia instruiu. – É só ligar as hélices com o mostrador azul, colocar a marcha vermelha no Modo de Direção para pôr o avião na pista, abaixar a alavanca verde e puxar os controles.

Bree engoliu em seco.

– Mostrador azul, marcha vermelha, alavanca verde, puxar os controles – repetiu.

– Perfeito – disse Cornelia. – Para voar, basta puxar a alavanca verde, passar a marcha vermelha para o Modo de Voo, ajustar a altitude com o puxador marrom e dirigir com os controles. Pronto, *pode experimentar!*

Cornelia clicou um interruptor, e o avião inteiro desligou. A máquina começou a cair rapidamente! Bree observou em pânico os números no monitor de altitude diminuindo centenas de pés por segundo. Wanda e Frenda gritaram tão alto que ela mal conseguiu se concentrar.

– *Alavanca verde, marcha vermelha, puxador marrom, controles!* – disse Bree, fazendo o que Cornelia tinha acabado de ensinar.

O Boeing B-17 Fortaleza Voadora parou de mergulhar e deslizou perfeitamente entre as nuvens. De fato, passou a voar muito mais tranquilamente com Bree nos controles.

– Você nasceu para pilotar! – disse Cornelia. – Está no nosso DNA.

Bree pensou que talvez houvesse alguma verdade naquilo. Já que a mágica no sangue da família vinha da Mamãe Ganso, ela se perguntou se alguns dos genes voadores da Mamãe Ganso não tinham sido transferidos também. Na verdade, muita coisa em Cornelia lhe lembrava a Mamãe Ganso. Os olhos de ambas apresentavam o mesmo brilho quando elas colocavam os outros em perigo.

– Quanto tempo até tocarmos o chão? – perguntou Wanda. – *Vivos!*

– Já começamos a descer – disse Cornelia. – Vamos pousar assim que passarmos por Füssen.

Bree lembrou que a região não tinha muitas cidades grandes.

– Füssen tem aeroporto? – perguntou.

– Não precisamos de aeroporto para pousar – Cornelia afirmou. – Citando Coco Chanel: “O mundo é a nossa passarela”!

– Mãe, ela estava falando de moda! – Frenda gritou.

– Parem de se preocupar! Esta belezura foi feita para o combate – disse Cornelia.

Elas não estavam nem aí para o que o avião tinha sido feito; pousar em qualquer lugar que não um aeroporto lhes soava um *pouso de emergência*! Bree, Wanda e Frenda apertaram o cinto. Logo a pequena cidade bávara de Füssen se apresentou, e Cornelia esquadrinhou o terreno em busca de uma superfície lisa.

– Aquele campo deve servir – disse.

Ela deu um tranco nos controles, e o Boeing B-17 Fortaleza Voadora fez uma curva, descendo na direção de um campo gramado. Enquanto o avião virava, Bree divisou brevemente o Castelo de Neuschwanstein entre as colinas à distância. Foi como ver um velho amigo. O castelo continuava tão majestoso quanto na primeira vez que o vira, com Conner, na Ponte de Maria.

– Certo. Hora da lição de pouso – disse Cornelia. – Comece passando a marcha vermelha para o Modo de Pouso, empurre a alavanca verde, vire a chave preta para liberar o trem de pouso e empurre os controles até o avião ficar paralelo ao chão.

– Marcha vermelha, alavanca verde, chave preta, controles. Entendi – disse Bree.

– Excelente. Então nos pouse.

Bree, Frenda e Wanda ficaram horrorizadas. Parecia que Cornelia estava querendo morrer ou algo parecido!

– O quê? Mas eu nunca pousei um avião antes! – disse Bree.

O avião se aproximava cada vez mais do chão; alguém tinha de pousá-lo antes que fosse tarde demais! Cornelia fitou Bree por cima dos óculos com uma fé absoluta no olhar.

– Às vezes, se entramos numa situação assustadora com as duas mãos no volante, ela deixa de ser tão assustadora – falou com toda calma. – Ou, neste caso, *com as duas mãos nos controles*.

Bree não acreditava que Cornelia estava fazendo isso com ela. Sentiu o coração batendo no fundo da garganta. Um movimento errado, e todas morreriam!

Cuidadosa e rapidamente, Bree passou a marcha vermelha para o Modo de Pouso, empurrou a alavanca verde, girou a chave preta para liberar o trem de pouso e empurrou os controles para deixar o avião paralelo ao chão.

– *Vamos cair!* – gritou Wanda, fazendo o sinal da cruz energicamente.

– Wanda, você não é católica! – disse Frenda.

– Eu sei, mas vamos precisar de toda a ajuda disponível!

As rodas se chocaram contra o gramado, e o avião pousou como uma pedra quicando num lago. Ele rasgou largas faixas de terra, como que deixando uma longa mensagem em código Morse. Por fim, desacelerou e parou subitamente, com uma tremida.

– Ah, meu Deus! – Bree não conseguia acreditar. – Acabei de pousar um avião!

– Mãe, como você pôde deixar uma garota de quinze anos pousar um avião? – Frenda inquiriu.

Cornelia começou a gargalhar.

– Vocês são muito ingênuas! O piloto automático estava ligado o tempo todo!

As outras não acharam a menor graça.

– Quer dizer que tudo isso foi para nada? – perguntou Bree, com uma cara feia.

– Não, não, você foi muito bem – disse Cornelia. – Mesmo se o piloto automático tivesse falhado, teríamos pousado com sucesso. Meu pai fez a mesma coisa comigo quando voei pela primeira vez. As melhores lições são aprendidas quando é *afundar ou nadar*, e você é uma nadadora nata!

Assim que seu coração voltou ao ritmo normal, Bree e as irmãs Grimm trancaram o avião e se dirigiram à casa de Emmerich. Pareceu muito esquisito a Bree simplesmente largar o avião num campo, mas Cornelia lhe garantiu que era muito difícil roubar uma aeronave.

Bree conduziu as mulheres dos arredores de Füssen ao vilarejo Hohenschwangau, ao pé do Castelo de Neuschwanstein. Como Cornelia andava de bengala, Bree receou que a viagem fosse demais para ela, mas a senhorinha manquitou até o fim, empolgada por participar de mais uma aventura das irmãs Grimm. Elas passaram por todas as lojas de lembranças, por todos os restaurantes e por todas as pousadas dedicadas ao castelo antes de chegarem à casinha dos Himmelsbach, nos limites da cidade.

– É ali – disse Bree, apontando para os degraus da frente. – Foi ali que Conner e eu o conhecemos.

Aquela visão deixou Bree bastante nostálgica. Parecia que tinha sido ontem que ela e Conner disseram a Emmerich que eram agentes secretos a fim de convencê-lo a levá-los ao castelo após o horário de visitação. Não fazia tanto tempo que Bree e Emmerich eram amigos, mas, como tinham compartilhado uma aventura incrível, ela não conseguia conceber que aquele alemãozinho lhe fora um estranho algum dia. Ela só queria resgatá-lo de onde quer que ele estivesse e levá-lo para casa.

– Duvido, mas... – disse Bree. – Espero que Fr ulein Himmelsbach atenda a porta melhor do que atende o telefone.

Elas subiram os degraus da entrada e tocaram a campainha. Esperaram, porém ninguém atendeu. Bree tocou a campainha outra vez, pressionando-a por mais tempo. Um instante depois, Fr ulein Himmelsbach surgiu   porta.

– *Kann ich Dir helfen?* – perguntou.

Se Bree não houvesse reconhecido a voz do telefone, teria achado que aquela não era a mãe de Emmerich. A mulher tinha cabelo castanho e pele morena, bem diferente da pele clara e da feição rosada do filho. Seus olhos estavam inchados, e as bochechas, afundadas, como se tivesse chorado muito e comido pouco nos últimos tempos. Usava um grande roupão preto por cima de uma camisola e provavelmente não trocava de roupa havia dias.

A mulher não era o que Bree esperava, mas certamente parecia a mãe de uma criança perdida.

– Fräulein Himmelsbach, desculpe incomodá-la – Bree falou. – Sou eu, Bree Anderson, amiga do seu filho, dos Estados Unidos.

A mãe de Emmerich não ficou contente por vê-la – e ficou menos contente ainda ao notar que ela tinha trazido amigas.

– Qual é o seu problema, minha filha? – disse a Fräulein. – Falei para você parar de me ligar, e agora você aparece na minha casa?

– Desculpe. Sei que você não quer falar comigo, mas eu não podia me manter afastada. Estas são minhas primas, Cornelia, Frenda e Wanda. Viajamos toda essa distância porque queremos ajudá-la a encontrar seu filho.

Fräulein Himmelsbach cruzou os braços e balançou a cabeça. Não era fácil convencê-la.

– Vocês americanos com seus egos enormes. O que vocês podem fazer que a polícia da Bavária não pode?

Bree olhou para as irmãs Grimm na esperança de que uma delas tivesse uma resposta.

– Somos detetives particulares especializadas em rapto de crianças – disse Cornelia. – Trouxemos equipamentos especiais que podem nos dar pistas de onde está a pessoa que levou seu filho.

– A polícia vasculhou cada centímetro da casa – a Fräulein falou. – Não acharam nenhuma pista.

– Com todo o respeito, senhora – disse Wanda –, a polícia da Bavária não é tão capaz de encontrar pistas quanto nós. Deixe-nos entrar, por favor.

A perturbada mãe olhou de uma mulher para outra e tentou pensar em alguma razão para não deixar, mas não conseguiu.

– Certo. Peço desculpas, a casa está um caos.

Fräulein Himmelsbach acompanhou Bree e as irmãs Grimm pela residência adentro. A Fräulein as convidou a se sentarem na sala de estar, e Cornelia e Bree aceitaram com alegria. Do sofá, elas viram o quarto de Emmerich por uma porta aberta no corredor. As paredes eram cobertas com pôsteres de super-heróis. Bree se lembrou dele dizendo que queria visitar os Estados Unidos porque era lá que todos os super-heróis moravam. A lembrança fez a sua saudade aumentar.

– Será que podemos dar uma olhada na casa? – Frenda perguntou.

– Como quiserem – disse a Fräulein.

Frenda e Wanda imediatamente começaram os trabalhos. Cada qual tirou da bolsa um dispositivo de rastreamento de emissões interdimensionais; parecia um microfone comprido conectado a um rádio antigo. Elas apontavam o microfone para todos os lados da casa, e o rádio apitava.

Vasculharam a sala de estar e a cozinha, porém não acharam nada. A busca continuou no quarto de Emmerich, e, quando elas examinaram a área da janela, as máquinas apitaram loucamente. Wanda olhou para Bree e Cornelia e, com um gesto de cabeça, comunicou mil palavras – *alguém do mundo dos contos de fadas com certeza tinha estado ali*. A suspeita de Bree estava certa.

– Emmerich foi levado pela janela? – Frenda indagou.

– Sim – Fräulein Himmelsbach falou, surpresa com o fato de que elas sabiam. – Na noite do ocorrido, Emmerich estava dormindo no quarto, enquanto eu estava lendo aqui na sala. Ouvi um barulho, então fui dar uma olhada nele. A janela estava aberta, e, ao longe, vi alguém de capa preta fugindo com Emmerich no ombro. – Ela irrompeu em lágrimas ao recordar a assustadora visão, e Cornelia ofereceu-lhe um lenço. – Fui atrás deles, mas eles sumiram na noite. Chamei a polícia, que veio aqui todo dia durante uma semana. Nunca acharam nada, nem mesmo uma digital. Como vocês sabem que ele foi levado pela janela?

Se elas iriam contar a verdade à Fräulein, Bree pensou que o melhor era fazê-lo do começo.

– Pouco antes de Emmerich ser levado, ele e eu descobrimos uma coisa muito louca – falou. – Fizemos um negócio, tipo um *exame de sangue*, que provou que nós dois somos *parentes*. Nosso sangue tem o DNA dos irmãos Grimm.

– Dos irmãos Grimm? – a Fräulein perguntou.

– Sim. O que significa que Cornelia, Frenda, Wanda e eu somos parentes suas ou do pai de Emmerich.

A Fräulein ficou muito confusa. Ela disse:

– Eu não teria como saber. Emmerich não é meu filho biológico. Ele foi adotado.

– *Adotado?* – disse Bree, chocada. – Ele nunca mencionou isso.

– Porque eu nunca contei a ele. Ele foi abandonado quando era bebê. Eu não queria que ele passasse a vida achando que foi indesejado.

Tudo o que Bree achava que sabia mudou de repente. Ela logo abandonou o plano de contar à Fräulein sobre o mundo dos contos de fadas. Era claro que não conhecia todos os fatos.

– Onde ele foi encontrado? – a jovem perguntou.

– No Castelo de Neuschwanstein. Meu pai trabalhava lá como segurança durante as noites. Numa madrugada, ao patrulhar os corredores, ouviu um choro. Seguiu o som até o Salão do Cantor e encontrou Emmerich envolto num cobertor, no chão. Alguém deve tê-lo deixado ali durante o horário de visitação. É muito estranho, porque meu pai jurava que tinha verificado o salão várias vezes naquela noite e não tinha visto o bebê.

Bree e as irmãs Grimm estavam pensando a mesma coisa: Emmerich não era parente dos irmãos Grimm: *ele era do mundo dos contos de fadas!* Alguém cruzara o portal no Salão do Cantor e o deixara no castelo!

Os olhos da Fräulein de repente se arregalaram, e ela cobriu a boca apreensivamente.

– Esperem um instante. Isso me fez lembrar de algo que eu tinha esquecido por completo! Havia um bilhete preso ao seu cobertor. Vou ver se o acho.

A mãe de Emmerich percorreu o corredor até o quarto. As quatro mulheres ouviram-na vasculhando loucamente todas as gavetas e

pertences. Alguns instantes depois, ela voltou com um pedaço de pergaminho. Suas mãos tremiam, como se segurasse um pedido de resgate. Entregou-o a Bree, e as irmãs Grimm juntaram-se em volta para ler.

A quem encontrar esta criança: por favor, leve-a para uma casa amorosa que lhe ofereça proteção. O pai é um homem muito perigoso, e a criança não está segura com a mãe. Se o pai souber da existência do filho, este correrá grave perigo.

Ao que parecia, Bree e as irmãs Grimm tinham ajudado a Fräulein a descobrir um suspeito no desaparecimento do filho: *o pai biológico de Emmerich!*

– Foi tantos anos atrás que eu esqueci da existência do bilhete – Fräulein Himmelsbach confessou. – Mesmo naquela época, não o levei a sério. Nunca achei que fossem encontrar o Emmerich.

– Devemos mostrar isso à polícia? – Wanda questionou.

– Não, não podemos! – exclamou a Fräulein. – Vejam, eu nunca adotei *legalmente* o Emmerich. Me apaixonei por ele no instante em que meu pai o trouxe para casa. Na época, éramos muito pobres. Eu tinha medo de que ele fosse levado se chamássemos a polícia, então mantivemos segredo. Se descobrirem agora, nunca vou vê-lo de novo.

Bree tinha tantas perguntas que não conseguia pensar com clareza. Ela sempre adorou um bom romance policial, mas nunca achou que sua vida viraria um.

– Já que você é parente de Emmerich, tem alguma ideia de quem são os pais dele? – Fräulein Himmelsbach perguntou. – Sabe para onde podem tê-lo levado?

– Infelizmente não – disse Bree. – Mas conheço alguém que talvez saiba.



CAPÍTULO 6



Uma oferta enfeitiçante

O Homem Mascarado foi despertado por uma dor de cabeça latejante. Abriu os olhos e percebeu que se encontrava em algum lugar da floresta, mas não tinha a menor lembrança de como chegara ali. O mais estranho foi que, ao olhar em volta, ele reparou que o chão estava sobre sua cabeça e o céu enfumaçado, sob seus pés.

Após um exame mais detido, se deu conta de que se achava de cabeça para baixo. A capa estava presa no galho de uma árvore, suspendendo-o alguns metros acima do solo. Lentamente recobrando a plena consciência, o Homem Mascarado lembrou que os macacos voadores o tinham jogado ali. Não fazia ideia de quanto tempo estava suspenso na árvore, mas, como continuava vivo, presumiu que a capa impedira que ele se espatifasse.

Estendeu a mão para o galho que enganchava a capa a fim de se soltar. O movimento fez irradiar uma dor insuportável por seu corpo inteiro, e ele gritou. A dor era tão forte que ele não sabia dizer onde ela começava ou terminava. Ficou claro que ele se chocara contra mais de um galho na queda. O Homem Mascarado puxou a capa, que se rasgou em duas. Ele caiu no chão de costas, com um baque seco.

Após alguns minutos deitado, distinguiu melhor de onde vinha a dor. O braço esquerdo certamente estava quebrado, uma das costelas direitas muito provavelmente estava rachada, e o tornozelo direito estava, na melhor das hipóteses, torcido. Metade da máscara fora rasgada por algo contra o qual ele colidira durante a queda, e arranhões ensanguentados cobriam um lado de seu rosto. Era um milagre que houvesse sobrevivido.

Ele gemeu ao se levantar. Todo o sangue dentro de sua cabeça correu para as outras partes do corpo, deixando-o zozinho. Tirou a capa danificada e rasgou o paletó em tiras, com as quais fez uma tipoia para o braço.

A dor física era insuportável, mas ele estava quase grato por ela – era a única coisa que o distraía de sua angústia mental.

O Homem Mascarado estava acostumado com decepções, mas *perder um império* era um golpe colossal que ele nunca imaginou sofrer. Após uma vida inteira de meticuloso planejamento, enfim tinha obtido o poder pelo qual ansiava desde a infância. E para quê? Apenas para ter seu tapete puxado.

Após escapar por um triz da morte, qualquer outro homem abandonaria sua busca por supremacia; no entanto, a necessidade de poder do Homem Mascarado era como uma doença – e *realizá-la* era a única cura. Como uma fênix, ele imediatamente começou a calcular o caminho para sair das cinzas. De algum modo, de algum jeito, recuperaria o poder e destruiria os vilões literários que o tinham tirado dele. Mas, primeiro, precisava achar uma saída da floresta.

O Homem Mascarado não tinha ideia do ponto da floresta em que fora jogado. Então, cambaleou entre as árvores em busca de alguma indicação. Após horas mancando sem rumo pelo mato, não encontrou senão árvores e mais árvores. Como a criatura mitológica tinha escapado do cativeiro na masmorra do Palácio do Norte, o Homem Mascarado avançava tão cautelosa e silenciosamente quanto possível, só para o caso de ela também estar vagando pela floresta.

Enfim ele se deparou com uma pequena clareira na qual havia três rochas peculiares. Eram altas e se projetavam do chão como árvores. O Homem Mascarado sentou-se contra uma das rochas e apertou a tipoia improvisada. Seu descanso, porém, durou pouco.

Uma agitação percorreu o mato em algum lugar perto. O som ficou mais alto à medida que a coisa se aproximava. Era um tremor repetitivo, como o marchar de vários pares de botas de metal – *soldados Winkie se aproximando!* O Homem Mascarado presumiu que os vilões tivessem enviado soldados para buscar seu corpo. Como estava ferido demais para fugir, se escondeu nos arbustos ao lado dos rochedos.

Alguns instantes depois, duas fileiras de uma dúzia de soldados Winkie adentraram a clareira. Mas não estavam sozinhos. Eles

escoltavam a Bruxa Má do Oeste, a Rainha de Copas e o Capitão Gancho. A visão dos vilões literários provocou no Homem Mascarado um ódio tão forte que anestesiou temporariamente os ferimentos. Não havia palavra para descrever a raiva que corria em suas veias.

A Bruxa Má do Oeste, a Rainha de Copas e o Capitão Gancho andavam de um lado a outro na clareira como se esperassem que algo acontecesse. Não pareciam à procura do Homem Mascarado, que se perguntou o que mais eles estariam fazendo ali na floresta.

– E aí? – o Capitão Gancho resmungou. – Onde ela está?

– Temos certeza de que é aqui mesmo? – perguntou a Rainha de Copas.

A Bruxa Má do Oeste desenrolou um pergaminho que segurava com firmeza.

– Tenho certeza – disse. – As instruções dela dizem: “Sigam pelo caminho nas Florestas dos Anões por aproximadamente seis quilômetros e me aguardem na clareira das três árvores de pedra”. Não vimos nenhuma outra clareira. Só pode ser esta.

Como o Homem Mascarado bem sabia, *paciência* não era o forte dos vilões. A Bruxa Má, a Rainha de Copas e o Capitão Gancho ficavam mais inquietos a cada segundo.

– Bem, *quem quer que seja*, não gosto dela – rosnou o Capitão Gancho. – É muito descaramento nos fazer esperar assim.

– Eu quero ouvir o que ela tem a oferecer – disse a Rainha de Copas. – Mas, se não for interessante, se tivermos andado tudo isso para nada, *sugiro que a capturemos e...*

– *Cortemos sua cabeça?* – a Bruxa Má perguntou em tom de escárnio. – Existem *outras maneiras* de executar alguém, sabia? Muitas das quais mais divertidas e muito mais limpas.

– Como fazer o Homem Mascarado despencar de encontro à morte? – o Capitão Gancho comentou, com um sorriso maligno. – Vê-lo se retorcendo e gritando enquanto caía foi muito divertido, não foi? Se ao menos a gravidade afetasse *todo mundo...* Meu gancho estaria coberto do sangue de Peter Pan!

A Rainha de Copas revirou os olhos e falou:

– Não aguento mais ouvir o nome desse garoto! Ele é uma criança, Capitão! *Esqueça isso!* Pelo jeito obsessivo como você fala dele, parece que ele tirou de você muito mais do que *apenas a mão!*

O Capitão Gancho quis responder com um comentário sarcástico, mas se manteve em silêncio. Escorou-se numa das rochas e apoiou o gancho no quadril, pensando no que a Rainha de Copas acabara de dizer.

Dos arbustos ao lado, o Homem Mascarado distinguiu perfeitamente um revólver pendurado no cinto do pirata. Foi atraído pela arma como uma mariposa por uma chama. Se pusesse as mãos nela, com três tiros rápidos poderia exterminar os vilões literários antes que os soldados Winkie se dessem conta!

Com cuidado, quando todos estavam virados para a direção oposta, o Homem Mascarado estendeu a mão boa para a cintura do capitão e abriu o coldre.

Foi um esforço doloroso devido à costela fraturada, e ele se controlou para não gritar. Devagar, tirou o revólver do coldre sem que o capitão percebesse.

Examinou a arma: *estava carregada com três balas!* Ele tinha a quantidade exata para atirar nos vilões! Engatilhou-a e a apontou de um vilão a outro, indeciso quanto a quem matar primeiro.

O Capitão Gancho ficou agitado e começou a bater o pé pela clareira.

– Eu sabia que era uma cilada! – disse, bufando. – Fomos enganados! Ninguém vem nos encontrar!

A Rainha de Copas e a Bruxa Má concordaram com a cabeça. Entretanto, quando eles estavam prestes a ordenar aos soldados que os levassem de volta, foram interrompidos por uma voz:

– Vocês nunca ouviram a frase: “Quem espera sempre alcança”?

O Homem Mascarado baixou o revólver ao ouvir a voz. Pareceu-lhe terrivelmente familiar.

Os vilões e os soldados Winkie ouviram passos se aproximando e se viraram para ver uma criatura de capuz. Os soldados apontaram a lança na direção da criatura, que, com um rápido gesto do pulso, fez as armas despencarem no chão. A criatura adentrou a clareira e

baixou o capuz. Era uma bela mulher com chifres de carneiro que se enroscavam nas laterais do rosto.

– *Morina* – o Homem Mascarado sussurrou para si. Sua vontade de assassinar os vilões logo foi substituída por curiosidade. O que *ela* queria com eles?

– É você a bruxa que chamam de Morina? – perguntou a Bruxa Má do Oeste.

– Eu mesma – disse Morina. – E vocês devem ser os novos líderes deste mundo. É uma honra conhecê-los. Derrotar os reinos dos humanos e das fadas não é tarefa fácil. Vocês realizaram o mais antigo sonho das bruxas.

Os vilões se empertigaram e compartilharam um olhar de orgulho.

– Já que estão aqui, presumo que receberam minha carta – Morina falou.

– Não é todo dia que recebemos um convite entregue por um corvo – disse a Rainha de Copas. – Agora, conte-nos: o que é essa “maior oferta de todas” que você mencionou?

– Ela demanda uma longa explicação. Por favor, sentem-se.

A bruxa acenou para as três rochas, que se transformaram em três grandes cadeiras de pedra. Até ali, a bruxa se mostrara muito impressionante.

– Vejam, o histórico das bruxas deste mundo com seus governantes é longo e desagradável – Morina explicou. – Antes da chegada de vocês, havia rumores de uma iminente caça às bruxas. Esses temores praticamente se confirmaram quando o Homem Mascarado virou imperador. Estávamos certas de que, assim que ele executasse as famílias reais, seria só uma questão de tempo até que ordenasse nosso extermínio. Mas, por sorte, tudo isso mudou agora que vocês tomaram o lugar dele.

– Se o Homem Mascarado via as bruxas como uma ameaça, por que nós veríamos de outra forma? – o Capitão Gancho indagou.

– Porque vocês três são muito mais sábios do que seus predecessores. Por que sermos inimigos quando temos uma gloriosa oportunidade de ser *aliados*?

Os vilões se olharam de soslaio. Não estavam gostando do rumo daquela conversa.

– Para o seu bem, espero que você esteja nos oferecendo mais do que *amizade* – a Rainha de Copas advertiu.

Morina sorriu e arregalou os olhos. Os vilões entenderam que amizade era apenas a primeira das coisas que ela tinha a oferecer.

– Claro. Vou direto ao ponto – disse Morina. – Recentemente, convenci as demais bruxas de que o único jeito de escaparmos do genocídio iminente era deixar este mundo. Precisamos de um lugar só nosso, onde não sejamos controladas pelas fadas nem colocadas no ostracismo pelos humanos. Assim, elaborei um plano para que as bruxas invadam e conquistem outra dimensão, conhecida como *o Outromundo*.

Os vilões ficaram imediatamente intrigados.

– *O Outromundo?* – perguntaram em uníssono.

– É um mundo muito similar a este, mas muito maior. Ele tem centenas de países, milhares de cidades, bilhões de pessoas. Há estruturas e máquinas inimagináveis e mais terras e mares do que jamais precisaríamos. A melhor parte é que esse mundo opera inteiramente sem magia. Sem fadas para nos limitar, nada poderia nos deter!

Sua descrição apaixonada era hipnotizante. Porém, os vilões se perguntavam se aquilo era bom demais para ser verdade.

– Você pode provar que ele existe? – o Capitão Gancho questionou.

– Veja você mesmo.

Os olhos da bruxa subitamente se acenderam como os faróis de um carro. Morina magicamente transferiu imagens do Outromundo para a mente dos vilões, cujos olhos brilharam com tanta intensidade quanto os dela. Visões de Londres, Paris, Tóquio e Nova York reluziram diante dos três; visões da Torre Eiffel, das Pirâmides de Gizé, da Grande Muralha da China, da ponte Golden Gate, do Taj Mahal.

Os vilões nunca tinham visto um mundo tão grande e tão diverso. A luz se apagou de seus olhos, logo substituída pelo brilho do desejo.

– Como chegamos ao Outromundo? – perguntou a Bruxa Má.

– A falecida Fada Madrinha deixou portais ocultos por todos os reinos – disse Morina. – Mas todos são difíceis de abrir, e a jornada cobra seu preço de qualquer um que não seja praticante de magia branca.

– Então como as bruxas esperam atravessar? – a Rainha de Copas indagou.

– Por sorte, os dois mundos vão se chocar em breve. Uma *porta* vai se abrir e unir os mundos como nunca antes. Quando ela surgir, poderemos invadir o Outromundo e tomá-lo de assalto!

A suspeita dos vilões crescia tanto quanto o interesse.

– Você parece já ter pensado em tudo – o Capitão Gancho observou. – O que exatamente as bruxas querem de nós?

Um sorriso sinuoso surgiu no rosto de Morina. Aquela era a parte que ela mais estava empolgada para contar.

– As bruxas não querem nada de vocês.

– Então por que elas querem ser nossas *aliadas*? – perguntou o Capitão Gancho.

– Você não me entendeu, Capitão. As bruxas nem sabem que eu estou aqui. Eu estava falando de *mim* quando propus uma aliança.

Os vilões se entreolharam, cada um mais confuso do que o outro. Morina fez um aceno, e uma quarta rocha projetou-se do chão. A bruxa a transformou num grande trono de pedra, muito mais alto do que as cadeiras dos vilões, e sentou-se.

– Eu tenho toda a intenção de *liderar* as bruxas no Outromundo – explicou. – Infelizmente, essa liderança me foi roubada. Duas bruxas acima de mim na hierarquia, a Rainha da Neve e a Bruxa do Mar, tomaram a operação em suas mãos escamosas. Porém, minha frustração me ensinou uma valiosa lição: *as bruxas não são como os lobos, nós não vivemos em bandos*. Assim que passarmos para o Outromundo, vamos lutar entre nós até que reste apenas uma. Assim, comecei um novo plano para *depois* que as bruxas conquistarem o Outromundo.

Os vilões compartilharam um sorriso. O plano de Morina começava a fazer sentido – e eles estavam gostando.

– Você vai traí-las! – a Bruxa Má disse avidamente.

– Precisamente. A Rainha da Neve e a Bruxa do Mar planejam lançar um feitiço sobre a neta da falecida Fada Madrinha, uma poderosa fada chamada Alex. Elas acreditam que, se a maldição for forte o suficiente, vão conseguir transformar a garota numa arma e usá-la para vencer o Outromundo. Não estou convencida de que isso vai funcionar. Acredito que há maneiras mais tradicionais de invadir um território.

– Você quer o nosso exército! – a Rainha de Copas deduziu.

Morina bateu palmas, empolgada.

– Exatamente! Que as bruxas sejam nossos peões. Elas que invadam o Outromundo e enfraqueçam suas defesas. Assim que am-bos tiverem esgotado seus recursos, atacaremos o Outromundo e o roubaremos delas! Vamos destruir Alex, as bruxas e tudo o que se colocar em nosso caminho!

Era a oferta mais eletrizante e lucrativa que os vilões já tinham recebido. O pensamento das conquistas fez os três se remexerem nas cadeiras. Porém, eles ainda não sabiam se podiam confiar em Morina.

– Como sabemos que você não vai simplesmente nos trair também depois de tudo? – o Capitão Gancho inquiriu.

– Já fomos traídos uma vez por alguém deste mundo. Não vamos deixar isso acontecer de novo! – disse a Bruxa Má.

– Ao contrário do Homem Mascarado, eu não ponho no meu prato mais do que sou capaz de comer – disse Mo-rina. – Vamos dividir o Outromundo igualmente entre nós. Cada qual vai ter seu próprio território, duas vezes maior do que este mundo. Certamente é terra mais do que o bas-tante para cada um de nós. Há certa urgência. Então, preciso saber agora se vocês estão interessados. Temos um trato, ou não?

Os vilões se agruparam para discutir a situação entre si, porém Morina sabia que eles já haviam se decidido. Eram criaturas gananciosas e não conseguiriam recusar.

– Temos um trato – o Capitão Gancho afirmou. – Mas, se você nos decepcionar, vamos acabar com você assim como acabamos com o Homem Mascarado!

Morina riu alto e perguntou:

– Vocês acham que *mataram* o Homem Mascarado?

– Claro que o matamos – disse a Rainha de Copas. – Homem nenhum sobreviveria àquela queda!

– É verdade, mas o Homem Mascarado não é um homem. É uma *barata*. Ainda que vocês lhe cortem a cabeça, ele voltará no primeiro instante em que um trono der sopa. Ainda o veremos. Mas não se preocupem; tenho algo que vai deixá-lo de joelhos caso ele tente sabotar nosso plano.

– E o que é? – perguntou a Bruxa Má.

Os vilões estavam curiosos, mas nem de longe tão curiosos quanto o próprio Homem Mascarado. Ele tinha pouquíssimas posses; qual a bruxa tinha roubado?

– Não o *quê*, mas *quem* – disse Morina. – Sequestrei o *filho* dele, um menino chamado Emmerich.

– O Homem Mascarado tem um filho? – perguntou o Capitão Gancho.

– Não que ele saiba. Mas, se ele se meter no nosso caminho, o menino vai detê-lo imediatamente.

O Homem Mascarado ficou tão chocado que deixou o revólver cair. Já não sentia mais nenhum dos ferimentos, nem a raiva fervilhando dentro de si. Esqueceu que tinha perdido seu império e que queria matar os vilões. Tudo o que sentia agora era adrenalina e o pulsar do coração. Tudo em que conseguia pensar era o *filho* que nunca soube que tinha.

– Preciso voltar para as bruxas antes que elas fiquem desconfiadas – disse Morina.

A bruxa levantou-se do trono de pedra, e, com um estalar de seus dedos, as rochas voltaram ao normal. Os vilões estavam empolgadíssimos. Se pudessem invadir o Outromundo hoje, não hesitariam.

– Quando a invasão vai acontecer? – a Rainha de Copas perguntou. – Queremos que nossos soldados estejam preparados.

– Não demorará. Quando a hora certa chegar, nós atacaremos. Manterei contato.

A bruxa cobriu os chifres com o capuz e desapareceu entre as árvores. Os vilões ordenaram aos soldados Winkie que os

escoltassem para fora da floresta e percorreram o caminho até o Palácio do Norte praticamente aos saltinhos.

O Homem Mascarado continuava tão atônito que permaneceu nos arbustos por muito tempo depois que os vilões se foram. Um filho lhe abria um mundo de novas oportunidades – oportunidades que ele nunca julgara possíveis. Se agisse direito, o Homem Mascarado poderia recuperar muito mais do que apenas seu império – poderia recuperar *tudo* que jamais lhe tinha sido roubado...



CAPÍTULO 7



A capitã e sua tripulação

– Preparei para vocês uma mochila com um sanduíche de peru, batatas, um iogurte, uma banana, duas garrafas de água e um cookie – disse Charlotte. – Tem também um moletom, uma lanterna, um canivete, um kit de primeiros socorros, fósforos e uma bússola.

A mãe dos gêmeos passou a cada um uma mochila abarrotada dos tais itens. Alex e Conner apreciaram o gesto, muito embora viajar para uma dimensão fictícia fosse muito diferente de viajar para acampar.

– Mãe, obrigada – disse Alex. – Não precisava.

– Não é nossa primeira vez – disse Conner, examinando a mochila. – *Aí sim! Gotinhas de chocolate! Valeu!*

– São só umas coisinhas. Vou me sentir melhor sabendo que vocês estão com elas. Qual é a primeira parada? Alguma ideia de quanto tempo vocês vão ficar longe?

Tão curiosa quanto a mãe, Alex virou-se para Conner. Pela primeira vez na vida, ela estava entregando o planejamento inteiro ao irmão. Tinha se oferecido várias vezes para ajudar, porém Conner estava determinado a fazer tudo sozinho. Alex sabia que não insistir era um risco, mas o irmão parecia bem confiante de que cuidara de tudo.

– Primeiro vamos para “Estibórdia” – disse Conner, empolgado. – É uma aventura de piratas que se passa no mar do Caribe no começo do século XVIII. A história é sobre a Capitã Sally Ruiva e sua tripulação só de mulheres, que vasculham as ilhas desertas atrás de tesouros enterrados.

Charlotte escondeu a preocupação atrás de um sorriso.

– Que *progressista* – disse.

– Não se preocupe. Vai dar tudo certo – Conner afirmou. – Sally Ruiva se baseia na Cachinhos Dourados. Vamos encontrar o navio

dela, explicar a situação e trazê-la para cá junto com a tripulação. Vai ser fácil.

– Se você diz – disse Charlotte, nada convencida.

– Isso aí – disse Bob, dando um tapinha nas costas de Conner.

Conner tinha organizado perfeitamente os textos em um fichário, os contos separados por marcadores. Abriu o fichário na primeira página de “Estibórdia” e colocou-o no chão da sala de estar.

– Tem certeza de que não há nada que devamos saber antes de ir? – Alex perguntou uma última vez. – Nada que você esteja deixando de lado, esquecendo?

– Confie em mim. Está tudo sob controle. Se existe uma coisa que eu conheço de trás para a frente, são meus contos. Na verdade, não via a hora de fazer isso. Aposto que meus personagens vão ficar empolgados em me conhecer!

Viajar para dentro dos contos era a única coisa em que Conner pensava desde que tivera a ideia. Naturalmente, as circunstâncias que motivavam a viagem eram terríveis, mas ainda assim ele se sentia o escritor mais sortudo do mundo. Quem mais visitava os mundos e encontrava as pessoas que só existiam em sua imaginação? Conner frequentemente fantasiava ver um filme ou uma peça baseada em seus textos, mas *isso* seria muito melhor. Não seria a interpretação *de outra pessoa* ou uma adaptação de suas palavras; tudo seria puramente como ele visualizara.

Conner tirou do bolso de trás da calça o frasco da Mamãe Ganso, o qual continha a Poção do Portal. Verteu algumas gotas no fichário e em seguida guardou o frasco na mochila. As páginas iluminaram-se como um poderoso holofote, emitindo um brilhante fecho de luz na direção do teto.

– Aqui vamos nós – disse Conner. – Desejem-nos sorte!

– Boa sorte! – Bob falou. – Estaremos aqui quando vocês voltarem.

– Façam boas escolhas! – disse Charlotte. – Também tem filtro solar nas mochilas, caso faça muito sol!

Alex e Conner puseram as mochilas nas costas, pisaram no fecho de luz e desapareceram da casa.

Assim como ocorrera quando viajaram para dentro de *O Mágico de Oz*, de *Peter Pan* e de *Alice no País das Maravilhas*, a Poção do Portal primeiro os levou para um espaço infindo com nada além de palavras. Em vez de texto impresso, havia palavras *escritas*, como se houvesse centenas de lápis invisíveis movendo-se pelo ar. Cada palavra tinha a letra ruim de Conner.

– Fantástico! – disse Conner. – É como se tivéssemos entrado no meu cérebro!

– Você precisa melhorar sua letra – Alex notou.

As palavras manuscritas se estenderam para tomar forma, ganharam cor e textura e enfim transformaram-se nos objetos que descreviam. Conner observou maravilhado conforme o mundo de seu primeiro conto ganhava vida. Alex também estava empolgada – até que viu as palavras “ondas do oceano” se esticando sob os pés.

– Ei, Conner? Devemos nos preocupar com...

Antes que ela terminasse a frase, os gêmeos caíram no oceano que se formou abaixo de seus pés. Ondas fortes quebravam em cima deles, empurrando-os cada vez mais para o fundo. Foi difícil nadar contra a água, mas eles se debateram até a superfície, cuspidos goles e mais goles de água salgada. Conner viu o fichário de contos flutuando ao lado e o pegou antes que as ondas o levassem. Se perdessem o fichário, os gêmeos perderiam também a saída para o Outromundo.

Com raiva, Alex jogou água no rosto do irmão.

– *Por que você não disse que precisávamos de um barco?*

– Desculpe! Esqueci que a primeira coisa que eu descrevia era o oceano.

Àquela altura, as palavras manuscritas tinham terminado de formar o mundo de “Estibórdia”. Os gêmeos se encontravam no meio do mar do Caribe. O ar estava tão enevoadado que eles mal enxergavam um ao outro, muito menos alguma terra ou navio no horizonte. Alex estalou os dedos, e um pequeno bote de madeira surgiu.

Os gêmeos embarcaram e recuperaram o fôlego. Conner guardou o fichário na mochila, onde estaria seguro. Se algo acontecesse com o objeto, eles simplesmente não teriam como voltar para casa.

– Não foi o melhor dos começos – Alex observou. – Qual é a *segunda* coisa que você descreve?

– O *Lhama Áspera*.

– O *Lhama Áspera*?

– É o nome do navio de Sally Ruiva. Não me julgue, achei que era um nome engraçado para um navio. Vamos vê-lo a qualquer momento.

Uma sombra ergueu-se na névoa – algo muito grande vinha na direção dos gêmeos. A sombra foi ficando maior e mais escura, e detalhes se formaram à medida que ela se aproximava. Enfim, os gêmeos viram que era um navio pirata avançando em sua direção, sem dar o menor sinal de desacelerar. Ia colidir com o bote!

– *Abandonar bote!* – gritou Conner.

Os gêmeos mergulharam na água bem na hora em que o navio esmagou a pequena embarcação. Outra vez, Alex e Conner ficaram presos sob as ondas malignas. Com dificuldade, nadaram até a superfície e foram jogados de um lado para o outro no mar picado conforme o navio passava por eles.

– *Ahoy!* – Conner berrou para o barco. – *Gêmeos ao mar! Socorro!*

Alguns segundos depois, uma escada de corda foi desenroscada do navio e parou na água, ao lado dos gêmeos. Eles a agarraram, subiram, cruzaram a amurada e caíram no convés inferior. Estavam ensopados, tossindo água do mar.

– Este deve ser o *Lhama Áspera* – disse Alex. Ela apontou para a bandeira, e um sorriso gigante surgiu no rosto de Conner, que se levantou num pulo e ajudou a irmã a ficar de pé. A bandeira provava que eles estavam no seu conto.

– Conseguimos! Alex, estamos em “Estibórdia”!

Sua empolgação foi cortada por passos. Uma dúzia de piratas mulheres, com uma expressão nada amigável, cercaram Alex e Conner. As piratas apontaram os rifles e as espadas para os gêmeos.

– Ora, ora, ora... – disse uma mulher com tapa-olho. – Vejam só o que temos aqui.

– O que é que esses dois traquinas estão fazendo no meio do mar? – uma mulher com lábios enormes indagou. – *Jovens demais para estar na marinha, asseados demais para ser piratas.*

Conner quase pisou numa pirata às suas costas e deu um pulo. Sem pernas, a pirata andava sobre as mãos e segurava um punhal com os dentes.

– Eu acho que são *clandestinos!* – disse a pirata sem perna. – Estou surpresa que os tubarões não os tenham encontrado primeiro!

Conner não conseguia acreditar que seus personagens estavam vivos e respirando bem diante de seus olhos. As mulheres eram tão duronas, sujas e queimadas de sol quanto ele as imaginara. Abriu um sorriso de uma orelha à outra e deu pulos de alegria.

– Estou tão feliz por ver vocês!

As piratas inclinaram a cabeça para o lado como cachor-rinhos confusos. Até então, ninguém tinha ficado *feliz* por vê-las.

– Pessoal, sou *eu!* Conner Bailey!

As piratas ergueram a sobrancelha e coçaram a cabeça. Deveriam conhecê-lo?

– *Quem?* – perguntou uma pirata com um rosto redondo e achatado.

– Ah, por favor – disse Conner. – Eu sou o *autor*.

– Autor do *quê?* – uma pirata descalça indagou.

– *Desta história.* Eu criei este mar, criei este navio, criei vocês todas. Vocês realmente não me reconhecem?

Conner tinha certeza de que elas teriam entendido àquela altura, porém as piratas ainda o miravam embaraçosamente, tão perplexas quanto antes.

– Ele ficou à deriva tempo demais. O menino enlouqueceu – disse uma com perna de pau, e as outras piratas assentiram com a cabeça.

Conner estava ficando frustrado.

– Não estou maluco. Onde está Sally Ruiva? Me deixem falar com ela. Tenho certeza de que ela vai esclarecer tudo. É culpa minha. Eu deveria ter feito vocês mais inteligentes.

As piratas pararam de olhar perplexas e começaram a olhar feio. Alex cobriu o rosto e soltou um suspiro. As coisas não seriam tão fáceis quanto o irmão pensava.

– *Eeeeeei, Capitã!* – gritou a pirata de tapa-olho. – Tem alguém aqui embaixo querendo falar com você!

De repente, uma mulher se lançou em um salto mortal desde o convés superior e pousou exatamente na frente dos gêmeos. Usava um grande chapéu preto, um longo casaco marrom, botas de salto alto e tinha uma espada e uma pistola presas ao espesso cinto. Alex soube que aquela era Sally Ruiva no instante em que a viu. Se a acrobacia não houvesse bastado para deixar isso claro, a capitã era igualzinha a Cachinhos Dourados. A única diferença em seus traços eram as longas madeixas de cabelo avermelhado da capitã.

– *Sally!* – Conner falou como se estivesse vendo uma velha amiga, porque tecnicamente estava mesmo. Ele deu um passo na direção da capitã para abraçá-la, mas Sally Ruiva logo puxou a pistola e a apontou para sua cabeça.

– Por acaso eu o conheço, *menino?* – Sally Ruiva inquiriu.

Conner ficou chocado com a maneira como seus próprios personagens o tratavam. Tinha esperado uma recepção calorosa, mas, em vez disso, a protagonista de sua história estava apontando uma arma para sua cabeça. Sem ele, nenhuma delas sequer existiria! Ele se perguntou se era assim que se sentiria um pai desprezado.

Ergueu as mãos e se afastou da pistola.

– Ok! Tempo! Acalmem-se, por favor, e me deixem explicar! Meu nome é Conner Bailey, e essa é Alex, minha irmã. Eu sei que vai ser difícil de acreditar, mas eu sou o *criador* de vocês! Estamos vivendo dentro de um conto que eu escrevi para a aula de redação do oitavo ano!

Sally Ruiva encarou-o mais perplexa do que toda a tripulação junta.

– Ele está com febre amarela – disse. – Preparem a prancha! Precisamos tirá-lo imediatamente do navio.

– *Também não estou doente!* Certo! Se vocês não acreditam, vou provar!

Ele caminhou pelo círculo das mulheres, apontando para cada pirata.

– Zélia Zarolha, Bárbara Boca-de-Peixe, Aninha Acrobata, Patty Cara-de-Panqueca, Paula Pé-de-Chulé, e esta é Peggy Perna-de-Pau – falou.

– Prefiro *Margret* – disse a pirata com perna de pau.

– Tudo bem, *Margret*. – Conner revirou os olhos. – Atrás estão Maria Maré-Alta, Gabri Bagre, Ronda Runzeira, Joana Tanajura, Isa Não-Bela e, no alto do mastro, Suzy Sereia. Sua capitã é Sally Ruiva, este navio se chama *Lhama Áspera*, e vocês estão em busca de tesouros enterrados no Caribe!

Conner cruzou os braços confiante e aguardou os pedidos de desculpas. As piratas ficaram sobressaltadas com o quanto ele sabia. Todas olharam a capitã, à espera de sua reação.

– Só existe uma explicação para o fato de um rapaz que nunca vimos saber tanta coisa – disse Sally Ruiva. – É um feiticeiro! Amarrem-no junto com a irmã! Vamos queimá-los na próxima ilha que encontrarmos!

Antes que os gêmeos pudessem fazer qualquer coisa, suas mochilas lhes foram arrancadas e eles foram empurrados contra o mastro principal. As piratas os envolveram com cordas e ataram seu torso ao navio. Conner estava tão zangado que ficou totalmente vermelho.

– *Soltem-nos, ou vocês vão se arrepender!* – gritou. – *Esperem só até eu chegar em casa! Vou escrever uma sequência em que vocês todas vão naufragar e vão ter de comer as botas para sobreviver!*

As piratas riram de suas tentativas de assustá-las. Zélia Zarolha apertou as cordas ainda mais, só para irritá-lo.

– *Vai nessa, Zélia! Vamos ver quem vai rir quando eu fizer uma gaivota furar seu outro olho!* Alex, você acredita nisso?

– Como você esperava que elas reagissem? O que você faria se um cara aparecesse do nada e nos dissesse que somos personagens na história *dele*?

– *Eu daria um soco na cara dele por complicar tanto as coisas!* Alex, você precisa fazer algo. Bote-as para dormir com um feitiço do sono, transforme-as em cavalos-marinhos... *qualquer coisa!*

– *Não!* Há dias eu pergunto se você precisa de alguma ajuda para planejar, e você só fala que tem *tudo sob controle!* Bem, até agora, quase morremos afogados, por pouco não fomos esmagados por um navio e estamos sendo capturados por *suas* piratas! Você e eu temos definições diferentes de *sob controle!*

– Alex, não seja criança.

– Cresça, Conner. Essa meleca é *sua*. *Você* limpa.

– Certo, vou limpar! Não preciso de você, nem da sua mágica idiota. Eu mesmo vou achar um jeito de sair dessa!

Ainda que Alex e Conner estivessem amarrados lado a lado, cada um fingiu que o outro não estava ali e ficou fazendo bico.

Uma forte brisa oceânica começou a limpar a bruma e revelou o sol. Logo o navio apresentava uma visão deslumbrante do oceano. Não havia nada para ver além do brilhante mar azul do Caribe.

A capitã Sally Ruiva voltou ao convés superior e tomou o grande leme nas mãos. Fitou o mar aberto com um sorriso radiante no rosto. Não havia nada para retê-la, ninguém para detê-la; ela estava cercada por uma abundância de liberdade e possibilidades. Conner lembrou-se de ter escrito a respeito daquela expressão – gostaria que a Cachinhos Dourados real tivesse aquela expressão mais vezes.

– Mais uma vez, é um belo dia para ser uma pirata – disse Sally Ruiva para a tripulação. – Meninas, *abaixar vendas!*

Os gêmeos se entreolharam. Não seria “velas”? Suzy Sereia despontou na vigia do mastro com um baú de tesouro cheio de lenços, joias, ganchos e armas. As demais piratas se juntaram abaixo dela, as mãos cheias de moedas de ouro.

– Vocês ouviram a capitã: hora de abaixar vendas! – Suzy Sereia anunciou. – Por um tempo limitado, tudo pela metade! Os lenços saem por duas moedas; os brincos, por quatro; os colares custam seis moedas; e os rifles, oito! Aproveitem para comprar seus acessórios enquanto os preços estão baixos!

Suzy Sereia vendeu os itens às piratas até que não sobrasse nada no baú. As mulheres admiravam suas novas compras e as exibiam umas às outras. Alex ficou absolutamente perplexa; olhou para Conner, que parecia tão desconcertado quanto.

– Não estou entendendo o que está acontecendo – ele disse. – Eu nunca escrevi *isso*.

– Estou certa de que você pretendia escrever “abaixar velas”, mas, por causa do seu garrancho, está parecendo “abaixar vendas”.

– Ops.

Para alívio de Conner, assim que as *vendas* acabaram, as piratas abaixaram as *velas* também. As velas eram de pano cor de creme, a exata cor da capa de Mingau, e se encheram com a brisa do oceano. O *Lhama Áspera* velejou rumo ao horizonte.

Sally Ruiva girava o leme do navio para um lado e para o outro conforme guiava a embarcação pelas águas difíceis, mantendo um olhar atento em todo o horizonte. À medida que o navio avançava, a expressão no rosto dela se tornava mais familiar aos gêmeos – uma expressão que eles viram estampada muitas vezes em Cachinhos Dourados quando a conheceram. A capitã parecia um pouco triste, como se esperasse que algo fosse aparecer na distância, algo que nunca vinha.

Reconhecendo a expressão, Conner começou a se preocupar.

– Ah, não – disse. – Estamos chegando na parte da história em que a Marinha aparece.

– Como você sabe? – Alex perguntou.

– Pelo jeito ansioso como Sally Ruiva está olhando para o oceano. Logo, logo, as piratas vão ter companhia.

Como que pontualmente, Suzy Sereia, em pânico, desceu da vigia do mastro.

– Capitã! – gritou. – Veja, a leste! Um navio da Marinha Britânica se aproxima!

Sally Ruiva rapidamente abriu um longo telescópio e examinou o horizonte a leste. Alex e Conner apertaram os olhos e mal e mal viram um pontinho movendo-se ao longe. A capitã sorriu ao enxergar o navio; era exatamente o que desejava.

– Parece que o Almirante Jacobson finalmente nos alcançou – Sally Ruiva anunciou à tripulação.

– Alguma ordem, capitã? – perguntou Zélia Zarolha.

– Estou cansada de fazer o jogo de gato e rato do almirante. *Içar velas e preparar para a batalha!*

As piratas todas bateram continência e puseram-se ao trabalho. Carregaram os canhões no convés e afiaram as espadas. As velas foram içadas, e o navio desacelerou, permitindo que a embarcação do capitão se aproximasse. O pequeno ponto que os gêmeos viram ao longe logo se transformou em um navio enorme, duas vezes maior do que o *Lhama Áspera*. Os dois distinguiram uma bandeira britânica esvoaçando do mastro mais alto e o nome do navio pintado no casco: *Petulância Real*.

Enquanto as piratas corriam pelo convés em preparação para a batalha, a capitã mirava-se num espelho compacto. Sally Ruiva passou batom e blush, escovou o cabelo para dar mais volume e limpou todas as sujeiras da roupa. A capitã não estava se preparando para um *combate*; ela estava se preparando para um *encontro*!

– É assim que ela se prepara para a batalha? – Alex perguntou ao irmão.

Conner fez que sim com a cabeça, envergonhado.

– Espere só – disse ele. – Daqui a uns cinco minutos, tudo vai fazer sentido.

Quando o *Petulância Real* se aproximou, as piratas baixaram as velas, e o *Lhama Áspera* deu a volta no navio da marinha. Os gêmeos viram que o convés inferior do *Petulância Real* estava repleto de marinheiros britânicos, que corriam freneticamente. Viram também o Almirante Jacobson no convés superior.

O almirante tinha uma pose majestosa, com um pé na amurada e uma longa espada na mão. Era um homem muito bonito, com ombros largos e cabelos negros como breu, presos num rabo de cavalo perfeito. Usava uma casaca azul com botões dourados e divisas. Quanto mais o navio pirata se aproximava do navio da marinha, mais familiar ele ficava.

– Conner, sou só eu, ou o almirante é igualzinho ao *João*? – Alex perguntou. Seu olhar passou da capitã para o almirante, e vice-versa. Exatamente como tinha dito o irmão: tudo fazia sentido. – Aaaaah, agora entendi! Sally Ruiva se baseia em Cachinhos

Dourados, e o almirante se baseia em João. “Estibórdia” é uma história de amor! Que fofo!

Conner resmungou como se a irmã houvesse insinuado algo muito grosseiro.

– Com licença – disse defensivamente. – “Estibórdia” é uma *aventura de piratas*! Ela pode conter *elementos* de amor, mas com certeza *não* é uma história de amor!

Alex ergueu uma sobrancelha para ele.

– *Claro, claro.*

Àquela altura, o *Lhama Áspera* circulava o *Petulância Real* com gosto. Os marinheiros britânicos corriam pelo convés para observar as piratas. Zélia Zarolha tomou o leme, e Sally Ruiva foi até a amurada para ver o almirante. Ela imitou a pose dele, e os dois comandantes fixaram seus olhos um no outro. Se Alex já não soubesse que havia algo entre eles, com certeza saberia agora.

– Boa tarde, almirante – disse Sally Ruiva. – O que o traz a esta parte do Caribe hoje?

– Você é uma mulher procurada, Sally Ruiva – o almirante afirmou.

– Só por você ou por mais alguém? – a capitã brincou. – Sinceramente, almirante, você é tão persistente que estou começando a pensar que tem uma queda por mim.

As piratas riram num estrondo. Até os soldados da marinha acharam divertido e cobriram a boca para tapar o riso. A cena toda deveria ter acontecido num corredor de escola, e não no mar do Caribe.

– A Marinha Britânica inteira está *obcecada* por você, capitã – disse o almirante. – Pediram-me que eu a escoltasse pessoalmente à terra firme. Entregue-se voluntariamente, e eu não afundarei seu navio.

– Almirante, permita-me lembrá-lo de que *eu* estou o cercando. É com o *seu* navio que eu me preocupo. Eu odiaria destruí-lo e envergonhar você diante de todos os seus marinheiros. Aliás, *belas calças*, senhores!

– Então vai ser do jeito difícil? – o Almirante Jacobson perguntou, com um sorriso enorme.

Sally Ruiva riu.

– Ah, almirante, a essa altura, você ainda não aprendeu que eu sou o tipo de garota que gosta de...

– SE FAZER DE DIFÍCIL! – gritou Conner, concluindo a frase.

A capitã e sua tripulação se voltaram para ele, perguntando-se como diabos o rapaz sabia exatamente o que ela planejava dizer.

– Eu falei que eu escrevi esta história – Conner advertiu. – Eu escrevi o diálogo cafona que está saindo da boca de vocês! Por que vocês não param com essas insinuações e partem logo para a batalha?

Sally Ruiva encarou-o com desconfiança por um instante e então voltou a encarar o almirante.

– Concordo com o feiticeiro – disse ela. – *Meninas, abrir fogo!*

Conforme o *Lhama Áspera* cercava o *Petulância Real*, parecia que os navios estavam unidos numa perigosa valsa conduzida pelas piratas. Elas acenderam os canhões e os dispararam contra o navio da marinha, abrindo buracos enormes nele. Os marinheiros do almirante responderam, mas o navio pirata era muito menor e se movia rápido, o que o tornava um alvo mais difícil.

Nas poucas vezes que as piratas foram atingidas, o navio inteiro chacoalhou e meneou na água. Porém, os danos provocados pela marinha não eram nada em comparação com as marcas que estavam sendo deixadas pelas piratas. Os marinheiros olhavam o almirante em busca de orientação, mas ele raramente lhes dava ordens. Parecia que *queria* perder.

– Nunca vi um flerte tão perigoso! – disse Alex.

– Não se preocupe. As piratas vencem! – disse Conner, olhando para a capitã. – Sally, demorou para mandar as suas piratas apontarem para os canhões da marinha! Não quero farpas nos meus olhos!

A ideia tinha ocorrido à capitã um momento antes de Conner sugerir-la.

– Como você sabia que eu...

– MANDE LOGO!

– Mirem os canhões, meninas!

As piratas seguiram as ordens da capitã e apontaram seus canhões para os da marinha. As balas zuniram do navio, deixando o *Petulância Real* praticamente indefeso. As piratas comemoraram e sacudiram as espadas para os marinheiros.

Zélia Zarolha girou bruscamente o leme, e o *Lhama Áspera* bateu contra o *Petulância Real*, emparelhando-se com ele.

– Vamos tomar o navio! – Sally Ruiva ordenou.

Cada pirata se agarrou a uma corda e se lançou para dentro do navio da marinha. A batalha prosseguiu com combates corpo a corpo no convés do *Petulância Real*. Os marinheiros, que mal tinham sido treinados para navegar, não eram páreo para as piratas.

Zélia Zarolha exibiu a órbita sem olho para os marinheiros, assustando-os e fazendo-os tropeçar uns nos outros. Paula Pé-de-Chulé estendeu o pé contra seus narizes, e os vapores fizeram os homens perderem a consciência por alguns momentos. A ausência de pernas facilitava a Aninha Acrobata que tombasse contra os marinheiros, derrubando-os como pinos de boliche. Patty Cara-de-Panqueca parecia gostar de dar cabeçadas nos homens, o que explicava o estranho formato de seu crânio. Joana Tanajura simplesmente dava as costas para os marinheiros que a assaltavam, e eles quicavam de volta para o convés.

Algumas piratas não eram guerreiras tão eficientes. Suzy Sereia cantava notas agudas para ferir os ouvidos dos marinheiros. Bárbara Boca-de-Peixe os irritava com beijos gosmentos. Ronda Runzeira, bêbada, discutia religião e política com os marinheiros. Isa Não-Bela simplesmente chorava nos ombros dos inimigos. Essas piratas ofereciam distrações perfeitas para que Peggy Perna-de-Pau (ou “Margret”) viesse por trás dos marinheiros e os derrubasse com sua perna de pau.

No convés superior, a capitã Sally Ruiva e o almirante Jacobson se rodeavam, as espadas erguidas. Estavam tão perdidos nos olhos um do outro que quase esqueceram que tinham de lutar para manter as aparências. Os dois enfim começaram a combater, porém a luta mais parecia um tango apaixonado do que um duelo de espadas.

– É a violência mais não violenta que jamais testemunhei – Alex comentou.

– Peguei leve porque crianças iam ler – explicou Conner.

– Isso explica por que os antagonistas são tão simplórios. Para ser sincera, eu estava preocupada com o tipo de vilão que a sua imaginação produziria. Estou contente de ver que são apenas homens com calça apertada.

– Os marinheiros britânicos não são os vilões da história. Os vilões são *muito mais* assustadores, se baseiam em pessoas que vi nos meus pesadelos. Mas nós vamos embora bem antes de eles aparecerem... *Espero*.

Enfim os marinheiros se renderam, e as piratas os juntaram no centro do convés inferior do *Petulância Real*. Sally Ruiva empurrou o almirante Jacobson do convés superior, e seus homens o apararam. As piratas ergueram as armas para celebrar – tinham vencido a batalha!

– Você perdeu, almirante – disse Sally Ruiva. – A Marinha Britânica vai ficar muito decepcionada.

– Às vezes, um homem precisa perder para poder vencer – o almirante falou, sorrindo com o canto da boca.

Os marinheiros tiveram suas armas retiradas e as mãos amarradas nas costas. As piratas deitaram uma prancha entre os navios e forçaram os marinheiros a atravessá-la e embarcar no *Lhama Áspera*. Assim que todos os tripulantes do *Petulância Real* foram tomados como prisioneiros, as piratas dispararam balas de canhão contra o navio da marinha até que ele afundasse.

– Coloquem os prisioneiros nas celas abaixo do convés – Sally Ruiva ordenou e se virou para os gêmeos. – E estou falando de *todos* os prisioneiros.

As piratas desamarraram os gêmeos e os empurraram junto com os marinheiros.

– Ah, não – disse Conner. – Os vilões vão aparecer logo! Preciso convencer Sally Ruiva de que eu sou o autor desta história antes que eles cheguem!

– Estou disposta a ajudar se for acelerar as coisas – Alex falou, com um suspiro.

– Bem, eu ainda não estou disposto a aceitar a sua ajuda. Falei que ia resolver isso sozinho!

Conner conseguiu se livrar das piratas que empurravam ele e a irmã e saiu correndo pelo convés; no entanto, quando ia alcançar Sally Ruiva, foi derrubado por Aninha Acrobata e segurado por Gabri Bagre e Maria Maré-Alta.

– Capitã, não me prenda, nem prenda minha irmã! – ele suplicou sob as piratas. – Estou avisando! Vai acontecer uma coisa muito ruim logo, logo, mas você pode evitá-la se me escutar!

Sally Ruiva riu da advertência.

– Levem-no daqui! – Ela se virou de costas para ele.

As piratas forçaram Conner a ficar de pé e o arrastaram, porém ele ainda não estava pronto para desistir:

– Eu sei o que você roubou do TIÃO VELA-TOCHADA!

De repente, o navio inteiro congelou, como se Conner houvesse gritado uma obscenidade. Alex notou que todas as piratas e todos os marinheiros sabiam do que o irmão estava falando. Bastou o nome de Tião Vela-Tochada para que todos sentissem frio na espinha.

Sally Ruiva virou-se para Conner com olhos arregalados e temerosos. Ele prosseguiu com a advertência, desesperado para que ela lhe desse ouvidos:

– Ele também sabe o que você roubou. Ele sabe de tudo o que aconteceu na ilha! Neste exato momento, Tião Vela-Tochada está atrás de você e da sua tripulação! Ele vai ver a fumaça dessa batalha e vai chegar antes que o sol nasça amanhã!

Conner sabia que, se tinha algo que a atingiria, era isso. A capitã o fitou de cima a baixo, mas não disse uma palavra.

– Suas ordens, capitã? – perguntou Gabri Bagre.

Sally Ruiva fez cara de coragem para a tripulação.

– Juguem esse garoto e a irmã nas celas junto com os demais – disse. – Se ele quer contar histórias, que conte para os outros prisioneiros.

Sally Ruiva virou-se e encarou o oceano. Conner debatia-se contra as piratas, mas de nada adiantava. Elas eram fortes demais

para que ele se soltasse: era assim que as tinha imaginado. Conner e Alex foram empurrados pela escada para as celas embaixo do convés, com os marinheiros.

– É, isso funcionou *súper* – disse Alex. – Tem certeza de que não quer a minha ajuda?

– Vamos esperar um pouco – Conner falou. – Ela vai mudar de ideia. Ela tem de mudar de ideia.

A capitã observou os destroços em chamas do *Petulância Real*, e seu olhar seguiu os rastros de fumaça que subiam ao céu. Assim que todos os marinheiros e os gêmeos foram aprisionados sob o convés e não havia piratas em volta, ela tirou um colar que mantinha escondido na blusa. Pendendo de uma corrente de ouro, havia um rubi vermelho como sangue, do tamanho de um coração humano.

Embora ela se recusasse a acreditar em tudo o que Conner dizia, não podia negar que o garoto possuía um conhecimento extraordinário de seu navio e de sua tripulação. Se o que ele dissera sobre Tião Vela-Tochada fosse remotamente verdade, então o maior pesadelo da capitã estava prestes a se tornar realidade.



CAPÍTULO 8



A ira de Tião Vela-Tochada

As coisas estavam calmas no porão do *Lhama Áspera*. Alex e Conner dividiam uma pequena cela, enquanto o Almirante Jacobson e seus homens ocupavam quatro outras maiores. Todos estavam em silêncio, não por vergonha da derrota, mas por pura exaustão da batalha. A bem da verdade, os marinheiros não pareciam decepcionados com a derrota; pareciam, sim, bem confortáveis nas celas. Muitos estavam espichados enquanto eram delicadamente embalados pelo balançar do navio.

– Homens, não se preocupem – disse o Almirante Jacobson conforme andava de um lado para o outro. – Vamos dar um jeito de sair deste navio e de levar essas piratas à justiça! Essas criminosas podem nos aprisionar por ora, mas logo vamos escapar e deixar a Marinha Britânica orgulhosa!

Os marinheiros se entreolharam para ver com quem o almirante estava falando, já que nenhum deles estava preocupado ou ansioso demais para mudar a situação. Depois de meses de trabalho duro no *Petulância Real*, a prisão era uma bela mudança de ritmo.

– Poupe-nos, almirante – disse Conner. – A tripulação inteira sabe que você é louco por Sally Ruiva. Ninguém espera escapar tão cedo.

O almirante sentiu-se ultrajado com a insinuação.

– Como você ousa sugerir que eu *gostei* de ver o meu navio afundado ou que *permiti* que piratas capturassem a minha tripulação? Eu nunca trairia a Grã-Bretanha pelo afeto de uma patife como a capitã Sally Ruiva!

Conner suspirou e balançou a cabeça.

– Levante a mão quem sabia que isso ia acontecer. Vamos, não sejam tímidos.

Ele ergueu uma mão, e Alex logo o imitou. Um a um, os marinheiros ergueram a mão, e o almirante foi obrigado a enfrentar

uma dura realidade. Apesar dos esforços para encobrir seus sentimentos, eles estavam tão expostos quanto as medalhas de honra em sua casaca.

– Vocês querem dizer que sempre souberam? – perguntou.

Os marinheiros fizeram que sim com a cabeça, assim como os gêmeos.

– Para ser sincero, almirante – disse o imediato –, acho que nenhum de nós pensou que o senhor estava tentando *esconder*. Não temos nada contra, veja bem. Nós entramos na marinha para viver aventuras e, perseguindo essas senhoras pelo mar, não tivemos um só momento de tédio.

O almirante quis argumentar, mas já não podia esconder nada. Em vez de limpar sua reputação, ele simplesmente deu de ombros e se sentou.

– Bem, imagino que eu deva ficar aliviado – disse.

O almirante perdeu qualquer desejo de bolar um plano de fuga. Apoiou os pés nas barras de metal e aproveitou a paz e a quietude das celas com o restante da tripulação. Conner, por outro lado, ficava mais agitado a cada instante. A missão de localizar e recrutar os personagens seria muito mais difícil depois de recusar a ajuda da irmã.

– O que acontece agora na história? – perguntou Alex, bocejando.

– Sally Ruiva vai convidar o Almirante Jacobson para jantar em seus aposentos. Eles vão admitir seus sentimentos mútuos, e em seguida Jacobson vai convencer seus marinheiros a juntar-se ao bando de piratas de Sally Ruiva.

– Lindo! E você ainda acha que “Estibórdia” não é uma história de amor?

Conner grunhiu.

– Está bem, está bem. É uma história de amor. Você descobriu que seu irmão é um bobão. Está contente?

Alex riu.

– Não sei por que é tão difícil para você admitir. Muitos homens escrevem histórias de amor.

– Nunca foi a minha intenção escrever uma história de amor. Eu só pensei que João e Cachinhos Dourados tinham uma história muito legal. Todo mundo quer ser herói, mas João abriu mão disso para ficar com a pessoa que amava. Ele não se importou com o que iam pensar dele. Para ele, Cachinhos Dourados era mais importante do que uma reputação. Para enfrentar um gigante, é preciso coragem; mas, para enfrentar o mundo, é preciso ser um verdadeiro herói. Acho que eu quis celebrar isso quando coloquei esse elemento na minha própria história.

Um sorriso foi crescendo no rosto de Alex enquanto ouvia o irmão. Ele protegia os sentimentos atrás de uma muralha emocional, mas de vez em quando ela conseguia abrir um buraco para espiar o outro lado.

– Você não é um bobão, mas sem dúvida é *um romântico incurável* – disse Alex. – Acho que a senhora Peters tinha razão. Você vai aprender muito sobre si mesmo ao viajar por essas histórias.

Conner não queria concordar com a irmã, mas sabia que ela tinha razão.

– Nem me fale. Daqui a pouco, vou estar colecionando bonecas de porcelana e ouvindo polca.

As portas do porão se abriram, e Zélia Zarolha e Aninha Acrobata entraram. Elas entrechocaram suas armas contra as barras das celas para perturbar os prisioneiros, mas os tranquilos marinheiros nem sequer ergueram os olhos. As piratas destrancaram a cela do almirante e o puxaram pelo rabo de cavalo.

– *Ei!* – gritou Jacobson. – O que é isso?

– A capitã quer que você jante com ela – disse Zélia Zarolha.

Os marinheiros gritaram e assobiaram, fazendo o almirante corar. Zélia Zarolha lhes deu uma rápida mostra da órbita vazia, e os homens logo se calaram. As piratas abriram a porta da cela dos gêmeos.

– O que está acontecendo? – perguntou Conner.

– A capitã também quer que vocês dois jantem com ela – Aninha Acrobata falou.

Conner não estava esperando por isso. Até aquele momento, cada lance da história tinha seguido seu texto sem nenhuma surpresa. Sua esperança era que isso significasse que a advertência sobre Tião Vela-Tochada tinha chamado a atenção da capitã.

As piratas acompanharam os gêmeos e o almirante pelo *Lhama Áspera* até o convés superior; abriram a porta dupla dos aposentos da capitã e empurraram os gêmeos e o almirante para dentro.

Os aposentos privados de Sally eram a parte mais elegante do navio. As paredes eram cobertas de papel de parede vermelho estampado com coroas douradas. Um lustre de cristal pendia sobre uma longa mesa de madeira preparada para quatro. Quando eles chegaram, a capitã parecia absorta em pensamentos. Estava sentada no fundo do quarto, a uma escrivaninha com vários mapas do Caribe. Sally Ruiva tinha um pé para cima e girava um punhal sobre o tampo como se fosse um pião judaico. O chapéu e o casaco estavam pendurados num cabideiro, ao lado da escrivaninha, de modo que a capitã exibia sua cabeleira longa e ondulada.

– Seus convidados, capitã – Zélia Zarolha apresentou os gêmeos e o almirante.

– Obrigada – disse Sally Ruiva. – Podem ir.

Zélia Zarolha e Aninha Acrobata deixaram os aposentos, fechando a porta dupla. Conner escrevera a parte seguinte da história como um jantar romântico entre a capitã e o almirante, mas obviamente as coisas tinham mudado. Assim que os três entraram, Sally Ruiva fixou no garoto um olhar inquisitivo e inabalável e disse:

– Como você parece saber *tudo*, imagino que não haja motivo para fingir que o almirante e eu sejamos adversários.

– Não – disse Conner. – Vocês estão num complicado relacionamento a distância.

– Só para constar – Alex interferiu–, eu acho que é *muito* romântico.

Conner olhou feio para a irmã. Ela *nunca* ia deixá-lo em paz com aquilo. O almirante olhou para os gêmeos e depois para a capitã à espera de alguma explicação.

– Alguém vai me dizer como esse rapaz sabe tanto sobre nós? – perguntou.

– Segundo ele, nós somos apenas personagens em uma história que ele escreveu – Sally Ruiva falou com ironia. – Ele acha que tudo neste mundo não passa de fruto da sua imaginação.

Conner não apreciou o tom de desdém. O almirante o fitou exatamente como todas as piratas tinham feito após ouvirem aquelas palavras.

– Por acaso eu fiz ou falei alguma coisa que *contradisresse* isso?
– Conner indagou. – Estou bastante certo de que acertei *tudo* até agora.

Sally Ruiva o encarou, e uma expressão desafiadora tomou seu rosto.

– Tenho algo escondido debaixo da blusa. Somente quatro pessoas vivas sabem que isso existe. Duas estão neste aposento, e uma é a Rainha da Inglaterra. Diga o que é, e *talvez* eu leve você a sério.

Conner sabia exatamente do que ela estava falando e não perdeu um segundo para provar:

– Você está usando um colar chamado Coração do Caribe. É a joia mais desejada do hemisfério ocidental. Foi dada ao governador Connelly pela Rainha Anne como prova de gratidão pela governança da ilha de Santa Ballena.

A intensidade na expressão de Sally Ruiva dissolveu-se, e a capitã ficou boquiaberta. Ela e o almirante estavam completamente desconcertados. Sally Ruiva puxou uma corrente de ouro em volta do pescoço e tirou um grande colar de rubi da blusa. O rubi era mais brilhante do que as estampas de coroa e o lustre juntos.

Conner apontou para a joia.

– Foi *isso* que você roubou do Tião Vela-Tochada. E você está errada, ok? Existem *cinco* pessoas vivas que sabem da existência desse objeto, sete incluindo eu e minha irmã. Um pirata chamado Killy Billy viu você roubando. Foi ele quem contou ao Tião Vela-Tochada que você está com o colar, e agora Tião está vindo para pegá-lo de volta.

Alex normalmente era muito boa em preencher lacunas, mas a falta de detalhes estava ficando frustrante.

– Você se importaria em compartilhar com o resto da turma quem é Tião Vela-Tochada? – ela perguntou.

Conner hesitou. Ele conhecia a história como a palma da mão; mas não era uma história agradável de compartilhar.

– Tião Vela-Tochada é o pirata mais temido do Caribe – explicou.
– É tão poderoso que a Marinha Britânica se recusa a chegar perto dele. Ele tem uma frota de cinco navios e centenas de piratas. Seus navios exibem tochas acima das velas, que deixam rastros de fumaça pelo céu, de modo que todo o Caribe sabe por onde eles passaram e para onde estão indo. Eles destroem qualquer navio que encontram, seja ou não uma ameaça.

Alex engoliu em seco. Era exatamente o tipo de vilão que temia que o irmão criasse.

– Parece *encantador* – disse. – Como ele se tornou tão poderoso?

– Tião Vela-Tochada era escravo – Conner começou. – Foi capturado numa aldeia africana por traficantes de escravos e trazido ao Caribe num navio negreiro. Porém, no caminho para cá, rompeu as correntes que o prendiam e liderou os outros escravos num motim. Eles mataram os traficantes e tomaram o navio. Tião tornou-se o novo capitão, os escravos libertos tornaram-se sua tripulação, e ele rebatizou o navio de *Vingança*.

“Infelizmente, o poder subiu à cabeça de Tião. A tripulação queria voltar para sua terra, mas Tião quis seguir em busca de vingança. Levou o navio até a ilha de Santa Ballena e mandou seus homens a saquearem. O governador Connelly avisou a Marinha Britânica que eles estavam sendo atacados, mas, como a ilha era pequenina e sem valor, a marinha os abandonou. O governador e todos os homens de Santa Ballena foram mortos, e suas famílias foram forçadas a trabalhar como serviçais.

“Como já não havia governo ou autoridade em Santa Ballena, criminosos de todo o Caribe velejaram para lá e se juntaram a Tião. Logo ele passou a ter homens o bastante para formar uma frota de navios piratas. Eles aterrorizavam as colônias próximas, ficando mais fortes a cada alvo derrubado. Os escravos libertos do

Vingança não queriam ter nada a ver com isso, então roubaram um navio da frota de Tião e voltaram para a África. Tião ficou tão furioso que velejou atrás deles e afundou seu navio. Foi por causa da fumaça dos destroços que Tião ficou conhecido como Tião Vela-Tochada, e o Caribe inteiro conheceu sua impiedade.

“O tempo passou, e Tião Vela-Tochada teve uma filha, chamada Sumire. A filha única do falecido governador Connelly, uma menina chamada Christine, foi forçada a trabalhar como serva dela. As duas ficaram muito próximas e passaram a se amar como irmãs. Sumire ajudou Christine a planejar sua fuga de Santa Ballena. O Coração do Caribe foi o único objeto do governador Connelly que Tião Vela-Tochada não destruiu, por isso Christine o roubou de volta antes de partir. Não demorou muito para que Tião Vela-Tochada percebesse que o objeto havia sumido. Para salvar a amiga, Sumire assumiu a culpa. Em vez de mostrar qualquer piedade à própria e única filha, Tião Vela-Tochada fez dela um exemplo horrendo. Cortou sua garganta diante de toda a frota, provando ainda mais sua brutalidade, e ninguém nunca mais se atreveu a roubá-lo.

“Christine fugiu da ilha e vendeu o Coração do Caribe a um mercador de joias, mas roubou-o no dia seguinte. O dinheiro que ela tinha ganhado com a venda era o bastante para comprar seu próprio navio e contratar uma tripulação. Ela deu ao navio o nome de *Lhama Áspera* e ficou conhecida pelo Caribe como...”

– *Sally Ruiva* – Alex concluiu a frase do irmão.

– Exato – disse Conner. – A primeira missão de Jacobson ao se tornar almirante foi capturar a ladra dos mares Sally Ruiva. Foi amor à primeira vista, e desde então eles se perseguem pelo Caribe. O que a capitã não sabe é que Killy Billy disse a Tião Vela-Tochada que a viu roubando o Coração do Caribe e que Tião também vem seguindo o *Lhama Áspera* pelos mares, aproximando-se a cada minuto. Como Sally é a única pessoa que roubou algo dele e viveu para contar a história, ele quer fazer dela outro exemplo horrendo.

– Conner, a sua trama de fundo é tão sombria! O que te levou a escrever uma coisa tão horrenda? – Alex indagou.

– Eu falei, ela se baseia num pesadelo que eu tive. Além do mais, os piratas de verdade não eram muito melhores. – Com desespero

no olhar, Conner virou-se para Sally Ruiva e o Almirante Jacobson.
– *Agora vocês acreditam que eu os criei?*

A capitã e o almirante estavam atônitos com a familiaridade de Conner com suas vidas. Quem quer que fosse aquele rapaz, de onde quer que viesse, era inegável que havia nele algo de único e esquisito.

– Acredito que você botou tudo isso no papel, mas ainda não estou convencida de que *criou* este mundo ou as pessoas que o habitam – disse Sally Ruiva.

Conner tinha revirado os olhos tantas vezes que as órbitas estavam ficando doloridas.

– Então você acha que eu *plagiei*? – perguntou.

– Exploradores afirmam que os lugares que descobrem lhes pertencem, mas eles não *criam* a terra onde fincam suas bandeiras – Sally Ruiva observou. – Talvez todos os escritores sejam apenas exploradores subconscientes que velejam por mares de outros mundos; talvez você seja o primeiro a descobrir o nosso, apenas isso.

Alex ficou intrigada com a teoria da capitã. Perguntou-se se cada história de ficção que havia lido era mais uma *descoberta* do autor do que uma *ideia*. Talvez a *imaginação* fosse um *mapa subconsciente* de mundos inexplorados do cosmos. Isso certamente explicaria por que a Poção do Portal da avó funcionava tão bem: ela não *criava* o mundo descrito pelo texto, simplesmente oferecia uma porta para um mundo que sempre esteve lá.

O esforço para entender aquilo estava dando a Conner uma dor de cabeça.

– Isso soa muito profundo e complexo, mas você não está captando o essencial! – ele disse. – Estou dizendo que a frota de Tião Vela-Tochada está vindo para cá neste exato momento! Ele planeja matar todos vocês e recuperar o Coração do Caribe! Mas, se vocês nos ouvirem, podemos ajudar a evitar isso!

– Como? – perguntou o Almirante Jacobson.

– Nos ajudando – Conner falou. – Vou fazer uma proposta. Vai ser difícil de entender, talvez vocês queiram se sentar.

Sally Ruiva, o almirante e os gêmeos tomaram seus lugares em volta da longa mesa.

– Você quer que eu explique essa parte? – Alex perguntou.

– Já falei, deixe comigo – disse Conner, limpando a garganta. – Sabe esse mar inconsciente de outros mundos de que você acabou de falar? Bem, para todos os fins e propósitos, ele existe! Há um outro mundo que está muito encrocado. Um mundo sobre o qual eu não escrevi. Todos os nossos amigos moram nele, e um exército terrível o invadiu. Minha irmã e eu estamos recrutando pessoas de vários mundos diferentes para nos ajudar a combater esse exército. Se vocês vierem conosco e nos ajudarem a derrotá-lo, nós os trazemos exatamente de volta para cá.

Conner sorriu como se estivesse sendo mais do que generoso. A capitã e o almirante trocaram um olhar perplexo: alguma coisa não estava batendo.

– Isso não é uma proposta – disse Sally Ruiva. – Uma proposta é uma *troca*. Tirar-nos de nossos problemas, fazer-nos combater por vocês, depois nos trazer de volta para nossos problemas não é uma troca. É mais trabalho para nós.

– Ela tem razão – Alex afirmou.

– Ok – disse Conner, pensando em algo atraente para oferecer. – Bem, se vocês nos ajudarem, eu conto como derrotam o Tião Vela-Tochada.

A capitã e o almirante acenaram com a cabeça enquanto consideravam. Jacobson sussurrou alguma coisa no ouvido de Sally Ruiva, como um advogado falando com a cliente.

– Então você está dizendo que nós *derrotamos* o Tião Vela-Tochada? – perguntou a capitã. – *Independentemente* de ajudarmos vocês?

– *Dã!* – Conner soltou uma fungada. – É a razão de ser desta história!

Alex bateu a mão contra a testa. O irmão não havia percebido o que Sally Ruiva estava querendo dizer. Ela se nomeou advogada *dele* e o chamou à parte para sussurrar em seu ouvido:

– *Conner, você basicamente acabou de dizer a eles que não precisam nos ajudar. Você precisa oferecer alguma coisa que eles*

não possam recusar.

– *Ah, droga! Eu nunca deveria tê-los imaginado tão astutos! Obrigado pelo toque.*

Os gêmeos se voltaram para a capitã e o almirante. Conner soltou uma risada lenta, grave, ameaçadora e falou:

– Sally, sua tolinha. O que você não sabe é que a estrada para a vitória é longa e tediosa. Há dúzias de batalhas, centenas de mortos e feridos e milhares de milhas à sua espera. Você levará *anos* para aprender o que eu posso ensinar em segundos. Se você nos ajudar, eu lhe dou o *atalho* para o triunfo, poupando-a de milhões de transtornos. Você pouparia seu navio de muitos danos e até salvaria a vida de alguns membros da tripulação.

Sally Ruiva e o Almirante Jacobson sussurraram outra vez entre si. Ambos sabiam que teriam de enfrentar Tião Vela-Tochada em algum momento; não havia como evitar. Se Conner era capaz de lhes dar informações sobre como fazer isso de forma eficiente, eles teriam de considerar seriamente a oferta.

Os dois se viraram para os gêmeos e apresentaram uma contraproposta.

– Nós ajudamos se você nos ajudar a derrotar o Tião Vela-Tochada *primeiro* – disse Sally Ruiva.

Conner ficou a um triz de arrancar os cabelos. Mentalmente, jurou nunca mais criar um personagem inteligente.

– Feito – falou, com os dentes cerrados.

Conner e Sally Ruiva apertaram as mãos sobre a mesa. Alex não estava convencida da intenção da capitã e do almirante e puxou o irmão de lado uma última vez.

– *Como você sabe que eles estão falando a verdade?*

– *Porque eu os fiz tão dignos quanto calculistas. E eu vou lembrá-los de um certo naufrágio no próximo volume!*

– Vamos discutir os detalhes de nossa vitória durante o jantar – disse Sally Ruiva. – Estou faminta. Negociar sempre me abre o apetite.

Como fazia horas desde sua última refeição, os gêmeos ficaram contentes ao ouvir aquilo. A capitã tocou um sino, e poucos instantes depois Bárbara Boca-de-Peixe entrou nos aposentos

empurrando um carrinho repleto de várias bandejas cobertas. O aposento foi tomado por um delicioso aroma, e os gêmeos começaram a salivar, o estômago roncando.

– Conner, o que você escreveu na parte do jantar? – perguntou Alex.

– Sopa de tomate, purê de batata e frango a rosarinho. – Conner lambeu os beiços.

– Frango a rosarinho? Você queria dizer “frango a passarinho”?

– Ah, não – ele disse com medo.

Bárbara Boca-de-Peixe tirou a tampa da maior bandeja para revelar, em vez de uma deliciosa galinha frita, uma galinha viva com um rosário católico no pescoço. A galinha entrou em pânico e desembestou pelo aposento, cacarejando alto e soltando penas para todos os lados.

Sally Ruiva olhou feio para Bárbara Boca-de-Peixe.

– O frango não me parece *no ponto certo* – disse Sally.

– Desculpe, capitã – Bárbara Boca-de-Peixe falou. – Eu sabia que estava esquecendo alguma coisa.

De repente, Suzy Sereia irrompeu no aposento, fazendo com que todos se sobressaltassem e esquecessem da galinha. Seus olhos estavam arregalados, e ela estava sem fôlego, como se tivesse corrido até ali.

– Perdoe a intrusão, capitã! – bufou. – Eu vi fumaça no horizonte atrás do navio! Examinei melhor e vi uma frota de navios vindo nesta direção! Tião Vela-Tochada está nos seguindo!

A capitã, o almirante e os gêmeos se levantaram tão rápido que derrubaram os talheres e os pratos da mesa. Sally Ruiva correu para as grandes janelas no fundo do aposento e olhou pelo telescópio, atrás da escrivaninha.

– É mesmo Tião Vela-Tochada... – Em seguida, a capitã se virou para Conner. – Você disse que tínhamos até de manhã.

Conner revirou o cérebro tentando entender por que eles tinham chegado tão cedo.

– É porque eu apressei a batalha! Houve fumaça no ar antes da hora! Era para você e o almirante terem conversado muito mais

antes do primeiro tiro de canhão! Sem querer, eu dei uma vantagem para o Tião Vela-Tochada!

Sally Ruiva vestiu o chapéu e o casaco e imediatamente entrou em modo de controle de danos:

– Bárbara e Suzy, mandem as mulheres baixarem as velas agora. Quero cada vela e cada lâmpada deste navio apagada. Vai ser mais difícil nos seguir na escuridão. E libertem os marinheiros. Se eles quiserem sobreviver à noite, vão ter de se juntar à nossa tripulação.

As piratas fizeram que sim com a cabeça e correram para fora do aposento para avisar as outras. Sally Ruiva se apressou até o convés, e os gêmeos e Jacobson foram atrás. Ela segurou o leme do *Lhama Áspera* e fitou Conner.

– E então? – perguntou. – O que precisamos fazer para derrotar Tião Vela-Tochada?

– Não é um *quê*, é um *onde*. Precisamos seguir imediatamente para *oeste*, passar pelas Ilhas Papagaio e pela Ilha das Caveiras.

A capitã não perdeu um segundo fazendo perguntas. Girou o leme com tanta força para a direita que ele quase quebrou.

– Conner, aonde você está nos levando? – perguntou Alex.

– Estibórdia.



CAPÍTULO 9



Velejando em círculos no Triângulo das Bermudas

As piratas se precipitaram pelos conveses do *Lhama Áspera* como formigas em pânico. Apagaram todas as tochas, lâmpadas e velas para que o navio velejasse em total escuridão. Com a lua como única fonte de luz, elas baixaram as velas e tiraram o máximo proveito da brisa noturna. Os marinheiros foram libertados das celas para que trabalhassem no carregamento e posicionamento dos canhões. Bastou a menção ao nome de Tião Vela-Tochada para que eles não tivessem dúvida quanto a juntar-se à tripulação do *Lhama Áspera*.

O Almirante Jacobson colocou-se na frente do navio, com uma perna no gurupés. Examinou o mar para ter certeza de que não havia nada com que o navio pudesse colidir na escuridão.

– Parece limpo – gritou para a capitã. – Eu aviso se isso mudar.

Sally Ruiva mantinha a mão firme no leme e o olhar fixo na frota de piratas em seu encalço. A cada minuto, Tião Vela-Tochada se aproximava mais do *Lhama Áspera*. A capitã rezava para que o atalho de Conner funcionasse e eles finalmente derrotassem Tião e sua tripulação.

– Você falou para velejar a oeste, para as Ilhas Papagaio, passar da Ilha das Caveiras, e depois, o que fazemos? – ela perguntou.

– Depois nós velejamos para a direita, em círculo, por um dia inteiro – Conner explicou. – A lenda diz que, se você velejar para *estibordo* por um dia no Triângulo das Bermudas, vai parar em Estibórdia. Daí o nome.

– Sim, eu conheço a *lenda*. Todo pirata já ouviu o mito. Tem certeza de que é verdade?

Conner estava ficando cansado de se repetir.

– Sim, tenho certeza. É assim que vocês encontram Estibórdia no fim da história. Tenho certeza de que vai funcionar agora também.

– Então Estibórdia é um lugar real? – Alex indagou.

– Por que outro motivo eu daria ao conto esse título? – Conner replicou.

Alex deu de ombros e falou:

– Achei que era só um nome legal baseado no jargão dos piratas. Existe também um Portomundo ou uma Portópia, ou quem sabe uma Portolândia?

Conner parou e pensou naquilo por um instante.

– Não, mas seria um nome excelente para uma sequência! – disse. – Hum... Preciso escrever isso.

– Estibórdia é uma ilha ancestral – Sally Ruiva observou. – Acredita-se que é a única terra que resta da Cidade Perdida de Atlantis. É quase impossível de achar porque ela flutua como um grande navio em volta do Triângulo das Bermudas e nunca passa duas vezes na mesma parte do mar. Dizem que os detritos de todos os naufrágios no Caribe acabam no litoral da ilha.

– Ótima história de fundo, Conner – disse Alex. – Como Estibórdia vai nos ajudar a derrotar Tião Vela-Tochada?

– Centenas de anos atrás, quando os europeus chegaram e se fixaram nas Américas, uma tribo indígena foi forçada a abandonar sua ilha pelos homens brancos que ali se estabeleceram – Sally Ruiva explicou. – Havia dez europeus para cada membro da tribo, que assim não teve escolha senão ir embora e torcer para encontrar outra ilha em outro lugar do Caribe. Os indígenas partiram em suas embarcações e foram pegos por um furacão terrível. Quando a tempestade passou, a tribo divisou Estibórdia. Eles usaram todos os destroços que havia na ilha para construir uma fortaleza magnífica. A estrutura foi cuidadosamente projetada para permitir à tribo derrotar um inimigo dez vezes mais numeroso caso houvesse uma invasão.

– Ah! Entendi! – disse Alex. – Vamos usar a fortaleza! Que divertido!

– Exatamente! – Conner decretou. – Com as piratas de Sally e os marinheiros de Jacobson, há cerca de cinquenta pessoas neste navio. Tião Vela-Tochada tem cinco navios e cerca de cem piratas em cada um. A fortaleza deve dar conta.

De repente, os gêmeos e a capitã se sobressaltaram com erupções barulhentas vindas do alto. Todos a bordo do *Lhama Áspera* ergueram os olhos e viram fogos de artifício vermelhos explodindo no céu. A cada brilhante explosão, o oceano e o navio eram brevemente iluminados por luz vermelha.

– De onde isso está vindo? – perguntou Conner.

Eles se viraram para a frota pirata ao longe e viram mais fogos de artifício sendo lançados dos conveses inimigos.

– Tião Vela-Tochada – disse Sally Ruiva enquanto os fogos de artifício explodiam. – Eles estão usando isso para nos enxergar na escuridão! Que inteligente, esse patife!

Como toda a luz a bordo do *Lhama Áspera* tinha sido apagada, a frota inimiga os perdera de vista e tomara uma direção ligeiramente distinta. Mas, com os fogos de artifício iluminando o navio, a frota de Tião reposicionou-se na exata direção do *Lhama Áspera*.

– O que fazemos agora? – Conner questionou.

– Rezamos para que o vento seja mais forte para nós do que para eles – a capitã afirmou. – Do contrário, talvez não consigamos chegar a Estibórdia.

Conner andou de um lado a outro no convés tentando pensar num jeito de se distanciar da frota pirata. Àquela altura, Alex não estava nem aí para o fato de o irmão não querer a sua ajuda; ela não deixaria o orgulho dele colocar em risco toda a missão. Quando Conner se achava virado para o outro lado, Alex disfarçadamente apontou para o céu. Quase instantaneamente, espessas nuvens se formaram e cobriram as estrelas. A atmosfera ficou úmida demais para que os fogos de artifício estourassem.

Com os fogos de artifício resolvidos, o *Lhama Áspera* precisava de um impulso para que a frota não o alcançasse. Alex respirou fundo e soprou ar na direção das velas. Uma forte brisa veio do nada e empurrou o navio com um pouco mais de velocidade, fazendo com que todos a bordo dessem um solavanco.

– Capitã, é um milagre! – Suzy Sereia gritou da vigia do mastro. – As nuvens estão bloqueando os fogos de artifício, e o vento está nos fazendo velejar mais rápido!

As piratas e os marinheiros celebraram com vivas. Sally Ruiva mirou o céu embasbacada. Conner ficou surpreso com a rapidez com que o tempo tinha mudado a favor deles. Aquilo era um pouco conveniente *demais*.

– Alex, para com isso! Falei para não usar magia!

A irmã deu de ombros inocentemente.

– Não fui eu. Deve ser uma tempestade tropical.

– Bela tentativa. Tempestades tropicais não sopram nuvens em uma direção e navios na outra!

Sally Ruiva olhou para o céu outra vez e reparou no estranho fenômeno a que Conner se referia.

– O que está acontecendo? – ela perguntou. – *A sua irmã* está causando isso?

– Sim – Conner falou. – Esqueci de mencionar que ela tem poderes mágicos. Mas nada de incentivá-la! Essa história é *minha*, esse projeto é *meu*. Eu consigo nos levar até Estibórdia e ajudar vocês a derrotar Tião Vela-Tochada. Sem magia.

Conner saiu pisando duro pelo convés superior e juntou-se ao Almirante Jacobson na proa do navio. A imaginação de Sally Ruiva já tinha sido tão alargada pelos gêmeos que *isso* não foi difícil de apreender. Ela andou descontraidamente até Alex e apoiou-se na amurada.

– *Homens* – disse, com um suspiro. – Sempre precisam achar que estão no comando.

– É culpa minha – Alex falou. – Ele pediu minha ajuda antes, e eu meio que o provoquei por isso. Agora ele acha que precisa provar alguma coisa para mim.

– Regra número um do meu navio: mulher nenhuma recebe ordem de um homem.

– Está aí uma filosofia que eu posso apoiar.

– Então, como sua capitã, ordeno que você deixe alguns *presentes* para a frota de Tião Vela-Tochada. Se é que você me entende.

Alex e Sally Ruiva compartilharam um sorriso. Alex entendeu perfeitamente. Ela se virou para a frota ao longe e apontou para a

água. Aglomerados de rochas pontiagudas surgiram do oceano no rastro do *Lhama Áspera*.

– Isso aí, garota! – disse a capitã.

As obstruções e o vento ajudaram o *Lhama Áspera* a ganhar distância da frota de Tião Vela-Tochada. Logo os navios inimigos tinham encolhido tanto que mal se viam os rastros de fumaça que saía das velas.

O *Lhama Áspera* velejou durante a noite, e, ao nascer do sol, as Ilhas Papagaio surgiram no horizonte. Infelizmente, o nascer do sol também dera à frota de navios piratas uma visão melhor do oceano, e o *Lhama Áspera* foi avistado outra vez.

O navio adentrou um canal estreito entre as Ilhas Papagaio, e a tripulação entendeu por que Conner as nomeara assim. As ilhas eram cobertas de milhares e milhares de pássaros coloridos. Era bonito de ver, mas, conforme o navio avançava pelo canal, o grasnido dos pássaros se tornava muito alto. Como se estivesse competindo pela atenção das piratas, cada pássaro tentava cantar mais alto do que os demais. Quando o *Lhama Áspera* chegou ao centro do canal, o som tornou-se ensurdecedor. O navio inteiro tapou os ouvidos e se queixou.

– CALEM A BOCA! – Conner gritou para os pássaros.

– CALEM A BOCA! CALEM A BOCA! – os papagaios imitaram. – CALEM A BOCA! CALEM A BOCA!

Alex não aguentava mais o barulho. Estalou os dedos, e comida de pássaro choveu sobre as ilhas. Todos os papagaios desceram das árvores para comer e fizeram silêncio. Conner disparou um olhar à irmã – dessa vez, um olhar de gratidão.

– Ok, acho que *um pouco* de magia não faz mal – disse ele. – Mas nada de fazer loucuras. A tripulação do *Lhama Áspera* precisa sentir que realizou algo.

Um brilho surgiu nos olhos do Almirante Jacobson enquanto observava os pássaros comerem.

– Dizem que a *minhoca vermelha* é capaz de *limpar* o estômago do papagaio – falou. – Talvez possamos deixar uma *tempestade nojenta* para a frota de Tião...

Os gêmeos se entreolharam, e um sorriso malicioso tomou o rosto de ambos.

– Ah, Conner – disse Alex, juntando as mãos. – Por favor, por favor, por favor, vamos dar-lhes minhocas vermelhas!

– Sim, você tem de fazer isso – ele concordou. – É muito sagaz.

Alex deu pulinhos de alegria e estalou os dedos de novo. Pequenas minhocas vermelhas choveram sobre a ilha, e os papagaios serviram-se felizes do banquete. O almirante e os gêmeos riram ao imaginar o estrago que os pássaros deixariam para a frota.

Algumas horas depois de deixar o canal, o *Lhama Áspera* passou pela Ilha das Caveiras. Era uma ilha assustadora, com uma camada permanente de neblina. A margem não tinha praias: era repleta de escuras e estranhas cavernas. A terra era coberta de enormes pedras talhadas para se parecerem com grandes crânios humanos. Alex poderia ter jurado que as cabeças a seguiam conforme o navio passava.

– Ei, Conner, veja isso! – disse Alex. Ela limpou a garganta, e todas as caveiras começaram a cantar a música insuportável de uma boy band que os gêmeos conheciam do rádio.

“Oh, baaaaby, eu não quero jogar esse jogo

Meu coração está desgostoso

Meu amor nunca terá dono

Eu sou o cão, você é o osso

Eu sei que é vergonhoso

Mas esqueci seu nome, broto”

Os gêmeos riram de doer a barriga. O resto do navio gritava e apontava para as caveiras possuídas.

– É a música do capeta! – gritou Zélia Zarolha.

As piratas brandiam crucifixos para a ilha e davam tiros de espingarda nas pedras. Alex considerou que a piada tinha ido longe demais; limpou a garganta de novo, e as caveiras voltaram ao normal.

Quando a Ilha das Caveiras já se achava bem atrás do *Lhama Áspera*, Conner correu entusiasmado da proa para o convés

superior, onde estava Sally Ruiva.

– Ótimo, passamos a Ilha das Caveiras! – ele falou. – Hora de viajar para estibordo!

– Se velejarmos em círculo para a direita durante a noite inteira, vamos encontrar Estibórdia? – perguntou Sally Ruiva.

– Estibórdia é que vai nos encontrar.

A capitã deu um passo para o lado do leme e o ofereceu a Conner.

– Gostaria de nos dar a honra, *comandante Bailey*?

– Poxa! Claro!

Conner ainda não tinha dirigido nem mesmo um carro; não ia recusar a oportunidade de guiar um navio pirata. Colocou as mãos no leme e teve certeza de sentir o pulso do navio batendo através de si. Era uma sensação emocionante: ao menor movimento, ele tinha o poder de mudar o curso do navio e o destino da tripulação. Aquilo lhe lembrou a sensação que experimentava ao escrever, mas dez vezes mais forte. Ele estava *vivendo e respirando* a aventura com a qual apenas sonhara.

Naturalmente, ser perseguido por uma frota de perigosos piratas tirava algo da diversão de guiar um navio, mas mesmo assim era eletrizante. Desde que ele e a irmã tinham chegado, Conner ficara zangado, frustrado, ansioso e assustado com diversas coisas, porém a empolgação de estar no mundo criado por ele nunca o abandonou. Desejou que todo autor pudesse sentir o que ele estava sentido naquele momento.

Quando começou a se pôr, o sol iluminou as ondas do oceano que cercava o *Lhama Áspera* tal quais faixas douradas de uma zebra. Conner girou o leme ao máximo para a direita e o amarrou.

– Estibórdia, aí vamos nós!

Naquela noite, todas as piratas e todos os marinheiros juntaram-se no aposento de Sally Ruiva para que Conner lhes dissesse o que deveriam esperar no dia seguinte. Era estranho prepará-los para um lugar no qual ele tecnicamente nunca tinha estado. Só podia se basear nas imagens em sua cabeça e torcer para que elas batessem com aquela realidade. A galinha com o rosário se achava

confortavelmente aninhada no colo de Alex, que acariciava suas penas enquanto ouvia o irmão.

– Senhoras, senhores, galinha – disse Conner. – Bem-vindos à Introdução a Estibórdia. Presumo que, a essa altura, por terem ouvido atrás das portas ou pelo boca a boca, todos saibam que estamos indo para Estibórdia.

Isa Não-Bela e Ronda Runzeira levantaram uma mão.

– Ninguém nunca me conta nada! – disse Isa Não-Bela, começando a chorar.

– Acho que me falaram, mas não lembro... – Ronda Runzeira falou, soluçando tão forte que caiu da cadeira.

– Não se preocupem, vou explicar – Conner afirmou. – A frota de Tião Vela-Tochada é dez vezes mais numerosa do que a nossa tripulação. Em Estibórdia, há uma fortaleza que foi projetada para um grupo na nossa exata situação. A fortaleza é cheia de armadilhas: alçapões, estilingues humanos, lâminas que se movem, labirintos sem fim e muito mais. Uma vez que a fortaleza seja ativada, as armadilhas vão entrar em ação a cada trinta segundos.

“A menos que vocês queiram ser esmagados, cortados ao meio, ou cair e morrer, ouçam muito bem o que vou dizer agora. Existem zonas de segurança na fortaleza, pintadas de vermelho. Cinco segundos antes de as armadilhas dispararem, vocês vão ouvir um sino. Quando ouvirem o sino, procurem imediatamente uma dessas zonas seguras! Inventei uma frase para ajudar quem tiver dificuldade de lembrar instruções. Repitam comigo: *no vermelho, você vive.*”

– *No vermelho, você vive* – as piratas e os marinheiros repetiram.

– Muito bem. Agora, depois que chegarmos à ilha e encontrarmos a fortaleza, teremos de esperar que todos os homens de Tião Vela-Tochada estejam do lado de dentro para ativá-la. A fortaleza meio que funciona como um relógio: uma rede de pedras muito pesada puxa as engrenagens do topo, que giram e operam todas as armadilhas. A rede é firmada por vinte e uma cordas e precisa de todas as vinte e uma cordas para funcionar. Se uma dessas cordas for cortada, a seguinte vai se arrebentar com a pressão após trinta segundos, fazendo com que a rede de pedras caia um pouco mais,

puxando as engrenagens e ativando as armadilhas. Isso faz sentido?

As piratas e os marinheiros encararam Conner como se ele estivesse falando em outro idioma. Até Alex estava com dificuldade para acompanhar.

– Apenas estou explicando o mecanismo, caso alguém estivesse curioso – disse Conner. – Só tem uma coisa que vocês precisam lembrar. *O que é?*

– *No vermelho, você vive!* – as piratas e os marinheiros disseram em uníssono. Eles estavam muito orgulhosos de si próprios e pareciam cachorros à espera de petiscos.

– Ótimo! – Conner falou. – Boa sorte amanhã, pessoal!

Enquanto o *Lhama Áspera* velejava a estibordo em largas voltas no Triângulo das Bermudas, as piratas, os marinheiros e os gêmeos foram descansar para o dia seguinte. Nos dormitórios abaixo do convés, fileiras de redes brancas empilhavam-se do chão ao teto. Estava frio ali, e Alex e Conner ficaram felizes pelos moletons que a mãe colocara em suas mochilas.

As redes, que balançavam com o meneio do navio, eram muito relaxantes. Logo as piratas e os marinheiros adormeceram. Roncavam tão alto que os gêmeos temeram que as laterais do navio se rompessem. Alex espiou a rede abaixo da sua para ver se Conner ainda estava acordado.

– Ah, que bom, você ainda não dormiu – ela disse.

– Acho que nem os mortos conseguiriam dormir com isso – ele resmungou.

– Você está nervoso por causa de amanhã?

– Um pouco. – Conner soltou um longo suspiro. – Só espero que tudo dê certo, para esta viagem não ter sido por nada.

Alex percebeu a culpa na voz do irmão e sentiu certa culpa também. Se ela tivesse demonstrado mais apoio e incentivo no começo, ele provavelmente não estaria agindo com aquela soberba.

– Vai ficar tudo bem – Alex garantiu. – Você é um grande escritor, Conner, de verdade. Eu esqueço de dizer o quanto estou impressionada com tudo isso. Cada detalhe da sua história é bem pensado e divertido. Conforme ela se desenrola, eu fico mais

intrigada. Mal posso esperar o seu primeiro livro. Os milhões de pequenas Alex e Conner por aí vão adorar.

Conner ficou comovido com as palavras da irmã. Elas tinham um significado especial, já que ele estava convencido de que Alex lera todos os livros do mundo.

– Obrigado, Alex. Eu nunca teria conhecido João e Cachinhos Dourados se não fosse por você. Por isso, obrigado por ter me dado toda a inspiração.

– Mas pense em tudo o que você inventou sozinho. Você teria se saído muito bem sem mim. Queria eu ter a sua imaginação! Qual é o segredo para deixar uma história tão boa? Você tem algum truque ou ritual para escrever?

Conner nunca tinha pensado nisso. Pensou na primeira vez que escreveu uma história e lembrou de uma coisa, uma ferramenta, que o ajudara desde então.

– Sempre que escrevo, imagino tudo na voz do papai. Tento descrever tudo com a mesma energia e o mesmo entusiasmo que ele tinha quando lia histórias para nós. Às vezes, quando estou com muita saudade, escrever me faz sentir que ele está comigo. Parece que ele está me contando a história e eu só estou colocando-a no papel.

Aquele pensamento trouxe lágrimas aos olhos de ambos. Alex entendia exatamente o que Conner queria dizer, porque a narrativa do pai estava arraigada na mente dela também. Sempre que os dois pensavam em John Bailey, não pensavam na noite em que o perderam, no funeral ou nos dias que passaram em luto. Pensavam, sim, nas noites em que ele lia contos de fadas diante da lareira da casa antiga, nos gestos animados que fazia para representar cada cena e nas vozes diferentes que fazia para cada personagem. O pai fora um contador de histórias no pleno sentido da expressão, e Conner tinha herdado esse dom.

– Papai ficaria muito orgulhoso de você, Conner – disse Alex. – Ele teria adorado tudo em Estibórdia.

– Ele também ficaria orgulhoso de você, Alex. Qualquer outro adolescente de quinze anos já teria desistido de salvar o mundo dos contos de fadas.

Os gêmeos riram da ideia de outra dupla de irmão e irmã passando por aqueles extremos. Alex lançou um feitiço para que os companheiros de sono roncassem em silêncio, e os gêmeos deixaram que o balanço do navio os embalasse até adormecerem.



CAPÍTULO 10



Estibórdia

Na manhã seguinte, o navio inteiro foi acordado por um alto tinido vindo do convés.

– TEEEEEEERRA ÀÀÀ VIIISTA! – gritou Suzy Sereia, tocando o sino na gávea.

As piratas, os marinheiros e os gêmeos pularam das redes e correram até o convés inferior. Precipitaram-se ao gurupés e se juntaram a Sally Ruiva e ao Almirante Jacobson na parte da frente do navio. O sol estava começando a nascer, lentamente derramando luz sobre a ilha adiante. A praia era repleta de destroços de madeira, e o interior, coberto de um densa floresta de árvores tropicais. A tripulação distinguiu, acima das árvores, a ponta de uma grande fortaleza, no centro da ilha.

– É aqui! – gritou Conner. – Estibórdia!

Não houve tempo de celebrar: a descoberta foi imediatamente seguida pelos disparos estrondosos de canhões.

– Temos companhia! – Suzy Sereia gritou, apontando para o oceano atrás do *Lhama Áspera*.

Os gêmeos, as piratas e os marinheiros desembestaram pelo convés inferior, subiram ao convés superior e se aglomeraram na amurada da popa. Os cinco grandes navios da frota de Tião Vela-Tochada se encontravam tão perto que era possível sentir o cheiro das tochas ardendo sobre as velas – e os navios vinham bem na direção deles.

O navio que estava no centro era o maior; Alex não precisou fazer nenhuma pergunta para entender que se tratava do *Vingança*. Ele tinha cor de carvão e exibia enormes velas negras. As laterais e a proa do *Vingança* eram cobertas de pontas de metal, o que o assemelhava a um grande cacto flutuante. Uma bandeira estampada com algemas rompidas esvoaçava orgulhosamente acima do mastro mais alto.

Os conveses dos cinco navios da frota estavam repletos de piratas loucos por uma briga. O *Vingança* disparava os canhões, e as balas levantavam água ao lado do *Lhama Áspera*. Cada disparo jogava água mais perto do navio.

– Precisamos chegar à ilha agora! – Conner berrou.

Sally Ruiva pôs-se de pé sobre um barril e assobiou para chamar a atenção da tripulação.

– Juntem tantas armas quanto conseguirem carregar e vão para os botes – ordenou. – Vamos descer e remar até a ilha.

– Eles vão fazer o navio em pedaços! – o Almirante Jacobson alertou. – Não temos tempo de abaixar os botes! Precisamos abandonar o barco imediatamente!

Conner trocou um olhar temeroso com a irmã; os dois leram a mente um do outro: um pouquinho *mais* de mágica não faria mal.

– Sigam as ordens da capitã – disse Alex. – Vou manter os piratas ocupados até sairmos do navio.

A tripulação fez que sim com a cabeça e partiu imediatamente. Alex girou os dedos indicadores no ar, e dois ciclones emergiram entre o *Lhama Áspera* e o *Vingança*. Ela apontou para a frota, e os ciclones silvaram na direção dos inimigos como touros libertados de uma cerca. Os piratas abandonaram os navios e mergulharam na água. Os ciclones se chocaram contra dois dos cinco navios, destruindo-os por completo.

Enquanto Alex retardava a frota, a tripulação a bordo do *Lhama Áspera* descarregava quatro pesados baús cheios de armas, abarrotando os coletes, as calças e as botas com rifles, espadas e punhais. Conner correu para o porão e pegou as mochilas. Quando retornava para o convés, viu a Galinha a Rosarinho nos degraus atrás.

– *Baguak?* – perguntou a galinha, inclinando a cabeça para o lado.

– Desculpe, mas uma batalha não é lugar para uma galinha – disse Conner. – Você precisa ficar no navio.

– *Baguak!* – A galinha estava terrivelmente ofendida.

– Eu não estou *chamando* você de galinha. Você é uma galinha. Isso é ridículo! Estou discutindo com um erro ortográfico!

A Galinha a Rosarinho estufou as penas e estendeu as asas. Ela tinha o coração de um peru, a determinação de um pato e a bravura de um ganso. Erro de grafia ou não, estava pronta para o combate.

– Tudo bem, mas você precisa ficar na minha mochila – Conner falou.

Ele colocou a Galinha a Rosarinho na mochila, deixando o zíper aberto para que o animal pudesse manter a cabeça para fora. Conner encontrou a irmã no convés superior e lhe entregou a mochila dela. Eles se juntaram a Sally Ruiva e ao Almirante Jacobson num barco e foram abaixados até a água. Quando toda a tripulação deixou o *Lhama Áspera*, eles remaram de bote até a margem de Estibórdia.

Os homens de Tião Vela-Tochada não estavam muito atrás. Todos os quinhentos piratas nadavam no encalço da tripulação do *Lhama Áspera*. Era tanta água espirrando que parecia que um cardume de tubarões famintos se dirigia à ilha.

– Todos vocês, me sigam! – Conner ordenou à tripulação. – A fortaleza fica depois dessas árvores!

Alex, Sally Ruiva, o Almirante Jacobson e a tripulação seguiram Conner pelas árvores tropicais. O imediato do almirante levava Aninha Acrobata nas costas para que ela não ficasse para trás. Tirando alguns pássaros e meia dúzia de enormes iguanas, a ilha estava deserta. Eles chegaram a uma clareira no centro da ilha e viram a lendária fortaleza de Estibórdia.

– *Meu Deus!* – disse Sally Ruiva.

– Conner – Alex arquejou –, é impressionante!

Era uma visão de tirar o fôlego, e todos pararam um instante para absorvê-la. A fortaleza era como uma grande pirâmide maia construída inteiramente com destroços de centenas de navios. Para onde quer que olhassem, eles viam mastros, gurupés, velas, pranchas, proas, lemes, cordas, gáveas e bandeiras, tudo aglutinado de modo a formar uma estrutura gigante.

A construção tinha doze andares e parecia um labirinto de escadas, rampas, pontes de cordas, balanços e túneis. Assemelhava-se a uma enorme academia de ginástica selvagem e certamente não era para crianças. A estrutura se erguia sobre

estacas cravadas em um lago raso cheio de pedras pontiagudas e de crocodilos. O único jeito de entrar na pirâmide era por uma escada instável que levava ao primeiro andar.

A tripulação do *Lhama Áspera* subiu os degraus com cuidado e adentrou a fortaleza. O interior estava vazio, e o andar mais baixo oferecia uma perfeita vista dos onze andares acima. Bem no centro da pirâmide, como um lustre, pendia uma pesada rede com doze grandes pedras. Ela era suspensa por uma corrente conectada a um teto cheio de engrenagens e presa por vinte e uma cordas. Espalhadas pelo chão, estavam as zonas seguras em vermelho que Conner mencionara.

– Bem... – disse Alex ao examinar inquieta a fortaleza. – Era como você esperava?

– Superou as minhas expectativas – Conner falou, sem fôlego. – Parece que eu plantei uma semente e tudo isso cresceu.

A tripulação ouviu o farfalhar de árvores do lado de fora da pirâmide. Todos andaram até a borda do primeiro andar e viram o exército de quinhentos piratas de Tião Vela-Tochada surgir na clareira. Os homens eram tão grosseiros e imundos que, perto deles, as piratas de Sally Ruiva pareciam competidoras de um concurso de beleza. Eles estavam encharcados por conta do nado, e, graças às minhocas vermelhas que Alex deixara nas Ilhas Papagaio, suas roupas esfarrapadas estavam manchadas de cocô de pássaro. Depois de uma perseguição pelo Caribe, os piratas estavam prontos para despejar sua agressividade sobre a tripulação do *Lhama Áspera*.

A maioria dos piratas tinha o corpo coberto de tatuagens e alguma perna, dente, olho ou ouvido faltante. No entanto, os apêndices não eram substituídos pelos tradicionais ganchos e pernas de pau, mas por punhais, lâminas e pontas metálicas.

Tião Vela-Tochada se achava no último grupo de piratas a pisar na clareira. Tinha mais de dois metros de altura e uma longa barba em dreadlocks. Seu casaco, chapéu, cinto e botas eram de couro preto. Uma longa espada, proporcional à sua altura, e um revólver de prata pendiam do cinto. Sua aparência era tão intimidadora quanto sua reputação.

O pirata conhecido como Killy Billy se encontrava ao seu lado. Tinha grandes olhos arregalados e cabelo gorduroso. Não usava camisa, e o peito, os braços e as costas eram cobertos de marcas de contagem – cada tatuagem representava alguém que ele matara.

Assim como fizera a tripulação do *Lhama Áspera*, os homens de Tião Vela-Tochada miraram a estrutura com assombro, como se estivessem diante de uma Maravilha do Mundo esquecida.

– O que temos aqui? – disse Tião Vela-Tochada com sua voz grave e áspera. – Parece que a pequena Christine Connelly descobriu Estibórdia.

– Veja: ali no alto! – disse Killy Billy, apontando para a tripulação no primeiro andar da fortaleza. – É a *ladra* e suas bruxas! E elas estão com o Almirante Jacobson e seus cães da marinha!

– Juntaram forças para acabar comigo, é isso? – Tião Vela-Tochada riu. – Vai ser preciso mais do que uma *casa na árvore* para derrotar meus homens.

O medo fez a tripulação do *Lhama Áspera* engolir em seco. Sally Ruiva fez cara de corajosa e riu estrondosamente.

– Ouviram isso? – a capitã perguntou. – Tião Vela-Tochada acha que tem *homens*! É engraçado, porque eu não estou vendo nenhum *homem* aí embaixo; só vejo *porcos*!

Os piratas rugiram de raiva para os homens e mulheres na pirâmide.

– Não se preocupem, rapazes – disse Tião Vela-Tochada. – Vamos colocar a capitã Sally Ruiva em seu devido lugar! Como acontece com qualquer um que rouba de mim, *ela vai terminar no fundo do Atlântico*! ATACAR!

Os piratas precipitaram-se escada acima e invadiram a fortaleza. A tripulação do *Lhama Áspera* se espalhou por todos os andares da pirâmide, e os homens de Tião a perseguiram. O tinir das espadas ecoou pela estrutura quando as mulheres de Sally Ruiva e os homens do Almirante Jacobson bravamente enfrentaram os piratas.

Assim que todos os inimigos entraram na estrutura, Sally Ruiva apontou a pistola para as cordas que sustentavam a rede de pedras e disparou. A rede desceu alguns metros, puxando as engrenagens acima, e a fortaleza ganhou vida.

O funcionamento da pirâmide era mais parecido com o de um relógio do que Conner antecipara. Quando as engrenagens foram puxadas pela rede, todos os doze andares da fortaleza rodaram – os andares pares giraram em sentido horário, e os ímpares, em sentido anti-horário –, e as armadilhas foram ativadas. O primeiro sino tocou, e a tripulação do *Lhama Áspera* correu para as áreas marcadas em vermelho.

Zélia Zarolha e os marinheiros lutavam contra os piratas de Tião no primeiro andar. Eles pisaram nos círculos vermelhos desenhados no chão e observaram os seus oponentes serem tragados por alçapões e desabarem no lago abaixo da fortaleza.

Os crocodilos se dispersaram felizes – aquele conflito ia lhes presentear com a maior refeição que já tiveram.

O segundo andar da pirâmide era cheio de pontes de corda. Os piratas de Tião perseguiam Bárbara Boca-de-Peixe por um lado e Patty Cara-de-Panqueca pelo outro, e as mulheres se encontraram em uma plataforma vermelha entre duas pontes. Quando as armadilhas foram disparadas, as pontes estalaram como grandes estilingues, lançando os piratas para longe da pirâmide.

Paula Pé-de-Chulé e Peggy Perna-de-Pau duelavam com piratas em um longo túnel de madeira entre o terceiro e o quarto andar. Cinco segundos depois do primeiro sino, as mulheres se encolheram num cubo tracejado em vermelho. Uma pedra enorme rolou pelo túnel, derrubando os homens de Tião Vela-Tochada como se fossem pinos de boliche. Ela passou a centímetros das mulheres, sem deixar-lhes nenhum arranhão.

No quinto andar, Aninha Acrobata e o imediato do almirante lutavam cada qual contra oito piratas de Tião. Ambos escorregaram para baixo de uma plataforma vermelha no instante em que blocos de pedra caíram do teto sobre os agressores. Aninha Acrobata quase não chegou a tempo à plataforma – teria perdido as pernas se não tivesse chegado.

Maria Maré-Alta e Gabri Bagre, uma de costas para a outra, enfrentavam piratas numa escada entre o sexto e o sétimo andares. Elas pisaram no único degrau vermelho, e o resto da escada se

achato para se transformar em uma rampa. Os piratas deslizaram por ela e por um tubo que os lançou no lago.

Joana Tanajura, que havia virado no lugar errado no oitavo andar, estava cercada por piratas. O chão era de azulejos, e ela suspirou de alívio ao olhar para baixo e se ver sobre o único azulejo vermelho. Estacas afiadas se projetaram do chão e perfuraram os pés dos piratas, que saíram saltitando de dor. Infelizmente, o traseiro de Joana Tanajura era maior do que o azulejo, e uma de suas nádegas foi arranhada por uma estaca.

No nono andar da pirâmide, Suzy Sereia corria de piratas que disparavam com seus rifles contra ela. Ela se jogou atrás de uma porta vermelha bem na hora em que uma avalanche de toras varreu o andar. Os piratas foram derrubados e rolaram para fora da pirâmide junto com as toras.

Isa Não-Bela e Ronda Runzeira vagavam pelo décimo andar à procura de algum lugar seguro para se esconder. Desatentas, caíram num alçapão e pararam numa jaula. Não era o lugar ideal para se estar, mas as mulheres julgaram que era seguro o bastante. As duas dividiram uma garrafa de rum enquanto observavam os amigos enfrentando os piratas.

O chão do décimo-primeiro andar era coberto de tábuas instáveis que giravam, oscilavam ou simplesmente quebravam quando pisadas. Sally Ruiva e o Almirante Jacobson duelaram com os piratas de Tião ao mesmo tempo que tentavam manter o equilíbrio nas tábuas estáveis, pintadas de vermelho. Para piorar, o décimo-primeiro andar ainda contava com grandes lâminas balançantes, as quais a capitã e o almirante precisavam evitar. As lâminas cortaram os piratas de Tião e os lançaram para fora da pirâmide.

Do décimo-segundo e último andar da pirâmide, Alex e Conner assistiam à batalha travada nos andares inferiores entre a tripulação do *Lhama Áspera* e os piratas. Conner ouviu um chacoalhar no fundo da mochila e descobriu que a Galinha a Rosarinho botara alguns ovos ali. A empolgação tinha sido demais para ela.

– Acabou a coragem, né? – disse Conner.

A Galinha a Rosarinho baixou a cabeça, envergonhada. Os gêmeos jogaram os ovos nos piratas embaixo, que escorregaram e

caíram para fora da estrutura. Isso chamou a atenção de Killy Billy, que subiu até o décimo-segundo andar levando consigo uma gangue de piratas.

– Ora, ora, criancinhas – o pirata falou. – Vejam só, tenho espaço no meu braço direito para duas novas vítimas!

– Vá passear na prancha curta! – Conner gritou.

Killy Billy e os piratas perseguiram os gêmeos pelo topo da fortaleza. Quando chegaram ao flanco sul, o chão desabou. Os gêmeos viram barras vermelhas acima e se agarraram a elas para não cair. Infelizmente, Killy Billy e os piratas também as viram e se penduraram. Eles se deslocaram de barra em barra até os gêmeos e tentaram derrubá-los.

A Galinha a Rosarinho voou da mochila de Conner e começou a bicar os dedos de um dos piratas até que ele soltasse as barras. Então, foi para o próximo pirata. Logo, Killy Billy era o único restante. Ele manteve uma mão na barra e pegou a espingarda com a outra. Alex o olhou feio, e todas as marcas de contagem em sua pele magicamente se transformaram em carrapatos. Os parasitas o picaram, e ele berrou. Acabou soltando as barras e caindo no lago. Os crocodilos mergulharam atrás de Killy Billy, que nunca voltou à superfície.

Alex e Conner se balançaram pelas barras até o chão sólido. A Galinha a Rosarinho voltou para a mochila de Conner e cacarejou vangloriosamente.

– Tudo bem, você se redimiou – disse Conner. – Não deixe isso subir à cabeça. Ninguém gosta de galinhas que cantam de galo.

A cada trinta segundos, outro sino tocava, outra corda se partia, e a tripulação do *Lhama Áspera* encontrava outra zona vermelha para se proteger das armadilhas da pirâmide. Os piratas de Tião Vela-Tochada não tinham a mesma sorte. Tombavam em torno da fortaleza como moscas. Logo estavam reduzidos à metade do tamanho original, então a um quarto, e então os números das tripulações de Tião Vela-Tochada e do *Lhama Áspera* eram iguais. Naquele ritmo, não demoraria para que os homens de Tião estivessem em menor número.

Tião Vela-Tochada não se importava com seus piratas tanto quanto se importava com a vingança. Ele foi abrindo caminho pela estrutura, evitando cuidadosamente as armadilhas e dirigindo-se para Sally Ruiva.

Quando onze das vinte e uma cordas tinham rompido e a pirâmide estava na metade do plano, todas as armadilhas pararam, e as áreas em vermelho deixaram de ser zonas seguras. Em vez disso, as plataformas, os compartimentos e os azulejos vermelhos começaram a transportar os membros da tripulação do *Lhama Áspera* para os vários andares da fortaleza.

Zélia Zarolha foi catapultada do primeiro para o terceiro andar por uma mola oculta no chão. Suzy Sereia caiu em um escorregador no nono andar que a cuspiu no sétimo. As plataformas em que Maria Maré-Alta e Gabri Bagre estavam eram conectadas e viraram uma gangorra; Maria Maré-Alta descendeu para o andar abaixo, e seu peso mandou Gabri Bagre para o andar acima.

Alex e Conner se achavam sobre uma saliência vermelha que de repente despencou e os despejou num carrinho. O carrinho avançou por uma pista escondida, e os gêmeos tiveram a sensação de estar numa montanha-russa. Eles derrubaram e empurraram todos os piratas e cumprimentaram os tripulantes do *Lhama Áspera* no caminho.

No décimo-primeiro andar, Sally Ruiva e o Almirante Jacobson corriam por uma ponte de madeira que de repente despencou dois andares e balançou, presa por correntes. Como um elevador enguiçado, a cada trinta segundos a ponte descia mais dois andares. A capitã e o almirante pulavam da ponte, ajudavam a tripulação a combater os piratas restantes e então voltavam a pegar carona na ponte rumo aos andares inferiores.

Aquele elemento de surpresa era exatamente o que a tripulação do *Lhama Áspera* precisava para derrotar os piratas remanescentes da frota de Tião Vela-Tochada. Os piratas perderam a noção de onde estavam os homens e mulheres com quem duelavam, o que os deixou confusos e mais vulneráveis. Àquela altura, havia menos de cinquenta piratas de Tião na fortaleza. Com medo de terminar no

lago ou numa armadilha, eles fugiram da fortaleza e desapareceram na mata.

O *Lhama Áspera* tinha conseguido reduzir a nada a tripulação de Tião Vela-Tochada, contudo ainda não havia motivo para celebrar. O próprio Tião não se achava em lugar nenhum.

Quando a ponte que levava a capitã e o almirante chegou ao quinto andar, Tião Vela-Tochada surgiu do nada e pulou na ponte com a espada em punho.

Sally Ruiva e o Almirante Jacobson lutavam contra o pirata ensandecido enquanto a ponte oscilava e girava violentamente no ar. Cada um dos três precisava manter uma mão no corrimão para não ser lançado para longe.

A tripulação do *Lhama Áspera* observava horrorizada conforme a ponte descia pelo centro da pirâmide – mas não havia nada que pudessem fazer. O carrinho dos gêmeos chegou ao primeiro andar e deslizou pelo chão. Eles escaparam por pouco de serem esmagados pela ponte quando esta desabou.

A espada de Tião Vela-Tochada se torceu na queda, e ele a jogou para o lado. O enorme pirata pegou Sally Ruiva pelo casaco e a lançou ao chão. O Almirante Jacobson investiu contra ele com a espada erguida acima da cabeça. Tião Vela-Tochada rapidamente tirou a espingarda do cinto e deu um tiro bem no peito do almirante.

– *Não!* – gritou Alex.

– *Almirante!* – o imediato berrou.

Os olhos de Jacobson se fecharam, e ele caiu no chão. Tião Vela-Tochada virou-se e apontou a espingarda para Sally Ruiva. Alex tentou pensar em algo mágico para salvar a capitã, mas estava tão atordoado que teve um branco.

– Últimas palavras, *Christine?* – Tião Vela-Tochada rosnou.

– Sim – disse Sally Ruiva. – *No vermelho, você vive.*

O último sino soou. Tião Vela-Tochada olhou para o chão e notou que tinha jogado Sally Ruiva em uma área tracejada em vermelho. A última corda se rompeu, e, no instante em que Tião Vela-Tochada ergueu os olhos, a pesada rede de rochas caiu sobre ele. A fortaleza de Estibórdia tinha finalizado o serviço.

O silêncio era tal que os tripulantes do *Lhama Áspera* conseguiam ouvir o coração uns dos outros. Todos os olhos voltavam-se para o almirante abatido. Os tripulantes presumiram que a capitã estava em choque, já que ela apenas olhava para o corpo do Almirante Jacobson como se ele fosse se levantar a qualquer momento.

Lágrimas rolavam pelas bochechas de Alex, que mergulhou o rosto no ombro do irmão.

– É tão triste – disse ela. – Nem consigo olhar.

Conner afagou as costas da irmã e observou os homens e as mulheres, todos arrasados, espalhados pela construção. Contraiu os lábios para esconder um sorriso. Havia algo que ele sabia e os demais não.

O Almirante Jacobson de repente se sentou e soltou um arquejo alto que sobressaltou todos na pirâmide. Puxou uma corrente de ouro em torno do pescoço e tirou o Coração do Caribe de baixo da camisa. A bala fora detida pelo grande rubi.

– Ai! – disse o almirante, esfregando o peito. – Mesmo assim, isso realmente doeu!

No que tocava a todos, aquilo era um milagre! A fortaleza vibrou com os vivas de gratidão da tripulação. Quando Alex viu o irmão sorrindo, deu-lhe um soco no peito.

– Você sabia o tempo todo que isso ia acontecer, não sabia? – ela perguntou. – Sabia que o almirante ia sobreviver e simplesmente nos deixou pensar que ele tinha sido morto! Você brincou com as nossas emoções só para se divertir!

A acusação raivosa da irmã o fez rir com tanta força que ele mal conseguia respirar.

– Desculpe, mas eu queria ver a reação de vocês ao fim da história – Conner confessou. – O fato de que vocês ficaram tão envolvidos com os personagens e não desconfiaram da surpresa significa que eu fiz alguma coisa certa, *certo*?

Alex estava tão zangada com o irmão que lhe deu as costas e se afastou alguns passos para se acalmar. Sally Ruiva se levantou e ajudou o almirante a ficar de pé.

– Você não está contente por eu ter lhe dado meu coração? – ela perguntou.

– Salvou a minha vida duas vezes – disse o Almirante Jacobson.

A capitã e o almirante beijaram-se apaixonadamente, e a tripulação do *Lhama Áspera* assobiou e gritou para os pombinhos.

– Conseguimos! – Sally Ruiva declarou. – Derrotamos Tião Vela--Tochada e sua frota! Seu reino de terror no Caribe chegou ao fim!

Os homens e as mulheres deram vivas ainda mais sonoras do que antes. Abraçaram-se e ergueram as armas. Isa Não-Bela e Ronda Runzeira, dentro da jaula, ergueram a garrafa.

– E, como o comandante Bailey nos ajudou com tamanha generosidade e bravura, precisamos retribuir o favor – o almirante acrescentou.

Os tripulantes do *Lhama Áspera* ficaram em silêncio e deixaram os ombros caírem. Após derrotar o mais temido pirata do oceano, eles queriam férias.

– Como chegamos lá? – perguntou Sally Ruiva. – Espero que não seja velejando em círculos para a *esquerda*.

Conner sacou o fichário de contos da mochila e o colocou no chão. Abriu-o nas páginas brilhantes de “Estibórdia”, e o fecho de luz iluminou a fortaleza.

– É bem mais simples do que isso – ele disse. – Basta pisarmos nesse fecho de luz e chegamos lá rapidinho.

As piratas e os marinheiros fitaram com receio o livro brilhante. Sua capitã e seu almirante lhes acenaram com a cabeça de modo tranquilizador, mas mesmo eles estavam um pouco apreensivos. Conner deu um tapinha nos ombros de Alex.

– Você está pronta para ir para casa, ou vai ficar mais um pouco fazendo bico? – perguntou, com um sorriso matreiro.

Alex se esforçou para não sorrir de volta, mas, após um instante, não resistiu.

– Ok. Você venceu – ela disse. – Você tem razão, eu não teria ficado tão transtornada se não tivesse dado tanta importância aos personagens. É a prova de que é um bom texto, e você deveria ficar satisfeito. Eu esqueci completamente que estávamos dentro da sua história. Por alguns instantes, eu acreditei com todo o meu coração que estávamos vivendo... vivendo...

– O quê?

– Bem... – Alex riu. – *Uma aventura de piratas.*



CAPÍTULO 11



Maldições

O Homem Mascarado cambaleava pelas Florestas dos Anões tão rapidamente quanto os ferimentos permitiam. Viajar sozinho pelas florestas já era motivo para se preocupar, mas, com a criatura mitológica à solta, as espessas árvores eram ainda mais intimidadoras ao Homem Mascarado. Ele segurava o revólver do Capitão Gancho com firmeza e se jogava atrás de alguma árvore sempre que ouvia um barulho por perto.

Seguiu um rio até as profundezas da floresta, até que o curso de água se dividiu no Riacho do Homem Morto. O Homem Mascarado mancou ao longo da margem e, ao anoitecer, chegou ao local onde antes ficava a Poção das Bruxas. A taverna já não passava de uma pilha de ruínas, e aproximadamente cem bruxas se espalhavam pelo riacho.

O Homem Mascarado se escondeu atrás de uma árvore e examinou a área à procura do filho. Apesar de nunca tê-lo vis-to, supôs que seria fácil localizá-lo entre a multidão de mulheres em andrajos.

Como o resto do mundo, as bruxas de todos os reinos tinham sido expulsas de suas casas pelo Exército Literário. Elas fugiram para a floresta e montaram um acampamento perto de seu antigo quartel-general, construindo cabanas a partir dos destroços da taverna. As bruxas se achavam tranquilamente sentadas em grupos em volta de fogueiras e de caldeirões. Batiam papo e folheavam antigos livros de poções como se fossem revistas.

Sempre que uma fogueira começava a morrer, Carvolina escarrava um catarro flamejante para reacendê-la. Tarantulena, que havia feito uma grande teia entre as árvores, devorava os morcegos e as formigas que ficavam presos nela. A longa língua de Serpentina catava os besouros que andavam pela pele de casco de árvore de Arboris, importunando-a imensamente. Rata Maria

encarava e silvava para os doze gatos que outra bruxa trouxera de casa.

Acima da pilha de destroços, dois tronos haviam sido construídos. A notória Bruxa do Mar ocupava um assento feito de corais multicoloridos enquanto supervisionava o acampamento; ela acariciava seu choco de estimação, imerso numa tigela de água salgada pousada no braço da cadeira. O segundo trono, ao lado da Bruxa do Mar, era feito integralmente de gelo que nunca derretia, porém estava vazio.

Morina se encontrava no limite do acampamento, apoiada contra uma árvore, afastada das outras bruxas. Ela fitava com desdém as mulheres à sua volta. Não via a hora de passar para o Outromundo e se livrar delas. A bruxa de chifres observava a lua como a um relógio, contando as horas para colocar seu plano em ação.

O Homem Mascarado examinou a área inteira em busca de uma criança até finalmente divisar um garotinho acorrentado à árvore em que Morina se apoiava. O garoto observava com olhos arregalados e aterrorizados o campo de bruxas, como se houvesse despertado dentro de um pesadelo. O Homem Mascarado tinha a expectativa de que o filho se parecesse com ele, mas Emmerich não tinha nada a ver com o pai. A pele clara, as bochechas rosadas e o cabelo escuro eram características da mãe.

– Ele é a cara de Bo Peep – o Homem Mascarado sussurrou para si próprio.

Ao contrário de um pai normal, não se encheu de orgulho ou ternura ao ver o filho pela primeira vez, mas apenas de avidez com uma possível oportunidade. Tudo o que precisava fazer era tirar Emmerich da mão das bruxas – só não sabia como ou quando.

Um súbito frio tomou o ar da floresta, e todas as bruxas pararam o que estavam fazendo e se viraram para o norte. Uma onda de gelo correu pelo Riacho do Homem Morto e congelou a água. Elas ouviram sinos distantes, e, um pouco depois, a lendária Rainha da Neve apareceu em um trenó branco puxado pelo rio por dois monstruosos ursos polares.

Emmerich ficou tão assustado com os ursos que fechou os olhos e virou o rosto para o outro lado. O trenó parou no centro do

acampamento. Arboris e Serpentina ajudaram a Rainha da Neve, cega, a descer. Ela usava um longo cristal de gelo como bengala. Levantou um saco branco e exibiu os dentes serrilhados num enorme sorriso.

– Encontrei! – a Rainha da Neve anunciou orgulhosa. – Encontrei o pó!

As bruxas não pareceram dar muita bola, mas não ousaram demonstrar isso. Já Morina não poderia carregar uma expressão menos impressionada.

– *Pó?* – ela perguntou. – Você viajou até as Montanhas do Norte para trazer *pó*?

A Rainha da Neve rosnou e apontou a bengala na direção do som da voz de Morina, dizendo:

– Para uma pessoa tão obcecada com o futuro, você não sabe nada do passado. O que está dentro desta bolsa vai garantir a nossa conquista do Outromundo.

Morina grunhiu e falou:

– Por favor, *edifique-me*. O que tem na bolsa?

As demais bruxas, também curiosas, se juntaram em torno da Rainha da Neve, que contou:

– Muitos anos atrás, antes de haver bruxas e antes de haver fadas, o mundo era habitado por anjos e demônios. Os demônios criaram um espelho mágico que transformava o reflexo de algo agradável em algo abominável e grotesco. O espelho mostrava os humanos como monstros horrendos e as paisagens como desertos. Os demônios se jubilaram tanto em torturar o mundo que decidiram atormentar os anjos com o espelho e o mandaram ao céu.

“No caminho dos demônios ao céu, o mal que morava dentro do espelho ficou tão empolgado que começou a rir. Quanto mais perto do céu eles chegavam, mais intensamente o espelho ria, até que começou a vibrar e a rachar. Quando os demônios chegaram às portas do céu, o espelho, de tão contente, explodiu em milhares e milhares de peças que choveram sobre a terra como *pó*. A maior parte das pessoas evitou o pó, mas outras não tiveram a mesma sorte. As pessoas em cujos olhos o pó caiu nunca mais viram algo agradável, mas apenas os defeitos e as feiuras de tudo. Outras

respiraram o pó, e seus corações se encheram de ódio, raiva e ciúme.

“Depois de séculos mandando tempestades aos reinos, coletei as partículas que restavam. Meus flocos de neve limpavam o ar e a terra e levaram as partículas do pó às Montanhas do Norte por meio da evaporação.”

As bruxas estavam hipnotizadas pela história, mas Morina permanecia fleumática.

– E *para que* precisamos desse pó?

A Bruxa do Mar desceu da pilha de destroços para se juntar às outras bruxas.

– A Rainha da Neve e eu usamos o pó para amaldiçoar Ezmia, a Feiticeira – silvou. – Bem antes de se tornar a temível Feiticeira, Ezmia foi aprendiz da falecida Fada Madrinha. A preferência provocou ciúme nas demais fadas, e a pobre Ezmia era frequentemente excluída e ficava desolada. Muitas vezes, ela ia para as profundezas da floresta para se afastar das fadas e chorar. Ezmia sempre encontrava a mesma árvore e chorava em suas raízes como se fossem o ombro de um amigo. Chorava tanto que as lágrimas regavam a árvore, que cresceu mais do que todas as outras árvores da floresta.

“Quando isso passou a ser rotina para Ezmia, a Rainha da Neve e eu cobrimos as raízes da árvore com o pó do espelho mágico. Um dia, soluçando, ela respirou uma partícula. Imediatamente, sua dor, sua tristeza e sua solidão se aguçaram. O desejo de tornar-se a próxima Fada Madrinha e ajudar as pessoas foi substituído pelo desejo de vingar-se e de provocar dor naqueles que lhe tinham feito mal.”

Um frio percorreu a espinha das bruxas ao recordarem o aterrorizante reinado da Feiticeira no mundo dos contos de fadas.

– Demos a Ezmia os passos para criar um portal para o Outromundo – disse a Rainha da Neve. – Quando dominasse os sete pecados capitais e tivesse controle sobre o passado, o presente e o futuro deste mundo, ela manifestaria um portal. Nosso plano era viajar para o Outromundo, soltar a Feiticeira e tomá-lo de

assalto! Infelizmente, ela foi morta antes que o portal estivesse concluído.

– Bem, sorte a nossa – Morina falou. – Graças à *minha previsão*, sabemos que um portal se formará entre os mundos, o que nos poupará do trabalho de construir o nosso próprio portal.

Carvolina deu um passo à frente e curvou-se diante da Bruxa do Mar e da Rainha da Neve antes de falar:

– O seu plano atual é amaldiçoar Alex Bailey com o pó e soltar a *própria Alex* no Outromundo? – Imediatamente após perguntar, ela deu um passo para trás para se reunir às outras.

– Exato – a Rainha da Neve confirmou. – Entretanto, já tentamos amaldiçoar Alex com o pó. Ela enveredou por um caminho de destruição que levou à demolição da Poção das Bruxas e à sua saída do Conselho das Fadas, mas o efeito não durou muito. Alex é neta da Fada Madrinha e filha dos dois mundos. A mágica nela é muito forte. Será necessário mais do que uma partícula.

– Quanto pó *ssserá necessssário*? – perguntou Serpentina.

– Um punhado deve bastar – a Bruxa do Mar afirmou.

Morina revirou os olhos e perguntou:

– Será que o seu pó não passou da validade?

A Bruxa do Mar estava começando a se irritar com a atitude desrespeitosa de Morina. Estalou as garras e partiu para cima dela, mas a Rainha da Neve ergueu a bengala para impedi-la.

– Veja você mesma – disse a Rainha da Neve.

Ela abriu a bolsa e as bruxas espiaram dentro. O pó do espelho mágico se assemelhava a areia prateada. Com sua longa unha congelada, a Rainha da Neve tirou uma partícula e a soprou na direção dos ursos polares. Um deles a inspirou pelas largas narinas, e seus olhos ficaram vermelho-vivos. Sem nenhum motivo, o urso começou a surrar incontrolavelmente o outro.

Teve início uma luta violenta entre os ursos polares, e as bruxas rapidamente se afastaram. A Rainha da Neve e a Bruxa do Mar cacarejavam diante dos animais beligerantes. A Rainha da Neve assobiou para os ursos, que se sentaram eretos, resistindo ao ímpeto de brigar.

– Ainda não estou convencida de que isso vai funcionar – disse Morina. – Ainda que Alex se torne tão perigosa quanto a Feiticeira e subjugué o Outromundo para nós, o que vai impedi-la de lançar sua fúria contra nós?

Todas as outras bruxas concordaram com a cabeça. A questão de Morina fazia sentido.

– Exatamente como você, Morina – a Bruxa do Mar falou –, o pó ainda pode melhorar. Juntas, com a mágica de todas as bruxas aqui presentes, vamos lançar um encanto sobre o pó para que, uma vez no sistema de Alex, ele nos permita controlar cada movimento dela.

A Rainha da Neve apontou a bengala para o chão, e um grande caldeirão de gelo surgiu. Ela derramou o pó no caldeirão.

– Senhoras, por favor, juntem-se a nós – disse a Bruxa do Mar.

A Bruxa do Mar e a Rainha da Neve deram as mãos sobre o caldeirão, e o pó começou a brilhar. Uma a uma, as demais bruxas também ergueram as mãos na direção do caldeirão. A cada nova mão, a luz se tornava mais brilhante. Morina era a mais cética e foi a última a aderir. Quando todas as bruxas se uniram, um poderoso encanto foi lançado. O som ensurdecedor de mil gritos emanou do pó e ecoou pela floresta.

– Está feito – disse a Bruxa do Mar. – Agora precisamos encontrar a menina.

A Rainha da Neve tirou o pano que cobria seus olhos, e as órbitas vazias se acenderam como trens em túneis escuros. Previu onde estava a jovem fada, e, assim que a resposta lhe veio, as luzes desapareceram e ela recolocou o pano sobre os olhos.

– Ela já está no Outromundo – disse. – Uma de nós precisa viajar para lá e providenciar que ela coma o pó.

As bruxas se entreolharam, mas não houve voluntárias. Embora Morina odiasse seguir qualquer ordem que não viesse dela própria, sabia que era a melhor candidata para o trabalho. Além disso, o seu plano de trair as demais bruxas só funcionaria se o plano delas de conquistar o Outromundo funcionasse primeiro. Se Morina as ajudasse com isso, elas nunca suspeitariam de nada.

– Eu vou – Morina afirmou.

– Você? – perguntou Rata Maria. – Prefiro confiar numa *fada* a confiar em você.

– Olhe em volta, sua roedora. Eu sou a única bruxa que teria alguma chance de se misturar no mundo dos humanos. Além disso, viajei para lá quando capturei o filho do Homem Mascarado. Sei a localização de um portal e como usá-lo.

O argumento de Morina era bom, e as bruxas não discutiram mais. Voltaram-se para a Bruxa do Mar e para a Rainha da Neve e deixaram que as anciãs decidissem.

– Muito bem – disse a Rainha da Neve.

– Quanto tempo até que se abra o portal entre os mundos? – a Bruxa do Mar indagou.

– Uma quinzena – disse Morina. – Não terei tempo de voltar; vou encontrá-las do outro lado do portal. Ele vai se abrir na clareira das três rochas. Leva a uma cidade grande do Outromundo. Vou viajar até lá agora e infectar Alex com o pó. E estarei lá quando vocês chegarem.

– Não nos decepcione – a Rainha da Neve falou.

Com as garras, a Bruxa do Mar tirou o pó do caldeirão e o devolveu ao saco branco. Um pouco contra a vontade, passou-o a Morina, que disse:

– Vejo vocês todas do outro lado.

Ela cobriu os chifres com o capuz e partiu para longe do Riacho do Homem Morto. Caminhava com tanta determinação que passou bem ao lado do Homem Mascarado e não o notou.

Para que o plano de vingança do Homem Mascarado funcionasse, ele precisava de uma passagem para o Outromundo tanto quanto precisava do filho. Olhou para Morina e depois para Emmerich e decidiu seguir a bruxa agora e voltar para pegar o menino depois. Seguiu Morina tão silenciosamente quanto possível.

A Bruxa do Mar ainda tinha reservas quanto a confiar a tarefa a Morina.

– E se ela nos trair? – perguntou.

Os lábios azuis da Rainha da Neve se torceram num sorriso sinistro, e um riso áspero surgiu do fundo de sua garganta.

– Morina vai *tentar* nos trair, mas vai falhar – disse. – Quando Alex Bailey estiver sob o poder do pó, nada vai detê-la. *Nada!*

Essas palavras assustaram Emmerich mais do que qualquer coisa desde que fora raptado. Ele sussurrou para si mesmo e rezou para que Alex o escutasse onde quer que ela estivesse:

– *Elas estão indo atrás de você... Elas estão indo atrás de você...*



CAPÍTULO 12



Um navio na piscina de Sycamore Drive

As Abraçadoras de Livros levaram três dias para encontrar o endereço atual de Conner, na Sycamore Drive. Em defesa delas, a família Bailey havia se mudado duas vezes nos últimos quatro anos, o que tornava mais difícil rastreá-la. Após acampar em frente à casa anterior, as meninas atormentaram os residentes atuais até que eles lhes dessem o novo endereço dos Bailey.

As quatro adolescentes percorriam determinadas a Sycamore Drive até a casa de Bob e Charlotte. As Abraçadoras de Livros tinham se incumbido da missão de, finalmente e de uma vez por todas, denunciar os gêmeos Bailey. Uma bolsa com gravadores e uma câmera Polaroid pendia do ombro de Mindy. Assim que elas juntassem indícios o suficiente, sua reputação questionável seria limpa, e cada funcionário da escola, policial e autoridade da comunidade lhes deveria profusas desculpas.

Era uma tarefa eletrizante e enervante, e o coração das meninas batia com força conforme elas percorriam a rua. Wendy, um pouco empolgada demais, precipitava-se de poste em poste e de caixa de correio em caixa de correio como uma agente secreta.

– Wendy, pare com isso! – Mindy ordenou. – Você vai chamar atenção. Nós temos de agir com *naturalidade*!

A ansiedade era tão grande que as Abraçadoras de Livros já não lembravam de como se agia *naturalmente*. Cindy caminhava mais empertigada do que o normal e acenava para qualquer morador como se estivesse num desfile. Lindy movia os braços e girava a cabeça como um personagem de desenho animado. Wendy saltitava agressivamente e começou a suar.

– *Naturalidade demais!* – disse Mindy. – Lindy, falei para trazer seu cachorro! Nós passaríamos mais despercebidas se estivéssemos passeando um Basset Hound.

– Mas Angela Lansbury tem artrite nas patas – Lindy falou. – Ela precisa ser arrastada num skate! Isso chamaria ainda mais atenção!

– Está bem, está bem, se não podemos andar clandestinamente, vamos andar rápido. Quanto antes sairmos da visão do público, melhor.

Por “público”, Mindy se referia a um senhor de idade que regava o jardim, duas crianças que jogavam basquete e um gato com sobrepeso que tirava uma soneca na varanda. Nenhum dos moradores estava prestando atenção nas Abraçadoras de Livros, muito menos suspeitando delas.

– Lá está! – disse Cindy, apontando para uma das casas. – É a casa do Conner!

Pareceu que Cindy tinha apontado para uma cobra venenosa, pois todas as Abraçadoras de Livros se esbarraram.

– Lembrem-se – Mindy observou –, se alguém nos pegar, estamos aqui por causa de um trabalho para a escola.

Não tão *clandestinamente*, elas percorreram na ponta dos pés a entrada de carros da casa e, engatinhando, atravessaram o leito de flores. Logo se arrependeram dos shorts e da camiseta de mangas curtas, pois os espinhos das rosas arranhavam seus braços e pernas. Mas não havia como voltar. Em seguida, elas lentamente se ergueram e espiaram pela janela.

Viram Charlotte Gordon passando o aspirador na sala de estar. A casa estava impecável, mas mesmo assim ela a limpava com vontade, como se a casa estivesse coberta por uma sujeira que só a mulher enxergava. Fazia dois dias e meio que os filhos de Charlotte tinham viajado para o conto de Conner, e, sem notícias deles, limpar era uma terapia para a sensação de impotência dela.

O fichário de contos de Conner ainda se achava no mesmo ponto do chão em que o garoto o deixara. Charlotte, com medo de estragar alguma coisa, não o movia, apenas limpava cuidadosamente em volta do objeto.

– Querida, por que você não se senta um pouco? – perguntou Bob, no sofá.

– Agora não, estou me distraindo dos meus pensamentos – Charlotte falou por cima do barulho do aspirador.

Bob se levantou e puxou a tomada, mas isso não deteve a esposa, que então passou pano em todas as superfícies, afofou

todas as almofadas e endireitou todos os assentos do sofá.

– Se estressar não vai adiantar – Bob falou. – Tenho certeza de que vai ficar tudo bem com eles. Só devem estar demorando mais do que pensavam para rastrear Natty Turva, ou seja lá como era o nome dela.

– Eu sei – disse Charlotte, suspirando. – Queria ser capaz de lidar com isso tão bem quanto eles. Mães são treinadas para parir os filhos, cuidar deles, desenvolver suas habilidades motoras, sua autoestima... Não para *parar de se preocupar com eles!* Dizem que o parto é a pior parte, mas é só o começo do sofrimento!

Charlotte se prostrou no sofá. Bob se sentou ao seu lado e passou o braço em volta da esposa.

– Detesto ter de dizer isso, mas é o preço que você paga por ter criado dois jovens adultos maravilhosos, inteligentes e responsáveis – disse.

– Eu quase gostaria que eles não fossem tão independentes. Seria bom se eles precisassem *da mãe* de vez em quando. Talvez assim eu os visse mais vezes.

O fichário de repente se abriu sozinho, e o facho de luz projetou-se dele. Um instante depois, a cabeça de Conner assomou no facho e espiou a sala de estar. A visão da cabeça flutuante de Conner fez as Abraçadoras de Livros se agitarem no leito de flores. Uma cobriu a boca da outra para que seus gritos não fossem ouvidos.

– Oi, gente! – Conner cumprimentou alegremente a mãe e o padrasto. – Boas novas! Achamos as piratas!

– Maravilha! – disse Charlotte. – Eu estava tão preocupada! Por que vocês demoraram tanto? Foi tudo bem?

– Foi tudo ótimo! – Conner riu. – De fato, não poderia ter sido *melhor*. Só demoramos um pouco mais do que esperávamos para encontrar Sally Ruiva.

– Ah, *Sally Ruiva*, é esse o nome! – Bob disse. – Viu, Charlotte? Falei que ia ficar tudo bem.

– Podemos trazer as piratas para cá? – perguntou Conner.

– Só um instante – disse Charlotte. Ela foi até a varanda, pegou o capacho de boas-vindas e o posicionou ao lado do fichário.

– Fale para limparem os pés. Acabei de passar o aspirador.

Conner fez que sim com a cabeça e retornou ao mundo de Estibórdia para uma breve palavra aos tripulantes do *Lhama Áspera*:

– Lembrem o que eu falei para vocês dizerem se a minha mãe perguntar sobre Estibórdia?

As piratas e os marinheiros repetiram em uníssono o que tinham ensaiado:

– *Foi moleza. Nada de remotamente perigoso aconteceu.*

– Perfeito. Agora entrem no facho e limpem os pés no capacho. Minha mãe acabou de passar o aspirador.

As piratas e os marinheiros ficaram confusos. O que era “passar o aspirador”?

Um a um, os tripulantes do *Lhama Áspera* seguiram Conner pelo facho de luz e entraram na casa. Sem saber o que esperar, as piratas chegaram com as armas em punho, o que quase matou Charlotte e Bob do coração.

– Acalmem-se todos! – Conner ordenou. – Vocês estão seguros aqui!

A sala de estar logo ficou abarrotada dos personagens de “Estibórdia”, que examinavam absolutamente embasbacados a mobília, a decoração e as lâmpadas. Era o lugar mais extraordinário no qual já haviam estado.

As Abraçadoras de Livros estavam com a câmera e os gravadores em mãos, porém ficaram tão atônitas com o surgimento das piratas que deixaram os aparelhos caírem e simplesmente ficaram olhando, chocadas.

– É como se tivéssemos pisado no século XIX! – o Almirante Jacobson falou.

– Na verdade, este é o século XXI – disse Bob.

– Este aposento é muito elegante – Zélia Zarolha observou. – É a morada de uma família real?

– Não... Mas obrigada – disse Charlotte. – É impressionante como algumas almofadas jogadas e uma bela poltrona transformam uma sala.

Suzy Sereia estava hipnotizada pelas fotografias emolduradas acima da lareira.

– Comandante Bailey, esses pequenos retratos de você e sua irmã são tão detalhados! – disse. – O seu rosto era tão redondo quando você era mais novo.

– Isso se chama *foto da turma da escola* – Conner explicou. – E foi um pouco antes de eu ter um surto de crescimento.

Peggy Perna-de-Pau encarava o teto aterrorizada.

– Que espécie de instrumento de tortura é *aquilo*? – perguntou, apontando a espingarda.

– É só um ventilador de teto – disse Conner. – Pode ficar tranquila, ele não vai lhe fazer mal.

As piratas e os marinheiros se separaram para explorar a casa. Quicaram nos colchões, ligaram e desligaram todas as luzes, jogaram água da privada na cara e ligaram e desligaram os aparelhos da cozinha.

– Encontrei um armário frio como o inverno! – Ronda Runzeira anunciou. – E ele está cheio de frutas, de vegetais, de líquidos coloridos!

– É a geladeira, Ronda. Não mexa nela! – Conner avisou. – Não mexam em nada sem perguntar primeiro!

Charlotte e Bob observavam nervosos a tripulação conforme esta invadia e inspecionava cada canto da casa. Eles não sabiam qual pirata ou marinheiro seguir, já que claramente todos precisavam de supervisão.

– Conner, só temos um quarto de hóspedes – disse Charlotte. – Onde seus amigos vão dormir?

– Não se preocupe, nenhuma das piratas e nenhum dos marinheiros vai dormir dentro de casa.

Conner falou aquilo como se fosse trazer alívio, mas apenas deixou a mãe mais preocupada. Quando Charlotte ia pedir mais detalhes, distraiu-se com Alex, que de repente escalou para fora do fecho de luz.

– Oi, mãe! Oi, Bob! – ela falou, em seguida olhando para o irmão. – Conner, estamos prontos!

Alex se inclinou para trás e desapareceu. Conner foi até a janela e deu uma boa olhada na grande piscina do quintal dos fundos.

– Ei, Bob, qual é a profundidade da piscina? – perguntou.

Bob ergueu os ombros e falou:

– Três, talvez quatro metros. Por quê?

Conner não respondeu; imediatamente pegou o fichário e correu para o quintal. As Abraçadoras de Livros se levantaram de um pulo e correram para o outro lado da propriedade, espiando o quintal por entre as tábuas e por buracos na cerca. Conner ficou na beira da piscina e apontou o fecho de luz do fichário diretamente para a água.

– Manda ver, capitã!

Bob e Charlotte juntaram-se a Conner bem a tempo de ver o *Lhama Áspera* emergir do fichário e pousar na piscina. Charlotte e Bob gritaram e se agarraram. O pouso jogou metade da água para fora da piscina, encharcando Conner e os pais.

Foi demais para as Abraçadoras de Livros. As quatro meninas desmaiaram ao mesmo tempo e caíram empilhadas atrás da cerca.

– *Charlotte* – Bob disse baixinho, em choque –, *tem um navio pirata na nossa piscina...*

– Desculpe – disse Conner. – A capitã não quis de jeito nenhum deixar o navio sozinho. Mas a boa notícia é que as piratas moram nele, então vocês não precisam se preocupar com elas dormindo na casa.

– *Certo* – Charlotte falou, com os olhos arregalados. – *Nada com que me preocupar.*

Se o *Lhama Áspera* fosse um tiquinho maior, não teria cabido na piscina. Sally Ruiva e Alex se encontravam no convés superior, atrás do leme, e tinham uma ótima vista do bairro. A Galinha a Rosarinho estava empoleirada na amurada do navio, ao lado delas.

– Então esta é a terra de Sycamore Drive? – Sally Ruiva perguntou.

– É só uma das muitas ruas da cidade – disse Alex.

– Gostei. As cabanas desta aldeia são encantadoras.

Sally Ruiva chutou para baixo uma rampa, e ela, Alex e a Galinha a Rosarinho desembarcaram do *Lhama Áspera*. A Galinha a Rosarinho gingou feliz pelo gramado do quintal e começou a bicar

insetos. Os gêmeos apresentaram Sally Ruiva a Bob e a Charlotte, e a capitã apertou com firmeza a mão de cada um.

– É uma honra conhecê-los – disse. – Seus filhos são cheios de astúcias.

– Nem me fale – falou Charlotte.

– Nunca temos um momento de tédio – Bob comentou. – Aquilo é uma galinha com um rosário?

Agora que tinham guiado com sucesso a tripulação do *Lhama Áspera* ao Outromundo, os gêmeos imediatamente começaram a planejar a empreitada seguinte. Conner abriu o fichário no segundo marcador, tirou a Poção do Portal da mochila e verteu três gotas nas páginas da história seguinte. Outro fecho de luz surgiu e brilhou no céu como um holofote.

– Hora da segunda parada – disse Conner.

– Sobre o que é a próxima história? – Alex indagou.

– “Rainha da Galáxia” é uma odisséia espacial intergaláctica. Se passa no ano 3000 e acompanha a rainha de uma civilização cyborg em suas viagens pelo universo.

Alex respirou fundo e comentou:

– As coisas não ficar mais fáceis depois de “Estibórdia”, não é?

– Mas pelo menos a gente *aprendeu* um monte de coisa com “Estibórdia”!

– Tem algo com que eu possa ajudar de antemão? Pense um pouco.

– Para dizer a verdade, tem sim. Vamos precisar de trajes espaciais.

Alex estalou os dedos, e as roupas de ambos se transformaram em trajes espaciais chiques, brilhantes e futuristas. Os trajes eram prateados, com capacete redondo e tanque de oxigênio conectado às costas.

– Perfeito! – Conner falou com empolgação.

Charlotte pôs a mão no coração.

– Vocês dois estão *tão lindos*! Não se mexam. Preciso tirar uma foto!

– Mãe, realmente não temos tempo de tirar...

Charlotte olhou o filho com uma cara que dizia mil palavras, mais especificamente: “Tem cinquenta piratas na minha casa e um navio na minha piscina. Você VAI tirar uma foto, querendo ou não”. Conner não disse mais nem uma palavra, e a mãe correu para dentro de casa e voltou com a câmera.

– Fiquem na grama para eu pegar o navio pirata no fundo – Charlotte instruiu. – Está ótimo! Agora coloquem os braços em volta um do outro. Sorriam! Essa vai para o cartão de Natal!

– Mãe, isso é ultraconfidencial! Você não pode usar como foto de cartão de Natal! – Conner alertou.

– Não se preocupe. Ninguém vai saber o que vocês estão fazendo. Todo mundo vai simplesmente achar que fomos passear num parque temático. Como as *famílias normais*. Ok, agora só mais algumas com o meu celular!

Contra a vontade, os gêmeos sorriram e posaram enquanto a mãe tirava uma dúzia de fotos. Só depois eles tiveram permissão para continuar seus planos. Os dois ajeitaram o capacete, acionaram o tanque de oxigênio e caminharam na direção do fichário.

– Próxima parada: “Rainha da Galáxia!” – disse Conner.



CAPÍTULO 13



Rainha da Galáxia

Os gêmeos pisaram no fecho de luz e voltaram para o mundo manuscrito de Conner. A expressão “o universo” se esticou em torno deles, e, antes que se dessem conta, os dois flutuavam por uma galáxia sem fim, cercados por milhares e milhares de estrelas – uma visão deslumbrante. Os gêmeos nunca haviam se sentido tão pequenos.

A gravidade desapareceu, e a ausência de peso deu aos gêmeos uma sensação de queda no fundo da barriga que não passava. Eles moviam os braços e as pernas e tentavam nadar no vazio, mas não havia absolutamente nada contra o que nadar.

Conner segurou o fichário pelo canto antes que o objeto flutuasse para fora de alcance e o guardou na mochila, com o frasco da Poção do Portal.

Ao longe, Alex e Conner viram um grande planeta branco com nuvens multicoloridas, mas ainda se achavam a milhares de quilômetros de sua atmosfera. O planeta parecia delicioso, como um enorme pedaço de doce flutuante.

– O que é aquilo? – Alex indagou.

– É Quebraqueixópolis – disse Conner. – Eu estava com vontade de comer doce quando escrevi essa história.

Os gêmeos divisaram uma luzinha viajando na direção do planeta. Difícil de distinguir de início, ela então orbitou em volta de Quebraqueixópolis e, depois da oitava ou nona rotação, disparou um laser verde que envolveu o planeta. Em poucos segundos, Quebraqueixópolis encolheu e desapareceu do universo.

– O que aconteceu? – perguntou Alex. – Por que o planeta sumiu?

– Ele não sumiu, foi *carregado* – Conner explicou. – Aquela coisa sobrevoando Quebraqueixópolis é a *CEST-0*, a nave da Rainha Cyborg. Ela viaja pela galáxia procurando planetas habitáveis na

zona Cachinhos Dourados de outros sistemas estelares. Quando encontra um planeta que a agrada, sua nave o carrega no disco rígido, e então ela o leva para seu sistema solar natal.

– O que é uma zona Cachinhos Dourados?

– É a área de cada sistema solar que não é *nem quente demais nem fria demais* para abrigar vida. É assim que os cientistas chamam. Juro que não inventei isso!

– Por que a Rainha Cyborg precisa de tantos planetas?

– Os cyborgs já ultrapassaram o limite populacional do seu planeta natal e precisam de mais espaço. A rainha viaja com seu exército para o caso de esbarrar em alguma encrenca. Precisamos entrar na *CEST-0* e convencê-la a nos emprestar seus soldados.

Conner abriu o fichário e apontou o fecho de luz em todas as direções, tal qual um farol escangalhado. A artimanha deve ter funcionado, porque a nave se aproximou dos gêmeos e, em segundos, pairava a poucas centenas de metros deles. A *CEST-0* tinha o formato e o tamanho de um navio de cruzeiro. Era feita de aço vermelho e possuía asas parecidas às de um avião. Um aglomerado de satélites e de antenas perto do topo fazia parecer que a nave estava usando uma coroa.

– O que quer que aconteça, apenas faça o que eu mandar – Conner disse à irmã. – Não vou contar a eles que os criei. Já aprendi essa lição em “Estibórdia”. Porém acho que tenho uma carta na manga.

– É você quem manda.

Grandes alto-falantes se projetaram dos dois lados da *CEST-0*, e alguém a bordo falou aos gêmeos. A voz era muito polida e terrivelmente familiar, mas Alex não soube dizer quem lhe lembrava.

– Atenção, formas de vida não identificadas. Por favor, digam seu nome, espécie e sistema estelar de origem.

– Meu nome é Conner Bailey, e esta é Alex. Somos seres humanos do planeta Sycamore Drivious, do sistema Willow Crestian.

– O que vocês estão fazendo no meio do espaço? – a voz perguntou.

– Nossa nave foi sequestrada por orfanóticos. Vocês se importariam de nos dar uma carona para nosso planeta?

Conner, confiante de que sua invenção lhes daria admissão à *CEST-0*, fez sinal de joiha para Alex. Ela esperava que o plano que ele tinha em mente, qualquer que fosse, funcionasse. O alto-falante fez silêncio enquanto o ser do outro lado considerava o pedido.

– Qualquer inimigo dos orfanóticos é nosso amigo – a voz enfim disse. – Por favor, venham a bordo.

Uma grande porta de compartimento se abriu, e duas garras de aço se projetaram da *CEST-0* e agarraram os gêmeos como a dois prêmios numa máquina de pegar bichinhos de pelúcia. Eles foram movidos para um grande hangar, onde ficavam diversas naves menores. A *CEST-0* tinha gravidade artificial, de modo que os gêmeos bateram no chão assim que entraram.

Assim que a porta do compartimento se fechou, abriu-se um par de portas automáticas no outro lado do hangar. Um lagarto do tamanho de um homem entrou, com dois cyborgs de cada lado.

O lagarto tinha grandes olhos amarelos e a pele vermelha e viscosa e trajava macacão cinza, com vários botões. Os cyborgs eram metade humanos, metade robóticos, em diversas combinações. Alguns eram humanos com braços e pernas robóticos; outros eram divididos igualmente pela metade. Todos usavam grandes óculos vermelhos e portavam armas cujos canos emitiam forte luz azul; também usavam coletes que monitoravam seu pulso e a porcentagem de carga da bateria.

Alex e Conner logo se levantaram, e os cyborgs lhes apontaram as armas. O homem-lagarto fitou cautelosamente os gêmeos de cima a baixo.

– Nem Sycamore Drivious nem o sistema Willow Crestian estão cadastrados em nosso banco de dados intergaláctico – o homem-lagarto disse na mesma voz que eles tinham ouvido antes.

– Ah... – disse Conner. – É que nós detestamos vendedores.

O homem-lagarto se aproximou dos gêmeos para inspecioná-los melhor.

– Vocês são terrivelmente jovens para viajar pelo universo sozinhos. Tinha mais gente na sua tripulação?

– Tínhamos um acompanhante androide, mas os orfianóticos o roubaram também – Conner explicou. – Aquelas criaturas malditas!

O lagarto fez um gesto com a cabeça para os cyborgs, que abaixaram as armas, e disse:

– Sou o comandante Newters. Bem-vindos à *CEST-0*. Podem tirar os capacetes; esta nave é equipada com oxigênio.

Os gêmeos desparafusaram o capacete e sacudiram a mão do comandante Newters.

– Muito obrigado por ter nos resgatado – disse Conner. – Estaríamos ferrados se não fosse por vocês.

– Lamento pelo infeliz encontro com os orfianóticos. A Rainha Cyborg fez numerosos e exaustivos pedidos ao Conselho do Universo Unido para bani-los de nosso quadrante da galáxia, mas não lhe dão ouvidos.

– O que são os orfianóticos? – Alex perguntou, saindo da encenação da história contada pelo irmão. – Eles roubaram nossa nave tão rápido que nem os vi direito.

– São uma espécie terrível – Newters explicou. – Destruíram seu planeta natal e agora viajam pela galáxia roubando recursos de outros sistemas solares.

– Mas não é mais ou menos isso que a Rainha Cyborg está fazendo?

– Foi *exatamente* o que o Conselho do Universo Unido falou! Não vem ao caso. Podemos acompanhá-los sem problemas até seu planeta natal. A rainha adora viajar para novos sistemas estelares. Estou certo de que ela vai adorar conhecer Sycamore Drivious em Willow Crestian.

Um alarme alto soou de repente, sobressaltando os gêmeos. O hangar foi tomado por piscantes luzes vermelhas. O comandante Newters e os cyborgs olharam em volta em pânico.

– Ah, não! – disse Newters. – Isso é terrível!

– O que está acontecendo? Estamos sendo atacados? – Alex indagou.

– *Pior*. Esse alarme significa que a rainha acordou antes do que devia de seu sono recarregador! Ela fica com um humor péssimo se

não dorme vinte horas. Preciso chegar à ponte de comando antes dela!

Newters e os cyborgs dispararam pelas portas automáticas, e os gêmeos os seguiram. Eles percorreram a nave, passando por vários corredores cheios de homens e mulheres meio-humanos, meio-robôs, todos absolutamente frenéticos. O alarme soava ainda mais alto fora do hangar e era acompanhado por uma voz que repetia:

– *A rainha acordou, a rainha acordou, a rainha acordou.*

Eles finalmente chegaram à ponte de comando, no centro da nave. Era um salão largo com um conjunto de janelas gigantes com vista para a galáxia. As paredes eram cobertas de telas com informações sobre diferentes partes da nave, a localização da rainha e o universo circundante. Dúzias de estações de controle se espalhavam pela Ponte de Comando como escrivaninhas numa sala de aula, cada uma com centenas de botões piscantes, alavancas e painéis.

Em preparação à chegada da Rainha Cyborg, a tripulação cyborg presente na ponte lubrificou suas juntas, apertou seus parafusos e poliu seu revestimento de aço.

– Ela está chegando? – Newters perguntou ao cyborg mais próximo.

– Está descendo do quarto neste instante, comandante. Os níveis de seu chip de emoção estão altíssimos! Ela deve estar zangada com alguma coisa!

O cyborg apontou para o elevador particular da rainha, nos fundos da ponte de comando. Todos os cyborgs se levantaram de suas estações de controle no momento em que as portas do elevador se abriram. Ouviu-se um silvo coletivo quando os corpos mecânicos se comprimiram em medidas. Alex e Conner seguiram o exemplo e fizeram uma medida também.

A Rainha Cyborg era mais robótica do que qualquer um na *CEST-0*. Só era humanoide do peito para cima, e mesmo isso era questionável. O nariz, o queixo e boa parte da testa eram cobertos de placas de metal. O olho esquerdo era uma lente de câmera, e a cabeça, em vez de cabelo, era coberta de fios que corriam por uma colmeia de engrenagens, como um filme em um projetor. No alto da

cabeça, acima dos fios e das engrenagens, havia uma coroa de aço. A palavra “RAINHA” piscava como os números de um despertador digital.

A rainha tinha braços finos de metal, e o formato do corpo de aço dava a impressão de que ela trajava vestido. Tinha rodas no lugar das pernas e rolou do elevador à ponte de comando. Os gêmeos notaram pela lente que tremia e por alguns fios que estalavam e se espetavam que ela estava zangada.

– Majestade – disse o comandante Newters, com uma profunda medida. – Não estávamos esperando que você acordasse cedo. Teve uma recarga reparadora?

– *Alguém* deixou a gravidade ligada nos meus aposentos enquanto eu recarregava! – a Rainha Cyborg falou bruscamente. – Não apenas não descansei, como o lado humano do meu rosto estava *inchado* quando acordei!

Com isso, Alex compreendeu por que a “Rainha da Galáxia” lhe era tão familiar. Se sentiu boba por ter demorado tanto para perceber. Sem dúvida, a Rainha Cyborg era baseada em Chapeuzinho Vermelho, o comandante Newters era baseado em Froggy, os orfanóticos eram baseados nos órfãos tão detestados por Chapeuzinho, a *CEST-0* era um trocadinho com “cesto”, e a paixão da Rainha Cyborg por colecionar planetas era baseada na paixão imobiliária de Chapeuzinho.

– Você *não* fez o que eu estou pensando – Alex sussurrou para o irmão.

Conner sabia exatamente ao que o sorriso dela se referia.

– *Fiz*.

A Rainha Cyborg rolou pela ponte de comando e esperou que algum tripulante se manifestasse.

– E aí? – ela falou. – É melhor alguém se responsabilizar, ou vou cortar todos os benefícios de bateria!

O melhor cyborg da ponte de comando ficou tão nervoso que começou a entrar em curto-circuito. O pescoço mecânico começou a soltar faíscas, e a cabeça começou a girar. Ele caiu de joelhos e suplicou misericórdia:

– *Sinto tanto, Majestade! Eu estava inspecionando o gerador de gravidade artificial e esqueci de ajustar a pressão nos seus aposentos!*

O olho humano da Rainha Cyborg se revirou, e a lente mirou para cima.

– Comandante Newters, por favor, reinicie esse cyborg antes que ele pegue fogo – ordenou. – E mande reprogramá-lo, para que ele lembre as prioridades de seus deveres.

Contra a vontade do pequeno cyborg, os soldados o acompanharam para fora da ponte de comando. A Rainha Cyborg rolou até o centro do salão, e a metade de baixo de seu corpo se transformou num trono. A tripulação cyborg entendeu isso como deixa para se acomodar nas estações de controle.

– Quebraqueixópolis foi carregado com sucesso? – a Rainha Cyborg perguntou.

– Sim, Majestade – Newters informou. – Foi adicionado com segurança ao HD; será um acréscimo maravilhoso a nosso sistema natal.

– Então por que ainda estamos *neste* sistema solar? Não deveríamos estar em Jujúbida a esta altura?

– Estávamos a caminho quando atendemos um pedido de socorro.

– Pedido de socorro? De quem?

Newters limpou a garganta e gesticulou aos gêmeos que se colocassem ao seu lado. Alex e Conner aproximaram-se cautelosamente de Newters e da Rainha Cyborg, cuja lente se projetou vários centímetros para fora da cabeça a fim de examiná-los.

– Quem são vocês? – ela perguntou.

– Olá, Vossa Eletronicidade – disse Conner. – Meu nome é Conner, e esta é minha irmã, Alex. Somos seres humanos do planeta Sycamore Drivious, do sistema Willow Crestian.

A Rainha Cyborg piscou o olho humano para eles e disse:

– Nunca ouvi falar desses lugares. O que vocês estão fazendo nesta parte da galáxia?

– Fomos deixados à deriva, para morrer, após nossa nave ter sido roubada por orfianóticos – Alex contou. – Seu comandante gentilmente salvou nossas vidas e nos trouxe a bordo.

A menção ao nome dos orfianóticos enfureceu a Rainha Cyborg. Dois canos de escape se propeliram de seus ombros e soltaram vapor.

– *EU ODEIO orfianóticos!* – ela gritou. – Admito que são poucas as espécies alienígenas que eu tolero, mas os orfianóticos são *extraterrestres extraterríveis!* Tenho implorado ao Conselho do Universo Unido que faça algo a respeito, mas eles se recusam! Tiveram a audácia de me dizer que não há diferença entre colecionar planetas e a destruição causada por aqueles patifes! Só que eu não *roubo recursos* de outros planetas, eu apenas os transfiro para uma vizinhança melhor!

Conner esperou a Rainha Cyborg soltar todo o vapor antes de dizer:

– Sabe, os orfianóticos são proibidos em nosso sistema solar. Foram expulsos zilênios atrás. Se Vossa Alteza não se importar em nos dar uma carona até Sycamore Drivious, adoráramos dar um tour do sistema willowcrestiano.

– Lá não tem orfianóticos, é isso? – perguntou a Rainha Cyborg. – Talvez eu deva levar meus planetas para o seu sistema. Willow Crestian gira em torno de que tipo de estrela? Anã branca? Anã azul? Anã amarela? Gigante vermelha? Gosto de saber que tenho pelo menos mais duzentos bilhões de anos num sistema antes de me comprometer desse jeito.

Conner não estava certo quanto ao que responder.

– É uma anã *sétima* – falou. – Sim, sete anãs brancas da galáxia Via Láctea de Neve combinadas em uma e *bum*, assim se formou o sistema willowcrestiano.

A Rainha Cyborg concordava com a cabeça enquanto tecia considerações. Nunca havia escutado sobre estrelas combinando-se desse jeito, e a impossibilidade a intrigou.

– Eu gostaria de conhecer esse tal Willow Crestian – ela disse. – Será um prazer dar carona até seu planeta natal. Infelizmente, precisamos fazer algumas paradas no caminho. Preciso inspecionar

e coletar alguns planetas antes que os orfanóticos cheguem a eles. Espero que vocês não se importem em esperar.

– Não se preocupem – Conner falou. – Vai ser um prazer acompanhá-los!

– Excelente – a Rainha Cyborg decretou. – Comandante Newters, leve-nos para Jujúbida, por favor.

– Para Jujúbida, a toda velocidade – Newters ordenou à tripulação.

Os cyborgs puseram-se ao trabalho, apertando botões em suas respectivas estações de controle. A *CEST-0* disparou pela galáxia à velocidade da luz. A forte sacudida quase derrubou Alex, que gritou. A Rainha da Galáxia lhe lançou um olhar esquisito – aquela não poderia ser a primeira vez que a garota viajava à velocidade da luz.

– Ela não sai muito de casa – Conner explicou.

A *CEST-0* zuniu pelas estrelas, até diminuir a velocidade ao se aproximar do novo planeta. Jujúbida era de um laranja brilhante, coberto de cordilheiras nevadas. A nave orbitou o planeta, e informações sobre ele apareceram em todas as telas da ponte de comando. Um holograma detalhado surgiu na frente do trono da Rainha Cyborg.

– Jujúbida – Newters leu na tela. – Tem o diâmetro de cinco mil, quinhentos e sessenta e cinco quilômetros. Na superfície, as temperaturas variam de sessenta e oito graus negativos a um grau negativo Celsius. A atmosfera é composta de hélio. No momento, não há vida no planeta, mas quarenta por cento dele pode ser habitado por uma população cyborg.

– Perfeito para aquela estação de esqui que estou morrendo de vontade de construir! – disse a Rainha Cyborg. – Carregue o planeta!

O laser verde disparou da *CEST-0* e cercou Jujúbida. Exatamente como Quebraqueixópolis, o planeta laranja encolheu e desapareceu do universo. As palavras “CARREGAMENTO COMPLETO” apareceram nas telas da ponte de comando.

– O carregamento foi bem-sucedido, Majestade – Newters informou.

– Esplêndido. Por favor, proceda ao próximo planeta – a rainha ordenou.

A *CEST-0* zuniu pela galáxia numa direção diferente e chegou ao planeta seguinte. Era verde, e nuvens brancas espiralavam na atmosfera. A larica de doces que tomara conta de Conner quando escrevera a história era contagiosa, pois Alex sentiu um desejo forte de comê-los também.

– Mentino – Newters leu na tela. – Tem o diâmetro de oitenta e sete mil, quatrocentos e onze quilômetros. As temperaturas na superfície variam entre quinze graus negativos e noventa e cinco graus positivos Celsius. A atmosfera é composta de gases sulfúricos. O planeta abriga uma espécie alienígena conhecida como baleia de gás, mas apenas cinco por cento dele pode ser habitado por uma população cyborg.

– *Rejeitado* – a Rainha Cyborg determinou. – Cinco por cento não vale o carregamento. E eu abomino vizinhos. Vamos para o próximo.

À rainha, foi servida uma xícara de óleo quente enquanto a *CEST-0* viajava pelo espaço até o planeta seguinte. Quando a nave chegou ao local indicado, contudo, não havia nada além de alguns asteroides de aparência crocante.

– Ah, puxa – disse Newters. – Parece que Granólia foi alvejado por um cometa, e isso é tudo o que restou. Devemos prosseguir, Majestade?

De início, a Rainha Cyborg se curvou em decepção, mas sua atitude rapidamente mudou quando uma ideia empolgante surgiu em sua mente. Os gêmeos souberam que ela tinha tido uma ideia porque uma lâmpada piscante se projetava da coroa.

– Um *cinturão* cairia bem no nosso sistema solar... – disse a Rainha. – Carregue os asteroides: vamos colocá-los entre Camísia e Saiaturno.

A tripulação Cyborg cumpriu as ordens e partiu para a próxima parada. Entrar e sair da velocidade da luz estava deixando Alex um pouco nauseada. O planeta subsequente tinha cor de tijolo e uma superfície pedregosa.

– Oleaginósio – Newters leu na tela. – Diâmetro de quatro mil, quatrocentos e quarenta e seis quilômetros. As temperaturas na superfície variam entre dez graus e cento e cinquenta graus Celsius. A atmosfera é muito fina e composta de monóxido de carbono. Cinquenta e seis por cento do planeta pode ser habitado por uma população cyborg. Oleaginósio já abrigou uma espécie alienígena conhecida como doninha, mas ela está extinta.

– Maravilhoso! – disse a Rainha Cyborg. – Adoro um bom calor seco. Carregue!

Outra vez, a tripulação da *CEST-0* obedeceu às instruções da rainha. Quando o carregamento terminou, a nave zuniu pela galáxia até o local do planeta seguinte. Alex chamou o irmão a um canto e perguntou:

– Quanto tempo mais precisaremos esperar para pedir à Rainha Cyborg seu exército emprestado?

– Pouco – disse Conner. – Só falta uma zona Cachinhos Dourados com um planeta pelo qual a rainha vai ficar louca. Va-mos ajudá-la a carregá-lo em troca do uso dos soldados cyborgs.

– Você baseou *de propósito* na Chapeuzinho Vermelho a história de uma rainha que assalta zonas Cachinhos Dourados? Não sei dizer se isso é brilhante ou brutal.

– Ah, eu nunca pensei nisso. A Chapeuzinho vai me matar se descobrir.

A *CEST-0* chegou ao planeta seguinte. Era roxo com anéis turquesa e, de longe, o mais bonito entre todos os planetas visitados até ali. A Rainha Cyborg ficou encantada; seu trono transformou-se de volta em vestido, e ela rolou até o holograma para ver melhor aquele mundo majestoso.

– Qual é o nome dessa beleza? – perguntou.

– Pirulítico, Majestade – Newters leu no monitor. – Seu diâmetro é de quatro mil, novecentos e cinquenta e oito quilômetros. As temperaturas na superfície variam entre quatro graus negativos e trinta e dois graus positivos Celsius. A atmosfera é feita de puro oxigênio, e noventa por cento do planeta pode ser habitado por uma população cyborg.

– *ADOREI. É o destino!* – A Rainha Cyborg juntou as mãos de metal. – Carregue-o imediatamente! Eu compartilharei Quebraqueixópolis, Jujúbida e Oleaginósio com os cyborgs, mas Pirulítico eu quero para mim!

O raio laser verde envolveu o planeta roxo. Porém, conforme o comandante Newters lia mais informações sobre Pirulítico, seu rosto vermelho ia assumindo uma expressão grave. Ele então se precipitou para uma estação de controle e puxou uma alavanca vermelha para abortar a missão.

– *O que você está fazendo?* – a rainha questionou.

– Perdoe-me Majestade, mas acabo de ler informações preocupantes – disse Newters. – Mil anos atrás, cientistas de outro planeta enviaram um frasco de insetos a Pirulítico para saber se o planeta suportaria a vida. Os altos níveis de oxigênio na atmosfera fizeram os insetos crescerem até ficarem enormes, e hoje eles dominam o planeta. Se carregarmos Pirulítico, será como carregar milhares de pequenos vírus para nosso HD! A nave inteira travaria.

A lâmpada piscante reapareceu sobre a coroa da Rainha Cyborg, que perguntou desesperada:

– Não podemos mandar o exército a Pirulítico para exterminar os insetos?

O comandante Newters balançou a cabeça.

– A *CEST-0* está viajando há tanto tempo que não tem energia o suficiente para recarregar as baterias dos soldados.

A lâmpada da rainha desligou de novo.

– Eles não podem usar seus painéis solares para carregar as baterias de batalha?

O comandante Newters engoliu em seco e explicou:

– Isso só funcionaria enquanto os soldados estivessem na superfície, mas a maioria dos insetos vive em colônias subterrâneas.

Sabendo que a rainha não lidaria bem com a notícia, todos os cyborgs se esconderam sob as estações de controle. A Rainha Cyborg ficou tão zangada que a lâmpada acima de sua coroa explodiu e rajadas de fogo saíram dos canos de escape. Quatro

pernas de robô com botas surgiram do vestido de aço e bateram no chão. Lágrimas escorreram do olho humano e óleo pingou da lente.

– Eu só quero todos os planetas habitáveis dentro de um raio de um trilhão de quilômetros! Até parece que estou pedindo *o mundo*! – a Rainha Cyborg lamentou. – Coloquem para funcionar esses cérebros e chips de inteligência artificial! Deve haver alguma coisa que possamos fazer!

Assim que as rajadas de fogo cessaram, Conner se aproximou da Rainha Cyborg e cutucou seus canos de escape. Alex não tinha a menor ideia do que o irmão pretendia fazer.

– Com licença, Vossa Mecanicidade, talvez eu tenha uma solução – disse ele. – Sabe, minha irmã e eu por acaso somos os filhos do melhor exterminador de insetos da galáxia!

– *Somos?* – Alex indagou.

– Sim, *somos*! – disse Conner, fazendo cara feia para ela. – A *Revista Meteoro* deu ao nosso pai quatro nebulosas e meia, e a *Voz Alienígena* deu três apêndices para cima! São as publicações mais populares do sistema willowcrestiano!

O olho e a lente da Rainha Cyborg passavam de Alex para Conner, de Conner para Alex. As sobrancelhas se converteram em pequeninos para-brisas e limparam as lágrimas do rosto.

– Então vocês dois poderiam exterminar todos os insetos do planeta para mim? – perguntou a rainha, esperançosa.

– *Poderíamos...* – disse Conner, baixando a cabeça dramaticamente. – A senhora já foi tão gentil ao nos oferecer transporte para o nosso planeta. Detesto ter de pedir *outro* favor em troca de exterminar os insetos, mas existe *outra* coisa em que minha irmã e eu precisamos de sua ajuda.

A Rainha Cyborg queria tanto Pirulítico que estava disposta a fazer qualquer acordo.

– Tudo bem, só me digam o que vocês têm em mente.

– Não é para nós, é para os nossos amigos – Conner explicou. – Eles vivem num pequenino planeta chamado Contosdefadastópia, na galáxia Livrohistoriana. O planeta foi recentemente invadido por uma raça selvagem conhecida como os vilanômios literarídicos.

– Saúde – disse Alex.

Conner ignorou a irmã.

– Os vilanômios literarídicos são duas vezes piores do que os orfianóticos e dez vezes mais poderosos! O pior de tudo é que a Contosdefadastópia não tem como se defender!

– Isso parece terrível! – disse a Rainha Cyborg.

– E é. Mas o seu exército Cyborg ajudaria muito. Se minha irmã e eu exterminarmos os insetos de Pirulítico, você nos emprestaria os seus soldados para ajudarmos nossos amigos a combater os vilanômios literarídicos?

Não era todo dia que a Rainha Cyborg recebia um pedido de empréstimo de seu exército. Contudo, também não era todo dia que encontrava o planeta de seus sonhos. Ela se voltou para o holograma de Pirulítico e acariciou-o com a mão de metal.

– Tudo bem – falou. – Acabe com os insetos naquele planeta, e eu os deixo usar meu exército Cyborg para salvar Contosdefadastópia.

Conner apertou a mão de metal da Rainha.

– Obrigado, Vossa Engenheiridade. Não poderíamos estar mais gratos! Certo, Alex?

– Certo... *gratos* – ela disse sem entusiasmo.

– Certo, certo – disse a Rainha Cyborg. – Comandante Newters, por favor, cuide para que os humanos de Sycamore Drivious disponham de todo o necessário para seu plano de extermínio. Voltarei aos meus aposentos para terminar a minha recarga. Cuide para que a gravidade esteja *desligada* e me acorde quando o extermínio tiver acabado.

– Sim, Majestade – Newters falou e fez outra profunda mesura.

A Rainha Cyborg rolou até seu elevador particular e subiu. Alex puxou o irmão para o lado com força.

– *Insetos?* – ela perguntou. – É esse o seu plano? Nós vamos matar insetos em troca de soldados?

– Ah, por favor – disse Conner. – Nós vamos ter a chance de viajar para outro planeta e atirar em algumas pragas que cresceram demais! Vai ser divertido. Quase um jogo de videogame!

Alex balançou a cabeça. Não acreditava que tinha se colocado voluntariamente naquela situação. Muitas vezes, Alex tinha certeza de que ela e o irmão eram de planetas diferentes, e isso basicamente era a prova.

– Comandante Newters – disse Conner, feliz –, nos leve até lá!



CAPÍTULO 14



Pragas do universo

– Vamos precisar de dois blasters de curto alcance, um Ômega DDG e uma Bússola Bio-Mat – disse Conner. – Ah, e também da *Expresso Lunar 2999* para nos levar até lá.

O comandante Newters lhe lançou um olhar peculiar.

– Para alguém que nunca esteve a bordo desta nave, você está muito bem informado sobre os nossos armamentos.

Newters digitou numa tela os códigos dos dispositivos pedidos por Conner e, como se o arsenal da *CEST-0* fosse uma máquina de vendas, eles foram trazidos por uma esteira rolante. Os blasters de curto alcance eram longos e prateados, com uma forte luz azul que pulsava dos canos, exatamente como as armas carregadas pelos soldados cyborgs. A Ômega DDG era curta e redonda como um tanque de propano e possuía um pequeno teclado no alto. A Bússola Bio-Mat parecia um espesso relógio de prata com uma seta holográfica.

O comandante entregou um blaster a cada um dos gêmeos, e Conner prendeu a bússola no pulso. Já o Ômega DDG, como era pesado, teve de ser carregado por Alex e Conner.

– O que o Ômega DDG e a Bússola Bio-Mat fazem? – Alex perguntou.

– DDG significa dispositivo de detonação gama. É uma bomba poderosíssima que usa raios gama para vaporizar os alvos – Newters explicou. – A Bússola Bio-Mat detecta material biológico num raio de trezentos metros.

Alex engoliu em seco antes de falar:

– Sinto muito por ter perguntado.

– Para detonar o Ômega DDG, digite o código *LRRH1 25*, aguarde a confirmação e corra – disse Newters. – A *Expresso Lunar 2999* está no hangar de espaçonaves. Vou levá-los até lá.

Os gêmeos seguiram o comandante pela espaçonave. Os blasters de curto alcance e o Ômega DDG tiravam o sossego de Alex, que os segurava longe do corpo. Ela estava morrendo de medo de que eles disparassem ao menor solavanco e ferissem alguém. Conner, por outro lado, não poderia estar mais empolgado por ter nas mãos as armas de sua história. Quando era criança, ele passava horas fingindo enfrentar, com esses mesmos dispositivos, malignos alienígenas em um planeta distante. Estava ansioso para chegar a Pirulítico e viver sua fantasia infantil.

Conner girava e apontava o blaster aos corredores conforme percorria a *CEST-0*. Ele reencenava cenas de seus filmes de ação favoritos e fazia a sonoplastia com a boca.

– Conner, chega! – disse Alex. – Assim você vai machucar alguém!

– Não se preocupe, a trava de segurança está acionada – ele afirmou. – Ops. *Agora* a trava está acionada.

O comandante e os gêmeos atravessaram uma série de portas automáticas e chegaram ao hangar. Newters os conduziu até uma pequena espaçonave em cuja lateral se liam as palavras “Expresso Lunar 2999”. A nave tinha o tamanho de um jipe e parecia uma versão em miniatura da *CEST-0*; era feita de aço vermelho e possuía duas asas e uma coroinha de satélites e antenas. Newters apertou um botão na lateral, e a porta se abriu. Havia dois assentos e compartimentos para guardar as armas, mas nenhum sinal de controles de direção.

– Como nós vamos pilotar isto? – perguntou Alex.

– A *Expresso Lunar 2999* é controlada da *CEST-0* – Newters explicou. – Isso impede que seja sequestrada por orfianóticos. Nada pessoal.

Alex ficou aliviada. Não estava convencida de que eles chegariam a Pirulítico se o irmão estivesse no controle da *Expresso Lunar 2999*. Os gêmeos guardaram as armas nos compartimentos, apertaram os capacetes e se prenderam aos assentos. Newters hesitou antes de fechar a porta da nave.

– Vocês têm certeza do que estão fazendo? – perguntou, como um pai preocupado.

– Cem por cento de certeza – Conner falou. – Quando você extermina uma espécie de inseto alienígena, extermina todas. Você se importaria de guardar isso até voltarmos?

Conner entregou a mochila ao comandante, que afirmou:

– Vou mantê-la em segurança. Boa sorte, exterminadores. Que o cosmos sorria para vocês.

O comandante moveu três dedos em círculo e apontou para o próprio coração. Conner imitou perfeitamente o movimento, e Alex fez o seu melhor para copiá-lo, mas para ela aquilo era bizarro. Newters fechou a porta da *Expresso Lunar 2999* e deixou o hangar.

– “Que o cosmos sorria para você”? – Alex riu. – O que é isso? Um bordão?

– Você tem ideia do quão difícil é inventar um dito original em ficção científica? – perguntou Conner. – É quase impossível!

Assim que o comandante se achava a uma distância segura do hangar, o grande portão do compartimento se abriu para o espaço. A gravidade desapareceu, e os gêmeos teriam flutuado para fora dos assentos se não estivessem bem presos. Os motores da *Expresso Lunar 2999* ganharam vida com um estrondo, e a nave decolou do hangar da *CEST-0* e se dirigiu ao planeta Pirulítico.

A viagem foi tranquila e serena. O planeta púrpura e seus anéis turquesa brilhavam extraordinariamente. Embora não estivesse muito contente com a missão de exterminar insetos, Alex não podia negar que era sensacional estar dentro de uma espaçonave que deslizava rumo à atmosfera de um planeta alienígena.

– Tenho de admitir que isso tudo é muito legal – ela disse.

Conner não respondeu. Alex virou-se para ele e viu lágrimas nos olhos do irmão. Ele já tinha visto muitas das suas imaginações ganharem vida, mas ver *um planeta real* era surpreendentemente emocionante.

– Tudo bem? – Alex perguntou.

– Tudo bem. É só uma alergia.

– No *espaço*?

– Pois é, acho que um gato esteve aqui antes da gente.

Alex sorriu e não insistiu. Apenas falou:

– Bem, o que quer que seja, obrigada por dividir comigo. Eu nunca teria tido esta experiência se não fosse por você.

O momento de ternura foi interrompido por um alto bipe. Os gêmeos olharam em volta preocupados, com medo de que algo houvesse quebrado. O bipe foi seguido por uma voz automática:

– *Cinco... quatro... três...*

– Conner, que contagem é *EEEEESS...*

A *Expresso Lunar 2999* disparou na direção de Pirulítico com a potência de mil foguetes. Os gêmeos foram comprimidos contra os assentos com tanta força que pareceu que elefantes invisíveis se sentaram neles. Seus dentes batiam, suas bochechas chacoalhavam. A nave se deslocava tão rápido que os dois não conseguiam respirar, quanto mais falar ou gritar.

A nave zuniu pelos anéis turquesa e perfurou a atmosfera de Pirulítico, propelindo-se direto para a superfície púrpura. Movia-se a milhares de quilômetros por segundo e não dava sinal de desacelerar. Os gêmeos já estavam certos de que a nave ia bater quando ela subitamente apontou para cima, e os motores se voltaram para o chão. A *Expresso Lunar 2999* fez uma aterrissagem surpreendentemente delicada na superfície de Pirulítico.

A porta da nave se abriu automaticamente.

– Vocês chegaram ao destino – disse a voz robótica. – Aproveitem a visita a *Pi-ru-lí-ti-co*.

O coração de Alex e de Conner pulsava tão rápido que parecia congelado numa batida perpétua. Quando o corpo de ambos enfim se emparelhou à mente, eles soltaram um grito longo, aterrorizado.

– Alex, acho que fiz um pouco de xixi... – disse Conner.

– Eu também.

Os gêmeos saíram dos assentos e desceram da espaçonave. Examinaram a superfície do planeta enquanto seu coração voltava ao normal e a sensibilidade retornava a seus braços e pernas.

Pirulítico era coberto por cadeias de morros púrpura e por um brilhante céu rosa. Os anéis turquesa estendiam-se acima, e sua sombra se projetava no chão. A gravidade não era tão opressiva quanto dentro da *CEST-0*, e os gêmeos sentiram-se mais fortes e mais leves nos trajes de astronauta.

Eles pegaram as armas dos compartimentos da nave e iniciaram a expedição. Conner olhava ora a bússola, ora a terra em torno, porém não via sinal de vida.

– Que tipo de inseto estamos procurando? – Alex perguntou. – Formigas? Besouros? Moscas?

– Os insetos que precisamos achar se chamam *heptacaranguejos* – disse Conner. – São uma combinação de aranha, escorpião e vespa.

Só a descrição dos insetos fez Alex arquejar e engasgar com o ar.

– *O que há de errado com você, Conner? Como você conseguiu sequer pensar em algo tão terrível?*

– Desculpe, isso apareceu em um dos meus pesadelos. Achei que daria um ótimo monstro alienígena, por isso coloquei na história. Até parece que eu *planejei* encontrar algum vilão das minhas histórias.

– Se isso é o tipo de coisa que rasteja no seu subconsciente, você está precisando *seriamente* de um psicólogo. Qual é o plano para exterminá-los?

– Vai ser simples. Só precisamos achar a entrada da colônia, jogar o Ômega DDG dentro e cair fora!

Alex balançou a cabeça.

– Você sabe tão bem quanto eu que as coisas nunca são assim tão fáceis. Quem teria matado esses insetos se a gente não estivesse aqui?

– A Rainha Cyborg ficaria tão desesperada que se juntaria aos orfanóticos. Eles exterminam os heptacaranguejos, mas dividem Pirulítico depois.

– Então, para ela, nós dois representamos uma bela reviravolta na história. Mudando de assunto, eu queria perguntar: qual é a situação com o comandante Newters? Como ele passou a trabalhar para a Rainha Cyborg?

– Ela impediu que o planeta dele fosse sugado por um buraco negro. Newters ficou tão grato que dedicou a vida a trabalhar para ela. Além disso, caso falte energia, é bom ter *alguém* a bordo da *CEST-0* que não esteja conectado a uma bateria. – A Bússola Bio-

Mat de repente se acendeu, e uma seta apareceu na tela. – Parece que vamos pegar nossa primeira presa.

A bússola guiou os gêmeos pelos morros púrpura até a beira de um fundo e largo buraco, do tamanho de uma piscina vazia. A bússola apontou para algo com material biológico no fundo. Alex e Conner seguraram com firmeza os blasters de curto alcance, com os dedos nos gatilhos, e cuidadosamente espiaram o buraco.

Em vez de um heptacaranguejo, viram uma larva de mariposa do tamanho de um filhote de cachorro. Era roliça e tinha vários anéis, como uma lagarta, mas a forma se assemelhava mais a uma jujuba do que a macarrão. Possuía olhos em forma de botão, grandes e negros, uma larga boca que naturalmente se curvava num sorriso e não possuía nariz. A lagarta se rastejava pelo buraco sem nenhuma preocupação. Ria e falava sozinha como um bebê feliz.

– É a coisa mais fofa que eu já vi – disse Alex.

– Uma minholegre – Conner falou. – Uma espécie de minhoca que está sempre contente, não importa a situação. As minholegres são das poucas espécies que restam no planeta. Os heptacaranguejos caçaram todos os outros insetos.

– O que ela está fazendo no fundo do buraco? Ela mora aí?

– Não, os heptacaranguejos cavam buracos como armadilha para as presas. A coitadinha deve ter caído aí.

A minholegre certamente não parecia alguém que tinha caído numa armadilha; ela ria e saltava. Ergueu os olhos para os gêmeos e acenou com uma das quatro mãozinhas.

– Ah, vamos resgatá-la – disse Alex. – Ela é adorável demais para ser comida.

Os gêmeos baixaram as armas e escorregaram pela encosta do buraco. A minholegre ficou tão contente por ter companhia que se enroscou nos pés deles e ronronou como um gato. Alex fez carinho no amigável inseto; foi como afagar um ursinho de gelatina.

– Acho que ela gosta da gente – disse Alex. – Será que sobreviveria na Terra?

– Você quer levá-la para casa? – perguntou Conner.

Alex se agachou, e a minholegre escalou seu braço e pressionou a boca contra o vidro do capacete num beijo enorme e babado. Alex

foi tomada por uma gostosa sensação e abraçou a minholegre como se esta fosse um bichinho de estimação havia muito perdido.

– Sabe, talvez a gente devesse repensar essa coisa de exterminação – ela disse. – Talvez, em vez de *matar* todos os heptacaranguejos, a gente pudesse apenas colocar armadilhas e soltá-los em outro planeta. No fundo, os heptacaranguejos são iguais a essa minholegre; eles não pediram para vir para Pirulítico. Vamos ter compaixão.

A minholegre rastejou para o chão e circulou o Ômega DDG com curiosidade. Abriu a boca sobre a bomba e a engoliu inteira. Como o dispositivo de detonação era maior do que a minholegre, o corpo desta se esticou em volta dele como uma meia em volta de uma lata de refrigerante.

– Melhor essa minholegre cuspir a nossa bomba, ou vai ter uma baita queimação no estômago – disse Conner.

– Ela deve estar com fome – Alex observou. – O que ela come normalmente?

– Ervas do espaço, esse tipo de coisa. O que é bem estranho, porque os heptacaranguejos não comem herbívoros. Eles caçam outros predadores.

De repente, os gêmeos e a minholegre foram eclipsados por uma grande sombra. Alex e Conner se viraram e viram uma enorme criatura entrando no buraco. Tinha grandes olhos vermelhos, presas, duas garras, oito patas e três caudas de escorpião. Na ponta de cada cauda, havia um longo e afiado ferrão. Saliva pingava das presas da criatura, que estalava as garras conforme se aproximava.

Era de longe a coisa mais assustadora que os gêmeos já tinham visto, e ambos ficaram petrificados. A minholegre acenou para o monstro e lhe soprou um beijo.

– E *isso* é um heptacaranguejo – Conner falou.

– Isso tem dez membros e três caudas. Por que você deu o nome de *heptacaranguejo*? “Hepta” significa “sete”.

– Ah! Isso explica por que eu tirei nota baixa naquele teste de geometria.

Alex pensou que entender a criatura a deixaria menos assustadora, mas o efeito foi o oposto. Quanto mais Alex se dava conta do quão pouco o irmão sabia sobre a criatura que ele mesmo tinha criado, mais assustadora ela ficava.

– Agora eu entendi por que a minholegre está no buraco. Ela não é uma presa. O heptacaranguejo está usando-a como *isca*! – Conner disse.

Alex ficou com medo de sequer perguntar:

– Isca para quê?

– *Nós*.

O heptacaranguejo investiu contra os gêmeos com as garras e os ferrões erguidos. Alex se escondeu atrás do irmão e o usou como escudo.

– *Esqueça o que eu falei sobre ter compaixão!* – ela gritou. – *Mate-o! Mate-o! Mate-o JÁ!*

Conner apontou o blaster de curto alcance e disparou contra a criatura segundos antes que ela atacasse. Um disparo azul brilhante acertou o heptacaranguejo, que explodiu em gosma e vísceras. Suas tripas choveram sobre os gêmeos, que quase vomitaram. Alex tentou limpar as entranhas do capacete, mas só conseguiu manchar o vidro.

– Da próxima vez, vou querer um itinerário completo *antes* de viajar para uma de suas histórias – disse ela.

– Pode deixar.

A Bússola Bio-Mat começou a piscar mais do que nunca. A seta girou descontroladamente quando algo feito de material biológico se aproximou do buraco.

– Precisamos sair daqui! – Conner alertou.

Como não tinham tempo de tirar o Ômega DDG da minholegre, os gêmeos pegaram-na pelas mãos e a levaram para fora do buraco. A minholegre balançava feliz entre eles como se estivesse num trapézio.

Na superfície, os problemas de Alex e de Conner só pioraram. Uma dúzia de heptacaranguejos os cercaram, e outros se aproximavam de todas as direções. Os gêmeos colocaram o Ômega DDG coberto pela minholegre no chão e ficaram de costas um para

o outro. Ergueram os blasters e os apontaram aos heptacaranguejos mais próximos.

– Pronta? – disse Conner.

– Pronta – Alex afirmou.

– É hora *da extinção!*

Alex e Conner abriram fogo contra os heptacaranguejos. Os morros púrpura foram consumidos por fachos azuis e por pedaços de insetos alienígenas. A minholegre se remexia ao som da batalha como se fosse uma música eletrônica.

Um heptacaranguejo que se achava no ponto cego dos gêmeos os derrubou com um golpe da garra. Alex e Conner rolaram para direções diferentes. Era mais difícil disparar contra os heptacaranguejos do chão; os gêmeos precisavam rolar rapidamente de um lado a outro para não serem pisados ou ferroados.

Não importava quantos os dois matassem, os monstruosos insetos não paravam de surgir. Os heptacaranguejos lançaram teias dos ferrões centrais, e os gêmeos e a minholegre foram enredados. Alex e Conner lutaram para se libertar dos fios pegajosos, mas seus braços e blasters estavam presos contra o torso. A minholegre rolou para ficar de costas e tentou fazer anjinhos de neve na teia.

Os heptacaranguejos coletaram os gêmeos e a minholegre. Entretanto, em vez de comê-los, os levaram para longe, precipitando-se pelos morros púrpura como caranguejos pela areia.

– E agora? – perguntou Alex. – Aonde eles estão nos levando?

– Para a colônia, para nos dar de comer à rainha – disse Conner.

A minholegre bateu palmas de alegria, como se eles estivessem sendo levados para um parque de diversões.

– A minholegre tem razão. Na verdade, isso é bom – Conner afirmou. – Quanto mais nos embrenharmos na colônia, mais eficaz vai ser o Ômega DDG.

O bando de heptacaranguejos chegou a um imenso montículo, uma espécie de formigueiro do tamanho de uma montanha. Eles se dirigiram à entrada, no topo, e então desceram por um profundo e serpeante túnel. Aquilo fez Alex lembrar de quando ela e Conner

foram raptados por trolls e duendes e levados para o território subterrâneo destes.

Eles entraram na maior caverna da colônia. Cada centímetro dela estava coberto de heptacaranguejos. Os insetos andavam pelo chão de terra e pelas paredes e se penduravam no teto pelas caudas. Os heptacaranguejos estalavam as garras, chacoalhavam as caudas e sibilavam em celebração à entrada dos gêmeos e da minholegre. A minholegre acenava e apontava as criaturas como se liderasse uma corrida eleitoral dos heptacaranguejos.

Os gêmeos identificaram a rainha dos heptacaranguejos no fundo da caverna. Ela apresentava todas as características de seus filhos, porém era gigante em comparação a eles. Também possuía grandes chifres que se projetavam da cabeça e um par de asas que, pela posição, se assemelhava a um colarinho alto. Sob as caudas, ficava o abdômen longo e espesso, que se curvava em um canto da caverna, onde ela botava ovos. Uma imensa teia de aranha pendia atrás dela como uma bandeira nacional.

Alex reparou que a rainha tinha certa semelhança com Trollbella e suspeitou fortemente que o Território Duetroll era a inspiração por trás da colônia dos heptacaranguejos.

– Conner, essa é a Trollbella?

– Claro! Ela é a maior praga que eu conheço!

Os heptacaranguejos que levavam os gêmeos e a minholegre entraram numa fila de outros heptacaranguejos que se dirigiam à rainha. Todas as criaturas ofereciam à rainha um inseto pirulítico que haviam capturado naquele dia. A rainha examinava cada vítima e cuspiam muco verde ou amarelo sobre ela.

– Que nojento – Alex murmurou para o irmão. – Qual é o propósito disso?

– A rainha está separando as presas. Muco verde significa que ela própria quer comer a presa; muco amarelo significa que ela quer que as larvas comam; e muco nenhum...

Os gêmeos observaram a rainha inspecionando um alienígena parecido com um louva-a-deus. Como a rainha não cuspiu muco algum, o alienígena foi arrastado para o centro da caverna, e a colônia inteira o atacou. Os heptacaranguejos arrancaram

selvagemmente um membro atrás do outro conforme se banquetearavam. Era duro de olhar, e os gêmeos viraram a cara.

Conner foi a primeira presa que os heptacaranguejos de seu grupo apresentaram à rainha. Ao examiná-lo, os grandes olhos negros dela ficaram ainda maiores e saliva escorreu das presas. Bem parecido com o jeito como Trollbella olhava para Conner: ela o queria todinho para si. A rainha dos heptacaranguejos o cobriu de muco verde, ergueu-o e o jogou na teia atrás de si.

Como uma mosca presa numa teia de aranha, quanto mais Conner tentava se libertar, mais emaranhado ficava.

Alex foi apresentada à rainha em seguida. Não foi surpresa que a rainha não tenha ficado tão bem impressionada com ela quanto com Conner. Ela cuspiu muco amarelo sobre Alex, que foi arrastada para o canto dos ovos.

A minholegre foi a última a ser apresentada à rainha. A minhoca ficou toda feliz ao vê-la e ergueu os braços com vontade, como se quisesse abraçar o inseto gigantesco. A rainha nem se deu ao trabalho de examiná-la. Sem muco, os heptacaranguejos arrastaram a minholegre para o centro da caverna para que eles mesmos a comessem.

– Droga! Eles vão disparar a bomba se a comerem! – disse Conner. – Alex, faça alguma coisa!

Os dois gêmeos ainda estavam enrolados em teia por conta do embate com os heptacaranguejos na superfície, mas Alex conseguiu soltar uma das mãos e estalou os dedos. De repente, a rainha dos heptacaranguejos soltou um espirro fortíssimo, e a minholegre ficou coberta de muco verde. Quando a rainha olhou para a minhoca, não se deu conta de que o muco verde era accidental. Pegou-a e jogou-a também na teia atrás de si.

A minholegre ficou presa a menos de dois metros de Conner na teia. A minhoca acenou para ele como se fosse um amigo no qual tivesse esbarrado no supermercado. A rainha continuou separando as demais presas que os filhos haviam trazido para a colônia.

– Conner, vou lançar um encanto em nossas roupas de astronauta para que elas resistam às teias – disse Alex. – Aguarde firme.

Ela estalou os dedos de novo, e a teia que cobria o corpo de ambos se derreteu, libertando seus braços e os blasters de curto alcance até então comprimidos contra seu torso. Conner prendeu-se à teia da rainha como a uma larga escada de corda.

Alex ouviu estalos e crepitações – os filhotes dos heptacaranguejos tinham começado a sair dos ovos. As pequenas larvas colocaram a cabeça para fora dos ovos e olharam em volta à procura da primeira refeição. Assim que uma larva viu Alex, todas se viraram para a garota como se estivessem conectadas no mesmo comprimento de onda.

Alex apontou a arma para os recém-nascidos, e Conner acenou para impedi-la.

– Não atire! – ele gritou. – Precisamos ativar o Ômega DDG antes que você faça um estrago!

– Então faça isso!

Conner escalou a teia até a minholegre. Puxou o bicho da teia e o levou ao chão. A minholegre estava bem pesada com a bomba dentro do corpo. De início, Conner tentou arrancar o Ômega DDG pela boca da minholegre, mas a minhoca achou que era uma brincadeira e manteve a boca bem fechada.

– *Seu parasita imbecil!* – disse Conner. – *Cuspa logo isso!*

Ele tentou apertar a minholegre para que ela expelisse a bomba, mas isso só lhe fez cosquinhas. Ela tinha a boca fechada, porém Conner sentia a vontade de rir aumentando dentro dela.

– Então você gosta de cosquinha, é? Eu vou fazer *cúti-cúti* em você até tirar essa bomba!

Conner fez cócegas na minholegre com as duas mãos. O bicho nunca tinha se divertido tanto na vida, e tanto riso se acumulou dentro de seu corpo que o Ômega DDG parecia estar coberto por um balão em forma de bicho. Enfim, a minholegre não aguentou mais as cosquinhas e abriu a boca para rir. O Ômega DDG foi disparado para fora dela como uma bala de canhão. Por sorte, Conner o pegou pelo cabo antes que escapasse.

Enquanto isso, no canto, as larvas começavam a sair dos ovos. Assim que entenderam como andar, foram na direção de Alex. Ela as chutava para longe, mas as larvas eram incansáveis. Cada ovo

continha várias delas, de modo que o número de recém-nascidos que se aproximavam dobrava a cada segundo.

– *Rápido!* – Alex gritou para o irmão. – *Daqui a pouco vou virar comida de bebê alienígena!*

Conner digitou “LRRH215” no teclado do Ômega DDG, e uma luz vermelha começou a piscar.

– O Ômega DDG detonará dentro de trinta segundos – disse a calma voz do dispositivo.

– *Está armado!* – Conner anunciou e correu na direção da irmã.

– *Não esqueça a minholegre!* – disse Alex. – *Não podemos deixá-la aqui!*

Conner resmungou e correu de volta. A minholegre tinha as mãozinhas para cima como uma criancinha pedindo colo, e Conner a pegou.

As larvas começaram a pular em Alex, que não teve escolha senão atirar nelas. Os disparos ecoaram pela caverna, e todos os heptacaranguejos voltaram a cabeça na direção da garota. Conner imediatamente pensou numa distração para salvar a irmã: disparou o blaster nos cantos da teia atrás da rainha, e a teia caiu em cima dela como uma rede. A rainha dos heptacaranguejos sibilou, e todos os seus filhos esqueceram dos irmãos recém-nascidos e correram para ajudá-la.

Alex e Conner encontraram-se no centro da caverna e correram para o túnel, nos fundos. A minholegre dava tchauzinho para os heptacaranguejos pelos quais passava. Alex e Conner entraram no túnel e, conforme avançavam, deixavam um rastro de tiros no teto, fazendo com que grandes pedaços de terra caíssem e bloqueassem a passagem, para que os heptacaranguejos não os seguissem.

Os gêmeos correram tão rápido quanto as pernas suportavam. A minholegre se segurava no capacete de Conner como um jóquei segura as rédeas de um cavalo de corrida. Ela até batia no traseiro de Conner para fazê-lo correr mais rápido.

– *Pare com isso!* – ele disse. – *Está doendo!*

Eles só tinham mais alguns segundos antes que o Ômega DDG detonasse. Viram a luz à frente e entenderam que estavam quase fora da colônia. Ouviram o estrondo da explosão, e o túnel inteiro

vibrou. Alex, Conner e a minholegre chegaram à superfície bem a tempo e rolaram montículo abaixo. Um forte raio gama jorrou da entrada da colônia, vaporizando tudo o que tocava. Por milhas, as colinas púrpura sacudiram e se racharam como se tivessem sido atingidas por um forte terremoto. Quando o raio gama se dissipou, a colônia já não passava de um buraco gigante.

Com os heptacaranguejos efetivamente exterminados, era seguro para a *CEST-0* carregar Pirulítico. Os gêmeos permaneceram deitados, recuperando o fôlego.

– A partir de agora, só vou escrever sobre coelhinhos – disse Conner, ofegando.

Uma nave um tantinho maior do que a *Expresso Lunar 2999* desceu do céu e pousou perto dos gêmeos. Era preta, e seu formato lembrava o corpo de um lobo. Na lateral dela, estava gravado “GARRA-S”. Alex e Conner se levantaram quando a Rainha Cyborg saiu da *GARRA-S* acompanhada do comandante Newters e de alguns soldados cyborgs.

– Muito bem, exterminadores! – disse a Rainha Cyborg. – Todos na *CEST-0* apostamos se vocês iriam sobreviver. Agora eu devo à minha tripulação uma semana com o dobro de privilégios de bateria!

Os gêmeos deduziram que ela estava completamente recarregada, pois seu ânimo parecia muito melhor do que antes. O comandante apertou a mão dos gêmeos e devolveu a Conner sua mochila.

– Excelente trabalho! – disse Newters. – Não vejo a Rainha Cyborg tão contente desde que uma constelação foi nomeada em homenagem a ela.

A Rainha Cyborg girou e apontou aos alienígenas diferentes partes da superfície pirulítica.

– Acho que vou construir o palácio bem *ali*, no eclipse dos anéis, para que não fique muito quente no verão – ela pensou em voz alta.

– E, como já temos um buraco gigante aqui, é onde vai ficar a piscina de gasolina. Aliás, sobre o buraco, eu gostaria de ter sido avisada de que isso poderia acontecer... Mas tudo bem.

A Rainha Cyborg rolou até o comandante e os gêmeos.

– Vossa Magneticidade – disse Conner –, agora que exterminamos os heptacaranguejos, minha irmã e eu podemos pegar emprestado seu exército cyborg para salvar nossos amigos?

– Um trato é um trato – a rainha falou. – Vocês podem nos levar para Contosdefadastópia quando estiverem prontos.

– Um momento, *você vai com a gente?* – perguntou Alex.

– Certamente. Eles vão começar a construir minha nova residência assim que levarmos o planeta para meu sistema natal. Vou precisar de algo para fazer enquanto ela é construída. Quanto tempo dura a viagem? Devo avisar que qualquer coisa mais longa do que setenta e quatro segundos me deixa irritada.

– Na verdade, primeiro vamos fazer uma parada em Sycamore Drivious, mas não vai demorar – disse Conner. – Veja só, lembrei que tenho um dispositivo de transporte bem aqui.

Conner enfiou a mão na mochila e tirou o fichário de contos.

– Ótimo – disse a Rainha Cyborg, rolando para longe dos gêmeos e cobrindo o nariz. – Um aviso de amiga: acho que vocês vão querer trocar de roupa antes de encontrar seus amigos. Vocês estão fedendo a *tripa de inseto*.



CAPÍTULO 15



O fruto conhece a árvore

Emmerich não estava conseguindo dormir muito. As bruxas reunidas no Riacho do Homem Morto passavam a noite inteira acordadas, como animais noturnos; cacarejavam e preparavam poções fedidas até o nascer do sol e então descansavam durante o dia. Os roncos altos, rosnados e resmungos impossibilitavam o sono de Emmerich. Tal qual um bichinho negligenciado, ele também não estava sendo muito bem alimentado. Assim, quanto mais tempo passava como prisioneiro das bruxas, mais fraco ficava.

Ele achou que a exaustão estava começando a pregar peças em sua mente, porque um dia, ao nascer do sol, depois que todas as bruxas dormiram, viu um homem estranho caminhando na ponta dos pés em sua direção. O homem tinha olhos azul-claros e diversos arranhões na face; além disso, mancava, e seu braço esquerdo estava numa tala.

Emmerich nunca o tinha visto e não tinha ideia do que ele fazia ali. O homem deu a volta na árvore à qual Emmerich estava preso e silenciosamente desatou as correntes.

– Quem é você? – perguntou Emmerich.

O homem fez um gesto para que ele ficasse em silêncio.

– *Vim para resgatar você* – o homem sussurrou.

Depois de livrar o corpo de Emmerich das correntes, o homem ofereceu a mão boa e ajudou o menino a ficar de pé. Foi difícil para ambos, pois o homem estava ferido e Emmerich não ficava de pé havia um bom tempo.

O homem fez um gesto para que Emmerich o acompanhasse, e os dois se embrenharam na floresta, afastando-se do Riacho do Homem Morto.

– Você está ferido? – o homem perguntou, examinando o menino de frente e de costas.

– Não – disse Emmerich. – Apenas cansado, faminto e assustado. Mas ninguém me feriu.

O homem enfiou a mão na tipoia e retirou uma maçã, que entregou a Emmerich. O garoto estava tão faminto que deixou de lado qualquer boa maneira e imediatamente começou a comê-la.

– Lembre-se de mastigar bem a comida – o homem comentou, sorrindo. – Lembra do que aconteceu com a Branca de Neve?

O Homem Mascarado desempenhava muito bem o papel de bom samaritano. Com poucos gestos de gentileza, convenceu o garoto de que era um herói.

– Obrigado por me resgatar – disse Emmerich. – Quem é você?

– Você não sabe quem eu sou?

Emmerich balançou a cabeça. Os dois nunca tinham estado frente a frente, porém o Homem Mascarado precisava se certificar de que sua fama não havia chegado ao filho.

– Eu sou do Outromundo – o Homem Mascarado mentiu. – Vim resgatar você e levá-lo para casa.

O garoto ficou tão feliz com a perspectiva de voltar para casa que lágrimas vieram-lhe aos olhos e ele deu um forte abraço no Homem Mascarado. O abraço machucou a costela quebrada do outro, que afastou Emmerich.

– Desculpe – disse o menino. – Faz muito tempo que estou longe. Minha mãe deve estar muito preocupada comigo!

– Certo... A sua *mãe*.

O Homem Mascarado parou por um instante para observar o filho. De perto, a semelhança com Bo Peep era ainda mais impressionante.

– Como você me encontrou? – perguntou Emmerich.

– Ah... – O Homem Mascarado precisou pensar rápido. – Seus amigos do Outromundo me mandaram para cá.

– Conner e Alex?

O Homem Mascarado ficou chocado com o fato de Emmerich saber o nome de seus sobrinhos. Se Emmerich não conhecia o próprio pai, como poderia conhecer os primos?

– Ora... *claro!* – disse o Homem Mascarado.

– Eles estão aqui?

O garoto olhou empolgado em volta da floresta, como se os gêmeos estivessem prestes a pular de trás de uma árvore.

– Eles estão nos esperando no Outromundo – o Homem Mascarado falou.

– De onde você conhece os gêmeos?

O Homem Mascarado precisava tomar cuidado com as informações que compartilhava, ainda mais se Emmerich era amigo dos gêmeos. Para que seu plano funcionasse, ele precisava da absoluta confiança do filho.

– Eles nunca mencionaram seu tio Lloyd? – perguntou.

– Não – disse Emmerich. – Eu nem sabia que eles têm um tio.

– Que bom. Quero dizer... *que bom para mim*. Assim tenho a chance de me apresentar. Meu nome é Lloyd Bailey, o tio *favorito* de Alex e Conner.

Emmerich apertou a mão do Homem Mascarado com o entusiasmo de quem encontrava pela primeira vez um membro da própria família.

– É um prazer enorme conhecer você! – disse o garoto.

– O prazer é meu. Agora precisamos sair da floresta antes que as bruxas percebam que você sumiu. Eu segui a bruxa Morina até um portal no Reino do Leste que nos levará ao Outromundo. Só que precisamos nos mover muito discretamente; são tempos complicados para viajar por este mundo.

O Homem Mascarado abriu caminho, seguido por Emmerich. Mesmo com a perna ferida, o homem se movia com tanta determinação que Emmerich tinha dificuldade para acompanhá-lo. Embora milhares de outras perguntas consumissem sua mente, Emmerich seguiu as instruções do homem e permaneceu quieto.

Eles avançaram pela floresta por quilômetros e quilômetros sem fazer um barulho. De repente, um estalo alto soou sob o pé do Homem Mascarado, que olhou para o chão e notou que havia pisado numa estatueta de pássaro, feita de pedra clara. Encontrar aquilo no meio da floresta era algo bem esquisito.

– Veja, tem mais! – disse Emmerich.

O garoto apontou para a copa das árvores. A estátua ao pé do homem era uma entre muitas. Os galhos estavam cobertos por centenas de pássaros de pedra – o suficiente para constituir uma revoada. Cada pássaro exibia uma expressão aterrorizada, como se tivesse sido congelado enquanto fugia de um predador.

– Que ornamentos mais estranhos – Emmerich observou.

– Não são ornamentos – disse o Homem Mascarado. – Eles foram transformados em pedra por um monstro terrível que está vagando pela floresta. Precisamos nos afastar daqui o mais rápido possível, ou seremos os próximos!

Emmerich não precisou de mais explicações. Ele e o Homem Mascarado avançaram pela mata mais rápido do que antes. Mesmo com um monstro à solta, entretanto, Emmerich estava contente por se afastar do Riacho do Homem Morto. Mal sabia o garoto que estaria melhor nas mãos das bruxas do que nas do Homem Mascarado.



CAPÍTULO 16



Casa cheia, corações cheios

A perseverança dos tripulantes do *Lhama Áspera* havia sido posta à prova quando eles entraram no Outromundo, mas, depois de apenas um dia na casa de Sycamore Drive, as piratas e os marinheiros de “Estibórdia” já estavam muito acostumados à vida no século XXI. De fato, para Charlotte, eles estavam um pouco à vontade demais. A mãe dos gêmeos passava o dia seguindo piratas e marinheiros de um cômodo a outro, como se fosse a babá de cinquenta criancinhas.

Sally Ruiva, o Almirante Jacobson, Suzy Sereia e os marinheiros se achavam esparramados na sala de estar, vendo televisão. Compartilhavam tigelas de pipoca e de doces enquanto assistiam a um programa que Charlotte não reconheceu.

– O que vocês estão vendo? – ela perguntou.

Como que encantados, os homens e as mulheres não tiravam os olhos da tela.

– Uma família muito rica com problemas muito frívolos – disse Sally Ruiva. – É difícil dizer quem são os pais, porque *todos* agem como crianças mimadas.

– E por algum motivo a gente não consegue parar de assistir – o Almirante Jacobson falou.

De repente, todos se sobressaltaram com o barulho de um liquidificador. Charlotte correu até a cozinha para ver em que os outros estavam metidos. Encontrou Ronda Runzeira servindo um líquido vermelho e viscoso para si própria, Isa Não-Bela, Gabri Bagre e Maria Maré-Alta.

– Posso ajudar com alguma coisa, senhoritas? – Charlotte perguntou.

– Não poderíamos estar melhor – respondeu Ronda Runzeira. – Acabei de aprender a produzir uma bebida extraordinária chamada daiquiri de morango! Deliciosa, geladinha e tão doce que nem dá

para sentir o gosto do rum! É o néctar dos deuses, pode acreditar. Quer um?

– Não, obrigada.

Isa Não-Bela, Gabri Bagre e Maria Maré-Alta engoliram suas bebidas e em seguida colocaram as mãos na cabeça, com dor.

– *Você envenenou a gente!* – Isa Não-Bela gritou.

– *Minha cabeça vai explodir!* – berrou Gabri Bagre.

– *Tenha misericórdia, acabe com nosso sofrimento de uma vez!* – disse Maria Maré-Alta, oferecendo seu rifle a Charlotte, que disse:

– Senhoritas, acalmem-se. Vocês *congelaram* o cérebro. Acontece quando se toma uma bebida gelada rápido demais. Fiquem calmas que isso passa.

Um viscoso naco vermelho caiu e se espalhou pelo balcão. Charlotte olhou para cima e notou que o teto da cozinha estava coberto de daiquiri de morango.

– O que é isso? – perguntou ela.

– Desculpe, foi a minha primeira tentativa – disse Ronda Runzeira. – Precisei fazer algumas até dominar o jarro com lâminas giratórias.

Antes que começasse a limpar aquela bagunça, Charlotte foi distraída por um forte som de água no segundo andar. Ela correu escada acima e foi direto para o banheiro do quarto de casal.

Zélia Zarolha e Bárbara Boca-de-Peixe, inteiramente vestidas, tomavam um banho de espuma na banheira de Charlotte. Paula Pé-de-Chulé se achava sentada no tanque da privada, com os pés dentro do assento; ela dava descarga e suspirava de alívio a cada vez que a água corrente massageava seus pés. As três piratas claramente tinham revirado as coisas de Charlotte, já que estavam com máscaras de beleza verdes e liam romances.

– Olá, Charlotte! – disse Paula Pé-de-Chulé. – Vocês é que sabem viver! Esta aqui é de longe a minha invenção favorita do futuro.

Ela acariciou a lateral da privada e deu descarga outra vez. Charlotte respirou fundo e expirou lentamente. Uma dor de cabeça se formava no ponto entre seus olhos.

– Não é para isso que serve a privada, Paula – disse.

Paula Pé-de-Chulé ficou chocada.

– Então serve *para quê?*

– Dejetos humanos.

A pirata imediatamente tirou os pés de dentro da privada e os enxugou na toalha de mão.

– Então o que é aquele balde no canto com o pedal que abre a tampa? – Bárbara Boca-de-Peixe indagou.

– É uma lata de lixo.

O rosto de Zélia Zarolha e de Bárbara Boca-de-Peixe foi tomado de culpa.

– Eu não olharia ali dentro se fosse você – Zélia Zarolha alertou.

Charlotte nem teve tempo de reclamar com as mulheres no banheiro, pois notou algo com o canto do olho. Entrou no quarto e viu que o edredom de sua cama tinha sido trocado por uma bandeira preta com a imagem de uma caveira de lhama. Charlotte correu até a janela do quarto para espiar o navio pirata. Joana Tanajura içava o edredom lavanda no mastro do *Lhama Áspera* como sua nova bandeira. A mãe dos gêmeos correu para o quintal dos fundos.

– *Joana, o meu edredom!* – gritou.

– Gostou? – perguntou Joana Tanajura. – Achei que o navio precisava de um pouco de cor. Não me entenda mal: eu gostava da nossa bandeira antiga, mas essa bandeira nova diz: “Sim, somos piratas, mas estamos em contato com nossa essência feminina!”.

Clink-clink! Assim que Charlotte subiu o primeiro degrau para entrar a bordo do navio, ouviu um som incomum vindo do quintal lateral. *Clink-clink!* Seguiu o barulho e encontrou Patty Cara-de-Panqueca jogando dardos com sua melhor prataria.

– *Pare com isso!* – disse Charlotte, juntando os utensílios. – *Essa prataria pertenceu à minha bisavó! Está na família há décadas!*

– E ela tinha muito bom gosto – Patty Cara-de-Panqueca falou. – É muito fácil de atirar. Sua bisavó deve ter sido uma bandida daquelas!

Charlotte sentiu a pressão subir. Entrou na casa e se trancou na lavanderia antes que perdesse a cabeça. A balbúrdia na casa foi suplantada pelo som da secadora. Era o primeiro momento de paz que Charlotte tinha no dia. Ela estava contente por ajudar os filhos, mas não prognosticara quão caótica seria a tarefa de cuidar das piratas e dos marinheiros.

Uma batida soou na porta da lavanderia, e Charlotte franziu o cenho.

– O que foi agora? – perguntou.

– Charlotte, sou eu, Bob. Acabei de chegar em casa. Tudo bem?

Charlotte o deixou entrar e fechou a porta antes que uma pirata entrasse também.

– Para ser sincera, acho que estou enlouquecendo um pouco. E esses são apenas os personagens da *primeira* história! O que eu vou fazer quando Alex e Conner voltarem de “Rainha da Galáxia”? A casa é pequena demais para tantas pessoas!

– Acho que tivemos o olho maior do que a barriga. Os marinheiros fizeram uma corda com as minhas gravatas, e a Galinha a Rosarinho transformou o cesto de roupa suja em ninho. Ela também botou ovos em todos os meus sapatos. Eu gostaria muito de ter sido avisado disso *antes* de me vestir para o trabalho.

– E amanhã *nós dois* precisamos trabalhar. Não podemos deixá-los sozinhos na casa. Eles vão destruí-la antes de voltarmos.

– E nem temos a possibilidade de chamar uma babá. E certamente não podemos levá-los conosco para o hospital.

Sem querer, Bob dera uma ideia a Charlotte, cujos olhos brilharam.

– É isso! – disse ela. – E se nós os levarmos para a nova ala do hospital pediátrico? A construção terminou agora, e as inspeções só começam na semana que vem. Está vazia e é espaçosa, é exatamente disso que precisamos!

Antes que Bob dissesse qualquer coisa, a porta da secadora se abriu e Aninha Acrobata brotou dela. A pirata estava muito quente e tonta. Quando seus olhos pararam de girar, ela encarou Bob e Charlotte e perguntou:

– Em que tempo estamos?

– São quase cinco e meia – disse Bob.

– Droga – disse Aninha Acrobata. – Eu jurava que isso era uma máquina do tempo.

Um *crash* estrepitou na sala de estar. Charlotte e Bob correram para lá e depararam com a TV no chão, a tela estilhaçada. Sally Ruiva e o Almirante Jacobson estavam ajudando Suzy Sereia a se levantar, ao lado do aparelho destruído.

– O que aconteceu? – perguntou Charlotte.

– A família privilegiada desapareceu e foi substituída por uma série de mercadores – Sally Ruiva explicou. – Primeiro uma mulher nos enfeitiçou para que comprássemos um esfregão prodigioso, depois um homem engoliu uma pedrinha que curou sua dor nos ossos, depois uma velha caiu no chão e não conseguiu se levantar!

Suzy Sereia fitou o chão e disse:

– Eu tentei salvá-la...

Bob e Charlotte passaram os olhos por todos os marinheiros e piratas espalhados pela casa e soltaram um longo suspiro.

– Você está certa – disse Bob. – Não podemos deixá-los aqui. Vamos levá-los para o hospital conosco. Pelo menos, poderemos dar uma olhada neles durante o trabalho.

– Alguém vai precisar supervisioná-los.

O fichário de contos de Conner, mantido a um canto da sala de estar, se abriu e um fecho de luz iluminou a casa. Alex e Conner emergiram do fecho em trajes de astronauta recém-limpos e com um enorme sorriso no rosto. A minholegre, apoiada no ombro de Alex, exprimiu *ohs!* e *ahs!* admirados ao ver a casa.

– Ei, pessoal! – disse Conner. – Boas novas! Recrutamos o exército cyborg para nos ajudar!

As piratas e os marinheiros deram vivas, mas então se interromperam, todos com a mesma expressão perplexa.

– O que é um cyborg? – perguntou o Almirante Jacobson.

– Você vai ver – Conner afirmou. – Daqui a pouco, eles aparecem aqui. A Rainha Cyborg só está esperando a emissão de um novo Alvará de Construção de Planeta pelo Conselho do Universo Unido. Longa história.

A TV quebrada e a cozinha bagunçada chamaram a atenção dos gêmeos.

– O que aconteceu aqui? – Alex indagou. – Um terremoto?

– Precisamos conversar – disse Charlotte.

Bob e Charlotte levaram os gêmeos à sala de jantar para conversarem a sós.

– A cada instante, esta casa fica menor – a mãe falou. – Bob e eu conversamos e achamos que seria melhor levarmos os seus personagens para a nova ala do hospital pediátrico. Lá tem bastante espaço, e ninguém vai vê-los.

– Excelente ideia – disse Conner. – Eu estava me perguntando onde colocaríamos mil soldados cyborgs. Bem pensado.

– O que nos leva à nossa próxima preocupação – disse Bob. – Precisamos de ajuda para cuidar de todos esses personagens. Existe um limite para o que sua mãe e eu conseguimos fazer. Vocês conhecem alguém que possa ajudar a tomar conta deles?

A minholegre ergueu a mão, confiante de que estava à altura da tarefa. Os gêmeos se entreolharam e pensaram em possíveis candidatos.

– Talvez devêssemos tentar outras pessoas do mundo dos contos de fadas – Alex ponderou. – E se trouxermos João e Cachinhos Dourados para ajudar mamãe e Bob?

– Boa, eles provavelmente estão preocupados conosco – Conner concordou. – Podemos contar para todo mundo que já recrutamos meio exército. Talvez eles estejam precisando de boas notícias.

Ainda que não tivesse ideia do que os gêmeos diziam, a minholegre acenava com a cabeça em aprovação. Só neste momento Bob e Charlotte repararam na minhoca no ombro de Alex, e ambos deram um passo para trás.

– Como vamos chegar ao mundo dos contos de fadas? – Conner perguntou. – Pelo antigo livro de histórias da vovó?

– Sim, mas, em vez de ativar a mágica do livro, deveríamos usar a Poção do Portal nele – Alex sugeriu. – Assim vai ser mais fácil voltar para cá.

Para Bob e Charlotte, Alex e Conner pareciam estar falando outro idioma, mas, se os gêmeos estavam satisfeitos com esse plano,

então eles também estavam.

– Aliás, onde está o antigo livro de histórias da vovó? – perguntou Conner.

– Na estante de livros do quarto de Alex – disse Charlotte.

– Ótimo! – Conner falou. – Obrigado por ser tão organizada, mãe!

Alex estalou os dedos, e as roupas de astronauta voltaram a ser roupas normais. Ela entregou a minholegre a Charlotte, e os gêmeos correram até o quarto de Alex, no andar de cima. Apesar da enérgica tentativa da minholegre de abraçá-la, Charlotte a segurava como se ela fosse venenosa, bem longe do corpo.

– Charlotte – disse Bob, chocado. – Tem uma minhoca alienígena na nossa casa.

Em seu quarto, Alex esquadrinhou a estante até encontrar a lombada do livro cor de esmeralda da avó. Ela o sacou e leu em voz alta o título dourado:

– *Terra de Histórias*.

– Está mais para *Terra de Encrencas* – Conner brincou.

Naturalmente, o livro lhes provocou nostalgia, mas os gêmeos não tinham tempo para lembranças. Conner colocou o livro no chão, sacou o frasco da mochila e pingou três gotas da Poção do Portal nas páginas. Elas se acenderam no instante em que outro brilhante fecho de luz disparou do livro.

Enquanto Conner preparava o livro de histórias, o título de outro livro na estante chamou a atenção de Alex: *Rei Arthur e os cavaleiros da tábua redonda*. O coração da garota se apertou, e o seu rosto esmoreceu.

– Alguma coisa errada? – perguntou Conner.

– Não, não mesmo. Vá em frente, eu te encontro já, já.

Conner pisou no fecho de luz e sumiu do quarto. Alex tirou a cópia de *Rei Arthur* da prateleira e a observou. A imagem na capa era de um rei velho e cansado sentado na cabeceira de uma mesa redonda. Ele tinha bolsas sob os olhos, barba longa e grisalha e a mente preocupada. Aquilo fez Alex rir, porque o Arthur que ela conhecera não poderia ser mais diferente.

Alex se perguntou o que Arthur estaria fazendo naquele instante. Perguntou-se se ele pensava nela tanto quanto ela pensava nele, se sentia a sua falta tanto quanto ela sentia a falta dele, se ele ansiava por estar com ela tanto quanto ela ansiava por estar com ele. Mesmo que houvesse sido escolha dela deixá-lo em seu próprio mundo, não se passava um único dia em que ela não pensava nele e se perguntava se tinha tomado a decisão certa.

Estranhamente, só de segurar o livro, Alex sentiu-se mais próxima de Arthur, como se ele estivesse do outro lado de uma linha telefônica ligada. Ela guardou o livro na mochila, pisou no fecho de luz e seguiu o irmão rumo à Terra de Histórias.



No mundo do Rei Artur, o rei do passado e do futuro combatia um espantalho encantado em um grande campo aberto. O duelo teria sido um espetáculo para qualquer um que por ali passasse, mas, para Arthur, era apenas outra lição do treinamento para ser rei da Inglaterra. Merlin e Mamãe Ganso, sentados em espreguiçadeiras de plástico, torciam por ele enquanto tomavam chá gelado.

– É assim que se faz, Arthurzinho! – disse Merlin. – Lembre-se: os inimigos virão em formatos, tamanhos e materiais diferentes!

– Ar-thur! Ar-thur! Ar-thur! – Mamãe Ganso entoava como se estivesse na torcida de um jogo de futebol. – Mostre para esse espantalho quem é que manda! Faça ele cuspir palha!

Arthur era o menos entusiasmado dos três. Na verdade, ele mais parecia o Rei Arthur da capa do livro de Alex do que o rapaz aventureiro de que ela se lembrava. Derrotar o espantalho era moleza, mas ele não estava ali de corpo e alma. Por semanas, só havia uma coisa na mente de Arthur, algo que ele não conseguia deixar para lá.

O espantalho derrubou Arthur, socando-o e chutando-o com seus macios membros de palha. Arthur nem tentou se proteger; simplesmente ficou deitado e se deixou surrar pelo objeto encantado.

Merlin e Mamãe Ganso fizeram tudo o que podiam para incentivá-lo. Dispararam fogos de artifício mágicos, fizeram ola como a multidão em um estádio, até dançaram com pompons, mas nada o motivou.

– Ele está deprimido desde que Alex foi embora – disse Merlin. – A menos que façamos algo para inspirá-lo logo, a Inglaterra terá um futuro muito sombrio.

– Vou conversar com ele, pode deixar – Mamãe Ganso falou. – Se tem uma coisa que eu sei fazer bem, é convencer rapazes a agir contra a própria vontade. Confie em mim, eu sempre tinha dois pares nos bailes da escola, e não era por causa da minha aparência.

Merlin deu de ombros; ele já não tinha mais ideias e estava disposto a tentar qualquer coisa. Estalou os dedos, e o espantalho foi desencantado.

– Vamos fazer um intervalo – Merlin disse a Arthur. – Preciso voltar à cabana e mexer no meu ragu de cauda de minhoca para não dar caroço.

O mago beijou Mamãe Ganso na bochecha e se dirigiu à floresta, para que ela e Arthur pudessem ficar a sós.

– Ei, Arthurzinho! Sente um pouco aqui do meu lado – Mamãe Ganso chamou.

Arthur se livrou do espantalho e caminhou lentamente até o lugar antes ocupado por Merlin. Manteve os olhos no campo vazio e soltou um fundo suspiro.

– Por que essa cara, Arthur? – perguntou Mamãe Ganso. – Você está parecendo eu no dia em que os Beatles se separaram.

– Estou tendo dificuldade para me concentrar nas aulas de Merlin. Não estou me sentindo normal nos últimos dias.

– É saudade da Alex.

A reação de Arthur foi negar a acusação, mas, quando ele abriu a boca, não encontrou palavras para contra-argumentar. Apenas fez que sim com a cabeça e se afundou na cadeira. Mamãe Ganso colocou uma mão em seu ombro e sorriu com doçura.

– *Amores da juventude* – ela disse. – Não importa quão velho seja, você nunca esquece. Você passa cinco minutos com uma

pessoa e de repente nunca mais quer ficar longe dela. Essa pessoa vira o seu único foco, ela te faz mais feliz, mais empolgado e mais inspirado do que nunca. Ela vira a sua armadura e lhe dá força, coragem, faz você se sentir invencível. A vida já não parece tão ruim quando você tem uma pessoa com quem partilhá-la.

Arthur engoliu em seco – ele próprio não teria dito melhor.

– Isto é, até que *acaba* – Mamãe Ganso pontuou. – Aí as coisas desabam, o coração se estilhaça, você quebra a cara. Você se sente uma besta por ter ficado tão feliz, com vergonha por ter demonstrado, e o mundo parece mais terrível do que nunca.

– Sei bem como é.

Mamãe Ganso se inclinou para ele, e sua expressão ficou mais séria.

– O amor é maravilhoso, mágico e bonito, mas também pode te enlouquecer, te machucar, pode ser perigoso – disse. – Ele nos cega mais do que tudo. Ele nos torna egoístas, faz com que sintamos que nada mais importa e que acreditemos que o resto do mundo não existe. Só que *existe*. Não importa se você está no céu ou no inferno do amor, o mundo sempre segue em frente.

– Você está dizendo que o amor é uma fraqueza?

– Isso depende de você. Não é por acaso que temos coração e cérebro. Precisamos dar ouvidos aos dois. Um bom homem segue o coração, mas um homem sábio segue o coração sem ignorar o cérebro. Encontrar o equilíbrio certo é uma das tarefas mais difíceis da vida.

– Parece que Alex e eu estamos em lados opostos dessa balança. Ela acha que, se ficássemos juntos, o meu destino se alteraria, e eu não consigo imaginar um destino sem ela.

– O destino é uma aposta grande demais para um relacionamento. Não importa quão forte seja o seu sentimento em relação a algo... Mesmo as pessoas mais teimosas podem mudar. E se você e Alex se distanciassem daqui a alguns anos? Você consegue imaginar a culpa que vocês dois sentiriam se decepcionassem o povo da Inglaterra por nada?

– Mas, como você disse, o essencial da vida é encontrar um *equilíbrio*. Deve haver um cenário em que cumprimos os nossos

destinos e ficamos juntos! Por que as coisas precisam ser tão preto no branco?

– Os jovens de hoje em dia do Outromundo são dramáticos demais. Todo relacionamento precisa ser *tudo-ou-nada*, não existe nenhum exemplo de *dar-e-receber*. Para mim, os culpados são a TV e os romances de vampiros. Alex não quer que a Inglaterra fique sem o Rei Arthur, por isso ela própria está ficando sem o Rei Arthur.

Arthur ficou em silêncio e olhou para o céu. Refletiu sobre o que Mamãe Ganso tinha acabado de dizer. Uma ideia interessante lhe ocorreu, e ele sorriu de orelha a orelha.

– Então, para provar que ela está errada, preciso provar que ela não vai privar a Inglaterra de nada – disse. – Se eu realizar a lenda que Alex atribui a mim, ela não vai ter o que colocar entre nós!

Mamãe Ganso ficou confusa. Ela estava tentando convencer Arthur a superar Alex e seguir com a vida, e não a superar a vida e seguir com Alex. Ela não fazia ideia de como seu conselho tinha saído pela culatra daquele jeito.

– Acho que você tem razão – Mamãe Ganso falou. – Caramba, Arthurzinho, se você fundasse Camelot, juntasse os Cavaleiros da Távola Redonda, encontrasse o Santo Graal e *continuasse* sentindo algo por Alex depois de tudo isso... eu mesma levaria você até ela.

Arthur fitou Mamãe Ganso com um profundo desespero no olhar e perguntou:

– Levaria mesmo?

– Ahn... *Claro*. Mas acho que você não enten...

– Então é melhor eu pôr a mão na massa!

Arthur correu empolgado para o campo. Mamãe Ganso não sabia muito bem como aquilo tinha acontecido, mas estava contente com a mudança de ânimo do garoto. Ela estalou os dedos, e o espantalho se levantou. Arthur o combateu com mais vigor e determinação do que jamais combatera qualquer coisa.

Merlin retornou ao campo e não acreditou no que viu. Sentou-se ao lado de Mamãe Ganso e falou, com uma expressão atônita:

– É um milagre! Como você conseguiu?

Mamãe Ganso deu de ombros.

– Eu tenho tanto jeito com as palavras que nem sei direito o que falei.



CAPÍTULO 17



Todos juntos de novo

Alex e Conner pisaram no fecho de luz e se viram em algum lugar perto do sopé das Montanhas do Norte, no Reino do Norte. Se não fosse pela cordilheira de picos nevados que se estendia de lado a lado no horizonte, os gêmeos não teriam reconhecido a Terra de Histórias. O céu enfumaçado e o cheiro forte de queimado os fez pensar que tinham entrado numa zona de guerra, não no mundo dos clássicos con-tos de fadas. Infelizmente, naqueles tempos, eles eram a mesma coisa.

– Este lugar está destruído – disse Conner. – O que o tio Lloyd fez?

– Não estamos longe do Palácio do Norte – Alex comentou. – Vamos até lá para dar uma olhada. Talvez a gente consiga alguma nova informação.

Os gêmeos pegaram o livro esmeralda do chão e atravessaram as florestas do Reino do Norte, evitando estradas e atalhos para não serem vistos. Logo os domos verdes do Palácio do Norte surgiram acima das árvores, e os gêmeos aproximaram-se devagar para vê-lo melhor.

Se o Palácio do Norte era indício de algo, o mundo dos contos de fadas nunca tinha estado em pior situação. O antigo lar de Branca de Neve estava tão danificado que era um milagre que ainda houvesse partes suas de pé. O *Caveira e Ossos*, o navio flutuante do Capitão Gancho, pairava sobre o palácio como um balão estacionado. O terreno estava tomado por grupos de patrulha de Winkies e de soldados de cartas.

Nos jardins dianteiros do palácio, os gêmeos viram aldeões construindo três estátuas enormes: da Bruxa Má do Oeste, do Capitão Gancho e da Rainha de Copas. Eram supervisionados por um bando de macacos voadores que empurravam e chutavam os aldeões que passavam por eles carregando suprimentos.

– O que fizeram com o Lago dos Cisnes? – exclamou Conner. – Todos os aldeões de todos os reinos devem estar ali!

– Olhe para cima – disse Alex.

Ela apontou para o balcão do palácio, onde o Capitão Ganho, a Rainha de Copas e a Bruxa Má do Oeste observavam os aldeões. Os vilões estavam sentados em grandes poltronas acolchoadas, e o Sr. Barrica lhes servia bebidas.

– Onde está o tio Lloyd? – perguntou Alex. – Por que não está com eles, por que não estão construindo uma estátua sua?

– Estranho, não é? – disse Conner. – Vamos para a caverna. Os outros vão saber a resposta.

Alex abraçou o irmão com força e, com um intenso clarão, os transportou magicamente até a caverna nas montanhas. Eles esperavam encontrar seus amigos ali: os Alegres Homens, os Meninos Perdidos e os soldados dos reinos Encantado e do Norte, mas não havia vestígio de ninguém. A caverna estava completamente vazia.

– Para onde foram todos? – perguntou Alex. – Você não acha que eles foram capturados, acha?

Conner examinou a caverna vazia, temendo a mesma coisa.

– Não, eles teriam lutado – disse. – E aqui não há o menor sinal de luta. Eles devem ter ido para outro lugar.

– Talvez eles tenham deixado alguma pista de onde encontrá-los.

Ela e Conner vasculharam a caverna, mas não encontraram nem uma pegada que os levasse na direção certa. Saíram da caverna e observaram a floresta e as montanhas. Algo corpulento surgiu dentre as árvores e chamou a atenção de Conner, que disse:

– Acho que eles não deixaram *algo*. Acho que deixaram *alguém*.

Conner apontou para a floresta, onde se via um unicórnio com o chifre quebrado.

– *Cornelius!* – Alex falou empolgadamente.

Os gêmeos correram até o unicórnio e lhe deram um abraço enorme. Ele ficou tão feliz ao vê-los que relinchou com entusiasmo e dançou animadamente sobre os cascos dianteiros.

– Cornelius, estamos procurando João e Cachinhos Dourados – disse Alex. – Você sabe aonde eles e os outros foram?

O unicórnio moveu a grande cabeça para cima e para baixo.

– Você pode nos levar até lá? – perguntou Conner.

O unicórnio se ajoelhou e os gêmeos subiram em seu lombo. O chifre brilhava como uma lanterna, e o animal correu pela floresta mais rápido do que qualquer cavalo normal seria capaz. Embora zunissem entre as árvores, os gêmeos notaram que a floresta estava completamente vazia; não viram uma alma além deles próprios.

Cornelius conduziu Alex e Conner para as profundezas das Florestas dos Anões, na direção das Colinas do Oeste. Como nenhum dos dois tinha estado naquela parte da floresta, não sabiam o que esperar ou o que procurar. O unicórnio parou diante de um grande rochedo que se encravava na encosta.

– Tem certeza de que é aqui? – perguntou Alex.

Cornelius fez que sim com a cabeça, mas mesmo ele estava perplexo. João e Cachinhos Dourados o tinham deixado nas cercanias da caverna para o caso de os gêmeos voltarem, pois sabiam que seu chifre mágico os guiaria até o novo esconderijo, mas não haviam lhe dado nenhuma instrução sobre o que fazer quando chegasse ao local.

– Deve ser uma entrada secreta – Conner observou.

Os gêmeos apearam de Cornelius e examinaram o rochedo. Bateram como se batessem numa porta, mas nada aconteceu. Alex tentou usar magia para movê-lo para o lado, porém o rochedo não saiu do lugar.

– Ele deve estar sendo mantido no lugar por algum feitiço – disse Alex. – Hagetta deve ter feito um encanto para manter fora os intrusos. Deve ser necessária alguma espécie de senha.

– Não precisa de senha, precisa de um assobio – disse uma voz atrás dos gêmeos.

Alex e Conner viraram-se e divisaram Rook Robins numa colina próxima. Dado o histórico do rapaz, os gêmeos não ficaram de todo contentes por vê-lo, mas mesmo assim era bom encontrar um rosto conhecido.

– Rook, é bom ver você! – disse Alex. – Você sabe onde estamos?

– Estamos nas Colinas do Oeste das Florestas dos Anões – Rook falou. – João, Cachinhos Dourados e todos os outros estão escondidos numa mina abandonada do outro lado daquele rochedo.

– Você sabe entrar? – perguntou Conner.

– Só um chamado de pássaro especial pode abri-lo. Mas eu sei outro jeito de entrar. Do outro lado da colina, tem um túnel. Foi assim que eu saí. Sigam-me!

Alex e Conner ainda tinham um pé atrás com Rook, porém não tinham outra escolha. Os gêmeos e o unicórnio o seguiram pelas colinas até um pequeno túnel cuja entrada se camuflava na encosta. Rook afastou teias como cortinas e conduziu Alex, Conner e Cornelius para dentro.

O rapaz precisou dar um belo empurrão no unicórnio para fazê-lo passar pela estreita entrada. O túnel era comprido e escuro, mas, graças ao chifre brilhante de Cornelius, o grupo conseguia ver para onde se dirigia.

– Você sabe por que eles mudaram de lugar? – Alex perguntou a Rook.

– A caverna começou a ficar superpovoada com os refugiados resgatados por João e Cachinhos Dourados – Rook explicou. – Minha aldeia foi uma das primeiras que eles salvaram do Exército Literário. Eles resgatam todas as pessoas que conseguem, mas isso está mais difícil desde que o Homem Mascarado juntou todos os cidadãos no lago. As famílias reais foram as últimas a chegar. João e Cachinhos Dourados os salvaram por um triz de serem executados.

A notícia de que as famílias reais estavam seguras retirou um peso gigante dos ombros dos gêmeos; eles suspiraram de alívio e passaram a caminhar de peito um pouco mais aberto.

– Onde está o Homem Mascarado? – Alex indagou. – Não o vimos junto com os vilões no Palácio do Norte.

– Vocês não estão sabendo? – perguntou Rook.

– Faz um tempo que não aparecemos – disse Conner. – O que aconteceu?

– O Homem Mascarado morreu. Os vilões assumiram o comando e o mataram.

A notícia fez Alex e Conner se deterem de súbito.

– Bem, isso é... *inesperado* – disse Conner.

Ele e a irmã se entreolharam. Uma pessoa que os dois odiavam, de quem sentiam muita raiva, tinha morrido; por outro lado, era um membro da família que falecera. A parte mais estranha foi não sentir nenhum pesar por ele.

Depois de refletirem por alguns instantes, os gêmeos concluíram que a perda não mudava nada. O rosto e o nome que eles combatiam havia mudado, mas a missão era a mesma. Oxalá a batalha por vir seria mais fácil sem o tio; talvez isso fizesse o Exército Literário implodir como um circo desgovernado.

– Todos vão ficar muito alegres de ver você – disse Rook. – Como você está?

Sem querer, ele havia dirigido a pergunta a Alex, e o irmão de repente sentiu que estava sobrando. O desconforto de Conner não se comparava, porém, à sensação que tomou conta de Alex.

– Nós temos estado bem ocupados – ela disse. – Meu irmão e eu estamos recrutando um exército para combater os vilões.

– Eu sei que ainda preciso reconquistar a sua confiança, mas, se eu puder ajudar com alguma coisa, basta dizer – Rook falou.

Alex, para diminuir seu desconforto, continuou tentando trazer o irmão para a conversa, porém Conner não queria nada com aquilo.

– Obrigada, mas acho que temos tudo sob controle – ela disse finalmente. – E saiba que nós confiamos em você.

Rook sorriu para ela, mas havia tristeza nos olhos do rapaz. Era óbvio que ele tinha esperanças de reconquistar muito mais do que apenas a confiança de Alex. Ela não sorriu de volta, e o resto do semblante de Rook arremedou o seu olhar. Os três seguiram pelo túnel num silêncio que dizia muito.



A pior parte da vida na mina abandonada era a espera constante. Talvez fosse mais fácil se os refugiados tivessem alguma ideia do *que* estavam esperando, mas, a cada dia que passava, não havia notícias, nem boas nem más, para compartilhar. Do jeito que eles estavam inquietos, *qualquer* informação seria melhor do que nenhuma.

Para passar o tempo, criaram uma pequena academia para ensinar diferentes habilidades uns aos outros. João e o Homem de Lata ensinavam os aldeões a esculpir usando o machado, e logo não havia uma única estalagmite na mina que não tivesse sido talhada em forma de esquilo, de pé de feijão, de torre ou de sereia.

Robin Hood e os Alegres Homens davam às rainhas aulas de arco e flecha e de lançamento de espada; os nativos de Sherwood se aproximavam um pouco demais para corrigir a postura das mulheres durante o treinamento e recebiam olhares fulminantes dos reis.

A Vovozinha de Chapeuzinho e a Velhinha do Shoe Inn ocupavam os reis e os soldados com lições de costura; após alguns dias, os homens tinham produzido a primeira colcha, que exibiram orgulhosamente ao restante da mina.

– Lembrem-se: qualquer homem pode dar forma a uma nação com uma coroa, mas só um homem de verdade é capaz de começar uma colcha a partir de um fio – a Vovozinha falou.

Trollbella tentava ensinar Peter Pan e os Meninos Perdidos a dançar, mas eles não se mostravam alunos muito entusiasmados. Não importava quantas vezes ela repetia os passos da coreografia, os garotos só falavam besteira e se provocavam.

– Não sei como ser mais clara – dissera Trollbella. – Um passo para o lado, um passo para o outro, chute para a frente, mão para a direita, mão para a esquerda, quadril para a frente, quadril para trás, giro e pose! Na minha coreografia, não tem nada de mão no nariz, calça arriada, dedo no olho ou língua para fora!

Peter fez uma careta pelas costas da rainha troll. Todos os Meninos Perdidos riram, e ela se virou bem a tempo de ver. Quando Trollbella viu o menino que nunca crescia pela primeira vez, ficara completamente apaixonada, mas, quanto mais o verdadeiro eu de

Peter se mostrava, mais ela desgostava dele; ele era só brilho, sem nenhuma substância.

A rainha troll achou que era hora de lhe dar a notícia. Olhou Peter Pan bem nos olhos e acariciou seu rosto.

– Eu pensei que nós dois seríamos o máximo, mas acho que não vai dar certo – disse Trollbella. Ela tapou a boca de Peter para calar seu protesto, ainda que ele não estivesse tentando protestar. – Nós simplesmente temos necessidades diferentes. Eu estou atrás de *passaios românticos*, e você precisa de alguém *que o leve para passear*. Eu estou procurando *amor* e *volúpia*, você precisa de uma *coleira*. Eu estou procurando um *Butterboy*, e você não passa de um *Buttertoy*. Nos resta ser apenas amigos.

Trollbella caminhou lentamente para longe de Peter e dos Meninos Perdidos. Os garotos trocaram olhares perplexos, sem saber se aquilo era ou não parte da lição de dança.

Cachinhos Dourados descansava no canto da mina; usava Lester como travesseiro e Clawdius como apoio de pé. A grávida já tinha passado dos nove meses e estava muito ansiosa para ter o filho. As dores nas costas e a irritabilidade aumentavam a cada dia. João precisara tirar todos os objetos cortantes de perto dela para que Cachinhos não tivesse nada para lançar durante as oscilações de humor.

Hagetta ferveu algumas ervas em seu caldeirão e deu a bebida para Cachinhos Dourados, para ajudar com as dores. O Mercador Viajante segurava sobre a barriga da grávida uma pedra triangular presa a um barbante e estudava o movimento do objeto muito atentamente. Chapeuzinho observava o Mercador como se ele fosse maluco.

– O que você está fazendo? – ela perguntou.

– Prevendo o sexo do bebê – ele disse. – Se a pedra girar em círculo, é menina. Se for para trás e para a frente, é menino.

– E se ela for arrancada da sua mão e jogada longe? – Chapeuzinho indagou.

– Tudo bem. Eu já sei que vai ser menino – disse Cachinhos.

– Como é possível que você saiba uma coisa dessas? – perguntou Chapeuzinho.

– Intuição de mãe. É a única coisa boa que vem junto com o inchaço, a dor nas costas e a instabilidade emocional.

– Eu preferiria uma *sobrinha*. Eu poderia vesti-la com vestidinhos, colocar blush em suas bochechinhas, lacinhos em seu cabelo! Imagino que eu possa fazer isso com um sobrinho também, mas talvez ele guarde rancor de mim depois.

Cachinhos Dourados revirou os olhos e disse:

– Pedido anotado.

Chapeuzinho pegou o barbante do Mercador Viajante e o forçou a descrever um círculo sobre a barriga de Cachinhos Dourados, como se isso mudasse tudo.

– Já escolheu o nome? – Hagetta perguntou.

– Ainda não – respondeu Cachinhos. – Quero que o nome seja especial, quero que seja importante e que o inspire sempre.

– Sabe, *Chapeuzinho* funciona tanto para menino quanto para menina – disse Chapeuzinho. – E *eu* sou muito especial, importante e inspiradora.

Cachinhos Dourados estremeceu à ideia de trazer outra Chapeuzinho ao mundo.

– De jeito nenhum – disse. – Quero que seja original e libertador, como River, ou Robin, ou... *Alex e Conner!*

Chapeuzinho passou os dedos pelo nariz e cruzou os braços.

– “Alex” ou “Conner” não são nada originais ou libertadores!

– *Não! Alex e Conner estão aqui!* – gritou Cachinhos Dourados. – *Veja!*

Cachinhos Dourados se sentou e apontou para o fundo da mina. Em absoluto silêncio, todos se viraram para onde ela apontava. Quando viram Alex e Conner entrarem com Rook e Cornelius, os refugiados irromperam em vivas, e a mina vibrou de alegria. Embora não fizesse tanto tempo desde que tinham visto a maior parte das pessoas ali, os gêmeos tiveram a sensação de estar em um grande reencontro. Os amigos os cercaram e fizeram fila para abraçá-los. Havia tantos rostos familiares os quais nenhum dos dois esperava ver que Alex e Conner não sabiam quem cumprimentar primeiro. Todos pareciam mais cansados, mais magros e mais pálidos do que antes. A vida na mina os tinha exaurido.

– É tão maravilhoso ver vocês! – disse Alex.

– Cachinhos Dourados, parece que você vai explodir! – Conner falou.

– Deus te ouça – disse Cachinhos.

– Tudo bem com vocês? – Alex perguntou. – Todo mundo saudável e inteiro?

– Estamos levando um dia de cada vez – disse João. – E vocês dois? Por onde andaram?

Alex e Conner sorriram ao mesmo tempo; sabiam que as notícias os deixariam empolgados.

– Estávamos no Outromundo recrutando um exército para combater os vilões literários! – Conner anunciou.

– Formidável! – disse o Homem de Lata. – Que tipo de exército?

– Um exército feito dos *meus* personagens. Usamos a Poção do Portal nas histórias que eu escrevi na escola. Até agora, recrutamos piratas, marinheiros e cyborgs; depois eu explico o que são cyborgs.

Todos os refugiados se voltaram para o Mercador Viajante, que cruzou os braços, apoiou-se numa estalagmite e os encarou de volta com cara de “eu falei!”.

– É a melhor notícia que ouvimos em muito tempo – Sir Lampton comentou. – Quanto tempo até eles estarem prontos para a batalha?

– Não muito – disse Alex. – Só precisamos fazer mais duas paradas, e o exército estará completo.

– OUVIRAM ISSO, HOMENS? – Robin Hood perguntou aos Alegres Homens. – LOGO DEIXAREMOS AS SOMBRAS DA SOLIDÃO PARA ESTAR SOB O SOL DA GUERRA! ESPLÊNDIDO!

Chapeuzinho abriu caminho entre os aldeões, animais e demais membros da realeza para se aproximar dos gêmeos.

– Com licença, perdão, uma *amiga de verdade* está passando. Alex e Conner, é tão bom ver que vocês estão bem! – Chapeuzinho de repente os agarrou pelas camisetas e olhou febrilmente em seus olhos. – Vocês precisam me tirar daqui! Há camponeses, bichos, homens que conversam com bolas de gude! E Charlie não está aqui para me acalmar!

Os gêmeos delicadamente afastaram as mãos dela e deram um passo para trás.

– Na verdade, é por isso que estamos aqui – disse Conner. – Nossa mãe e nosso padrasto estão tomando conta dos personagens enquanto nós recrutamos o restante, mas eles precisam de ajuda. Gostaríamos que alguns de vocês viessem conosco para ajudá-los. Há personagens demais para os dois.

– De quantas pessoas vocês precisam? – perguntou João.

Alex e Conner olharam ao redor; Chapeuzinho não era a única que parecia desesperada por um refresco. Não seria fácil recusar a ajuda de qualquer um ali.

– Quanto mais, melhor – Conner falou. – Mas temos de ir logo. As pessoas deste mundo precisam de nós.

Alex colocou o livro de histórias no chão e abriu a capa. O fecho de luz era a coisa mais brilhante que muitos dos refugiados viam em tempos, e eles protegeram os olhos.

Antes que Conner pudesse explicar para onde eles iriam, Chapeuzinho se jogou no fecho de luz e desapareceu da mina. Foi seguida por Clawdius, João e Cachinhos Dourados, Robin Hood e os Alegres Homens, Lester e o Homem de Lata e Peter Pan e os Meninos Perdidos. Conner já havia perdido a conta de quantas pessoas tinham viajado ao Outromundo quando sentiu um tapinha no ombro.

– Você voltou para mim, Butterboy – disse Trollbella. – Não sei por que eu me preocupei tanto. Você nunca me decepcionou. Eu sei que a dor de estar longe um do outro é avassaladora; não precisa gastar a sua energia com um pedido especial para que eu o acompanhe: *eu adoraria visitar o Outromundo!*

Conner não teve a chance de detê-la: Trollbella correu para o fecho de luz.

– Ok, definitivamente já temos gente o bastante – Conner falou. – Precisamos voltar e terminar de recrutar o exército. Se algum de vocês precisar de nós, estaremos do outro lado des-se fecho.

– Vamos ficar e cuidar dos remanescentes – disse Sir Lampton.

– Obrigada – disse Alex. – Logo voltaremos com ajuda. Mantenham-se em segurança!

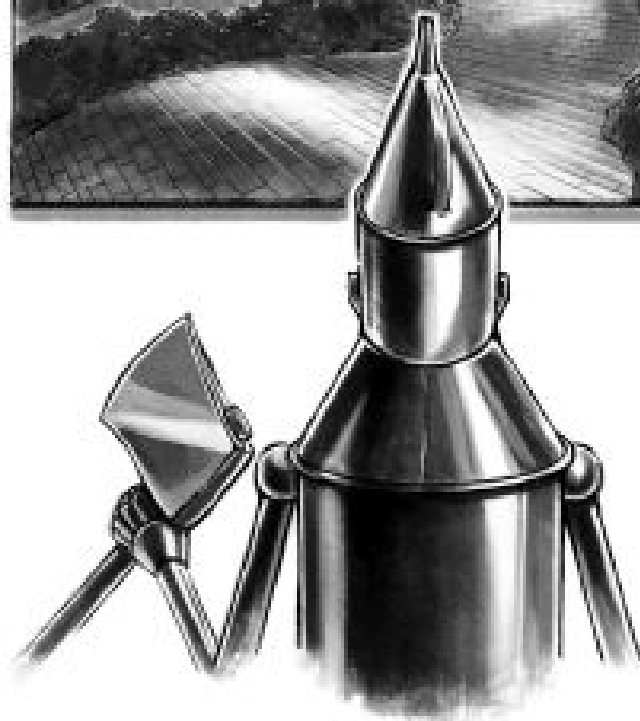
Os gêmeos entraram no fecho de luz e retornaram ao Outomundo. Sir Lampton, Sir Grant, Hageeta, o Mercador Viajante, Rook, Cornelius, a Vovozinha, a Velhinha do Shoe Inn, as famílias reais e todos os animais baixaram a cabeça e fizeram um momento de silêncio, rogando em pensamento para que os gêmeos continuassem triunfando e formassem um exército capaz de salvar o mundo dos contos de fadas.

Infelizmente para os remanescentes, o momento de silêncio foi interrompido por outro visitante inesperado. Alex e Conner, sem que houvessem se dado conta, tinham sido seguidos pelas Florestas dos Anões e pelo túnel secreto.

Os refugiados viram algo se mexendo no fundo da mina. Ouviram um silvo e uma crepitação provenientes de uma grande silhueta.

– O que foi isso? – perguntou Sir Grant.

Os soldados desembainharam as espadas e caminharam na direção dos sons. Um par de olhos vermelhos brilhou nas sombras. Todos os refugiados se petrificaram, e não apenas de medo...



CAPÍTULO 18



Hospital Pediátrico Saint Andrew's

Foram necessárias cinco viagens com o carro de Charlotte e cinco com o de Bob para transportar todos os personagens de “Estibórdia” ao Hospital Pediátrico Saint Andrew's. Eles vestiram cada pirata e marinheiro com aventais médicos e máscaras cirúrgicas e os conduziram celeremente pelo hospital até a cantina vazia da ala nova.

Teria sido mais simples se os tripulantes do *Lhama Áspera* não fossem tão curiosos. Eles embolsaram suprimentos médicos ao passar por balcões desocupados, tiraram prontuários da porta dos quartos, roubaram canetas da lapela de médicos desatentos. Quando os tripulantes chegaram à cantina, tinham os bolsos cheios de tesouras, curativos e ataduras; alguns usavam bacias como chapéus.

A cantina era um salão colorido e largo, com dezenas de mesas, centenas de cadeiras, banheiros anexos e uma cozinha grande, nunca usada: o lugar perfeito para abrigar temporariamente os personagens de Conner.

Ironicamente, o espaço tinha sido decorado com o tema de contos e histórias clássicas. As paredes eram cobertas por murais que exibiam os amigos de Alex e de Conner, e as vigas de apoio eram pintadas para parecer lombadas de livros.

Contando com a volta dos filhos do mundo dos contos de fadas, Charlotte reservou um espaço no canto da cantina onde colocou o *Terra de Histórias* e o fichário de contos de Conner. Quando todos os personagens de “Estibórdia” já tinham sido transferidos ao novo abrigo, o livro de histórias cor de esmeralda se abriu, e o facho de luz emanou.

Chapeuzinho se lançou do facho como um touro libertado de uma cerca e olhou ao redor. Suspirou aliviada e estendeu os braços para cima.

– Graças a Deus! Não estou ao ar livre!

– Olá, Chapeuzinho! – disse Charlotte. – Há quanto tempo!

Sem nem sequer olhar para a mãe dos gêmeos ou para a tripulação do *Lhama Áspera*, Chapeuzinho correu até a janela e abriu as persianas. Raios de sol iluminaram o aposento, e Chapeuzinho rodopiou feliz sob a luz natural.

– Sol, que saudade! – disse, virando-se para os outros. – Não olhem para mim por pelo menos vinte minutos. Faz semanas que não vejo o sol! Estou mais pálida do que a Branca de Neve com gastroenterite!

– Bom te ver também, Chapeuzinho – Bob murmurou.

Não demorou para que os outros viajantes do mundo dos contos de fadas se juntassem a Chapeuzinho. Clawdus emergiu do facho na sequência. Ao contrário da mãe, o lobo era muito sociável; ele correu empolgado pela cantina e engraçou com todos que viu pela frente.

João e Cachinhos Dourados foram os próximos a sair do facho, e João acompanhou a esposa grávida até a cadeira mais próxima. Logo vieram Robin Hood, os Alegres Homens, Lester, o Homem de Lata, Peter Pan, os Meninos Perdidos e Trollbella. Como tinham feito os personagens de “Estibórdia” ao chegar a Sycamore Drive, os personagens do mundo dos contos de fadas e da literatura clássica observaram embasbacados o fabuloso mundo novo.

– Bem-vindos ao Hospital Pediátrico Saint Andrew’s! – disse Charlotte.

– Então este é o Outromundo? – falou João, soltando um assobio.

– É... *colorido* – Cachinhos Dourados observou; ela olhava de esguelha a decoração. – Aqui a leitura é um estilo de vida, quanto a isso não há dúvida.

Antes que Bob e Charlotte iniciassem a complicada tarefa de apresentar os novos personagens aos velhos personagens, Alex e Conner saíram do facho de luz.

– Ah, demais, já estamos no hospital! – disse Conner, limpando a garganta. – Senhoras, senhores, galinha e minholegre dos meus contos, permitam-me apresentá-los às senhoras, senhores, ganso e lobo da literatura e dos contos de fadas clássicos.

A apresentação não transcorreu tão bem quanto os gêmeos esperavam. Os personagens começaram a se circundar como animais que se encontram na selva.

– *Piratas!* – gritou Peter para a tripulação do *Lhama Áspera*.

– Podem parar com isso! – disse Alex. – Estamos todos do mesmo lado. Essas pessoas vão nos ajudar a derrotar o Exército Literário.

– Desculpe – Peter falou. – Por algum motivo, estou acostumado a gritar “Piratas!” sempre que os vejo. Péssimo hábito.

Aterrorizada, a Galinha a Rosarinho expeliu um ovo assim que viu Clawdus, que disparou atrás dela. A minholegre não quis perder a diversão e logo pulou no lombo do lobo e o cavalgou tal qual um caubói. Lester, por sua vez, considerou a minholegre a minhoca mais deliciosa que jamais vira e saiu correndo atrás dos outros, formando um bizarro desfile de criaturas ficcionais.

– Regra número um – disse Conner –: ninguém pode se alimentar de ninguém!

A Galinha a Rosarinho cacarejou de alívio. Clawdus e Lester pararam imediatamente e baixaram a cabeça. A minholegre puxou a coleira de Clawdus: afinal, Conner não havia dito que a *diversão* tinha de parar.

Os personagens dos contos de fadas levaram alguns momentos para perceber os retratos de muitos deles pintados nas paredes. Cada um andou até seu respectivo mural e mirou preocupado a pintura.

– Vejam só, garotos, estamos na parede! – disse Peter, apontando para um dos murais. – Um momento... Este lugar é uma igreja? Nós somos *deuses* neste mundo?

– Até parece! – disse Conner. – As pessoas daqui gostam da sua história, só isso.

O Homem de Lata se viu no mural de *O Mágico de Oz*, mas não reconheceu os outros três personagens na estrada de tijolos amarelos.

– Quem são essas pessoas com quem estou de braços dados? – ele perguntou.

– São Dorothy, o Espantalho e o Leão Covarde – Alex explicou. – Se nós não tivéssemos encontrado você primeiro, você os teria conhecido em Oz.

– Eles também jogaram um estábulo em cima de mim? – o Homem de Lata indagou.

– Ahn... Não lembro – Alex mentiu.

Robin Hood e os Alegres Homens juntaram-se em torno do mural de *Robin Hood*. A semelhança entre os Alegres Homens de verdade e os Alegres Homens pintados era impressionante; Robin Hood, porém, estava representado de maneira muito efeminada: calça colada verde-fosforescente, cabelo curto encaracolado, sem nenhum pelo no rosto.

– NÃO ENTENDO – disse Robin Hood. – POR QUE A MINHA MÃE ESTÁ NA PINTURA?

Trollbella observava admirada o belo mural de Cinderela vestida de gala. Ela sorriu de orelha a orelha e apertou as mãos contra o coração.

– Pelos deuses duetrolls, eu estou *igualzinha*! O Outromundo tem pintores muito talentosos.

Chapeuzinho soltou um grito de rachar os ouvidos quando viu o mural de *Chapeuzinho Vermelho*. O olhar dos gêmeos passava da Chapeuzinho verdadeira para a Chapeuzinho pintada, mas eles não conseguiam entender o que era tão ofensivo. Tudo o que viam era uma menina adorável com capa vermelha fugindo do Lobo Mau.

– Chapeuzinho, qual é o problema? – perguntou Alex.

– Me pintaram *morena*! – Chapeuzinho gritou.

Os gêmeos reviraram os olhos. Chapeuzinho deu as costas para os demais e fez bico enquanto continuava pegando sol.

– O que me faz lembrar – disse Conner – que eu preciso voltar a “Rainha da Galáxia” e pegar os cyborgs.

Ele se aproximou do fichário de contos, abriu-o em “Rainha da Galáxia” e sumiu no fecho de luz. Nesse momento, Alex reparou que Cachinhos Dourados e João sussurravam um para o outro e olhavam desconfiados para o outro lado do salão.

– Está tudo bem? – perguntou Alex.

– Alex, os meus hormônios estão me deixando louca, ou aquele homem e aquela mulher são exatamente iguais a João e a mim? – Cachinhos indagou.

Alex mirou Sally Ruiva e o Almirante Jacobson, que também sussurravam entre si e disparavam olhares esquisitos para João e Cachinhos Dourados. Era óbvio que estavam tendo a mesmíssima conversa.

– Muitos personagens de Conner se baseiam em pessoas que ele conhece – Alex explicou. – E confie em mim quando eu digo que poderia ser bem pior do que a capitã e o almirante.

Assim que Alex disse isso, a Rainha Cyborg disparou do facho de luz vinda de “Rainha da Galáxia”. Ela ignorou todos na cantina e rolou direto para a janela diante da qual estava Chapeuzinho. Dois grandes painéis solares brotaram dos ombros de metal da cyborg, que os apontou para o sol e falou:

– *Luz do sol*, graças a Deus! Eu não faço uma recarga solar há semanas!

A Rainha Cyborg estendeu tanto os painéis que ocupou a janela inteira.

– Com licença – disse Chapeuzinho. – Você está bloqueando a minha luz.

– Quem disse que a luz é *sua*? – a Rainha Cyborg perguntou.

Chocada com a grosseria, Chapeuzinho saiu da janela e se sentou ao lado de João e de Cachinhos Dourados, comentando:

– Não sei quem ou o que é aquela mulher, mas ela é *terrível*.

Cachinhos Dourados conteve um sorriso e se inclinou para perto de Alex.

– Entendi o que você estava falando – disse.

Conner e o comandante Newters se apressaram para fora do facho e abriram uma vasta área na cantina, empilhando mesas e cadeiras.

– Conner, isso é para quê? – perguntou Charlotte.

– Para os cyborgs – ele disse.

Newters tirou do cinto um pequeno controle remoto, que apontou para o facho. Vinte vagões mecanizados, cada um carregando

cinquenta soldados cyborgs, rolaram para fora do fecho de luz. Os cyborgs tinham sido desativados e empilhados como cadeiras dobráveis. Newters guiou os vagões até a área desocupada e os estacionou.

– Isso não é... *desumano*? – disse Bob, com os olhos arregalados.

– Provavelmente sim – admitiu Newters. – Porém, se os mantivermos desativados até a batalha, vamos poupar uma fortuna na conta de luz.

Os personagens formaram panelinhas na cantina, como se estivessem na escola. As pessoas de cada dimensão ocupavam suas próprias mesas, e os diferentes grupos se olhavam desconfiados.

– Vai ficar tudo bem? – perguntou Charlotte.

– Essa frieza toda vai acabar – disse Conner, assobiando para chamar a atenção do salão. – Todo mundo, atenção! Alex e eu precisamos viajar para a minha próxima história para recrutar mais personagens. Por favor, sejam bonzinhos uns com os outros enquanto estivermos fora. Minha mãe e Bob estão no comando, menos quando estiverem no trabalho. Nesse caso, João e Cachinhos Dourados estão no comando.

Os personagens de “Estibórdia”, de “Rainha da Galáxia”, de *Terra de Histórias*, da floresta de Sherwood, da Terra do Nunca e de Oz anuíram respeitosamente com a cabeça e voltaram a se observar apreensivamente. Alex e Conner abraçaram Charlotte e Bob e caminharam até o fichário de contos. Conner o abriu na próxima história e derramou três gotas da Poção do Portal nas páginas.

Ele deu um passo na direção do fecho de luz que apareceu, mas Alex o impediu de entrar.

– Um instante – disse ela. – Você precisa me dizer o que eu devo esperar na próxima parada. E nada de me poupar dos detalhes desta vez. Se houver entranhas de inseto, quero estar preparada.

– A próxima história se chama “Os Zirmãos” – explicou Conner. – É sobre quatro adolescentes com poderes sobre-humanos. Eles perderam os pais quando eram crianças e foram morar no mesmo orfanato. Uma noite, um asteroide com radiação cósmica atingiu o

orfanato e afetou o DNA deles, dando-lhes habilidades fenomenais. Eles foram adotados por um astrofísico bilionário chamado Professor Carteira e levados para seu laboratório, onde ele os criou e os treinou para serem super-heróis.

– Professor *Carteira*?

– Então, é que eu tinha perdido a minha carteira no dia em que escrevi a história e achei que seria um bom nome. Continuando: vamos viajar até a cidade onde eles moram e encontrá-los na cena de um assalto a banco. Enquanto eles salvam o banco, a gente entra no Zirmóvel, segue os quatro até o laboratório secreto e os convida a se juntar a nós.

– E eles vão querer ajudar?

– Os Zirmãos são irmãos muito competitivos. Eles nunca dispensam um desafio, especialmente se há uma oportunidade de superar um ao outro.

– Ótimo! – Alex fez um gesto de aprovação com a cabeça. – *Ezelente!*

– Deixe as piadas comigo.

Os gêmeos pisaram no fecho de luz e desapareceram do Hospital Pediátrico Saint Andrew's.



CAPÍTULO 19



Os Zirmãos

A caligrafia de Conner se convulsionava e se ampliava conforme o mundo de “Os Zirmãos” era criado ao redor dele e da irmã. A palavra “estrada” se estendeu sob seus pés, e Alex e Conner subitamente se viram em uma larga autoestrada. Carros e grandes caminhões buzinavam e desviavam dos gêmeos, que correram até o acostamento para não ser atropelados.

Alex e Conner olharam para cima e viram uma grande placa que marcava o limite da cidade. A placa dizia:

CIDADE GRANDE, EUA
POPULAÇÃO: 7.654.321

Assim que as palavras terminaram de formar a nova dimensão, os gêmeos notaram que a estrada levava a uma cidade enorme, a alguns quilômetros dali. A cidade tinha os arranha-céus mais altos e mais esguios que Alex jamais vira; os prédios mais pareciam lápis e canetas do que um prédios de fato.

– Cidade Grande, EUA? – Alex perguntou. – Você não conseguiu inventar nada mais original do que isso?

– Era provisório, só até eu inventar um nome melhor, mas comecei a gostar de “Cidade Grande, EUA”. Agora vamos para o banco, antes que ele seja roubado sem nós.

Alex riu e falou:

– Essa eu nunca ouvi antes!

Os gêmeos caminharam pela estrada e chegaram à agitada cidade. O mundo de “Os Zirmãos” parecia uma versão altamente exagerada do Outromundo. Os prédios eram mais coloridos, as ruas eram mais limpas e os carros eram mais brilhantes. As pessoas eram mais extravagantes. Os homens eram mais altos e tinham

ombros e maçãs do rosto mais largos. O cabelo, as roupas e a maquiagem das mulheres era impecável. Até as crianças eram mais bonitas e mais bem-comportadas. Era como se os gêmeos tivessem entrado em um desenho animado dos anos 1950.

Alex e Conner ziguezaguearam pelas ruas da cidade. Desceram a Rua Principal, viraram à direita na Estrada Central e depois à esquerda na Primeira Avenida. Alex não atinou qual cidade Conner emulara com o cenário de “Os Zirmãos” porque Cidade Grande, EUA, possuía as características de todas as cidades americanas que lhe vinham à mente. Havia estações de metrô como em Nova York, pontes como em São Francisco, Grandes Lagos circundantes como em Chicago. Além disso, lia-se cidade grande, eua na encosta de um morro, como o letreiro de Hollywood.

Eles por fim encontraram o Banco Cidade Grande, no meio da Primeira Avenida. Era um grande prédio branco com largas colunas e uma cúpula enorme. Alex lembrou do prédio do Capitólio em Washington, D.C. Os gêmeos subiram os degraus da frente e entraram.

O interior tinha piso de mármore, pilastras douradas e balcões de madeira. O teto era alto, as janelas eram compridas, e havia muitas estruturas de iluminação elaboradas. Uma longa fila de cidadãos da Cidade Grande aguardava pacientemente o atendimento de algum dos doze caixas. Também havia escrivainhas espalhadas pelo banco, ocupadas por banqueiros que ajudavam outros cidadãos a abrir novas contas e a conseguir empréstimos. Ninguém ali parecia ter tido qualquer pedido rejeitado; todos os mutuários tinham um enorme sorriso no rosto ao apertar alegremente a mão dos bancários.

Corner guiou a irmã à outra extremidade do banco, perto de uma das portas dos fundos. Ele se deitou no chão com o rosto virado para o piso e pôs as mãos na cabeça.

– Você está fazendo ioga? – perguntou Alex.

– Não, estou me preparando – disse ele. – Chegamos bem na hora.

– Do quê?

– Do *assalto*, oras. Vai começar em cinco... quatro... três... dois...

Cinco assaltantes armados irromperam no banco. Todos usavam preto e uma máscara com orelhas e bigodes de rato. Eles dispararam as armas para o alto para chamar a atenção de todos. Até Alex ficou sobressaltada, e ela sabia que aquilo iria acontecer.

– Todos para o chão! Agora! – gritou o assaltante maior. – Cabeça para baixo, mãos na cabeça! Silêncio! Não me façam falar duas vezes!

Os cidadãos gritaram, mas obedeceram. Alex juntou-se ao irmão no chão e copiou sua pose. Os assaltantes jogaram grandes sacos de lona nos balcões de madeira e apontaram as armas para os caixas.

– Esvaziem o cofre! – o assaltante maior ordenou. – E não tentem fazer nada, ou eu estouro seus miolos!

Os caixas, trêmulos, fizeram o que os ladrões mandaram: abriram o enorme cofre nos fundos do banco e começaram a encher os sacos de lona com maços de notas e barras de ouro.

– Qual é a das orelhas e do bigode nas máscaras? – Alex sussurrou ao irmão.

– Faz parte do número deles – disse Conner. – Esses caras são conhecidos como *Rat Pack*. São os mais notórios ladrões de bancos em Cidade Grande, EUA. O mais alto se chama Frank, é o líder, e os outros são seus capangas: Sammy, Dean, Joey e Peter.

– Igual ao Rat Pack dos anos sessenta!

Conner coçou a testa.

– Droga! Achei que eu tinha inventado. Devo ter ouvido sobre eles em algum lugar.

– *Vocês dois! Falei para não conversar!* – gritou Frank, apontando a arma para os gêmeos.

Alex e Conner fizeram silêncio. Os Rat Pack rondavam o banco em patrulha, cutucando com os pés os reféns aterrorizados e rindo sinistramente quando estes se encolhiam e se contorciam. Depois de alguns minutos naquela posição desconfortável, testemunhando os ladrões atormentarem os homens e mulheres, Alex já estava ansiosa para que os Zirmãos os resgassem. Ela precisou de todo

autocontrole que tinha para não transformar os Rat Pack em ratos de verdade.

Conner cutucou a irmã e apontou para uma das janelas. Alex viu a silhueta de um homem de capa em uma pose heroica, com as mãos no quadril. Ela ficou tão empolgada por ver um super-herói de verdade que sentiu borboletas no estômago, mas a sensação logo passou. O super-herói demorou para entrar no banco, não porque estivesse executando um plano, mas porque não conseguia abrir a janela.

Enfim, com um puxão bem forte, ele conseguiu abri-la. Passou pela pequena abertura, mas pisou na capa e escorregou do parapeito, desabando atrás de uma escrivaninha com um baque seco. Todos no banco ouviram a batida e viraram a cabeça na direção do barulho. Os Rat Pack seguraram as armas com mais firmeza e lentamente se aproximaram da escrivaninha. Os reféns ficaram em suspense, esperando que fosse alguém que tivesse vindo ao seu resgate.

O super-herói se ergueu num pulo de trás da escrivaninha e fez a mesma pose heroica de antes. Alex ficou surpresa ao notar que, na verdade, era um menino adorável de não mais do que doze anos. Ele usava um uniforme azul-claro com máscara azul-escura e luvas, botas e capa da mesma cor. Tinha o cabelo bagunçado e escuro, bochechas roliças e olhos verdes.

Ao vê-lo, os ladrões deram risadinhas, e os reféns perderam todas as esperanças. Aparentemente, ninguém tinha muita fé nas capacidades do herói.

– Não se preocupem, rapazes, é só o Zolt! – Frank riu. – Os Zirmãos mandaram o menorzinho da ninhada!

Zolt se remexeu desconfortavelmente diante do óbvio desrespeito.

– Olá, Rat Pack – o menino disse num timbre obviamente mais profundo do que sua voz verdadeira. – Vejo que vocês fugiram da prisão e estão de volta aos seus velhos truques. Bem, você pode tirar os ratos do lixo, mas não pode tirar o lixo dos ratos.

– *“Mas não pode tirar o lixo dos ratos”* – Frank zombou. – Você realmente precisa trabalhar seus trocadilhos se quer ser levado a

sério.

– E você precisa trabalhar no cumprimento da lei – disse Zolt. – Ainda bem que existem pessoas como eu para colocar vocês no seu devido lugar!

Frank virou-se para os capangas e ordenou:

– *Peguem-no!* Mas não gastem suas balas. Ele não vale isso.

O rosto do garoto ficou vermelho-vivo.

– Ah, eu valho! Eu valho todas as suas balas!

Zolt se zangou e seus superpoderes se ativaram. Seu corpo ficou envolto por eletricidade estática, o cabelo bagunçado se arrepiou, as pontas dos dedos passaram a emitir pequenas ondas elétricas. Zolt deu um salto-mortal na direção de Frank e, com um levíssimo toque do indicador, deu um choque na perna do ladrão.

– Ai! – disse Frank. – Isso *quase* doeu um pouco.

O menino deu uma cambalhota até Sammy e Dean e lhes deu choques nos braços. Mergulhou na direção oposta e aplicou um choque no nariz de Joey e na orelha de Peter. Zolt ficou muito orgulhoso de si, porém seus esforços não chegaram nem perto de ferir os Rat Pack, que só pareciam mais irritados do que antes.

– Mudei de ideia. *Atirem nele!* – Frank instruiu.

Zolt voou pelo ar para evitar a bala, não com a graça de uma águia ou de um falcão, mas com a falta de jeito de um filhote de pássaro. Por conta do voo errático do garoto, os Rat Pack tinham muita dificuldade para mirá-lo e por isso viraram as armas de ponta-cabeça e brandiram-nas como tacos de beisebol. Frank derrubou Zolt e o não-tão-super-herói se chocou contra o chão.

– Amarrem-no! – Frank ordenou, encarando os reféns. – Quanto a vocês aí, acabou o espetáculo, *voltem ao trabalho!*

Os Rat Pack amarraram Zolt a uma cadeira, e os caixas voltaram a esvaziar o cofre. Por fim, o cofre foi limpo, e os sacos de lona, inundados de dinheiro e de ouro. Zolt tentou libertar-se das cordas, mas elas estavam firmes demais.

– Foi um *prazer* fazer negócio com vocês – disse Frank. – Até a próxima!

De repente, um estrondo fortíssimo soou no alto. Três outros super-heróis desceram do teto em cúpula – *o resto dos Zirmãos havia chegado!*

O Zirmão mais velho tinha cerca de dezesseis anos e era muito atlético. Usava regata amarela, uma larga calça amarela, tênis grande e uma faixa na cabeça. Os braços musculosos, nus, pegaram fogo assim que ele tocou o chão.

O segundo Zirmão mais velho era uma garota de quinze anos. Usava uniforme rosa com minissaia embutida. O cabelo louro-areia estava preso em duas tranças; ela tinha controle completo do cabelo e girou as tranças como se fossem as hélices de um helicóptero até pousar em segurança.

O terceiro Zirmão trajava uniforme verde-escuro e casaco de couro. Em vez de máscara, usava óculos muito escuros. Os braços se transformaram em grandes asas com penas conforme ele descia até o chão e então, quando ele pousou, se transformaram de volta.

Todos os cidadãos, caixas e bancários suspiraram de alívio com a chegada dos Zirmãos mais velhos. Os ladrões do Rat Pack engoliram em seco simultaneamente e entreolharam-se nervosos. Zolt revirou os olhos diante da entrada espalhafatosa dos irmãos; esperava lidar com o Rat Pack sem a ajuda deles.

– Olá, Frank, Sammy, Dean, Joey e Peter – disse o mais velho, agindo como líder dos Zirmãos. – Resolveram sair do esgoto para tomar um ar?

– Olá, Inzêndio, Madeiza e Morfz – disse Frank. – Vieram salvar o caçulinha?

– *Eu não preciso ser salvo!* – Zolt falou. – *Ficar amarrado a esta cadeira faz parte do meu plano, que vocês estão meio que arruinando!*

Os Zirmãos ignoraram o mais novo como se ele nem sequer estivesse presente e fixaram o olhar no Rat Pack.

– Vamos levar você e o seu bando de volta para a prisão, Frank – disse Inzêndio. – O seu lugar é numa gaiola, como qualquer roedor.

Os Zirmãos partiram para cima do Rat Pack, e os ladrões correram para a porta.

Morfz saltou na frente deles e se transformou numa parede de tijolos. O único traço físico dele que restou foram os óculos escuros. Como ele bloqueou a saída dos ladrões, estes correram para a porta dos fundos. Madeiza lançou a cabeça para trás e para a frente, e suas tranças ataram as canelas de Sammy e de Dean. Ela os levantou no ar e os bateu um contra o outro, e os dois caíram inconscientes no chão.

Joey e Peter apontaram suas armas para Inzêndio, que respondeu lhes apontando os dedos, dos quais explodiram dois gêiseres de fogo. Os ladrões foram incendiados e se jogaram no chão para apagar as chamas. Morfz transformou-se numa jaula gigante, e, com o cabelo, Madeiza juntou Dean, Sammy, Joey e Peter e os aprisionou. Os Zirmãos tinham pego todos os ratos do bando, menos um.

Frank saltou sobre o balcão de madeira e correu para os fundos do banco. Pulou dentro do cofre e trancou a enorme porta de metal atrás de si. Inzêndio o seguiu e apertou a palma da mão contra a porta do cofre, que ficou de um laranja vivo e derreteu. Madeiza estendeu o cabelo para dentro do cofre, puxou Frank e o jogou na jaula.

Os reféns se levantaram para comemorar. Deram vivas e aplaudiram os salvadores. Todos estavam muito felizes, pois mais uma vez o dia fora salvo pelos Zirmãos em Cidade Grande, EUA – todos menos Zolt.

– Você está tão encrencado – Inzêndio falou ao caçula.

– Por quê? – perguntou Zolt. – Estava tudo sob controle até vocês aparecerem.

– Você sabe as regras – disse Madeiza. – Nada de combater o crime antes de concluir o dever de casa, e papai não quer que você combata o crime sozinho!

– Eu sei cuidar de mim – Zolt afirmou. – Eu consigo fazer tudo o que vocês fazem, só que vocês nunca deixam! Vocês nunca me deixam provar que eu consigo.

– *Provar que consegue?* – falou a jaula em que Morfz se transformara. – Você não consegue nem sair dessa cadeira!

– Como você vai ajudar os outros se não consegue nem ajudar a si mesmo? – Madeiza indagou.

Lágrimas brotaram nos olhos de Zolt, que virou a cara. Em sua expressão, havia vergonha, frustração, desconfiança de si mesmo e tristeza, tudo misturado. Alex conhecia aquele olhar; podia jurar que já o tinha visto.

De repente, as lembranças passaram por sua cabeça como um filme. Alex voltou ao tempo em que ela e Conner estavam no ensino fundamental.

– Agora cada um diga o que quer ser quando crescer – dissera a professora do segundo ano.

– Médico! – um menino falara.

– Senadora! – dissera uma menina.

– Professora! – Alex se lembrou de ter dito.

O irmão se aprumara na cadeira, empolgado para compartilhar sua resposta:

– Bombeiro! Quero ajudar as pessoas!

Já nessa época, Conner não era tão bom aluno quanto Alex. Ele tinha dificuldade para aprender a ler, soletrar e fazer contas. Sempre pedia ajuda com o dever de casa a Alex, que se irritava com o fato de que o irmão não a acompanhava. Assim, quando Conner dera sua resposta sobre os planos para o futuro, Alex tivera uma reação automática.

– Bombeiro? – ela indagara. – Como você vai ajudar os outros se não consegue nem ajudar a si mesmo?

Todos na sala riram. Alex não queria magoá-lo; ela era tão nova, as palavras simplesmente saíram de sua boca. Ainda que aquilo tivesse acontecido quase dez anos atrás, a expressão de Conner ficara gravada em sua memória. Era exatamente como Zolt olhava para os irmãos agora.

Logo a entrada do banco estava repleta de policiais e de repórteres. Morfz retornou à forma humana, e ele, Madeiza e Inzêndio empurraram os ladrões do Rat Pack para o lado de fora e os entregaram aos policiais. Os Zirmãos falaram aos repórteres sobre o que tinha acontecido. Ficaram com todo o crédito e se

refestelaram com a atenção, deixando Zolt amarrado à cadeira, do lado de dentro.

– É a melhor hora para entrarmos no Zirmóvel – Conner sussurrou para Alex.

Os gêmeos saíram do Banco Cidade Grande pela porta dos fundos, e Alex seguiu Conner por uma viela. O Zirmóvel era um conversível vermelho-vivo com motores de foguete e um “Z” amarelo-fosforescente pintado na lateral. O carro estava escondido entre duas grandes latas de lixo, mas Conner sabia exatamente onde encontrá-lo.

Ele tateou o pneu de trás e tirou uma chave reserva de um compartimento oculto. Abriu o porta-malas e entrou.

– Vamos – disse, oferecendo uma mão à irmã.

Alex hesitou em se juntar a ele. Algo pesava em seu coração.

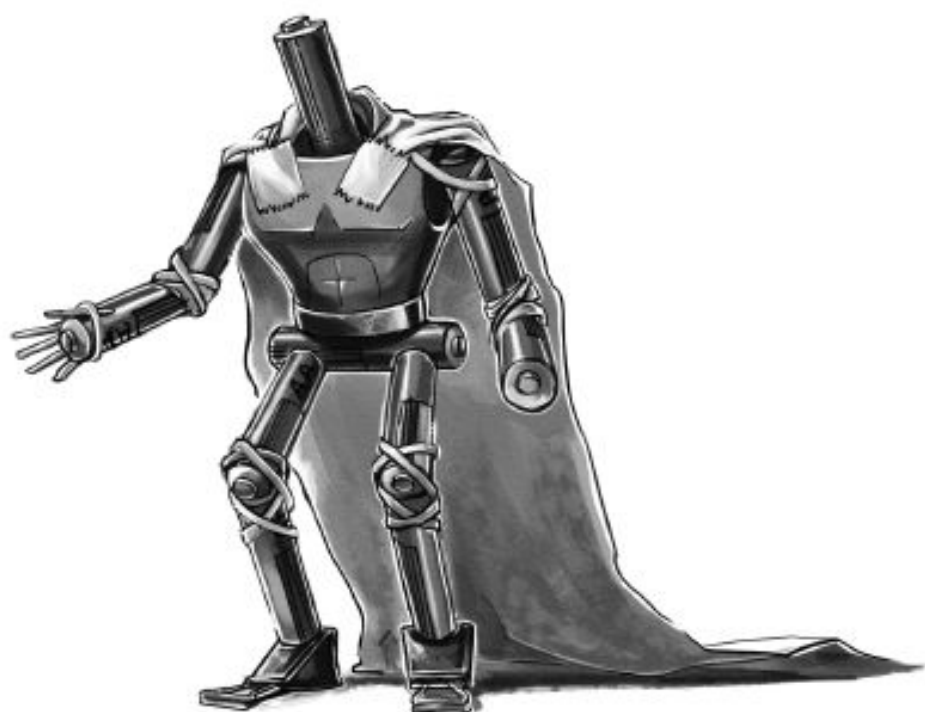
– Uma perguntinha – ela disse. – Essa história se baseia em alguma coisa que aconteceu na vida real? Em alguma coisa que talvez tenha acontecido entre a gente?

Conner pensou um pouco, mas balançou a cabeça e falou:

– Não, esta é totalmente inventada. Eu simplesmente adorava super-heróis quando era criança. “Os Zirmãos” foi uma das primeiras histórias que eu escrevi.

Alex não insistiu. Apenas fez que sim com a cabeça e se juntou a ele no porta-malas.

Conner talvez houvesse se esquecido do que acontecera no segundo ano, mas Alex não conseguia parar de pensar naquilo. Entretanto, não eram só as duras palavras proferidas que a incomodavam. Alex receava que “Os Zirmãos” fosse muito mais pessoal do que Conner se dava conta e que *ela* fosse a vilã da história.



CAPÍTULO 20



O laboratório secreto do Professor Carteira

O Zirmóvel zuniu pelas ruas de Cidade Grande, EUA, jogando Alex e Conner de um lado para o outro no porta-malas como roupas em uma máquina de lavar. Cada curva era mais fechada do que a anterior, cada acelerada era mais forte, e o veículo nunca desacelerava ou parava; ele só tinha duas velocidades: *rápido* e *mais rápido*.

– Quem diabos está dirigindo? – perguntou Alex.

– Inzêndio acabou de tirar a carteira de motorista – disse Conner.

– Ele está um pouco entusiasmado.

O Zirmóvel passava por cima de quebra-molas, fazendo os gêmeos baterem contra a tampa do porta-malas.

– Aposto que ele dirigindo coloca mais gente em perigo do que todos os ladrões e mentes criminosas juntos! – disse Alex.

Como o interior do porta-malas era escuro como breu, os gêmeos não tinham ideia da rua ou do bairro pelo qual o veículo estava passando. Conner era capaz de rastrear o seu paradeiro até certo ponto, mas a direção imprudente de Inzêndio era tão atordoante que o jovem autor já não sabia se o carro estava indo para o laboratório do Professor Carteira.

– Quanto tempo mais vamos ficar nesta coisa? – perguntou Alex.

– Estou me sentindo um ovo mexido.

– O laboratório fica numa construção subterrânea, poucos quilômetros depois da cidade – disse Conner. – Na velocidade em que Inzêndio está dirigindo, não vai demorar muito mais.

– E como exatamente *chegamos* ao laboratório? Suponho que não seja pelas ruas na superfície.

– Eles precisam entrar no Lago Cidade Grande, passar pelo esgoto e percorrer um túnel abandonado do metrô.

– Esse carro pode andar embaixo da água?

– Claro que o carro não anda embaixo da água. Ele vira submarino.

Os gêmeos ouviram o barulho de diversos mecanismos conforme o veículo se transformava em submarino. Em seguida, escutaram um sonoro *splash*, e o porta-malas logo começou a se encher de água.

– Devemos estar no lago – Conner observou.

– Você disse que o carro virava submarino! – falou Alex.

– Ao que parece, só o porta-malas que não. Caramba, eu nunca achei que precisasse ser *tão* específico.

Alex estalou os dedos, e a água parou. O Zirmóvel entrou no sistema de esgoto, e os gêmeos taparam o nariz e a boca com a camiseta. Não havia mágica no mundo que desse conta daquele cheiro.

O Zirmóvel se transformou em carro novamente, e os pneus tocaram outra vez o chão sólido. O veículo chacoalhava e tremia conforme atravessava os trilhos do túnel abandonado do metrô. Eram tantos solavancos que os gêmeos ficaram nauseados. Quando já estavam prestes a vomitar, o carro parou subitamente.

Eles ouviram as portas do veículo abrirem e fecharem quando os Zirmãos saíram.

Conner abriu uma frestinha do porta-malas, e ele e Alex espiaram por ela.

– Chegamos – ele sussurrou. – Aqui é o laboratório secreto do Professor Carteira.

O laboratório subterrâneo tinha sido construído em uma antiga plataforma do metrô. O Zirmóvel, agora estacionado nos trilhos abaixo, era apenas um dos muitos meios de transporte: havia um Zirmojato, uma Zirmolancha, Zirmocicletas, Zirmociclos e até uma Zirmocarruagem conduzida por cavalos-robôs.

O laboratório tinha tudo o que uma base secreta de super-heróis precisa: uma parede repleta de televisores que transmitiam noticiários ao vivo de todas as grandes cidades do mundo; computadores gigantes, microscópios, tubos de testes, servidores e geradores; no centro, havia uma grande sirene vermelha que disparava toda vez que ocorria uma crise. Cada aparelho era

identificado por uma etiqueta, para evitar qualquer confusão sobre a sua natureza e finalidade.

O Professor Carteira era não apenas um dedicado astrofísico, como também um pai orgulhoso. O laboratório era decorado com fotos dos filhos adotados e com lembrancinhas das realizações dos pequenos. Os primeiros uniformes dos Zirmãos, emoldurados, eram exibidos nas paredes. Havia uma vela acesa com uma plaqueta que dizia “Primeira chama de Inzêndio”. Havia também um tufo de cabelo e um par de tesouras arrebitadas rotulados como “Primeiro corte de cabelo de Madeiza”. Sob a foto de uma lata de lixo usando óculos de sol, lia-se “Primeira transformação de Morfz”. Já a descrição da foto de uma criança chupando uma lâmpada brilhante como se fosse chupeta dizia: “Primeira faísca de Zolt”.

Havia também uma parede coberta por um mapa gigante de Cidade Grande, EUA. Ao redor dele, havia retratos de todos os criminosos que os Zirmãos tinham entregue à justiça; e pedaços de barbante estendiam-se de cada retrato ao lugar no qual o respectivo criminoso havia sido preso.

Cada Zirmão possuía um canto do laboratório reservado para si, cheio de objetos pessoais. Inzêndio tinha uma coleção de molhos apimentados, fósforos e extintores de incêndio. Madeiza tinha um toucador repleto de produtos para cabelo e de escovas e pentes industriais. Morfz tinha borboletas, mariposas, besouros e vespas emoldurados, além de prateleiras de livros de fotografias – tudo inspiração para metamorfoses. Zolt tinha uma escrivaninha onde fazia estatuetas com baterias antigas.

Madeiza imprimiu os retratos dos Rat Pack e os fixou na parede junto aos demais. Inzêndio discou um número no teclado do computador.

– O que você está fazendo? – perguntou Zolt.

– Estou ligando para o papai – disse Inzêndio. – Ele precisa saber que você saiu sem permissão do laboratório *outra vez*.

– *Dedo-duro!*

Alguns momentos depois, o Professor Carteira surgiu na tela do computador. Era um homem mais velho, com barba grisalha e óculos espessos que ampliavam os olhos azuis. Trajava camisa de

gola rolê turquesa e jaleco branco. O professor mantinha seu dispositivo de comunicação perto demais do rosto, de modo que a câmera focalizava suas narinas.

– Olá, crianças – ele disse. – É alguma emergência? Vou entrar agora numa reunião com a chanceler alemã a respeito de seu novo programa de pesquisa sobre antimatéria.

– Não é uma emergência, mas *alguém* escapuliu do laboratório para combater o crime sozinho outra vez – Inzêndio falou, apontando para Zolt com a cabeça.

O professor esfregou os olhos debaixo dos óculos.

– Ah, Zolt... – disse, desapontado. – O que eu faço com você?

– Não é justo! – disse Zolt. – Inzêndio, Madeiza e Morfz podiam combater o crime sozinhos quando tinham a minha idade!

– Mocinho, nós já discutimos isso mais de cem vezes. As suas capacidades ainda não atingiram todo o potencial. A radiação do asteroide reagiu de maneira diferente com o DNA de cada um de vocês, o que quer dizer que os seus poderes vão chegar ao ápice em um tempo diferente em comparação aos seus irmãos. Lembre-se: nem todas as flores desabrocham na primavera.

– E se eu estiver mais para planta carnívora do que para flor? Talvez meus poderes estejam apenas aguardando uma oportunidade para aparecer!

– Não é assim que a ciência funciona. Eu não invento regras só para contrariá-lo. As regras são para protegê-lo. Você está de castigo até eu voltar para casa.

Zolt resmungou e bateu o pé. Amuado, dirigiu-se ao seu canto no laboratório, dando um choque na orelha de Inzêndio ao passar por ele. Depois, ficou de bico na escrivaninha.

– Estou sendo chamado ao gabinete da chanceler – disse o professor. – Eu telefono de noite, quando chegar ao hotel.

– Mande um alô para a chanceler – disse Morfz.

– E diga a ela que eu adorei as luzes! – Madeiza falou.

O professor fez uma expressão de confusão e perguntou:

– Isso tem a ver com o programa de antimatéria?

Madeiza suspirou.

– Não, pai, as luzes que ela fez no *cabelo* – explicou.

– Ah, claro. Vou transmitir a mensagem. Até mais, crianças.

O professor desligou e desapareceu da tela do computador. Os Zirmãos se instalaram em seus respectivos cantos para relaxar. Inzêndio bebeu uma garrafa de molho apimentado como se fosse água e fez flexões. O cabelo de Madeiza destrançou-se e escovou-se sozinho enquanto ela folheava uma revista. Morfz abriu o livro de fotografias e passou a se transformar nos objetos impressos. Zolt brincou com as estatuetas de pilhas, amarrando em volta de uma delas um lenço para fazer as vezes de capa.

Conner fechou discretamente o porta-malas do carro para conversar em particular com a irmã:

– Meu plano é o seguinte. Vamos sair e dizer que somos repórteres do *Diário do Outromundo*, um jornal escolar publicado em vinte e cinco estados. Vamos dizer que queremos fazer uma reportagem com enfoque pessoal com o super-herói mais corajoso, mais forte e mais inteligente do país. E, para provar qual deles merece o título, vamos levá-los ao mundo dos contos de fadas, onde quem derrotar mais soldados do Exército Literário será o vencedor. O que você acha?

Alex percebeu algumas falhas evidentes no plano do irmão, mas preferiu não falar nada. Ainda sentia muita culpa pelo que tomara consciência no banco. Não queria desestimular o irmão nunca mais.

– Brilhante! – ela disse. – É uma ideia ótima. Não, é uma ideia *maravilhosa*! Caramba! Você só tem ótimas ideias! Não sei como consegue!

Mesmo no escuro do porta-malas, Conner a fitou de um jeito curioso. Tinha coisa aí. Alex *nunca* o apoiava assim. Ele pensou que talvez ela tivesse batido a cabeça na viagem de carro.

– Alex, está tudo bem? – Conner perguntou.

Antes que ela pudesse responder, a sirene vermelha disparou. Os Zirmãos se levantaram num salto e correram até a parede de televisores. Examinaram as telas e viram uma repórter frenética no noticiário francês. Inzêndio aumentou o volume e apertou um botão para que as palavras da repórter fossem traduzidas.

– *Paris está sendo atacada* – disse a repórter, no estúdio. – *O cientista louco e gênio do crime conhecido como Senhor Serpente, famoso por seus enteveros com os Zirmãos em Cidade Grande, EUA, tomou a Torre Eiffel!*

O noticiário mostrou uma filmagem do Senhor Serpente mais cedo naquele dia. Era um homem alto, musculoso, de meia-idade, com uma carranca de vilão. Os olhos eram amarelos, com pupilas pequenas, como os de um réptil. Ele usava um grande capacete em formato de cabeça de naja e uma longa capa preta. O Senhor Serpente lambeu os lábios, deixando ver a língua bifurcada.

– Aquele maldito! – disse Inzêndio.

O Senhor Serpente estava acompanhado de dois parceiros, um homem e uma mulher, porém nenhum dos dois parecia inteiramente humano: tinham a pele verde e escamosa, narinas largas e olhos reptilianos. O homem tinha cabelo moicano cor de laranja e uma gola franzida como a de um lagarto-dragão. A mulher possuía chifres vermelhos e unhas longas como as garras de uma ave de rapina.

– *João Dragão e Rita Rapina* estão com ele! – disse Madeiza, erguendo um tufo de cabelo na direção da tela.

– Não são os únicos amigos com ele – Morfz observou. – Vejam!

Atrás dos três criminosos, arrastava-se um cortejo de milhares de cobras. Jiboias, najas, anacondas e até cobrinhas de jardim. As cobras coloridas formavam um arco-íris ambulante conforme seguiam o Senhor Serpente.

O noticiário mostrou a filmagem do Senhor Serpente e seus escamosos cúmplices atacando a base da Torre Eiffel. Eles derrubaram os seguranças que se colocaram em seu caminho, e centenas de turistas fugiram para salvar a pele. As serpentes formaram um círculo em volta da torre e não deixaram que nenhum policial parisiense passasse.

A câmera focou um dispositivo que o Senhor Serpente carregava, que parecia um minissatélite.

– O Senhor Serpente está com o *reptilizador*! – disse Zolt, horrorizado.

– *Até o momento, o Senhor Serpente não fez nenhuma exigência e não está mantendo nenhum civil como refém* – a repórter informou. – *Ninguém sabe ainda por que ele veio a Paris e por que tomou a Torre Eiffel.*

Os Zirmãos entreolharam-se temerosos.

– Para nós, não é mistério! – Inzêndio afirmou. – Precisamos ir a Paris e detê-lo! *Zirmãos, para o jato!*

Os quatro super-heróis correram para o Zirmojato, estacionado nos trilhos.

Conner ficou mais incomodado com a notícia do que os super-heróis.

– Isso é *terrível* – ele disse.

– Espere aí – falou Alex. – Senhor Serpente? Reptilizador? Você não mencionou nada disso!

– Eu esqueci que essa história é muito curta. Ela é muito mais rápida do que as outras. O Senhor Serpente é o arqui-inimigo dos Zirmãos. É um cientista que costumava trabalhar com o Professor Carteira. Um experimento fracassado transformou ele e seus assistentes em semirrêpteis. O Professor Carteira não conseguiu reverter o efeito, e o Senhor Serpente passou para o lado do mal. Ele inventou um capacete que lhe dá controle sobre todos os répteis. O reptilizador é a sua nova invenção: ele transforma mamíferos em répteis; a arma precisa ser ativada do ponto mais alto da cidade. É por isso que o Senhor Serpente está na Torre Eiffel!

– Então, assim que ativar o reptilizador, ele vai transformar todos os cidadãos de Paris em répteis e vai passar a controlá-los! Caramba!

Os Zirmãos embarcaram no jato e afivelaram os cintos de segurança, mas Inzêndio impediu Zolt de entrar.

– O que você acha que está fazendo? – perguntou Inzêndio.

– Vou a Paris combater o Senhor Serpente junto com vocês – disse Zolt.

– Não vai, não! Você ouviu o papai. Está de castigo.

– Ah, por favor. O Senhor Serpente é o bandido mais durão que vocês já combateram! Vocês vão precisar de ajuda!

– Exatamente. É por isso que você precisa ficar no laboratório. Nós vamos estar muito ocupados salvando a população de Paris. Não poderemos tomar conta de você. Se você vier conosco, não vai passar de um fardo.

Zolt murchou tanto que pareceu diminuir de altura. Ele nunca tinha sido chamado de *fardo*.

– Mas... mas... eu sou um *super-herói* – disse, com o lábio trêmulo.

Inzêndio suspirou e falou:

– Não, não é. Você é só uma criança que sabe alguns truques.

Inzêndio fechou a porta do jato na cara de Zolt e juntou-se a Madeiza e a Morfz na cabine. Os motores rugiram, e o Zirmojato disparou pelo túnel abandonado rumo a Paris.

Zolt esperou que os irmãos se fossem para começar a chorar. Foi até sua mesa e caiu em prantos. Depois de chorar todas as lágrimas, passou a brincar com as estatuetas para tentar se sentir um pouco melhor. Pegou aquela com capa de lenço e a moveu pelo ar como se estivesse voando.

– Ele está vindo para salvar o dia! – disse Zolt, fingindo ser âncora de jornal. – É o Zirmão favorito de todos: *Zolt!*

Brincar de ser um super-herói de verdade apenas o deixou pior. Zolt apertou a estatueta, que se desfez num amontoado de pilhas usadas. Apoiou a cabeça na mesa e voltou a chorar.

– Precisamos de um novo plano para recrutar os Zirmãos – Conner sussurrou para Alex. – Alguma ideia? Alex?

Ele se virou para a irmã e notou que o pequenino super-herói a fizera cair em lágrimas. De fato, ela parecia mais triste do que Zolt.

– Alex, tudo bem?

– Conner, me desculpe, me desculpe!

– Pelo quê?

– Desculpe se alguma vez eu fiz você se sentir *assim*. Eu sei que você não lembra, mas houve uma época em que eu te tratava exatamente como os Zirmãos tratam Zolt... E, exatamente como eles, eu não tinha ideia de como estava te magoando. Essa história é muito mais pessoal do que você pensa. Ela é sobre *nós*.

– Alex, acho que você está exagerando.

– Você não percebe. Desde que éramos crianças, as pessoas sempre nos comparam. Todos sempre censuravam você por não tirar notas boas como eu, por não ser maduro como eu, ou por não ser organizado como eu. E ninguém nunca fez com que *eu* me sentisse mal por não ser mais parecida com *você*. Eu não sabia o quanto isso era duro. Agora que estou vendo Zolt, percebo o quão doído deve ter sido.

De início, Conner achou que a irmã estava louca. Não havia como uma história tão boba ter *tanto* sentido. Porém, à medida que Alex explicava, mais sentido fazia. Ela sempre tinha sido capaz de tantas coisas que, na cabeça de Conner, a irmã era uma super-heroína, e ele nunca estaria à altura dessa super-heroína.

– Me desculpe se alguma vez eu fiz você se sentir mal consigo mesmo ou deixado para trás – Alex falou. – Você sempre me apoiou tanto, eu devia ter retribuído mais vezes. Você tem tantos dons e merece muito mais defensores do que apenas a senhora Peters. Eu sinto muito que tenha sido preciso viajar para as suas histórias para que eu percebesse isso.

Conner não sabia o que dizer. Pela primeira vez, ele olhou para o mundo de “Os Zirmãos” como se olhasse para a própria história.



CAPÍTULO 21



Cidade da Luz do Relâmpago

– *Os Zirmãos chegaram a Paris! Repito: os Zirmãos chegaram a Paris!* – anunciou a repórter francesa. – *Os parisienses podem respirar aliviados! Parece que o socorro chegou!*

Os gêmeos ainda estavam no porta-malas do Zirmóvel. Conner tentava bolar um novo plano para recrutar os super-heróis, mas não conseguia parar de pensar na análise da história feita pela irmã. Havia em “Os Zirmãos” mais do que ele pensara?

– Então, o que acontece agora? – perguntou Alex.

– O Senhor Serpente captura os Zirmãos na Torre Eiffel – disse Conner. – Quando o Professor Carteira volta ao laboratório, tem uma conversa com Zolt que aumenta a confiança do garoto. Zolt vai a Paris para salvar os irmãos e a irmã e, quando enfrenta o Senhor Serpente, o resto dos seus poderes começa a funcionar, e ele salva o dia.

– Ah, o Professor Carteira deve ser baseado na senhora Peters! Foi ela quem te deu a confiança para escrever, e isso ativou o resto das *suas* habilidades!

– Pare de analisar e se concentre. O Professor Carteira só volta ao laboratório daqui a uma semana. Nós precisamos aumentar a confiança de Zolt, ou ele não vai sair daqui pelos próximos dias.

– Não podemos ir a Paris e salvar nós mesmos os Zirmãos?

– Não, os Zirmãos estão muito divididos agora. Precisamos que eles trabalhem em equipe se queremos que nos ajudem a combater o Exército Literário. O fato de Zolt salvá-los vai restaurar o laço familiar.

– Entendi. E como o deixamos confiante o bastante para ir?

Conner coçou a cabeça enquanto pensava. Espiou fora do porta-malas e viu que Zolt continuava de bico em sua escrivaninha.

– Não tem nada que ele queira mais do que ser um super-herói – disse Conner. – Então vamos fazer com que ele se *sinta* um super-

herói. Vamos fingir que somos alunos de jornalismo e que trabalhamos para o *Diário do Outromundo*, mas vamos dizer que estamos fazendo uma matéria sobre ele.

Alex fez que sim com a cabeça e falou:

– Vamos nos vestir a caráter.

Ela estalou os dedos, e uma caneta e um bloco de anotações surgiram nas mãos de Conner; estalou de novo os dedos, e uma câmera apareceu em seu pescoço. Os gêmeos saíram em silêncio do Zirmóvel, caminharam na ponta dos pés pelos trilhos do metrô e subiram na plataforma. Conner bateu na parede de retratos como em uma porta.

– Alô? – chamou. – É aqui o laboratório secreto do Professor Carteira?

A voz assustou Zolt, que levantou num pulo. Ele nunca tinha visto estranhos no laboratório. Encarou os gêmeos desconfiado e cerrou as mãos em punhos.

– O que vocês estão fazendo aqui? – perguntou.

– *Minha nossa!* – disse Conner. – É o incrível Zolt em pessoa! Só podemos estar no lugar certo!

– Uau! Não acredito que ele está bem diante dos meus olhos! – Alex falou.

Os gêmeos fingiram deslumbramento. Deram pulinhos de alegria como se estivessem conhecendo um ídolo. O entusiasmo deles fez Zolt se empertigar um pouco.

– Quem são vocês? – ele perguntou. – Como encontraram o laboratório?

– Meu nome é Conner, e esta é Alex, minha fotógrafa. Somos do *Diário do Outromundo*. O Professor Carteira não avisou que viríamos?

– Não. O que é o *Diário do Outromundo*?

– É um jornal universitário impresso em mais de vinte e cinco estados do país – Conner explicou. – Estamos aqui para fazer uma matéria sobre você. Perguntamos aos nossos leitores qual era o Zirmão favorito deles, e mais de setenta por cento mencionaram você. Parabéns!

Zolt não estava acreditando. Seus olhos se arregalaram, seu queixo caiu. Ele nunca tinha sido o favorito de *ninguém*.

– Eu? – disse, chocado. – Mas... mas... mas... por quê?

Conner ainda não tinha pensado nessa parte do plano. Olhou para Alex em busca de socorro.

– Porque, de todos os Zirmãos, é com você que os nossos leitores mais se identificam – disse ela. – Eles acham que é muito corajoso da sua parte combater criminosos muito maiores e mais velhos do que você. Você inspira crianças no país inteiro a ir atrás dos próprios sonhos apesar do tamanho ou da idade!

Zolt pôs a mão no relâmpago em seu peito. Nunca tinha se sentido tão honrado.

– Nunca achei que eu fosse tão *inspirador* – disse.

– Você se importaria de nos dar uma entrevista e tirar algumas fotos? – perguntou Conner.

– Se eu *me importaria*? Até parece... Eu faço questão!

O super-herói verificou seu reflexo na tela do computador e ajeitou o cabelo. Puxou duas cadeiras para que ele e Conner se sentassem enquanto conversavam. Conner examinava o bloquinho vazio como se este estivesse repleto de perguntas. Alex os circundava e tirava fotos enquanto eles falavam.

– Então, conte para a gente, como é ser um super-herói? – Conner indagou.

Zolt hesitou em responder. Ele nunca tinha se sentido *menos* super-herói do que naquele dia. Mas, como não queria decepcionar os leitores do *Diário do Outromundo*, deu as respostas que acreditava que eles gostariam de ler:

– É o melhor trabalho do mundo! O asteroide que acertou nosso orfanato foi a melhor coisa que já me aconteceu.

Conner tomava notas tão rápido que não estava nem escrevendo palavras de verdade.

– Qual é a sua parte favorita de ser um super-herói? – ele perguntou.

– Ah, essa é fácil. Ajudar as pessoas! Adoro ver o alívio nos olhos delas quando são resgatadas de um prédio em chamas, ou de um

trem desgovernado, ou de um navio que está afundando. Para falar a verdade, eu mesmo nunca salvei ninguém, mas estava com os meus irmãos e com a minha irmã quando eles salvaram.

Essa ideia deixou Zolt um pouco triste, e ele se afundou na cadeira. Conner rapidamente mudou de assunto para deixá-lo animado:

– Nossos leitores adoram ver você voando. Você tem alguma técnica especial para sair do chão?

– Na verdade, ainda estou trabalhando nesse *negócio de voar* – Zolt falou como se fosse segredo. – Espero melhorar um dia. Nunca vá tão alto que você tenha medo de olhar para baixo: é o meu lema.

– Sábias palavras. E toda essa eletricidade que você produz? De onde vem?

– Segundo meu pai, meu corpo gera muito atrito, que suga a eletricidade do ambiente à minha volta. Hoje eu consigo acender uma lâmpada de catorze watts, mas espero conseguir acender uma de sessenta watts até o fim do ano.

– *Muito* impressionante! Faz total sentido que os nossos leitores digam que preferem os *seus* poderes, e não os dos seus irmãos!

– *Sério?* Que loucura! Durante a maior parte do tempo, eu gostaria de trocar! Acho que seria muito legal criar fogo como o Inzêndio, ou se transformar em coisas como o Morfz, ou usar o cabelo para realizar tarefas como a Madeiza.

Quanto mais Conner o lisonjeava, mais feliz Zolt ficava. A cada foto que Alex tirava, o sorriso de Zolt crescia. Até ali, o plano parecia estar funcionando.

– Ótimo! Tudo isso está muito bom – disse Conner. – O que você diria a alguém que quisesse ser um super-herói tão impressionante quanto você?

Zolt precisou de alguns instantes para responder. Ele nunca tinha pensado que alguém gostaria de ser um super-herói como *e/e*. Queria dar aos fãs uma resposta que viesse do coração.

– Nunca desistam – falou. – É a coragem que coloca o “super” em “super-herói”!

De repente, a sirene vermelha se acendeu e o alarme de crise soou. Os gêmeos e Zolt voltaram-se para a televisão e descobriram

que a situação em Paris havia piorado muito.

– *Plantão de notícias* – disse a repórter, em pânico. – *O Senhor Serpente capturou os Zirmãos. Repito, o Senhor Serpente capturou os Zirmãos. Algo deu errado na tentativa dos heróis de salvar a cidade. Ainda não há informações sobre o que o Senhor Serpente está fazendo na Torre Eiffel, ou o que ele planeja fazer com os Zirmãos.*

O noticiário mostrou as imagens ao vivo de um helicóptero circundando a Torre Eiffel. Inzêndio, Madeiza e Morfz estavam presos por uma grande anaconda à base da antena da torre. Achavam-se tão próximos um do outro que Inzêndio não podia usar seus poderes sem queimar o irmão e a irmã; e, de tão apertado, Morfz tampouco podia se transformar em qualquer coisa. Uma cascavel cobria a cabeça de Madeiza como um turbante, comprimindo o cabelo da garota.

O Senhor Serpente encontrava-se numa pequena plataforma no topo da antena da Torre Eiffel. Parafuso a parafuso, ele conectava o reptilizador à antena e o ligava à energia da torre. Trabalhava inabalavelmente, sem tirar os olhos do dispositivo.

Zolt ficou horrorizado ao descobrir que sua família tinha sido capturada. Embora soubessem de antemão o que iria acontecer, Alex e Conner fingiram estar tão surpresos quanto ele.

– Isso é terrível! – disse Zolt. – O Senhor Serpente vai transformar todos os cidadãos de Paris em répteis!

– Ainda bem que resta *um* Zirmão para salvá-los! – Alex falou.

O menino balançou a cabeça e andou de um lado para o outro. Não era concebível enfrentar uma ameaça como aquela sem a ajuda dos irmãos e da irmã.

– Não posso derrotar o Senhor Serpente sozinho! – Zolt afirmou.

– Meus poderes ainda não atingiram o pleno potencial. Não sou páreo para ele.

– É sim, pode apostar – disse Conner. – Você é o super-herói favorito dos leitores do *Diário do Outromundo*!

– Não sou! Seus leitores erraram. Eu não sou nem um super-herói de verdade. A minha própria família falou isso! Sou só um garoto

com alguns truques. O Senhor Serpente vai vencer, e não há nada que eu possa fazer.

Zolt foi até seu canto no laboratório e sentou-se à escrivaninha. Alex e Conner trocaram um olhar preocupado. Eles tinham levantado o ego do garoto apenas para vê-lo desabar como um prédio demolido.

– Não acho que vamos convencê-lo – Conner disse à irmã. – Para ser sincero, não sei se, no lugar dele, eu iria a Paris.

– Mas você *já* esteve no lugar dele – Alex falou. – Zolt é você. Ele representa o menino dentro de você que costumava duvidar de si próprio. Você precisa ser a senhora Peters *dele* e dizer a ele exatamente o que você gostaria de ter ouvido.

Era perturbador o fato de que Alex entendia os personagens de Conner melhor do que ele, mas foi o que mostrou a Conner que ela tinha razão. Ele soltou um suspiro profundo e caminhou até Zolt.

– Cara, eu sei como você está se sentindo – disse-lhe Conner. – Eu costumava duvidar muito de mim mesmo. Quando as pessoas me diziam que eu não era bom o bastante, eu acreditava. É difícil não acreditar nelas quando você é novo.

– Nem me fale – disse Zolt. – Melhorou quando você cresceu?

– Para mim, melhorou.

– Como?

– Alguém acreditou em mim. Tudo o que foi preciso foi a aprovação de uma única pessoa, e de repente eu passei a acreditar em mim mesmo também. Isso serviu como um escudo contra todas as dúvidas e o negativismo. Eu percebi que era tão capaz quanto as pessoas a quem me comparava, que eu merecia tanto quanto elas. Mas sabe de uma coisa? Eu estava errado.

– Estava?

– Totalmente. Eu não *precisava* de outra pessoa. Lá no fundo, eu já confiava em mim mesmo, sempre confiei. A aprovação não passa de um atalho para a autoestima, mas às vezes a gente precisa descobrir as coisas por conta própria. Às vezes, se queremos muito uma coisa, precisamos inspirar a nós mesmos para alcançá-la. Às vezes, precisamos ser nosso próprio super-herói.

Conner notou que, de tudo o que falara, isso tinha encontrado mais eco no menino: se Zolt queria ajudar as pessoas, tinha de começar ajudando a si próprio.

– E se eu falhar? – perguntou Zolt. – E se o Senhor Serpente vencer e eu não salvar ninguém? Nesse caso, eu *nunca* vou ser um super-herói.

– Certa vez, um homem muito sábio me disse que é a coragem que coloca o “super” em “super-herói”. Ele nunca falou nada sobre sucesso.

Zolt baixou os olhos para a pilha de baterias usadas sobre a escrivaninha. Imaginou que, se as baterias tivessem sentimentos, se sentiriam exatamente como ele: inúteis, esmagadas, vazias; porém, se ele era capaz de colar lixo e transformar esse lixo num herói, também era capaz de se transformar em herói. Zolt levantou-se e olhou Conner nos olhos.

– Vamos para Paris – disse. – Tenho uma cidade e uma família para salvar.

– É assim que se fala! – Conner falou e deu um tapinha nas costas de Zolt. O contato causou choque na mão de Conner, que ganiu. – Desculpe, esqueci com quem eu estava falando.

– Como eu vou chegar a Paris a tempo? Meus irmãos e minha irmã levaram o jato.

– Para sua sorte, Alex e eu temos um dispositivo de teletransporte. Chegaremos lá em segundos.

Alex fez cara de quem não estava entendendo nada.

– *Temos?* – indagou.

– Sim... *Você tem* – Conner formou as palavras com os lábios, mas sem enunciá-las. – *Vamos usar a sua mágica.*

– Ah, certo. Eu tinha esquecido totalmente do *dispositivo de teletransporte*. Ele está bem aqui na minha mão... É pequeno e invisível. Tão fácil de esquecer!

Zolt ficou impressionado.

– Nem o meu pai tem um desses – disse. – Como dois estudantes de jornalismo arrumaram isso?

– O departamento de ciências da nossa universidade é ótimo – Conner falou. – Depois explicamos. Quer ir para Paris ou não?

Alex passou os braços em volta de Zolt e de Conner, e os três deram um abraço coletivo. Como ainda não havia se teletransportado magicamente dentro de uma das histórias do irmão, ela torceu para que funcionasse como no mundo dos contos de fadas. Alex fechou os olhos e visualizou os Zirmãos atados à antena da Torre Eiffel e se lembrou de quão desesperadamente ela e Conner precisavam dos super-heróis para derrotar o Exército Literário.

– Ativando o dispositivo de teletransporte – Alex disse. – Que seja o que Deus quiser.

Com um clarão, os gêmeos e Zolt desapareceram do laboratório secreto do Professor Carteira. A primeira coisa que sentiram foi uma fresca brisa noturna. Eles olharam em volta e distinguiram luxuriantes jardins retangulares, chafarizes e um rio serpeante. Por quilômetros ao redor, havia prédios lindos, com janelas altas, cúpulas, colunas, torres e bandeiras francesas. Todos os prédios se achavam iluminados como se a cidade estivesse no meio de um ensaio fotográfico.

– Estamos em Paris, isso é certo – Alex observou. – Mas não estou vendo a Torre Eiffel em lugar nenhum.

– É porque *nós estamos na Torre Eiffel* – disse Conner. – Veja!

Examinando melhor, Alex se deu conta de que eles estavam a centenas de metros de altura. Ela os tinha transportado ao telhado do observatório inferior. O restante da estrutura se erguia sobre eles tal qual o esqueleto de um gigante de aço. Era tão alto que os gêmeos sentiram vertigem só de olhar. Apesar das circunstâncias, a beleza da Torre Eiffel era de tirar o fôlego.

Lá embaixo, no chão, eles divisaram o círculo de cobras do Senhor Serpente que mantinha a polícia parisiense afastada. Reunidos atrás da polícia, milhares de cidadãos franceses observavam a cena. Uma dúzia de helicópteros de TV que sobrevoavam a torre apontou os holofotes para Zolt e os gêmeos assim que eles chegaram.

Isso foi uma bênção, já que jogaram luz sobre João Dragão e Rita Rapina, que se esgueiravam atrás dos três.

– Zolt, cuidado! – gritou Conner.

João Dragão pulou em Zolt, derrubando-o no chão. Plantando bananeira, Rita Rapina chutou os gêmeos, que rolaram para fora do telhado. Conner segurou a calha com uma mão e a irmã com a outra. Os dois pendiam como alpinistas sem correia de apoio. As pessoas no solo arquejaram e gritaram.

Enquanto Conner e Alex escalavam a calha, João Dragão e Rita Rapina descreviam círculos em volta de Zolt, que se levantou. João Dragão inflou o pescoço cheio de pregas, que se abriu como um guarda-chuva em torno da cabeça. Rita Rapina raspou o telhado com as garras e silvou para o menino. Eram dois predadores a circundar uma presa.

– Mas que privilégio... – disse João Dragão. – Os quatro Zirmãos num só dia! O Senhor Serpente vai adorar!

– Que tal se nós dois ficarmos com o pequenino? – Rita Rapina sugeriu. – Um *lanzinho* me faria bem, se é que você me entende.

Os répteis supercrescidos jogaram a cabeça para trás numa gargalhada. Naquele instante, Alex reparou em um objeto que poderia ajudar Zolt e torceu para que ele tivesse a mesma ideia.

– Zolt! Atrás de você! – ela gritou.

Zolt se virou e viu o balde de água a que ela se referia. Correu até o balde e o chutou, fazendo a água se espalhar pelo telhado. João Dragão e Rita Rapina se lançaram atrás do garoto, que posicionou as duas mãos no chão e enviou ondas elétricas pela água derramada. Os pés e as pernas dos dois capangas foram eletrocutados. Eles saíram pulando pelo telhado como se este estivesse coberto de cacos de vidro, tropeçaram um no outro, caíram do observatório e não voltaram mais.

Os gêmeos galgaram a beirada do telhado, e Zolt os ajudou a se levantarem.

– Vocês tiveram uma ótima ideia! – disse Conner.

– Meu pai sempre diz: “A ciência em si já é um superpoder” – Zolt comentou.

Com João Dragão e Rita Rapina fora de cena, o Senhor Serpente era o único ser que os impedia de salvar a cidade. Os gêmeos e o Zirmão mais novo pararam na beira do telhado e miraram o observatório superior.

– Precisamos subir lá – disse Alex.

– Não, é muito perigoso – Zolt afirmou. – Vocês dois precisam ficar aqui. Isso é entre mim e o Senhor Serpente.

Alex abriu a boca para contestar, porém Conner a censurou com o olhar. Como ele tinha explicado, para que os Zirmãos se reunissem, Zolt precisava enfrentar sozinho o Senhor Serpente.

– Boa sorte, Zolt – disse Alex.

– Nós acreditamos em você – falou Conner.

Zolt fez uma saudação nervosa para eles e voou rumo ao topo da Torre Eiffel, deslizando de viga em viga como um esquilo voador a pular de galho em galho. Enfim chegou ao telhado do observatório mais alto, onde os outros Zirmãos se achavam presos à base da antena. Inzêndio, Madeiza e Morfz ficaram chocados e zangados ao ver o caçula.

– Zolt, que raios você está fazendo aqui? – perguntou Inzêndio.

– Estou aqui para salvar vocês e a cidade – disse Zolt.

– Não, dê o fora enquanto há tempo! – Madeiza ordenou. – Você não é capaz de enfrentar o Senhor Serpente!

– Você precisa chamar o papai! – falou Morfz. – Você não pode nos ajudar, não é forte o bastante!

– Não é preciso ter *força* para ser um super-herói – disse Zolt. – Só é preciso ter *coragem*.

Como Conner, Zolt fez de conta que um escudo o protegia da desconfiança e do desdém que os irmãos lhe dirigiam. Ele os sobrevoou e alcançou a escada da antena, subindo à plataforma onde se achava o Senhor Serpente.

O vilão estava no último passo da instalação do reptilizador, e um sorriso contente se estendia em seu rosto. Era uma questão de tempo para que cada pessoa em Paris fosse transformada em réptil e para que ele tivesse o controle absoluto da cidade mais cosmopolita do mundo.

O Senhor Serpente foi distraído por um movimento que vinha de baixo. Voltou os olhos no exato momento em que o Zirmão caçula se içava à plataforma e deu um chute forte no peito de Zolt, que escorregou escada abaixo.

Zolt perdeu o fôlego, mas, assim que o recuperou, subiu de volta. Quando se alçou à plataforma, o Senhor Serpente o chutou de novo. Entretanto, não importava quantas vezes o Senhor Serpente chutasse Zolt escada abaixo, o menino não desistia nunca. Ainda que fosse chutado outras cem vezes, Zolt faria o que fosse necessário para impedir que o Senhor Serpente ativasse o reptilizador.

Na quinta tentativa do menino, o Senhor Serpente o fitou com pena. Estava achando graça da determinação de Zolt. Em vez de chutá-lo de novo, o Senhor Serpente agarrou Zolt pelo relâmpago bordado no uniforme e o olhou nos olhos.

– Você é um heroizinho bem corajoso, devo admitir – disse. – Mas é fina a linha que separa a *coragem* da *burrice*, e temo que você tenha acabado de cruzá-la.

– Também é fina a linha entre *mau hálito* e *halitose* – Zolt respondeu.

Essa observação irritou profundamente o Senhor Serpente, que, em vez de prender Zolt junto com os irmãos, jogou-o da antena. O Zirmão caçula despencava tão rápido que não conseguia voar.

– *Zolt!* – gritaram os Zirmãos, que assistiam a tudo sem poder fazer nada.

Ele passou rasgando o ar por Alex e Conner, no observatório inferior, e tombou em algum lugar nas árvores abaixo da Torre Eiffel. Tudo estava acabado antes mesmo que os gêmeos soubessem o que estava acontecendo. Eles olharam um para o outro completamente chocados.

– É tudo minha culpa – disse Conner. – Eu insisti demais. Obriguei-o a enfrentar o Senhor Serpente sem que estivesse pronto! *Eu o matei!* Agora os Zirmãos nunca mais se reunirão!

Conner estava com tanta vergonha de si que enterrou o rosto no ombro de Alex. Ela se sentia igualmente responsável e não conseguia achar as palavras para confortá-lo.

– *Assassino!* – Inzêndio gritou para o Senhor Serpente.

– *Como você pôde fazer isso com uma criança?* – berrou Madeiza.

– *Era só um menino!* – esgoelou-se Morfz.

Os Zirmãos fizeram força para se libertar da anaconda que os prendia, mas a grande cobra só fez apertá-los ainda mais. O Senhor Serpente concluiu a fase final da instalação do reptilizador e riu furiosamente.

– O reptilizador está completo! – anunciou. – Não apenas vocês perderam o irmão, como, assim que eu ativar a minha invenção, vão ser os primeiros a virar répteis! E, sem mais nenhum Zirmão, ninguém jamais vai me deter! Logo o mundo inteiro estará sob o meu controle!

O Senhor Serpente acionou o interruptor do reptilizador, e a máquina ganhou vida. Um espesso gás verde foi liberado da antena e desceu pela Torre Eiffel como um nevoeiro. No entanto, antes que ele alcançasse os Zirmãos, a energia da Torre Eiffel inesperadamente acabou. O reptilizador se desligou, e o gás verde se dissipou na brisa noturna.

– *Mas como, em nome de Kaa?* – disse o Senhor Serpente, tentando desesperadamente religar o aparelho.

Enquanto os gêmeos ainda lamentavam a morte de Zolt, um estranho fenômeno ocorreu nas cercanias da cidade. A Torre Eiffel não era a única sem eletricidade: todos os prédios num raio de dez quadras sofreram um blecaute. Era como se o reptilizador tivesse queimado o fusível de Paris.

– Espere aí – disse Alex. – Zolt não disse que o poder dele vem de absorver a eletricidade em volta?

– Sim, quando ele estava vivo – Conner falou. – Mas ele morreu, não foi?

De repente, o cabelo dos gêmeos se arrepiou e seus corpos comicharam com uma forte onda de fricção. Eles miraram as árvores onde Zolt tinha caído: elas zumbiam e emitiam uma brilhante luz branca.

Zolt disparou das árvores como um míssil: estava vivo e mais poderoso do que nunca. Seu corpo emitia fortes ondas elétricas, como se o garoto fosse uma bola de plasma humano. Produzia

tanta fricção que fazia o ar zunir. Seu cabelo estava espetado, e os olhos brilhavam com a energia. Zolt nunca parecera tão confiante ou poderoso.

– *Funcionou!* – disse Conner. – *Zolt atingiu seu potencial pleno!*

– É isso aí, Zolt! – Alex gritou.

Conner não poderia estar mais orgulhoso do pequeno super-herói; era como se uma parte dele próprio houvesse tido êxito e vencido contra todas as predições. Os gêmeos se abraçaram em celebração.

Zolt voou até a antena da Torre Eiffel, apontou um dedo para a anaconda e para a cascavel que prendiam os irmãos e disparou eletricidade contra elas. As cobras se enrolaram e tombaram. Os Zirmãos não acreditavam nos próprios olhos; precisaram de um instante para entender que estavam sendo resgatados pelo irmão.

– *Zolt?* – disse Inzêndio.

– *Você está vivo!* – Madeiza falou.

– *E PODEROSO!* – disse Morfz.

O Zirmão caçula poderia ter se regozijado, poderia ter feito os irmãos e a irmã se sentirem tão mal quanto eles o fizeram se sentir, mas nada disso era tão importante quanto salvar a cidade.

– Tenho dois amigos no telhado do observatório inferior – falou Zolt. – Levem-nos para um lugar seguro. Eu cuido do Senhor Serpente.

Os Zirmãos não discutiram com o caçula. Inzêndio pulou da torre, e jatos de fogo como os de um foguete irromperam de seus pés. Madeiza se lançou de viga em viga pela Torre Eiffel como se os seus cachos fossem os longos braços de um orangotango. Morfz transformou-se num enorme avião de papel com óculos de sol e planou até o observatório inferior para pegar os gêmeos.

– Podem subir! – disse-lhes Morfz.

Alex e Conner subiram no avião de papel, e os Zirmãos os acompanharam até os gramados retangulares. Assim que estavam em segurança no chão, os gêmeos e os Zirmãos olharam para a Torre Eiffel e assistiram ansiosamente ao enfrentamento entre Zolt e o Senhor Serpente.

No alto da antena, o Senhor Serpente mexia nos fios e nas engrenagens do reptilizador, mas não havia ajuste que fizesse o dispositivo voltar à vida. Zolt pousou na plataforma atrás do vilão com tanta força que a estrutura inteira chacoalhou. Apontou as duas mãos para o reptilizador e disparou eletricidade contra o aparelho, que explodiu.

Se encarada matasse, o Senhor Serpente teria assassinado Zolt com o olhar de ódio que lhe lançou.

– Você acha que é poderoso? – perguntou. – Você não tem ideia do que é poder!

Os olhos no capacete do Senhor Serpente começaram a brilhar. Como se estivessem conectados pela mesma frequência de rádio, ele mandou instruções às cobras que guardavam a base da Torre Eiffel. Elas se aglutinaram de modo a formar um monstro horrendo. Milhares de cobras de centenas de espécies agora deslizavam em perfeita sincronia. O réptil gigante se enroscou na Torre Eiffel e começou a subir na direção da antena para se juntar ao seu senhor e atacar Zolt.

– Primeira lição de ciências – disse Zolt. – Nada conduz melhor a eletricidade do que metal, e você acaba de mandar todo o seu séquito subir por uma estrutura de aço.

Os olhos reptilianos do Senhor Serpente se arregalaram e suas pupilas se encolheram em finas tarjas. Ele havia cometido um grave erro. Zolt se voltou para o céu e mandou uma onda de fricção em direção às nuvens, fazendo com que um forte relâmpago se precipitasse sobre a Torre Eiffel.

O relâmpago iluminou a torre, que brilhou com mais força do que jamais tinha brilhado. Todas as suas lâmpadas estouraram, cobrindo-a de pequenas explosões. A eletricidade que corria pela estrutura eletrocutou o Senhor Serpente e seus escamosos cúmplices até que deles não restasse nada além de pó queimado.

Quando o relâmpago terminou, um grito estrondoso irrompeu por Paris. Os Zirmãos, os gêmeos, a polícia e todos os parisienses que testemunhavam a cena comemoraram e aplaudiram o pequeno super-herói. Zolt voou até o gramado retangular e juntou-se aos gêmeos.

– Mandou ver! – disse Conner. – Eu te daria um abraço, mas de jeito nenhum vou tocar em você depois disso!

– Nós sabíamos que você conseguiria! – Alex falou.

Inzêndio, Madeiza e Morfz caminharam de mansinho na direção de Zolt. Estavam de cabeça baixa, envergonhados, sentindo-se tão culpados que não tinham coragem de olhar o irmão nos olhos.

– Zolt, queremos pedir desculpas – disse Inzêndio.

– Obrigado por salvar nossas vidas – Madeiza agradeceu.

– Deveríamos ter acreditado em você – falou Morfz.

Zolt dirigiu um olhar sem expressão aos irmãos e à irmã, sem saber o que lhes dizer. Um sorriso maroto então apareceu em seu rosto. Era demais finalmente *provar a si mesmo* que não se importava em *provar que eles estavam errados*.

– Tudo bem – falou. – O que importa é que eu acreditei em mim mesmo. E podem apostar que vou pensar em um jeito de vocês se redimirem.

Os Zirmãos foram falar com a polícia e com a imprensa francesas. Inzêndio, Madeiza e Morfz deram todo o crédito ao caçula por salvar a cidade. Os repórteres se juntaram em volta dele e o elogiaram por sua valentia. Os parisienses entoaram o nome de Zolt, e Inzêndio e Morfz ergueram o irmão nos ombros para que as pessoas pudessem vê-lo melhor.

Zolt nunca tinha aberto um sorriso tão enorme. Enfim era um super-herói *de verdade*.

– Que lindo! – disse Alex. – Conner, esta história é demais!

– Obrigado – Conner falou. – Sabe, eu pensei muito no que você falou no porta-malas do Zirmóvel. Você tinha razão. “Os Zirmãos” sem dúvida é sobre a gente.

Alex respirou fundo.

– Eu falei. E eu quero pedir desculpas mais uma vez por tudo que eu...

– Mas você estava errada numa coisa. Inzêndio, Madeiza e Morfz não são baseados em você. Alex, você talvez não se lembre, mas você foi a primeira pessoa que me incentivou a escrever. Você é meu Professor Carteira, não a senhora Peters.

– Eu? Mas... mas... a *senhora Peters*...

– A senhora Peters também tentava me fazer terminar os deveres de casa e estudar para as provas, mas isso não aconteceu. Não lembro do segundo ano, mas do sétimo eu lembro. Pouco antes de irmos ao mundo dos contos de fadas para combater a Feiticeira, eu te mostrei as minhas histórias pela primeira vez. Você gostou delas, disse que eram especiais, e você me deu confiança para continuar escrevendo. Foi a *sua* aprovação que me inspirou. Foi você quem me deu forças.

Alex ficou mais aliviada do que as palavras eram capazes de descrever. A ideia de que ela tinha feito mal ao irmão no passado era a pior coisa do mundo. Ela abraçou Conner com tanta força que ele mal conseguia respirar.

O Professor Carteira surgiu entre a multidão de parisienses e abriu caminho pelas pessoas até chegar aos filhos. Estava tão sem fôlego e suado que parecia ter vindo correndo desde a Alemanha.

– Papi! – Zolt falou quando o viu.

– Me desculpe por não ter chegado antes! – disse o professor. – A chanceler me emprestou seu avião. Assisti a tudo pelo noticiário!

– Desculpe por ter quebrado as regras de novo. Eu sei que estou de castigo e que não devia ter saído do laboratório, mas os outros estavam em perigo, e eu não queria que o Senhor Serpente vencesse, por isso...

O Professor Carteira calou o filho com um abraço. O abraço foi ligeiramente eletrizante, mas o professor não se importou.

– Podemos falar das logísticas outra hora – disse o professor. – Neste exato momento, eu não poderia estar mais orgulhoso de ser seu pai. Foi preciso muita coragem para salvar essas pessoas, uma coragem que você deve ter encontrado sozinho. Paris é conhecida como a Cidade da Luz, mas, depois de hoje, acho que vai ser lembrada como a Cidade da *Luz do Relâmpago*.

Foi uma cena comovente, e muitos observadores lacrimejaram. Os repórteres tentaram colocar os microfones mais perto de pai e filho, mas os Zirmãos os afastaram para dar alguma privacidade a Zolt e ao professor.

– Não foi tudo graças a mim – disse Zolt. – Se não fosse por meus novos amigos, eu jamais teria tido a confiança para vir. Eles me ensinaram a acreditar em mim mesmo. Eu não teria feito nada sem eles.

Zolt conduziu o professor ao gramado retangular que ficava na frente da Torre Eiffel e o apresentou aos gêmeos.

– Conner e Alex, este é meu pai, o Professor Carteira.

– É um prazer – disse o professor, apertando a mão deles. – Obrigado por darem a meu filho a inspiração de que ele precisava para salvar os irmãos e a irmã. Se houver qualquer coisa que possamos fazer para retribuir, por favor, não hesitem em pedir.

Alex e Conner rapidamente sorriram um para o outro.

– Para dizer a verdade – Conner falou. – Nós precisamos da sua ajuda com uma *coisinha*...



CAPÍTULO 22



Um castelo de perguntas

Após uma longa e exaustiva viagem pelo mundo dos contos de fadas, Emmerich e o Homem Mascarado chegaram à floresta do Reino do Leste. Depois que saíram das Florestas dos Anões, eles só pararam uma vez para descansar; Emmerich estava tão esgotado que quase caiu no sono enquanto eles andavam.

– Estamos quase chegando – disse o Homem Mascarado. – Fique firme, garoto.

Quanto mais eles se aproximavam do portal, mais zangado o Homem Mascarado ficava. Emmerich começou a perceber que ele não era uma pessoa tão legal quanto pensara de início. Conforme o garoto seguia o tio dos gêmeos, intensificava-se a voz no fundo de sua consciência que lhe dizia para não confiar naquele homem.

Eles adentraram uma área da floresta que Emmerich reconheceu: a parte da mata em que ele entrara com Conner e Bree em sua primeira viagem ao mundo dos contos de fadas. Nunca se esqueceria da imagem dos soldados da Grande Armée chovendo sobre as árvores.

– É aqui – disse o Homem Mascarado. – Foi aqui que eu vi Morina ativar o portal. Agora só preciso da flauta de Pã mágica. Pense, pense: em qual árvore a bruxa a guardou mesmo?

O tio dos gêmeos examinou todas as árvores na área. Enfiou a mão em cada buraco, fenda e ninho de passarinho. Enfim encontrou o instrumento atrás de um ninho de esquilo.

– Ah! – o Homem Mascarado comemorou. – Achei! Agora só preciso tocar a melodia certa para o portal se abrir.

O Homem Mascarado tocou uma série de melodias na flauta de Pã. Esperou alguns instantes após cada uma, porém nenhuma das notas deu conta do recado. Ele teve certeza de que se lembrou da melodia certa, mas o portal para o Outromundo ainda assim não se abriu.

– Aquela bruxa maldita! – praguejou. – Por que não funciona?
– Será que é a flauta certa? – disse Emmerich.
– Claro que é. Morina a roubou das fadas. Ela abriu o portal poucos dias atrás, eu mesmo vi. Por algum motivo, a flauta não quer colaborar comigo.

Emmerich lembrou da vez que Conner tocou a flauta de Pã e abriu o portal no Castelo de Neuschwanstein; o instrumento precisava de algo muito específico para funcionar.

– Ele precisa ser tocado por uma pessoa de sangue mágico – disse. – É por isso que não está funcionando. A minha amiga Bree acha que ela e eu talvez tenhamos mágica no sangue. Quer que eu tente?

A mágica do Homem Mascarado tinha sido removida de seu sangue muito tempo atrás; fazia sentido que o portal não se abrisse para ele. Porém, se o seu filho o abrisse, não apenas eles entrariam no Outromundo, como o plano do Homem Mascarado funcionaria efetivamente. Ele fitou o garoto, tentando disfarçar a ansiedade em sua expressão.

– À vontade – disse e entregou-lhe a flauta.

Emmerich lambeu os lábios, pôs o instrumento na boca e soprou as oito notas que lembrava de Conner ter tocado no castelo. Quase instantaneamente, uma luz brilhante surgiu entre as árvores; a luz ficou cada vez maior e começou a girar, sugando todas as folhas no chão da floresta, tal qual um atalho no espaço-tempo.

Emmerich sorriu; tinha ativado o portal sozinho! Isso confirmava a teoria de Bree de que ele possuía mágica no sangue. Ficou ainda mais ansioso para voltar para casa e contar a ela.

O menino só não sabia que o Homem Mascarado tinha outros planos para ele. O homem observava o portal que crescia, hipnotizado pela luz giratória. Colocou a mão na nuca de Emmerich e o empurrou na direção do portal.

– Bom garoto – disse baixinho. – *Excelente* garoto...



Bree e as Irmãs Grimm haviam passado a semana inteira na Alemanha à procura de pistas do desaparecimento de Emmerich. Como elas previram, não havia nada no interior da Bavária que revelasse o paradeiro do menino ou o seu captor. Só havia um lugar que poderia lhes dar alguma luz; infelizmente, não era um lugar fácil de chegar.

Após dias de trocas de mensagens de voz, Cornelia enfim conseguiu falar com o zelador do Castelo de Neuschwanstein. Disse ao homem que ela e seus familiares eram detetives particulares dos Estados Unidos e que precisavam acessar o castelo. O zelador não quis nem ouvi-la falar, até que Cornelia mencionou que era a respeito de Emmerich Himmelsbach. Àquela altura, a Bavária inteira sabia sobre o garoto perdido, e o zelador se dispôs a ajudá-la.

Tarde de uma noite, quando todos os guias e turistas foram embora e os porteiros tinham encerrado o turno, o zelador guiou Cornelia, Wanda, Frenda e Bree para dentro do castelo.

– Vocês têm uma hora – ele disse. – Não posso dar mais tempo do que isso, ou corro o risco de perder o emprego.

– Ficamos verdadeiramente gratas – Cornelia falou.

– O senhor se importaria de nos levar até os níveis inferiores do castelo? – perguntou Wanda.

O zelador levou Wanda e Frenda aos andares de baixo, o que deu a Cornelia e Bree a oportunidade de inspecionar o Salão do Cantor sem que houvesse alguém as supervisionando. Bree examinou todos os instrumentos, pilares, lustres, o mural do jardim mágico; não conseguia acreditar que fazia mais de um ano desde que ela e os meninos tinham estado ali.

– O portal fica aqui – disse Bree, acenando com a cabeça para o mural.

Cornelia tirou da bolsa um dispositivo de rastreamento interdimensional e o passou em volta da pintura. O dispositivo apitou veementemente.

– Se eu já não soubesse, saberia agora – comentou Cornelia. – As taxas de detecção estão nas alturas. O portal foi ativado recentemente. *Muito* recentemente.

– Eu sabia. Emmerich não está neste mundo. Quem o sequestrou o levou para o mundo dos contos de fadas.

Bree sentou-se no chão e suspirou. Cornelia ajoelhou-se ao lado dela e colocou de lado o dispositivo de rastreamento, dizendo:

– Infelizmente, acho que fizemos tudo o que estava ao nosso alcance. Precisamos voltar para os Estados Unidos amanhã de manhã.

Bree teria ficado meses na Alemanha se fosse necessário. Partir era como abandonar Emmerich, mas Cornelia tinha razão; não havia motivo para ficar se elas não podiam fazer nada.

– Você já contatou os gêmeos Bailey para contar sobre Emmerich? – perguntou Cornelia.

– Tentei ligar para Conner assim que eu soube que Emmerich tinha sido levado – disse Bree. – Mas a mãe dele nem sabia onde ele e a irmã estavam. Aposto que ainda estão no mundo dos contos de fadas.

– Então talvez Conner encontre Emmerich. Vocês três se uni-ram pelo acaso. Precisamos ter fé de que isso vai acontecer de novo.

Bree fez que sim com a cabeça e falou:

– Vamos. Não quero desperdiçar o tempo de mais ninguém.

Assim que ela se levantou, o rastreador começou a apitar loucamente: alguma coisa estava vindo da outra dimensão. Uma luz forte apareceu na frente do mural, a qual ficou cada vez mais intensa. Ela crescia sem parar e girava como um vórtice.

– Caramba! – Cornelia arquejou. – O que está acontecendo?

– É o portal! – disse Bree. – Alguém deve tê-lo ativado do mundo dos contos de fadas!

Desta vez, em vez de sugá-las, o portal lufou, derrubando todos os móveis e instrumentos existentes no salão. Bree e Cornelia se abraçaram para não serem derrubadas. Folhas do mundo dos contos de fadas foram sopradas para dentro do salão, e Bree divisou a silhueta de duas pessoas no portal. O brilho era tão intenso que ela não distinguiu quem eram.

Enfim, o portal se fechou e o vórtice giratório desapareceu.

– *Bree?* – disse uma voz familiar com sotaque alemão.

Assim que seus olhos se reajustaram, Bree viu Emmerich correndo na sua direção. Ela não conseguia acreditar: todas as suas preces tinham sido atendidas! Abraçou o amigo e o girou no ar.

– Emmerich! – gritou Bree, imensamente grata. – Procuramos você por toda a parte!

– Eu fui sequestrado por bruxas! – disse Emmerich. – Elas me mantiveram prisioneiro na floresta, até que este homem me resgatou!

Emmerich fez um gesto para o Homem Mascarado. Ainda que Bree estivesse transbordando de alegria por ver o amigo, não deixou de notar que havia algo de muito peculiar no homem. Ele lhe pareceu familiar, mas ela não atinou quem ele lhe lembrava.

– Obrigada por salvar meu amigo – disse Bree. – Quem é você?

– É Lloyd, tio de Alex e Conner! – Emmerich exclamou. – Eles o enviaram para me encontrar e me trazer para casa!

– Você também conhece meus sobrinhos? – perguntou o Homem Mascarado. – Mas vejam: que *mundo pequeno*.

Pelo tom sarcástico em sua voz, ele ficou tudo menos contente com a conexão.

– Frequentamos a mesma escola – Bree explicou. – Eu não sabia que eles tinham um tio.

– Não somos próximos – falou o Homem Mascarado.

– Meu nome é Cornelia Grimm – disse Cornelia. – É tão maravilhoso saber que você está vivo e bem!

– Cornelia é minha prima – Bree contou. – Quando eu soube que você tinha desaparecido, ela me trouxe em seu próprio avião e me ajudou a procurar por você. Ela faz parte de um grupo secreto de mulheres denominado *as Irmãs Grimm*. São descendentes dos irmãos Grimm e sabem tudo sobre o mundo dos contos de fadas.

Os olhos de Emmerich se arregalaram paulatinamente, e ele deu pulinhos.

– Bree, isso me lembra uma coisa que eu preciso te contar! – disse. – Eu ativei o portal do mundo dos contos de fadas sozinho! Você tinha razão: nosso sangue tem magia! Isso deve significar que você, Cornelia e eu somos todos parentes!

– Na verdade, Emmerich – Bree começou –, nós descobrimos algumas informações quando conversamos com a sua mãe. Você não é parente dos irmãos Grimm, você é do...

Seu raciocínio foi interrompido por um grito súbito de Cornelia. Bree e Emmerich se viraram e viram que o Homem Mascarado apontava um revólver para eles.

– Lloyd, o que você está fazendo? – perguntou Emmerich.

O Homem Mascarado o ignorou; deu um passo na direção de Cornelia e apontou a arma para ela, que ergueu as mãos para o alto.

– A menina mencionou que você tem um *avião*? – ele indagou.

– Bem... tenho – disse Cornelia. – Tenho sim.

O Homem Mascarado então apontou a cabeça e a arma para Bree e falou:

– E você frequenta a mesma escola dos meus sobrinhos. Sabe onde eles moram, como chegar lá?

De tão assustada, Bree não conseguia falar direito:

– Eu... Eu... Eu...

– RESPONDA A PERGUNTA! – berrou o Homem Mascarado.

– *Sei!* – disse Bree.

Emmerich ficou petrificado. Lamentou não ter confiado nos próprios instintos. O homem obviamente não era quem dizia ser.

– Você não é tio da Alex e do Conner, é? – perguntou.

– Sim, eu com certeza *sou* – disse o Homem Mascarado. – Na verdade, sou bem mais do que você imagina, mas teremos tempo o bastante para isso depois. Nós quatro vamos fazer uma viagemzinha até a casa dos gêmeos. *Agora mesmo!*

– Mas Alex e Conner não estão lá – Bree piou. – Eles estão no mundo dos contos de fadas!

O Homem Mascarado deu uma risadinha e falou:

– Sua mocinha burra. Eu não falei que estava atrás dos *gêmeos*.



CAPÍTULO 23



Estranhos familiares

Na cantina, a Minholegre, sobre uma mesa, entretinha as piratas e os marinheiros de “Estibórdia”; a minhoca do espaço reence- nava dramaticamente o encontro dos gêmeos com os heptaca- ranguejos, fazendo uso de efeitos sonoros, gestos largos e imitações para contar a emocionante história. Embora ela não articulasse nenhuma palavra, os tripulantes do *Lhama Áspera* pareciam entender tudo o que dizia. Soltavam *ohs!* e *ahs!* com a descritiva narração; alguns até tapavam os olhos como se assistissem a um filme de terror.

– Você está dizendo que Alex e Conner te acharam num buraco que os heptacaranguejos cavaram para capturar presas? – perguntou Zélia Zarolha.

– E aí vocês três foram capturados e levados para a colônia subterrânea dos heptacaranguejos? – Suzy Sereia indagou.

– E, depois que Conner te resgatou da teia da rainha dos heptacaranguejos, ele detonou uma bomba poderosa que vaporizou a espécie toda? – impressionou-se Paula Pé-de-Chulé.

A minholegre anuía alegremente com a cabeça. Era uma plateia muito atenta. As piratas e os marinheiros ficaram pasmos com a história. A tripulação do *Lhama Áspera* nunca tinha ouvido uma aventura como aquela, e *elas eram piratas*.

A cantina continuava segregada. Os personagens do mundo dos contos de fadas, de um lado do salão, encaravam os personagens dos contos de Conner, do outro lado. Aqueles também estavam pasmos, não pelos acontecimentos da história, mas porque a tripulação do *Lhama Áspera* entendia o que a minhoca estava “dizendo”.

– Como eles sabem o que ela está falando? – João sussurrou para Cachinhos Dourados.

– Todos eles pertencem à imaginação de Conner – disse Cachinhos. – Devem ter uma linguagem em comum.

Como quem não queria nada, Chapeuzinho se sentou à mesa de João e Cachinhos Dourados. As sobancelhas dela estavam erguidas, e os lábios, contraídos para segurar um sorriso. Era óbvio que Chapeuzinho tinha um segredo e estava louca para contá-lo. Ela se inclinou sobre a mesa para que somente João e Cachinhos a ouvissem e sussurrou:

– Vocês repararam que esses estranhos são muito *familiars*?

João e Cachinhos Dourados fitaram-na inexpressivamente. Só agora ela tinha reparado?

– Não reparei – disse João. – Você reparou, Cachos?

– Familiares? – ela falou. – Do que você está falando?

Chapeuzinho estava tão ansiosa para falar, que não percebeu que ambos estavam sendo sarcásticos. Seus olhos se arregalaram como se aquela hipótese fosse escandalosa.

– Todos os personagens *daquela* lado deste estranho salão de festas são dos contos de Conner, certo? – disse Chapeuzinho. – Mas eu não estou convencida de que pertençam totalmente à imaginação dele. Acho que muita gente aqui é *baseada* em pessoas que Conner conhece. Como *nós*.

Chapeuzinho bateu na mesa como se estivesse apresentando uma mão de cartas vencedora. João e Cachinhos Dourados suspiraram. Às vezes, a ingenuidade de Chapeuzinho era impressionante.

– Acho que você descobriu algo importante, Chapeuzinho – disse João.

– Você não deixa escapar nada mesmo – Cachinhos Dourados comentou.

Chapeuzinho ficou tão contente consigo mesma que balançou os ombros. A capitã Sally Ruiva passou pela mesa, e Chapeuzinho acenou para ela e a chamou:

– Com licença, senhora com o chapelão! Venha sentar conosco!

Chapeuzinho deu tapinhas na cadeira ao lado. A capitã olhou em volta do salão para ter certeza de que Chapeuzinho não estava falando com outra pessoa e então se sentou ao lado da rainha, sem ter a menor ideia de quais eram as intenções desta.

– É uma bobagem não nos conhecermos já que estamos dividindo um aposento tão modesto – disse Chapeuzinho. – Permita que eu me apresente. Meu nome é Rainha Chapeuzinho Vermelho. Estes são meus súditos João e Cachinhos Dourados.

João e Cachinhos Dourados se entreolharam. *Súditos?*

– Prazer em conhecê-la – disse Sally Ruiva. – Eu sou a capitã Sally Ruiva, do *Lhama Áspera*.

– Conte-me tudo – Chapeuzinho falou. – De onde você é, qual é a sua profissão, quais são seus hobbies et cetera, et cetera?

– Bem, como falei, sou a capitã de um navio. Somos o único navio nos mares do Caribe tripulado apenas por mulheres. E um dos mais temidos. Passamos os dias velejando à procura de tesouros enterrados. De vez em quando, encontramos outras mulheres como nós, mulheres fugindo de seu passado, e as convidamos para fazer parte da nossa tripulação.

Chapeuzinho, encantada com a capitã, delicadamente colocou suas mãos sobre as dela e lhe sorriu como se as duas fossem irmãs que houvessem se reencontrado depois de muito tempo separadas.

– Você deve ser *eu* – disse.

Sally Ruiva ficou confusa. Ela tinha entendido o que Chapeuzinho insinuava; a rainha é que não parecia perceber que *Cachinhos Dourados* talvez fosse a gêmea idêntica da capitã.

– Tem certeza? – a capitã perguntou. – Sem ofensa, mas eu desconfio que *outra pessoa* foi inspirada em você.

A capitã gesticulou para a Rainha Cyborg, no canto da cantina, sentada no modo trono enquanto o comandante Newters apertava os fios dos mecanismos no cocuruto dela.

– Não seja tão humilde – disse Chapeuzinho. – Tenho certeza de que você é eu. As semelhanças são impressionantes! Nós duas somos mulheres poderosas e notáveis e gostamos de nos vestir de maneira exuberante. Meu estilo é mais *privilegiada-e-mimada*, mas o seu visual *suja-e-destemida* funciona muito bem em você.

Sally Ruiva olhou para João e Cachinhos Dourados em busca de ajuda.

– *Simplesmente finja que concorda, senão ela não vai parar nunca* – Cachinhos Dourados sussurrou para a capitã. – Acho que

você tem razão, Chapeuzinho. Sally Ruiva com certeza é baseada em você.

– Vocês são praticamente a mesma pessoa – disse João, anuindo muito dramaticamente com a cabeça.

Chapeuzinho virou-se feliz para as tripulantes do *Lhama Áspera*; agora enxergava as piratas de uma perspectiva completamente diferente.

– Com licencinha – disse. – Vou me apresentar à *nossa* tripulação. Ah, que divertido!

A rainha saltitou até a mesa das piratas e dos marinheiros e se apresentou. Sally Ruiva apenas olhou para Chapeuzinho como se a rainha tivesse acabado de fugir de um hospício.

– Ela não tem todos os parafusos, tem? – perguntou.

Do outro lado da cantina, a mãe dos gêmeos se alegrou ao ver que os personagens finalmente estavam se dando bem. Charlotte entendeu aquelas conversas como um sinal de que estava tendo sucesso como babá de luxo. As coisas tinham ficado significativamente mais fáceis agora que eles se achavam no hospital; havia bastante espaço para todos os personagens, os objetos de Charlotte não estavam sendo quebrados, quase todos estavam se dando bem. Só faltava uma coisa para que a experiência se tornasse verdadeiramente agradável: Alex e Conner. As várias horas passadas diariamente com os personagens do filho fizeram Charlotte sentir mais saudade de Conner do que nunca. Ele nunca tinha compartilhado aquelas histórias com a mãe; então, para ela, estava sendo especial vê-las ganhar vida, uma a uma.

Charlotte ouviu uma melodia familiar e virou-se para a porta da cantina, que se abriu. O seu coração foi parar no fundo do estômago: *eles tinham companhia!*

A Dra. Sharon Johnson, psicóloga clínica do Hospital Pediátrico Saint Andrew's, entrou na cantina acompanhada de um casal de idosos. Sharon era negra e tinha o cabelo encaracolado; ela usava várias pulseiras, que chacoalhavam conforme andava.

– E *aqui* é a nova cantina temática – disse a Dra. Johnson aos idosos.

A psicóloga ficou aturdida ao ver o lugar cheio de pessoas estranhas. O casal idoso limpou as lentes dos óculos para ter certeza de que seus olhos não estavam lhes pregando uma peça. Todos os personagens ficaram petrificados e em silêncio total: *eles tinham sido pegos!*

– Olá, Sharon – disse Charlotte. – O que a traz à nova cantina?

– Charlotte, estes são o senhor e a senhora Carmichael – a Dra. Johnson falou. – São dois dos doadores que pagaram pela nova ala. Eu estava mostrando as instalações a eles. *Quem são todas essas pessoas?*

As opções de Charlotte eram limitadas. Dizer a verdade à colega estava fora de questão, e eram bem poucas as mentiras que explicariam tantos adultos fantasiados reunidos ali. Inventar uma história que não deixasse ela e Bob encrencados com o hospital era quase impossível.

– São *artistas* – disse Charlotte. – Bob e eu queríamos surpreender os pacientes e a equipe com um pouco de diversão.

Os personagens se impressionaram com o quão convincente era a mentira de Charlotte, ainda mais porque tinha sido pensada na hora. A Dra. Johnson e o casal Carmichael se comoveram com a generosidade de Charlotte e de Bob.

– Ah, que maravilha! – disse a Sra. Carmichael. – Eles me fazem lembrar do circo! Quando é a apresentação? Adoraríamos assistir.

– Amanhã à noite – Charlotte mentiu outra vez. – Na sala multiuso, às oito.

– Vai ser uma longa noite para nós, mas estaremos lá! – disse o Sr. Carmichael.

– É um belo gesto da sua parte, Charlotte – a Dra. Johnson falou. – Qual será o espetáculo? Algo que eu conheça?

Charlotte encarou os personagens em busca de socorro, mas nenhum deles ajudou. Ficaram olhando a mãe dos gêmeos como se ela mesma fosse um espetáculo.

– Eles ainda estão decidindo – disse ela. – É por isso que estão vestidos de maneira tão diferente. Eles vão apresentar todos os espetáculos do repertório para mim, e eu vou selecionar o melhor para as crianças.

– Estamos ansiosos! – falou a Dra. Johnson. – Posso contar para todo mundo, ou você prefere manter segredo?

Charlotte riu.

– Acho que o segredo acabou – disse. – Fique à vontade para contar.

– Maravilha! – a Dra. Johnson exclamou. – As crianças vão adorar! Não vamos mais atrapalhar os ensaios.

A Dra. Johnson conduziu o casal Carmichael para fora da cantina. Em pânico, Charlotte encarou os personagens; seu rosto estava vermelho-vivo, e todos os seus pensamentos eram palavrões.

– Parece que vamos apresentar um espetáculo – ela disse. – Alguém tem alguma ideia do que deveríamos fazer?

– William Shakespirro escreveu um monte de peças hilárias, mas acho que não dá para montar uma até amanhã de noite – disse Chapeuzinho.

– Alguém *mais* tem alguma sugestão? – perguntou Charlotte.

Trollbella foi o único personagem a se manifestar: posicionou-se no centro do salão, ergueu os olhos para a luz fluorescente e abriu os braços como se estivesse tendo uma experiência religiosa.

– A minha hora chegou – disse em transe. – Enfim a vida me deu uma oportunidade de mostrar o meu propósito. Finalmente tenho a chance de usar todos os meus talentos para algo que importa de verdade.

– Além de ser rainha, você quer dizer? – perguntou Cachinhos Dourados.

– Governar é apenas um hobby – falou Trollbella. – Minha verdadeira vocação sempre foi o palco. Tenho o espetáculo perfeito para nossa situação. É a maior história jamais contada.

– *Chapeuzinho Vermelho*? – perguntou Chapeuzinho.

– *O PRÍNCIPE DOS LADRÕES*? – perguntou Robin Hood.

– *Peter Pan*? – perguntou Peter.

Trollbella ergueu um dedo para silenciá-los.

– Não. *A vida da Rainha Trollbella!*

A rainha troll fez um gesto com as mãos para imitar uma chuva de confetes. Os demais personagens se desempertigaram: cada qual

achava que a *sua* história era muito melhor.

– Precisamos começar imediatamente! – disse Trollbella. – Vou escrever, dirigir e narrar o espetáculo eu mesma, porque ninguém conhece Trollbella melhor do que Trollbella. Vou precisar das piratas para construir o cenário e dos cyborgs para ajustar as tochas sem fogo.

– Elas se chamam *lâmpadas* – disse a Rainha Cyborg.

– Agora, o elenco – Trollbella falou. – Os Alegres Homens serão meus duendes, os Meninos Perdidos serão meus trolls, o belo João será meu Butterboy, a bela Chapeuzinho representará a personagem-título, e a gorda Cachinhos Dourados será a criatura que nos impede de ficar juntos.

– Estou grávida – disse Cachinhos.

Trollbella piscou para ela.

– *Claro, querida.*

– Meu papel pode ser maior? – perguntou Peter Pan.

– Tenho o papel perfeito para você – Trollbella falou. – Ninguém pode representar melhor os altos e baixos da vida do que um menino capaz de voar! Você vai simbolizar meu coração e personificar a alegria, os conflitos e a aflição que senti nesta minha tão curta vida.

– Incrível! – Peter Pan comemorou.

Trollbella assumiu o comando do salão como se fosse um maestro louco, e seus olhos se arregalaram com o poder.

– Esta será a melhor apresentação-surpresa da história do Hospital Pediátrico Saint Andrew's! – declarou. – A plateia vai ficar tão revigorada, tão inspirada, tão desconcertada que vamos dar graças por haver médicos de plantão!

Os personagens ficaram um tanto assustados com a rainha troll. Ninguém lhe tinha dado autoridade para dirigir o espetáculo, mas ninguém iria desautorizá-la.

– Não fiquem aí parados feito porcos-espinhos de porcelana: *vamos trabalhar!* – Trollbella ordenou.

Imediatamente, os personagens separaram-se conforme os grupos que ela havia formado. Trollbella andou de lado a lado da

cantina e falou com cada grupo em particular para discutir sua visão em maiores detalhes.

Enquanto todos deliberavam sobre o espetáculo, o fichário de contos se abriu, e os gêmeos surgiram do facho de luz acompanhados do Professor Carteira, Inzêndio, Madeiza, Morfz e Zolt. Os Zirmãos examinaram maravilhados a cantina. Os demais personagens estavam tão ocupados planejando o espetáculo que nem deram bola para os super-heróis.

– Bem-vindos ao Outromundo – Alex disse aos Zirmãos.

– Uau! – Zolt exclamou. – Uma dimensão diferente! Isso é tão maneiro!

– Não há ciência que prove que isto é possível, mas eu sempre falei que havia mundo demais para um só planeta – o Professor Carteira observou.

Conner assobiou para chamar a atenção do salão.

– Ei, pessoal! – disse. – Estes são os Zirmãos, nossos amigos. São super-heróis e toparam ajudar a gente a combater o Exército Literário.

– Algum de vocês sabe costurar? – perguntou Trollbella.

– Eu consigo me transformar numa máquina de costura – disse Morfz.

– Já basta – Trollbella afirmou. – Você está encarregado do figurino.

A rainha troll pegou Morfz pela mão e o colocou no grupo dos cenógrafos.

– Figurino para quê? – Alex indagou.

– Fomos pegos por uma das minhas colegas – Charlotte contou aos gêmeos. – Eu não sabia o que dizer, então falei que os personagens eram atores. A boa notícia é que ela acreditou. A má é que precisamos montar um espetáculo até amanhã à noite.

– Ah! *So-gri-nha* – Trollbella cantarolou para Charlotte –, tem algum lugar em que a gente consiga materiais, ou podemos usar as toalhas de mesa e a madeira das paredes?

– Caramba! – disse Alex. – Melhor eu arrumar materiais para eles antes que Trollbella ponha este lugar abaixo.

– Eu posso ir sozinho para a história seguinte se você quiser ficar aqui para ajudar – falou Conner.

– Tem certeza de que não precisa de ajuda? – disse Alex.

– Total.

Alex não queria abandonar o irmão, mas sabia que ele ficaria bem por conta própria. Charlotte ficou contente pelo fato de que Alex ficaria ali desta vez; isso lhe dava uma oportunidade maravilhosa pela qual ela ansiava.

– Conner, hoje e amanhã, eu estou de folga – disse. – Será que eu poderia ir com você na próxima? Eu adoraria viajar para uma de suas histórias e ver tudo o que você criou.

Ter a mãe na viagem pareceu a ele a pior ideia do mundo. Era como se ela quisesse levá-lo até a sala de aula após deixá-lo na porta da escola. Ele se forçou a sorrir para não ferir os sentimentos dela.

– Ah... *ótimo* – disse entre os dentes.

Charlotte notou que o filho não estava adorando a ideia.

– Só se eu não for atrapalhar – disse, triste. – Não quero atrapalhar. Posso perfeitamente ficar aqui e tomar conta dos personagens.

Ele não sabia dizer se ela estava *intencionalmente* o fazendo se sentir culpado ou não, mas o efeito era forte. Obviamente era algo que Charlotte queria muito fazer, e Conner não teve coragem de dizer não:

– Sem nenhum problema. Vou *adorar* ter você comigo.

Charlotte bateu palmas de alegria e perguntou:

– Qual é o tema da próxima história?

– Ela se chama “As aventuras do garoto do dirigível” – Conner explicou. – Se passa na década de 1930 e é sobre um jovem arqueólogo que viaja pelo mundo num dirigível. Ele vasculha ruínas e encontra artefatos preciosos antes que eles sejam roubados por ladrões de tumbas e depois doa os objetos a museus.

– Que empolgante! Existe algo específico que precisaremos fazer lá?

– Precisamos encontrar um talismã mágico em uma antiga pirâmide. O talismã dá o controle sobre uma legião de soldados mumificados. Assim que trouxermos as múmias para cá, o recrutamento do exército necessário para enfrentar os vilões literários terá enfim terminado.

– Mal posso esperar! Só preciso achar a minha bolsa. Alex, se você vir o Bob, diga a ele que dei um pulinho em outra dimensão com o seu irmão.

Charlotte vasculhou a cantina à procura da bolsa. Alex encarou Conner com um olhar de profunda simpatia.

– Boa sorte – disse ela.

Conner suspirou e balançou a cabeça.

– O que poderia ser melhor do que uma tarde de *múmias e mamãe*?



CAPÍTULO 24



As aventuras do garoto do dirigível

Conner despejou a Poção do Portal sobre a próxima história, e ele e a mãe deram um passo para dentro do fecho de luz. Charlotte ficou maravilhada com o mundo de palavras manuscritas que os recebeu do outro lado; ela riu e abafou um grito de admiração ao ser rodeada pela escrita do filho.

– Conner, isso é incrível! – disse. – Onde estão todos os personagens?

– Mãe, ainda não estamos na história – Conner respondeu. – Aqui é a área que cria a história... É como se fosse o saguão da Poção do Portal. “As aventuras do garoto do dirigível” começa na Índia. Você vai saber que estamos lá quando vir uma selva.

– Que divertido! Nunca estive numa selva antes.

Ela observou maravilhada conforme as expressões “árvores da selva”, “ruínas do templo” e “macacos guinchantes” se espicharam e preencherem o espaço vazio. Palavra por palavra, uma floresta tropical indiana foi criada diante dos olhos dos dois. Havia milhares de árvores espessas com grandes folhas descaídas e cipós. Estava tão quente e tão úmido que a roupa de Conner e da mãe grudou em seu corpo. Macacos brincalhões rosnavam e esganiçavam conforme trepavam nos galhos. Ao longe, Conner e Charlotte divisaram, coroando a copa das árvores, as torres em espiral de um antigo templo.

– Chegamos – Conner disse à mãe.

Charlotte revirou a bolsa e retirou uma garrafa de loção. Esfregou a loção no rosto e nos braços e passou a garrafa ao filho.

– O que é isso? – perguntou Conner.

– Repelente de inseto com protetor solar – disse Charlotte. – Não quero que a gente se queime nem que seja picado.

Conner logo compreendeu que aquela seria uma longa viagem. Passou o repelente na pele e o devolveu à mãe. Charlotte

caminhava pela selva como se estivesse inspecionando uma casa à venda.

– Hum, é *bonito* – disse. – Muitas plantas, muitos bichos interessantes para observar, mas o calor é forte mesmo, não é?

– Não se preocupe, não vamos ficar aqui por muito tempo – Conner falou. – O protagonista deve aparecer a qualquer minuto.

Eles ouviram na mata o farfalhar de alguém correndo em sua direção, vindo do templo. Instantes depois, um garoto de catorze anos surgiu. Ele se deteve quando viu Conner e Charlotte; a última coisa que esperava ver na selva eram aquelas pessoas.

O garoto usava chapéu de aviador com óculos e abas sobre as orelhas, casaco de couro marrom, calça cáqui e botas altas. O rosto estava vermelho-vivo, e ele ofegava da corrida. Trazia, firmemente presa debaixo do braço, uma relíquia dourada em forma de mão humana. O garoto bem poderia se passar pelo irmão mais novo de Conner.

– Quem são vocês? – ele indagou.

Charlotte apertou a mão dele animadamente.

– Olá! – disse ela. – Meu nome é Charlotte, sou a mãe do Conner. Prazer em conhecê-lo!

O menino a fitou com estranheza: ele deveria saber quem era o filho dela? Conner soltou um suspiro e bateu a palma da mão contra a testa.

– *Mãe, ele ainda não sabe quem somos* – sussurrou. – *Precisamos agir como se fosse a primeira vez que o encontramos.*

– *Desculpe* – Charlotte sussurrou de volta. – *Vou deixar você no comando.*

Conner se virou para o garoto e tentou contornar a situação:

– Perdoe a minha mãe. Ela está um pouco delirante. Nós nos separamos do nosso guia e estamos há dias perdidos na floresta! É muito bom encontrar outro ser humano. Qual é o seu nome?

– Eu me chamo Beau Rogers – disse o garoto.

Uma série de estrondosos grunhidos soou na mata atrás deles. Beau olhou na direção do ruído e engoliu em seco. Embora os três

não enxergassem o que estava se aproximando, ouviam um grupo de animais desembestando por entre as árvores.

– Nós vamos virar *almoço* se não sairmos daqui agora mesmo – Beau alertou. – Se vocês dão valor à vida, sigam-me!

O garoto correu para o meio das árvores e fez um gesto para que Conner e Charlotte o seguissem. Conner disparou, mas, ao olhar para trás, viu que a mãe não tinha se movido. Ela se achava no mesmo lugar, esticando os pés e as pernas.

– *Mãe! Precisamos ir!* – ele gritou.

– Eu sei, eu ouvi – disse ela. – Mas eu vou me arrepender amargamente se não me alongar antes de correr. Quando você tiver a minha idade, vai entender o que eu estou falando. Ok, estou pronta.

Outro rugido soou na mata. Conner e Charlotte notaram que o alvoroço era causado por um bando de tigres. Charlotte gritou e correu mais rápido do que Conner jamais a vira se mover antes. Ele mal conseguia acompanhá-la.

– Eu não sabia que você corria tão rápido! – disse Conner.

– Eu era corredora na faculdade – Charlotte falou. – São *tigres de verdade* que estão correndo atrás da gente! O que é que *tigres de verdade* estão fazendo na sua história?

– O que você estava esperando? Marionetes?

– Acho que eu estava esperando algo mais inocente, um simples trabalho escolar ou algo do tipo! Não estava esperando ter de correr para salvar minha pele!

Conner e Charlotte alcançaram Beau, mas os tigres se aproximavam a cada segundo, e não demorou para que chegassem perto o bastante para tentar abocanhá-los. Sempre que um tigre chegava perto demais, Charlotte batia em seu focinho com a bolsa.

Para piorar, Beau estava conduzindo Conner e Charlotte direto para um precipício. Os tigres, presumindo que as presas não tinham para onde ir, começaram a desacelerar. No entanto, Beau não parecia nem um pouco desencorajado pelo precipício; na verdade, ele passou a correr ainda mais rápido.

– Estamos quase chegando! – Beau falou.

– Chegando *onde*? – disse Charlotte. – Estamos presos entre *morrer e morrer*!

– Mãe, Beau sabe o que está fazendo! – Conner garantiu. – Quando chegarmos ao precipício, você precisa pular!

– O *QUÊ*? – gritou Charlotte.

– Você precisa confiar em mim se não quiser virar comida de gato! – disse Conner.

Charlotte ignorou todos os instintos que lhe diziam para diminuir o passo e continuou correndo.

No momento em que eles chegaram à beira do precipício, um dirigível enorme se ergueu como um sol nascente. O dirigível era branco e se assemelhava a uma nuvem oval, e uma longa gôndola prateada com várias janelinhas ovais se estendia sob a barriga. Uma senhora idosa a bordo do dirigível abriu a porta de correr no derradeiro instante, e Beau, Conner e Charlotte pularam para o precipício e pousaram com violência dentro do dirigível. Eles permaneceram num montinho até recuperarem o fôlego.

O queixo de todos os tigres caiu ao mesmo tempo; nunca antes um almoço escapara num balão gigante.

– Hora da dieta, seus felinos hipertrofiados! – a senhora gritou para os tigres, fechando a porta com vontade.

A senhora usava pérolas, salto alto e casaco de pele, além de óculos protetores e chapéu de aviador igual ao de Beau. Ela tinha uma voz rascante, familiar, e um jeito espreitado. Charlotte não precisou de muito tempo para saber que a senhora idosa era baseada na Mamãe Ganso.

– Tiramos mais fino nessa do que na minha topada com Bonnie e Clyde – disse a senhora. – Vejo que você fez amigos, Beau.

– Eu não esperava que o templo estivesse cheio de tigres! – Beau falou. – Por que as ruínas antigas estão sempre cheias de predadores gigantes? Uma vez na vida, eu gostaria de entrar numa tumba e encontrar um rebanho de ovelhas.

– Eu não estava falando dos felinos...

– Ah, claro. Tia Emgee, estes são Conner e a mãe, Charlotte. Eu os encontrei na selva assim que saí do templo. Parece que eles se separaram do guia turístico e estão perdidos na selva há uns dias.

Emgee olhou bem para Conner e Charlotte.

– Vocês parecem limpinhos demais para quem está perdido na floresta – disse.

– Minha mãe é a louca da higiene pessoal – Conner afirmou.

– Sou enfermeira – falou Charlotte, dando de ombros.

Emgee gostou da resposta.

– Adoro conhecer outras mulheres que trabalham – comentou. – Bem-vindos a bordo do *Charlie Chaplin*!

A senhora ajudou Beau, Conner e Charlotte a ficarem de pé e os cumprimentou com um aperto de mão.

– O nome do dirigível é em homenagem ao ator? – perguntou Charlotte.

– Na verdade, o nome dele é em homenagem ao dirigível – disse Beau. – Ele é ex-namorado de Emgee.

Corada, Emgee girou as pérolas e falou:

– Não, não, foi só um *casinho*. O coitado ficou loucamente apaixonado por mim, mas eu já estava velha demais e já tinha prometido a mim mesma que não sairia com atores. Falando em história antiga, você pegou a relíquia, Beau?

Seu sobrinho-neto ergueu a mão dourada.

– Apresentando a quarta e última Mão Dourada de Shiva! – disse ele, contente.

– Maravilha, garoto! – Emgee cumprimentou. – Você pegou todas! O Museu de Nova Déli vai adorar!

Beau depositou a mão dourada em uma prateleira em que havia três relíquias idênticas. Conner e Charlotte examinaram o dirigível com os olhos arregalados. Havia prateleiras e malas repletas de artefatos, estátuas, instrumentos, moedas e joias de ruínas antigas de vários lugares do mundo. Todas as paredes do *Charlie Chaplin* eram cobertas de mapas com pinos que indicavam onde Beau e Emgee tinham estado.

Conner conhecia a origem de cada artefato e as aventuras por que Beau passara ao coletá-los. O único objeto que ele não reconheceu era um bonequinho feito de corda. Beau deu-lhe um tapa na mão quando Conner o pegou.

– Não toque nisso. É amaldiçoado – Beau advertiu.

Conner anuiu com a cabeça; ele se lembrou. Charlotte observou todos os pertences de Beau e de Emgee; ela não conseguia acreditar que o filho havia criado um mundo com tantos detalhes especiais e personagens originais.

– Vocês coletaram tudo isso? – perguntou Charlotte.

– Nós, não. Foi *ele* – disse Emgee, dando um tapinha nas costas do sobrinho-neto. – Beau é o arqueólogo mais jovem do mundo. Obteve o doutorado quando tinha apenas doze anos!

– Meu segundo doutorado, na verdade – Beau esclareceu. – O primeiro foi em ciência política quando eu tinha dez anos, mas isso foi antes de eu saber que a arqueologia era a minha paixão.

– Extraordinário! – falou Charlotte. – Os seus pais devem ser muito orgulhosos de você!

Beau baixou a cabeça, triste.

– Meus pais faleceram quando eu tinha cinco anos – falou. – Minha mãe era uma melindrosa, e meu pai era músico. Estavam tocando numa boate subterrânea quando o prédio desabou por causa dos barris de gim que o proprietário guardava no sótão.

– *Lei seca* – rosnou Emgee. – Ela levou embora a alegria de tanta gente. Desde então, eu cuido desse patifezinho. Estive ao lado dele em todos os passos de suas ambições arqueológicas. Muitos dos meus amigos acharam que eu tinha ficado louca quando vendi minha casa e comprei um dirigível para viajar pelo mundo, mas, se você quer saber, foi um grande investimento. Hoje em dia, as pessoas só querem saber de *aviões*, mas eu acho que o dirigível vai ser o transporte do futuro.

– Tivemos bons momentos a bordo do *Charlie Chaplin* – disse Beau. – Vivemos muitas aventuras, fomos a vários lugares impressionantes e conhecemos muita gente interessante. Falando nisso, para onde vocês estão indo? Tem algum lugar onde a gente possa deixar vocês?

Apenas com um olhar, Conner lembrou a mãe de que ele estava no comando e falou:

– O resto do nosso grupo foi para o Egito. Por acaso, vocês não estariam indo para aqueles lados, estariam?

Emgee achou tão curiosa a coincidência que deu um tapinha no joelho.

– Você está com sorte! – disse. – Estamos indo para a Antiga Pirâmide de Anestesia! Beau quer porque quer um talismã místico.

Charlotte ficou confusa.

– *Anestesia?* – ela sussurrou para o filho.

– *Eu ouvi você e Bob falando disso uma vez e achei que soava como o nome de uma pirâmide antiga* – Conner sussurrou de volta.

– Falem mais do talismã. Parece muito interessante!

Beau ficou mais do que empolgado por falar sobre o talismã. Ele tirou um mapa enrolado de uma pilha no canto e o abriu sobre a mesa no centro da gôndola. O mapa, do sudeste do Egito, mostrava uma pirâmide gigantesca perto do Nilo, alguns quilômetros a sul do Cairo. Beau tirou da parede a ilustração de um talismã e a depositou sobre o mapa. O talismã era uma medalha dourada com vários hieróglifos egípcios talhados.

– O Talismã Perdido do Faraó Eczema – Beau anunciou teatralmente. – Segundo a lenda, o faraó era tão amado pelo povo que ganhou dele um talismã de ouro. Infelizmente, o talismã provocou ciúme nos deuses. Quando o faraó ficou velho e doente, teve medo de receber uma punição injusta no Mundo Sub-terrâneo. Assim, no momento da morte de Eczema, mil soldados seus, entre os mais dedicados, foram mortos, mumificados e enterrados com ele para que não entrasse sozinho no Mundo Subterrâneo. Os deuses ficaram furiosos e negaram aos soldados a entrada, forçando-os a vagar pela pirâmide como desmortos. Como não podem proteger o próprio faraó no Mundo Subterrâneo, os soldados protegem com devoção os restos dele na pirâmide.

– Uau – disse Charlotte, olhando para Conner. – Que perturbador.

– Não acabou! – disse Beau. – A lenda ainda diz que a alma do faraó Eczema concedeu ao talismã poderes míticos. Quem quer que o use terá total controle dos soldados mumificados na pirâmide. O faraó foi enterrado com o talismã em uma câmara dourada no fundo da Pirâmide de Anestesia. Em volta da câmara, há um labirinto, e o caixão do faraó é patrulhado por seu guardião mais precioso e leal.

– Conner, parece *exatamente* o talismã que você queria – disse Charlotte. – É o mesmo ou existe outro?

O olhar de horror que Conner lançou à mãe foi idêntico à expressão que Beau fez para Conner, que bateu a palma contra a testa outra vez. Charlotte entendeu que tinha cometido um erro ao compartilhar o plano do filho.

– *Você também* está atrás do talismã? – Beau indagou.

– Hum... Meio que sim – disse Conner. – Eu também mexo um pouco com arqueologia. Minha mãe e eu queremos encontrar o talismã para doá-lo ao... é... ao Museu de História Não Muito Natural do Cairo.

– Pode esquecer! – gritou Beau. – O talismã é meu! É um dos motivos pelos quais eu virei arqueólogo! Emgee, abra a porta! Vamos chutar esses ladrões de tumbas para fora do *Charlie Chaplin*. Eu nunca deveria ter salvado vocês na selva!

– Calma, Beau – disse Emgee. – A rigor, o talismã não é de nenhum de vocês. Ele pertence ao faraó Coceira, ou sei lá o quê. Parece justo que os levemos até a pirâmide e que vocês dois duelem à moda antiga.

Beau concordou com a cabeça.

– Você tem razão, tia Emgee. Vamos lutar até a morte!

Emgee suspirou e falou:

– Não, Beau. Eu quis dizer que vocês terão de *correr* para obtê-lo.

– Parece razoável – disse Charlotte. – Podemos até criar uma linha de partida para a competição ser totalmente justa.

Conner imediatamente puxou a mãe de lado.

– Mãe! Pare de concordar! Você sabe que eu preciso do talismã para recrutar as múmias para o nosso exército! – disse.

– Se meu filho vai se tornar um caudilho, vai fazer isso honestamente! Além disso, eu não vou deixar você entrar sozinho naquela pirâmide agora que sei que está cheia de múmias zumbis! – Charlotte falou. – Quanto tempo até chegarmos à Pirâmide de Anestesia?

– Chegaremos amanhã de manhã – disse Emgee.

– Então está resolvido – Charlotte sentenciou. – Amanhã vocês dois vão entrar juntos na pirâmide, e quem encontrar primeiro o talismã ficará com ele.

Nenhum dos garotos gostou da ideia de apostar uma corrida pelo talismã. Conner nunca imaginara que o protagonista de sua história se tornaria seu competidor. Ele tinha criado a Pirâmide de Anestesia e, por isso, tinha a esperança de que não seria tão difícil orientar-se por ela; entretanto, também tinha escrito que Beau era o melhor arqueólogo do mundo. Não seria uma corrida fácil.

Emgee alterou as marchas do *Charlie Chaplin*, e o dirigível zarpou para o céu a oeste.

– *Anestesia ou nada!* – disse a velha senhora.



Após uma longa noite de recordações, Emgee convenceu Charlotte e Conner de que ela sozinha era responsável pela *loucura* dos *loucos anos 1920*. Enquanto bebericava uma caneca de gim de batata caseiro, ela lhes contou sobre seus cinco casamentos fracassados, suas várias conexões com o crime organizado e seus primeiros dias como dançarina burlesca.

Ainda que Beau houvesse encontrado um motivo para se ressentir dos convivas, Emgee adorava ter uma plateia composta por mais do que apenas o sobrinho-neto.

Beau passou a noite inteira examinando o mapa da pirâmide e a ilustração do talismã. Só erguia os olhos para fitar com rancor seu novo adversário. Conner ficou tão cansado dos olhares de ódio que moveu seu assento para ficar de costas para o arqueólogo.

À noite, Emgee pegou camas de armar e as preparou para Charlotte e Conner. Amarrou as marchas do *Charlie Chaplin* para que o dirigível continuasse voando na direção oeste enquanto todos dormiam e, junto com Beau, se retirou a seus aposentos, nos fundos da gôndola.

Passar a noite num dirigível era tudo menos tranquilo. As subidas repentinas e a turbulência inesperada não deixavam Conner e a

mãe caírem no sono. Porém, não eram apenas as sacudidas da viagem que mantinham Charlotte acordada; alguma coisa a comia por dentro desde que ela soubera sobre os pais de Beau, e ela precisava desesperadamente botar essa coisa para fora.

– Conner, você está acordado? – perguntou.

– Não consigo dormir desde aquele súbito mergulho na Pérsia – disse ele.

– Bem, eu só queria dizer que estou muito orgulhosa de você, querido. Estou realmente impressionada com tudo o que você criou, não só em “As aventuras do garoto do dirigível”, mas em todas as suas histórias. Por que você nunca as tinha compartilhado comigo?

– Acho que eu não queria incomodar você, só isso. Comecei a escrever pouco depois que o papai morreu. Você estava sempre tão ocupada trabalhando e cuidando da gente, e eu não queria te sobrecarregar com mais uma coisa.

Sem saber, Conner tinha respondido uma pergunta difícil que Charlotte queria lhe fazer.

– Imagino que seja por isso que não haja uma mãe nas suas histórias – ela falou. – O seu texto representa muitas facetas da sua vida, e eu passei tanto tempo longe de vocês que não posso esperar nenhuma representação de mim. Sabe, acho que um dos motivos de eu ter tanto medo de que você e sua irmã não aproveitem a vida é que *eu* não aproveitei muito a vida de vocês. Eu sinto muito pelas tantas vezes que você se sentiu como se não tivesse mãe. Eu nunca quis ser esse tipo de mãe... mas a vida tinha outros planos.

Aquilo foi tão doloroso de ouvir quanto de confessar. Fora com “Os Zirmãos” que Conner primeiro percebera o grande significado que cada personagem seu poderia ter; ele nunca tinha se dado conta de que a *ausência* de um personagem também pudesse ser muito simbólica. Porém, o fato de não haver mães em suas histórias não significava que Charlotte estivesse ausente delas. Ela não enxergava as histórias da mesma forma que Conner.

– Mãe, você entendeu tudo errado – ele disse. – Você aparece muito nas minhas histórias, só não percebe. Sally Ruiva é baseada em mais gente do que só em Cachinhos Dourados. Há um motivo

para que a cor do cabelo dela seja igual à do seu. Depois que papai morreu, você navegou com muita bravura pelas dificuldades todas; sempre vinha na minha cabeça a imagem de uma pirata navegando em meio a uma tempestade. Você é a verdadeira inspiração de “Estibórdia”; João e Cachinhos Dourados só me ajudaram a acrescentar algumas camadas.

– Mesmo? – perguntou Charlotte. – Você não está falando por falar?

– Você perceberia se eu estivesse mentindo, sempre percebe. Mas não é só isso! Todos os dias, quando você ia trabalhar e emendava turnos para a gente sobreviver, eu pensava que você devia ter superpoderes para conseguir. É por isso que o uniforme de super-herói do Zolt é da mesma cor do seu uniforme de enfermeira. Você pode ter estado ausente muitas vezes, mas continua sendo uma super-heroína para mim e Alex.

Charlotte ficou tão comovida que seus olhos se encheram de lágrimas. Inclinou-se sobre a cama de armar de Conner e deu-lhe um beijo no rosto.

– Eu amo tanto você, meu querido – disse. – E, a partir de a-gora, quero ser a primeira pessoa a quem você mostra suas histórias.

– A próxima vai sair do forno direto para suas mãos. Prometo.

O coração de Charlotte suspirou de alívio. A sensação de saber que não estava ausente da imaginação do filho foi a de tirar um peso do peito. E Conner, que raramente tinha a oportunidade de reconfortar a mãe a respeito de qualquer coisa, ficou contente por restaurar seu ânimo. Ambos finalmente adormeceram quando o dirigível sobrevoava a Arábia.



Na manhã seguinte, Conner e Charlotte acordaram com o nascer do sol, que brilhou através das janelas redondas do *Charlie Chaplin*. O calor era mais intenso do que na selva indiana. Conner olhou pela janela e notou que eles estavam sobrevoando um deserto de areia

sem fim. Ele distinguiu mal e mal o vértice de um triângulo no horizonte.

– A Pirâmide de Anestesia! – gritou. – Estamos quase lá!

Sua empolgação despertou Emgee e Beau, que, ainda de pijama, saíram correndo dos aposentos e juntaram-se a Conner na janela. Emgee só enxergou alguma coisa depois que colocou os óculos protetores, que usava como óculos de grau.

– É a pirâmide, sem dúvida! – disse ela. – Pessoalmente, eu teria construído minha pirâmide perto da praia, mas cada um, cada um.

Menos de uma hora depois, Emgee apontava o *Charlie Chaplin* para a área arenosa ao lado da pirâmide. Só o pouso bastava para demonstrar por que dirigíveis nunca se tornaram o transporte do futuro, como previra Emgee. O fundo da gôndola quicou na areia mais de uma dúzia de vezes antes que o dirigível parasse, e cada contato fez a gôndola inteira chacoalhar e os objetos caírem.

Uma vez em terra firme, os garotos se prepararam para correr pelo talismã. Beau apertou o chapéu de avião, deu um bom laço nas botas e fechou a jaqueta de couro. Conner amarrou os tênis, passou protetor solar e colocou a mochila nos ombros; ainda tentou cumprimentar Beau com um aperto de mão cordial antes da disputa, mas Beau nem sequer olhou para ele.

Do lado de fora do dirigível, Emgee desenhou uma linha na areia e pediu a Conner e Beau que se posicionassem atrás da marcação. A senhora ergueu um revólver, tomando o cuidado de não apontá-lo para o *Charlie Chaplin*, e disse:

– Quero uma corrida honesta. Nada de roubar, de sabotar. E nada de xingar! Que vença o melhor arqueólogo!

– Boa sorte, querido! – Charlotte falou. – Por favor, olhe por onde anda. Pirâmides são escuras e cheias de poeira.

Emgee disparou o revólver, e Beau e Conner dispararam na direção da Pirâmide de Anestesia. Era quase impossível correr sobre a areia grossa. Ainda assim, e mesmo com botas altas e um casaco de couro no calor do deserto, Beau era muito mais rápido do que Conner. Quando tomou a frente dele, Beau começou a chutar areia para trás, mirando os olhos do oponente.

– Ei! – disse Conner – Isso não vale!

– Coma poeira! – Beau gritou.

Os garotos chegaram à base da Pirâmide de Anestesia. Beau não teve dúvida: subiu correndo a face norte como se a pirâmide fosse uma larga escada de pedra. Conner, sabendo que a entrada ficava na face sul, correu para aquele lado. Beau notou que Conner tomou uma direção diferente e o seguiu do alto. Eles chegaram ao mesmo tempo na entrada do lado sul da pirâmide.

– Como você sabia onde ficava a entrada? – perguntou Beau.

– Porque eu criei a pirâmide. – Conner disse a verdade em tom sarcástico, e Beau não captou nada.

O jovem arqueólogo escancarou a entrada com um chute, e uma lufada de areia quase derrubou os garotos da pirâmide. A entrada levava a um salão comprido, escuro e empoeirado. Havia fileiras de tochas apagadas nas paredes e hieróglifos talhados do chão ao teto. Teias pendiam por todo o salão como cortinas rasgadas. Claramente, fazia milhares de anos que ninguém pisava no interior da pirâmide.

Beau tirou uma tocha da parede e uma caixa de fósforos do bolso. Acendeu um fósforo no zíper do casaco e, com ele, a tocha. Conner tirou a lanterna da mochila e a bateu contra a parede até que as pilhas funcionassem. Os garotos correram pelo corredor, embrenhando-se na pirâmide.

O salão era apenas o começo de um labirinto multidimensional que ziguezagueava pela construção. Assim que o labirinto bifurcou-se, Beau deliberadamente escolheu o caminho oposto ao de Conner na esperança de que o levasse mais rápido à câmara do Faraó. Conner limitou-se a revirar os olhos e pegou o caminho que sabia ser o mais breve.

Após mais de um quilômetro de estreitas e tortuosas passagens, de escadas íngremes e de curvas fechadas, Conner adentrou um enorme salão nas profundezas da pirâmide. As paredes eram cobertas de camadas e mais camadas de tumbas, as quais se assemelhavam a livros empilhados na prateleira de um gigante. As criptas continham os cadáveres mumificados dos soldados do faraó. O salão marcava o ponto central do labirinto, que continuava do outro lado.

Beau entrou na câmara consideravelmente depois de Conner. Seu rosto estava vermelho, e ele ofegava. Era óbvio que o arqueólogo estava tendo mais dificuldade para se orientar pelo labirinto do que seu adversário. Beau olhou em volta, atônito. Nunca tinha visto tantas tumbas num só lugar.

– O que é *isto*? – perguntou Beau.

– É o exército do faraó – disse Conner.

Beau avistou o ponto em que o labirinto continuava do outro lado e disparou para ganhar vantagem sobre Conner.

– *Não, Beau! Espere!* – Conner gritou.

– Ótima tentativa, mas não vou cair...

Beau tropeçou numa corda tão fina que não dava para ver. A corda se rompeu, e dois enormes gongos de metal desabaram do teto e se espatifaram um de cada lado do jovem arqueólogo. Os garotos taparam os ouvidos para proteger os tímpanos do barulho ensurdecedor.

– Esse barulho é capaz de acordar até os mortos! – disse Beau.

– É justamente esse o objetivo! – Conner falou.

Imediatamente, todas as criptas começaram a se sacudir. Uma por uma, as tampas foram empurradas, e os soldados mumificados do faraó saíram das tumbas. Eles gemiam e grunhiam de agonia, dirigindo-se para Conner e Beau.

– *Múmias!* – gritou Beau. – *Então a lenda é verdadeira! É tudo verdade!*

Beau e Conner correram para a outra metade do labirinto, seguidos pelas múmias. Outra vez, Beau tomou de propósito um caminho diferente do de Conner.

Conner conhecia a segunda parte do labirinto melhor do que a primeira. Não teve qualquer hesitação ao cortar salão após salão, subindo cada vez mais na pirâmide. À medida que o topo da pirâmide se aproximava, cada nível era menor do que o anterior. Logo ele chegou a um par de portas douradas com o hieróglifo de uma fênix.

– Consegui! – disse Conner, orgulhoso. – Cheguei à câmara do faraó.

Sua vitória foi cortada por um grito de dar calafrios vindo de baixo, seguido pelo clamor de gemidos e grunhidos monstruosos. Parecia que as múmias tinham alcançado Beau.

– *Socorro!* – gritou Beau. – *Socorro!*

Conner ficou dividido quanto ao que fazer. Ele estava a meros passos de pegar o talismã, a única coisa que precisava para completar seu exército e salvar seus amigos no mundo dos contos de fadas. Por um breve segundo, achou que Beau merecia ser atacado por múmias pelo modo como agira. Porém, Conner sabia que a mãe ficaria chateada se só um deles voltasse vivo. Assim, para evitar a provável culpa (e porque era a coisa certa a se fazer), Conner virou-se e foi salvar o arqueólogo.

– Maldita consciência – murmurou para si. – Nunca sabe quando ficar na sua.

Ele seguiu os gritos pelo labirinto, sempre prestando atenção no caminho para voltar à câmara do faraó. Conner avistou Beau num canto do labirinto, cercado por oito múmias. Ele estava caído no chão, e as múmias batiam e chutavam-no com violência.

– Ei! – disse Conner. – Cabeças de papel-higiênico! Aqui!

As múmias se viraram para Conner e partiram em sua direção. Ele apontou a lanterna direto para os olhos delas, cegando-as por um instante. As múmias se espalharam como baratas, e Conner ajudou Beau a se levantar.

– Você salvou a minha vida! – disse Beau, chocado.

– Eu te *dei* a vida – Conner falou baixinho.

– Eu não estava esperando que você voltasse para me resgatar, especialmente depois do modo como tratei você. Obrigado!

– Pode agradecer depois. Encontrei a câmara do faraó. Vem! Tem muito mais múmias de onde essas vieram.

Conner rapidamente refez seus passos pelo labirinto até o ponto mais alto da pirâmide, onde ficava a câmara do faraó. Beau ficou impressionado com a facilidade com que ele se deslocava pela pirâmide. Enfim, os garotos chegaram às portas douradas com entalhe de fênix, e Conner segurou a maçaneta pronto para abri-las.

– Espere – disse Beau. – Lembre-se, a câmara do faraó é patrulhada por seu guardião mais estimado e leal. Talvez nós dois

precisemos combatê-lo juntos.

Conner soltou uma risadinha.

– Então... – falou. – Eu não me preocuparia tanto se fos-se você.

Ele abriu as portas e, junto com Beau, entrou na câmara do Faraó Eczema. Ao contrário do resto da pirâmide, a câmara estava imaculada. As paredes eram feitas de puro ouro, e o caixão colorido do faraó repousava em uma plataforma no centro da sala. Eles souberam que estavam no alto da pirâmide porque o teto formava um bico. Havia uma pequena abertura no teto que permitia que um raio de sol incidisse diretamente no caixão.

Beau observou nervoso a câmara. Algo estava faltando.

– Onde está o guardião mais estimado e leal do faraó? – perguntou.

Os garotos ouviram ganidos. Espiando de trás do caixão, havia um pequeno cão mumificado. Embora tenha latido para Conner e Beau, era óbvio que ele estava com mais medo deles do que eles dele.

– É um *cão*? – perguntou Beau.

– Não conheço nada mais estimado e leal do que um cão – disse Conner.

Conner estendeu a mão, e o cão lentamente se aproximou e a cheirou. Havia algo familiar em Conner, e o cão mumificado ficou empolgado ao percebê-lo. O antigo animal correu alegremente em volta de Conner e rolou de costas, permitindo ao rapaz que coçasse as ataduras que cobriam sua barriga.

– Bom garoto, Ossinho – Conner falou. – Quem é o filhote de três mil anos mais comportado? Quem?

– Você sabe o nome do cachorro? – perguntou Beau, desconfiado.

– Hum... Sei. Devo ter lido em algum lugar.

Eles ouviram o bater de pés ecoando no outro lado da câmara. Conner e Beau se viraram e avistaram centenas de múmias vindo em sua direção.

– Precisamos pegar o talismã! – disse Conner. – Essas múmias vão despejar milênios de agressividade acumulada em nós!

Os garotos correram até o caixão e tentaram puxar a tampa, que era incrivelmente pesada. Eles precisaram usar toda sua força. Bem no instante em que as múmias entraram na câmara, Conner e Beau abriram a tampa e puseram os olhos no talismã dourado em volta do pescoço do faraó mumificado. Conner teve nojo de tocar no corpo morto, mas tirou o talismã do cadáver e o colocou ao redor do próprio pescoço.

– *Chega!* – gritou para as múmias.

Agora que Conner tinha total controle sobre eles, os soldados mumificados congelaram e posicionaram as mãos nas laterais do corpo. Beau observou o talismã em volta do pescoço de Conner e ficou muito deprimido. O jovem arqueólogo passara a maior parte da vida sonhando com o dia em que o encontraria, e no final o objeto acabaria nas mãos de outra pessoa. A sua tristeza foi tão patética que Conner não pôde deixar de sentir pena dele.

– Eu só preciso do talismã por um tempinho – disse Conner. – Vou usar as múmias para ajudar alguns amigos. Quando eu terminar, você pode ficar com ele.

Beau ficou felicíssimo ao ouvir isso.

– Mesmo? – perguntou.

– Claro! Além disso, no lugar de onde eu venho, ele nem vale grande coisa.

O arqueólogo franziu o rosto para Conner. Vinha tentando entender como Conner sabia tanto sobre a pirâmide e enfim chegou à única conclusão provável em que era capaz de pensar.

– Você é a reencarnação do Faraó Eczema, não é? – Beau indagou. – É por isso que você sabia onde ficava a entrada, por isso andou tão rápido pelo labirinto, e por isso sabia o nome do cachorro.

– É bem mais complicado – disse Conner. – Não estou certo de que você acreditaria em mim.

– Não custa tentar. Eu sou arqueólogo. Complicação é a minha vida.

Conner soltou um suspiro. Depois da corrida pela pirâmide, ele estava cansado demais para inventar mais mentiras.

– Ok, tudo bem – disse, dando de ombros. – Mas, antes, me diga uma coisa: você conhece bem os contos de fadas?



CAPÍTULO 25



A vida da Rainha Trollbella

Direção e roteiro: Trollbella

Fazia mais de duas décadas que a Dra. Sharon Johnson era a psicóloga clínica residente do Hospital Pediátrico Saint Andrew's, e hoje ela enfrentaria as pacientes mais difíceis de sua carreira. Quatro adolescentes teimosas se encontravam sentadas à sua frente, com os braços cruzados; todas usavam a mesma roupa hospitalar e exibiam a mesma expressão provocativa. Sem que as meninas soubessem, seus preocupados pais as observavam através do espelho na parede.

– Olá, meninas – disse a Dra. Johnson. – Eu sou a doutora Sharon Johnson, psicóloga do Saint Andrew's. Me pediram para ter uma palavrinha com vocês. Como vocês estão hoje?

– Não respondam nenhuma pergunta dela – Mindy disse às demais Abraçadoras de Livros. – Quanto menos falarmos, menos coisas terão para usar contra nós.

– Garanto que estamos apenas tentando cuidar de vocês – a Dra. Johnson afirmou. – Vocês se lembram do motivo por que foram trazidas ao hospital?

Cindy inclinou a cabeça para o lado, desconfiada.

– Nós fomos *trazidas* para o hospital ou fomos *mandadas* para o hospital? – perguntou.

– Bem, vocês foram *trazidas* ao hospital por uma ambulância – disse a Dra. Jackson. – E a ambulância foi *mandada* para cá porque vocês quatro foram encontradas inconscientes na calçada. Isso responde sua pergunta?

As Abraçadoras de Livros se entreolharam. Sua nova suspeita tinha praticamente sido confirmada.

– Você trabalha para *eles*? – perguntou Lindy.
– Para quem? – a Dra. Johnson indagou.
– Para as pessoas que não querem que saibamos o que sabemos – disse Mindy.

– O *que* vocês sabem? E *quem* não quer que vocês saibam disso?

As Abraçadoras de Livros perceberam que a psicóloga estava verdadeiramente confusa. Talvez ela não estivesse tão informada quanto pensavam.

– Talvez seja melhor nós não contarmos – Lindy afirmou. – Você pode ser a próxima a ser trancafiada!

– Estamos aqui há três dias. Mas não podem nos deixar aqui para sempre! – disse Cindy.

– Conhecemos nossos direitos! – Mindy falou.

Wendy pulou da cadeira e foi até a porta. Puxou a maçaneta com toda a força, mas a porta não se mexeu.

– Senhorita Takahashi, caso queira sair, basta *empurrar* a porta – disse a Dra. Johnson. – Ninguém está mantendo vocês aqui contra a sua vontade.

Wendy girou a maçaneta e empurrou a porta, abrindo-a com facilidade. Ela corou e voltou a se sentar.

– Prisioneiras ou não, sabemos que alguém lá em cima não quer que a gente espalhe os *fatos* – disse Cindy. – É esse o verdadeiro motivo de estarmos aqui!

– Que bom que você disse isso – falou a Dra. Johnson. – Acho que seria bom para todas nós se repassássemos os fatos e déssemos um tempo com as suspeitas.

A Dra. Johnson leu o seu bloquinho na esperança de que as meninas se tranquilizassem ao ouvirem os fatos em perspectiva.

– Vocês foram encontradas inconscientes. Isso é um fato – a psicóloga começou. – Como ocorreria com qualquer jovem encontrado nessa condição, vocês foram trazidas a este hospital para serem examinadas. Isso também é um fato. Quando recuperaram a consciência, vocês disseram aos médicos que tinham visto “piratas surgindo do nada” e ouvido conversas sobre “recrutar exércitos de personagens ficticiais” e sobre um “mundo dos contos de fadas sob ameaça”.

– Pois é – disse Mindy. – Porque *ouvimos!*

– Por que você acha que a gente desmaiou? – perguntou Cindy.

– Normalmente, quando os pacientes acordam de um trauma e descrevem eventos tão excêntricos, sou chamada para conversar com eles para ter certeza de que não há nenhum dano psicológico – a Dra. Johnson explicou. – Tudo isso é procedimento-padrão, e eu posso garantir que ninguém *lá em cima* tem qualquer controle sobre vocês.

As Abraçadoras de Livros encolheram-se nas cadeiras. Considerando as circunstâncias, talvez a psicóloga tivesse sido chamada por razões legítimas. Talvez aquilo não fosse parte de uma grande conspiração contra elas, como tinham pensado.

– É que nós não aguentamos mais ouvir que estamos erradas sendo que sabemos que estamos certas – disse Mindy.

– Seria muito improvável que quatro pessoas diferentes tivessem a mesma alucinação, ao mesmo tempo – Cindy observou.

– Só que ninguém nos dá ouvidos – falou Lindy. – Toda vez que tentamos dizer a alguém o que descobrimos, ou as pessoas desligam na nossa cara, ou nos mandam dar no pé, ou nos ameaçam com medidas cautelares de afastamento.

As Abraçadoras de Livros estavam ficando agitadas. A Dra. Johnson ergueu as mãos para acalmá-las.

– Senhoritas, é o *meu trabalho* ouvir – ela disse. – Contem-me o que viram, o que ouviram, o que as está preocupando. Serei sincera a respeito do que acho que é real ou exagerado, mas prometo manter a cabeça aberta.

As Abraçadoras de Livros entreolharam-se apreensivas. A Dra. Johnson era a primeira pessoa a voluntariamente demonstrar interesse. Ela passou a tomar notas com vontade conforme as adolescentes explicavam a causa de sua paranoia.

– Tudo começou antes do ensino médio – disse Mindy. – Alex e Conner Bailey desapareceram sem deixar rastro, e ninguém era capaz de explicar o motivo. Nós fomos atrás da verdade, mas, quanto mais procurávamos respostas, mais perguntas achávamos.

– Parecia que havia alguma coisa que a escola, a cidade e talvez até o governo estavam escondendo de nós – falou Cindy. – Enfim,

quatro dias atrás, após um ano de buscas, vimos os gêmeos num restaurante chamado Grelhados com Histórias!

– Ouvimos os dois conversando sobre “recrutar exércitos de personagens ficcionais” para salvar um “mundo dos contos de fadas” – Lindy afirmou. – Aquilo confirmou a nossa suspeita de que algo muito maior estava acontecendo! Então, fomos até a casa deles, espiamos pela janela e vimos piratas e um navio surgindo do nada!

Para a surpresa das garotas, a Dra. Johnson ficou *aliviada* ao ouvir isso. Ela colocou as anotações de lado, e um enorme sorriso apareceu em seu rosto. Até fez um sinal de positivo para o espelho, o que as Abraçadoras de Livros acharam muito esquisito.

– Senhoritas, tenho boas notícias – disse a psicóloga. – Acredito em cada palavra que vocês disseram.

As Abraçadoras de Livros ficaram chocadas. Elas nunca tinham ouvido essa frase da boca de ninguém. Por um instante, desconfiaram que a Dra. Johnson, e não as piratas na casa dos gêmeos, fosse uma alucinação.

– Você acredita na gente? – perguntou Cindy.

– Totalmente – disse a Dra. Johnson. – Vocês não estão tendo delírios nem alucinações. Estão sofrendo de um simples *mal-entendido*. A mãe e o padrasto dos gêmeos trabalham neste hospital. Para fazer uma surpresa, eles contrataram um grupo de artistas para se apresentarem aos pacientes. As piratas que vocês viram na casa deles são apenas atrizes, e o navio era provavelmente um número do espetáculo.

– Um número do espetáculo? – perguntou Lindy. – *Mas o navio apareceu do nada!*

– Vocês nunca viram um mágico ou um show da Broadway? – a Dra. Johnson indagou. – Bons números são assim: eles nos iludem.

As Abraçadoras de Livros balançaram a cabeça e taparam os ouvidos. Não queriam acreditar na explicação da psicóloga: era simples demais!

– Não! – Mindy falou! – Não pode ser! Tem mais coisa por trás dessa história!

– Entendo a sua confusão – disse a Dra. Johnson. – Ontem encontrei os artistas. Seus figurinos são tão coloridos, tão elaborados que, se a Sra. Gordon não tivesse me explicado quem eles eram, talvez eu estivesse tão perplexa quanto vocês.

– Mas isso não explica a conversa que nós ouvimos na lanchonete! – Cindy afirmou. – Por que eles falariam em “recrutar exércitos” para “salvar o mundo ameaçado dos contos de fadas”? Não é assim que as pessoas descrevem espetáculos!

– Imagino que eles estivessem falando em código para manter o segredo da apresentação – a Dra. Johnson propôs. – Tenho certeza de que eles levaram muito tempo para preparar tudo e que tomaram todos os cuidados. A cidade é pequena. As pessoas falam e, está claro, as pessoas escutam.

As Abraçadoras de Livros tinham gastado tanto tempo e esforço rastreando e denunciando os Bailey... Não era possível que tudo aquilo tivesse sido por causa de um *espetáculo*! Elas eram meninas inteligentes; teriam percebido o mal-entendido a quilômetros de distância.

As adolescentes balançaram-se em seus assentos, pensando onde tinham errado. A Dra. Johnson olhou para o relógio.

– Bem, a apresentação é esta noite. Mas, se vocês forem ficar assim tão *perturbadas*, recomendo que não a assistam. Agora que sabemos que vocês não estão sofrendo de nenhum dano psicológico, recomendo que vão para casa e descansem bem. São ordens médicas.

Após recomendar descanso às Abraçadoras de Livros, a psicóloga as acompanhou até seus pais e então se dirigiu à sala multiuso do hospital.



Graças ao trabalho duro dos personagens, à direção minuciosa de Trollbella e a um toque de magia de Alex, eles tinham montado um espetáculo para o Hospital Pediátrico Saint Andrew's em menos de um dia. A qualidade era questionável, mas ainda assim era um

espetáculo. A tediosa e frenética tarefa criara a tão necessária união entre os personagens e os ensinara a trabalhar juntos, o que era necessário se eles pretendiam juntar forças para derrotar o Exército Literário.

As piratas do *Lhama Áspera* e o Homem de Lata construíram, no fundo da sala multiuso, um grande palco com cortinas vermelhas de veludo. Os marinheiros arrumaram as cadeiras, garantindo que cada paciente, cada familiar e cada funcionário do hospital tivesse um lugar.

Os soldados cyborgs foram pendurados no teto com seus membros iluminados apontados para o palco como refletores. A própria Rainha Cyborg foi convertida em um grande holofote, operado pelo comandante Newters. Em vez de usar a eletricidade do hospital, todos os cyborgs foram conectados a Zolt, que funcionava como um gerador humano.

Os outros Zirmãos trabalharam nos bastidores. Depois de se transformar em máquina de costura para ajudar com os figurinos, Morfz transformou-se no cenário. Madeiza, por ter a maior destreza, foi encarregada dos adereços. Inzêndio ficou com os efeitos especiais, o trabalho mais fácil de todos, já que só havia um efeito, bem no final.

Trollbella insistiu na elaboração de um prospecto, para que a plateia tivesse algo tangível para levar. Bob a ajudou a criar o folheto que ela tinha em mente, e um exemplar foi colocado em cada assento. O folheto dizia:

O DR. BOB E A ENFERMEIRA CHARLOTTE ORGULHOSAMENTE APRESENTAM

Uma produção Trollbella

A vida da Rainha Trollbella

Roteiro e direção:

Trollbella

Estrelando:

Trollbella & AMIGOS

Às quinze para as oito da noite, a sala multiuso começou a ser preenchida por uma plateia ansiosa. Médicos, enfermeiras e outros funcionários do hospital acompanhavam os pacientes e suas famílias até os assentos. Algumas crianças eram levadas em cadeiras de rodas ou mesmo em suas camas. Embora as crianças não se sentissem perfeitamente bem, olhavam em volta da sala com interesse, curiosas sobre o que as aguardava do outro lado da cortina.

Alex e Bob estavam sentados na primeira fileira, lado a lado. Alex não conseguia ficar quieta: sacudia as pernas e roía as unhas.

– Você está preocupada com o espetáculo? – perguntou Bob.

– Com o espetáculo, não – disse ela. – Estou preocupada com Conner e mamãe. Eu esperava que eles já tivessem voltado a essa altura.

Bob riu e falou:

– Você fica igualzinha à sua mãe quando ela está preocupada com você e com seu irmão.

– Agora que eu sei como é, nunca mais vou deixá-la esperando. Espero que eles estejam bem. Não é que eu não confie neles, ou que eu ache que eles precisem *de mim*, é só... é só... – Alex não encontrou as palavras para descrever o que sentia.

– Você os *ama*, Alex – disse Bob. – É simples assim.

Para alívio de Alex, poucos minutos antes do início do espetáculo, Conner e Charlotte entraram apressados na sala multiuso e se juntaram a ela e a Bob na primeira fileira. Eles tinham acabado de sair de “As aventuras do garoto do dirigível”, e Conner nem tinha tido tempo de tirar a mochila.

– E aí? – perguntou Alex. – Vocês acharam o talismã?

Conner e Charlotte trocaram um sorriso. Conner tirou o talismã de baixo da blusa e o mostrou à irmã.

– Digamos apenas que há um dirigível estacionado no campo ao lado do hospital e que há mil soldados mumificados e um cão mumificado na cantina – Conner falou.

– Então está resolvido! – disse Alex. – Recrutamos todos os soldados que precisamos para enfrentar o Exército Literário!

Os gêmeos ficaram muito aliviados com o término do recrutamento. Eles não teriam conseguido sem a ajuda da mãe e do padrasto, então deram um apertado abraço em Bob e Charlotte. Talvez não fossem as férias em família que a mãe queria, mas os gêmeos e seus pais tinham realizado algo extraordinário juntos.

Bob sentiu um cheiro horrível em Conner e em Charlotte.

– Que fedor é esse? – ele perguntou.

– Cheiro de múmia – disse Charlotte. – Borrifei perfume e desinfetante em cada uma delas, mas *putrefação* não é um odor que sai tão fácil.

– Contamos aos outros antes ou depois do espetáculo? – Conner indagou.

– Vamos esperar – falou Alex. – Se eles conseguirem realizar o espetáculo, teremos dois milagres para celebrar.

– E é bom? – perguntou Conner.

Alex hesitou antes de responder:

– Digamos que provavelmente não será seu espetáculo *favorito*. Trollbella tomou certas *liberdades*.

As luzes diminuíram, e a plateia tomou seus lugares. Os cyborgs iluminaram o palco, e o comandante Newters apontou o holofote da Rainha Cyborg para o centro da cortina. Trollbella transpassou a cortina e acenou à plateia. Todas as crianças prenderam a respiração: elas nunca tinham visto uma troll que parecesse tão real. A rainha troll caminhou até o microfone e cumprimentou a plateia:

– Boa noite, grande salão de gente pequena. Bem-vindos ao espetáculo. Como vocês provavelmente sabem, eu sou a Rainha Trollbella, do Reino Duetroll. Quem não sabe, peça à pessoa ao lado que lhe dê um beliscão. Eu sou conhecida por muitas coisas no meu reino: beleza, inteligência, carisma, elegância, *paixão*; mas, acima de tudo, sou conhecida por ter unido a minha nação. Graças à minha brilhante liderança, aquilo que um dia foi um território de trolls gananciosos e duendes desagradáveis é hoje um reino de duetrolls sofisticados e respeitáveis. Esta noite, vocês testemunharão essa transformação bem diante dos seus simétricos olhos humanos em “A vida da Rainha Trollbella”!

Conner já estava incomodado, e aquilo era só a introdução. Os espectadores estavam tesos nas cadeiras: estavam todos adorando. Trollbella levou o microfone para o canto do palco e fez um sinal ao comandante Newters para que mantivesse o holofote voltado para ela.

As cortinas se abriram e revelaram um cenário de horror que representava o território em que viviam os duendes e trolls. Os Alegres Homens e os Meninos Perdidos correram pelo palco em figurinos ridículos: os homens estavam de verde e usavam orelhas de duende; os garotos estavam de marrom e usavam faixas com chifres na cabeça. Todos pareciam muito constrangidos.

– Nós somos os duendes – os Alegres Homens anunciaram.

– Nós somos os trolls! – disseram os Meninos Perdidos.

– O Reino das Fadas nos forçou a viver debaixo da terra com os duendes – falaram os Alegres Homens.

– Nenhum de nós está contente com essa situação – os dois grupos disseram juntos.

– AH! COMO É DIFÍCIL! – disse Robin Hood. – *DESCULPEM, ESSA FALA NÃO ESTAVA NO ROTEIRO. SÓ ACHEI QUE A CENA FICARIA MELHOR COM UMA CERTA EXUBERÂNCIA.*

Os Alegres Homens e os Meninos Perdidos eram péssimos atores. Alguns permaneciam imóveis, o olhar inexpressivo, e apenas diziam as falas como se fossem robôs. Outros se esforçavam demais para representar e trotavam pelo palco. Alguns ficavam apavorados por estar diante de uma plateia; outros gostavam disso mais do que deveriam. Apesar daquela problemática presença de palco, era divertido assisti-los. As crianças da plateia riam de tudo o que eles falavam.

– POR QUE NÃO COLOCAMOS DE LADO NOSSAS DIFERENÇAS E FORMAMOS NOSSA PRÓPRIA NAÇÃO? – disse Robin Hood.

– *Robin, você está pulando falas!* – Magrelo alertou.

– PERDÃO! SOU O REI DUENDE E ODEIO OS TROLLS!

– E eu sou o Rei Troll e odeio os duendes – disse Magrelo. – Como podemos viver juntos debaixo da terra? *Agora sim!*

– POR QUE NÃO COLOCAMOS DE LADO NOSSAS DIFERENÇAS E FORMAMOS NOSSA PRÓPRIA NAÇÃO?

– Eis uma boa ideia! Formaremos o Território dos Duendes e Trolls, começaremos nossa própria sociedade e provaremos que não somos criaturas selvagens!

– Urra – os homens e os garotos disseram com pouco entusiasmo.

Trollbella limpou a garganta para chamar a atenção da plateia e narrou:

– Os trolls e os duendes viveram em harmonia no território subterrâneo por muitos anos, até que aconteceu uma tragédia!

Todos os atores no palco congelaram. Ficaram na expectativa de que algo acontecesse, mas nada aconteceu.

– Falei “até que aconteceu uma tragédia”! – Trollbella repetiu. – *Garota das tranças, é a sua deixa!*

– *Foi mal, eu estava mandando uma mensagem!* – Madeiza gritou da coxia.

Usando os cabelos, Madeiza desceu até o palco dois travesseiros pintados para parecer pedras. As “pedras” tocaram de leve Robin

Hood e Magrelo na cabeça. Os atores caíram no chão e representaram dramáticas cenas de morte. A atuação de Magrelo foi muito mais simples do que a de Robin Hood, que teve convulsões no palco por quase cinco minutos antes de ficar imóvel.

– ADEUS, MUNDO CRUEL! – gritou Robin Hood. – *ISSO TAMBÉM NÃO ESTAVA NO ROTEIRO!*

Trollbella lançou um olhar feio para ele e voltou-se para a plateia:

– Às vezes, pedras caem e te matam. É a vida. Com a morte do Rei Troll e do Rei Duende, o território precisava de um novo governante!

Chapeuzinho subitamente surgiu de um alçapão no centro do palco. Estava caracterizada como Trollbella, com chifres e um vestido marrom. Todos os atores cantaram um coral angélico em sua entrada, mas ninguém encontrou a nota correta ou cantou em harmonia.

– Sou a única filha do Rei Troll, Trollbella – disse Chapeuzinho. – Eu serei sua nova rainha e os guiarei à prosperidade! E... e... *como é o resto da fala?*

– *Meu coração está tão cheio...* – sussurrou Trollbella.

– *Sim, isso!* – Chapeuzinho falou. – E meu coração está tão repleto que nem sequer me imagino precisando de nada além do afeto e da gratidão de meu povo!

Peter Pan subitamente voou de um lado a outro do palco vestindo um grande coração de cartolina. Foi completamente inesperado, tanto pela plateia quanto pelos outros atores. As crianças o apontavam e se perguntavam como o garoto conseguia voar.

– *Ainda não, Peter!* – Trollbella ralhou e continuou a narração: – A jovem rainha achava que seu coração estava repleto, porém logo percebeu que faltava algo. Havia em sua vida um vácuo que os trolls e os duendes não podiam preencher.

João, usando jeans, tênis e camiseta, entrou no palco.

– Sou o belo Butterboy – anunciou. – Sou a alma gêmea da rainha. Só não sei disso ainda porque sou emocionalmente imaturo. *Foi mal, Conner.*

Conner ficou tão constrangido que se afundou na cadeira e cobriu o rosto com a mochila. Trollbella exibia um sorriso enorme: esta era a

sua parte favorita do espetáculo. Chapeuzinho fez uma pose teatral com as mãos sobre o coração.

– Calma, coração! É o amor! – falou.

– *Agora, Peter!* – sussurrou Trollbella.

Peter voou dos bastidores e desenhou círculos sobre a plateia. As crianças riram e bateram palmas, estendendo as mãos para tentar tocá-lo. Conner ficou irritado com o fato de que elas estavam adorando o espetáculo.

– Olá, Butterboy! – Chapeuzinho disse a João. – Você gostaria de ser meu rei e governar os trolls e os duendes comigo? Ah, como seremos felizes juntos!

– Oh, poxa, parece maravilhoso! – falou João. – Que sorte eu tenho por ser amado por uma rainha troll tão bela e inteligente. Jamais encontrarei alguém como ela. Não, jamais, de jeito nenhum, impossível, não vai acontecer! Quero ficar com Trollbella por toda a eternidade!

– Eu nunca disse isso! – Conner gritou de seu assento. – Ela está inventando!

Do palco, Trollbella o fitou zangada.

– *Se você pode contar histórias, eu também posso!*

João e Chapeuzinho correram em câmera lenta um na direção do outro. De repente, as luzes começaram a piscar melodramaticamente. Cachinhos Dourados, vestida como um grande sapo amarelo com verrugas enormes e um barrete roxo, pisou no palco. De todos os atores, ela parecia a menos empolgada por estar ali.

– Eu sou a terrível Monstra Bree – Cachinhos Dourados anunciou.

– Minha missão na vida é acabar com a felicidade alheia. Preciso manter o Butterboy longe da Rainha Trollbella para que seu poderoso amor não inspire os outros. Vou enfeitiçar o Butterboy para que ele acredite gostar de mim, quando, na verdade, eu sou tão horrenda que ninguém consegue me amar.

– Ah, por favor – disser Conner. – Isso já é ridículo!

A plateia vaiou quando Cachinhos Dourados arrastou João para fora do palco. Chapeuzinho baixou a cabeça e fingiu chorar.

– Depois que Butterboy foi afastado dela, Trollbella ficou muito triste – narrou Trollbella. – No entanto, a rainha troll era tão sensata que rapidamente se recuperou. Ela usou seu infortúnio para criar algo positivo!

– Se eu não posso ter meu Butterboy, vou usar toda minha energia para ser uma boa rainha! – disse Chapeuzinho, com um grande sorriso. – Vou ajudar os duendes e os trolls a melhorar sua imagem combinando-os nos *duetrolls*! Vamos transformar nosso território num reino totalmente novo para que o mundo veja o quanto mudamos!

– A rainha troll transformou o mundo em um lugar muito melhor para os trolls e para os duendes – Trollbella falou. – Embora ela estivesse arrasada por não estar junto do Butterboy, a distância lhe ensinou uma lição valiosa e um segredo do sucesso: quando você não pode ter o que deseja, faça o melhor com o que tem!

Um grande cartaz que pendia acima do palco de repente pegou fogo. A palavra fim ardeu em chamas, e as cortinas se fecharam.

Conner ficou aliviado com o fim do espetáculo.

– Bem, essa foi provavelmente a pior peça de teatro na história da...

Ele foi interrompido por um estrondoso aplauso. Conner se virou e viu que todos os pacientes do hospital aplaudiam em êxtase e sorriam de orelha a orelha. O espetáculo de Trollbella podia ter sido bobo e idiota, mas era exatamente aquilo que a plateia precisava. Ele dera aos pacientes do Hospital Pediátrico Saint Andrew's uma noite longe dos problemas e uma diversão descontraída.

Quando as cortinas se abriram, Trollbella e sua companhia reapareceram e se curvaram. A plateia aplaudiu com mais força, e os pacientes que conseguiam ficar de pé o fizeram. Os artistas, sentindo a gratidão no aplauso dos pacientes, se curvaram de novo e de novo, até que as palmas cessassem.

Depois, os personagens desceram do palco e conversaram com a plateia. Tiraram fotos, deram autógrafos e fizeram tudo o que estava ao seu alcance para que os pacientes se sentissem especiais. Os médicos e as enfermeiras exaltaram o fato de que os atores “não saíram dos personagens” enquanto falavam com as crianças, sem nunca suspeitar que os atores eram mesmo quem diziam ser.

A Dra. Johnson e o Sr. e a Sra. Carmichael encontraram Bob e Charlotte entre a plateia e os cumprimentaram.

– Obrigado por uma performance tão *peculiar* – disse a Sra. Carmichael.

– Não foi Shakespeare – o Sr. Carmichael falou. – Mas o lado bom é que *não foi Shakespeare*.

– Nunca vi tantos rostos sorridentes neste hospital – disse a Dra. Johnson. – Foi muito gentil da parte de vocês presentear as crianças com uma noite de diversão.

– O prazer foi nosso – Charlotte afirmou. – É impressionante o poder de uma história.

Estava ficando tarde, e os médicos e as enfermeiras conduziram os pacientes da sala multiuso a seus quartos. Magrelo ficou sem saber para onde ir e foi junto com as crianças internadas. Por sorte, os gêmeos o viram antes que ele fosse longe demais.

– Eu o pego – Alex disse a Conner. – Aliás, eu vou dar uma volta pelo hospital para confirmar que só ele saiu por aí. Conte as boas notícias para os outros!

Alex foi atrás de Magrelo. Conner esperou que todos deixassem a sala multiuso, exceto seus pais, os personagens de “Estibórdia”, “Rainha da Galáxia” e “Os Zirmãos” e seus amigos do mundo dos contos de fadas. Ele subiu numa cadeira e ficou de pé para chamar a atenção de todos.

– Parabéns a todos pelo ótimo espetáculo! – disse Conner. – Trollbella criou uma apresentação muito *criativa* e *totalmente ficcional*. Vocês todos têm motivo para se sentirem muito orgulhosos.

– Ficção é questão de opinião, Butterboy – falou Trollbella, piscando para ele.

Conner a ignorou.

– Tenho grandes notícias para compartilhar! – disse. – Minha mãe e eu viajamos à minha última história e recrutamos mil soldados mumificados para o nosso exército! Finalmente temos gente o bastante para enfrentar os vilões literários e tomar de volta o mundo dos contos de fadas!

Os personagens irromperam em vivas e aplausos. Eles já estavam muito animados por causa da apresentação; a notícia fez com que

ficassem eufóricos. João, Cachinhos Dourados e Chapeuzinho se abraçaram.

– Fantástico! – disse Chapeuzinho. – Eu já estava ficando cansada daquela cantina!

– Ótimo trabalho, meu amigo – falou João, dando um tapinha nas costas de Conner.

– Muito bem, Conner – disse Cachinhos Dourados. – Não teríamos conseguido sem voCÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊ!

Suas palavras se transformaram em um berro, e o resto do salão fez silêncio. O rosto de Cachinhos perdeu a cor, e ela ficou boquiaberta. Fitou João e apertou a mão dele.

– Cachos? – João perguntou. – O que foi?

– João, minha bolsa rompeu – disse Cachinhos Dourados. – Estou entrando em trabalho de parto!

Todos os personagens se entreolharam em pânico. Aquele momento era muito desejado, mas ninguém estava preparado para ele. Eles eram personagens de histórias infantis: nenhum deles sabia fazer um parto!

– *Rápido! Precisamos de tesouras, água fervente e papel reciclado!* – gritou Chapeuzinho. – Ou será que isso é para fazer papel-machê?

Trollbella tapou os olhos e falou:

– *Deixe isso aí dentro enquanto eu estiver aqui! Não quero ver um bebê saindo de você!*

– CHAMEM A PARTEIRA E A AMA DE LEITE! – gritou Robin Hood. – MAS NÃO DIGAM A ELAS QUE FUI EU QUE OS MANDEI!

– Acalmem-se – disse Charlotte. – Eu sou enfermeira. Eu sei o que fazer. Bob, faça algumas ligações para saber se há algum obstetra por perto. Eu vou levá-la à sala de cirurgia da nova ala do hospital e fazer os preparativos.

– Certo – falou Bob.

– Bob não é médico? – Chapeuzinho indagou. – Ele não pode ajudar?

– Ele não é esse tipo de médico – Conner explicou.

– Existem *tipos* diferentes de médicos no Outromundo? – perguntou Chapeuzinho. – Isso me parece desnecessariamente

complicado.

Bob imediatamente pegou o telefone, e Charlotte buscou uma cadeira de rodas. A sala se achava repleta de piratas perigosas, cyborgs do futuro e super-heróis audaciosos, mas era Charlotte quem estava chamando a responsabilidade para si. Conner achou divertido ver seus personagens embasbacados com sua mãe; como ele tinha dito a ela no dirigível, ela era a verdadeira heroína.

Charlotte cuidadosamente sentou Cachinhos Dourados na cadeira de rodas e a empurrou pelo corredor. João segurava a mão de Cachinhos, e Chapeuzinho os acompanhava.

– Vocês fiquem aqui! – Conner falou aos personagens. – Quando Alex voltar, digam a ela onde estamos!

– Boa sorte! – todos os personagens disseram juntos.

Conner correu pelo corredor e alcançou os outros.

– Cachinhos Dourados, e a dor? – perguntou Charlotte.

– Não está tão terrível, para dizer a verdade – disse Cachinhos. – As contrações não são tão ruins quanto eu esperava. ESQUECE, SÃO TERRÍVEIS! TERRÍVEIS MESMO!

– *Ai, minha mão!* – gritou João.

– Ainda bem que você está em um hospital pediátrico, Cachinhos – Chapeuzinho falou. – Não consigo pensar em um lugar melhor para ter um filho! Que sincronia!

– Chapeuzinho, os bebês não nascem em hospitais pediátricos – comentou Conner. – Eles normalmente são paridos em hospitais normais.

– Isso não faz nenhum sentido! – disse Chapeuzinho. – Este mundo é todo errado!

Eles percorreram o Hospital Saint Andrew's até a sala de cirurgia da nova ala. Conner se adiantou e segurou as portas abertas para os outros. Quando eles entraram na sala de cirurgia, havia três pessoas ali dentro, e duas delas eram as últimas que Conner esperava ver.

– Bree? Emmerich? – disse ele, chocado. – O que vocês estão fazendo aqui?

Seus amigos se encontravam ao lado de uma velha senhora que ninguém reconheceu. Conner imediatamente percebeu que Bree e

Emmerich não estavam normais; ambos estavam pálidos, exaustos e assustados.

– Conner! – disse Bree, nervosa. – Eu não sabia que você também estaria aqui!

– Bree, o que vocês estão fazendo aqui? – perguntou Conner. – Algum problema?

Bree começou a chorar.

– Desculpe. Eu não queria trazê-lo para cá, mas não tive escolha.

As portas se fecharam e se trancaram atrás de Conner, Charlotte, João, Cachinhos Dourados e Chapeuzinho, que se viraram e depararam com o Homem Mascarado. Ele tinha um olhar ensandecido e lhes apontou um revólver.

As surpresas da noite estavam apenas começando.



CAPÍTULO 26



Alex sozinha

Alex encontrou Magrelo quando ele estava prestes a entrar na UTI do Saint Andrew's, o acompanhou de volta à sala multiuso e fez uma ronda por todo o hospital; o Menino Perdido parecia ser o único personagem a ter se separado do grupo.

Antes de se juntar aos demais na sala multiuso, Alex divisou algo de canto de olho: uma mulher com chifres entrando no banheiro feminino do corredor. A fada poderia jurar que, antes de sair para a ronda, vira Trollbella junto com os outros personagens, mas decidiu inspecionar o banheiro para ter certeza. Quem mais em um hospital teria chifres?

Ela vasculhou o banheiro feminino, mas não encontrou a rainha troll.

– Trollbella? – perguntou Alex. – É você?

Morina subitamente se precipitou de uma cabine e soprou um punhado de pó mágico direto no rosto de Alex, que abriu a boca de espanto e acabou inspirando profundamente o pó. Tossiu como se houvesse ingerido gás venenoso, e seus olhos marejaram como se ela tivesse sido atacada com spray de pimenta.

– *O que... o que você fez comigo?* – gritou.

– Aperfeiçoei você – disse Morina, com um sorriso maldoso.

Alex desabou ao chão e lutou para se recuperar, mas não conseguia respirar direito ou parar de lacrimejar. A bruxa a fitou como um abutre que espera a presa morrer.

– Pronto! – Morina falou. – Sinta-o, sinta-o correndo pelas suas veias, sinta-o *consumindo* você...

A tosse e as lágrimas acabaram se atenuando, porém a irritação foi substituída por sintomas mais graves. Alex se encheu de uma raiva tal que jamais havia sentido. Tentou combater a mágica que manipulava suas emoções, mas o esforço só a deixou mais furiosa. Por que sua vida era uma batalha constante? Por que ela tinha de

lutar tanto, sempre? Por que *ela* sempre tinha de salvar as outras pessoas?

Para se confortar, Alex pensou nas pessoas que amava, mas o pó não permitia que ela *sentisse* amor. Conforme a visão dos amigos e da família passava diante de seus olhos, o feitiço a convencia de que todos eles secretamente a odiavam e queriam que ela simplesmente desaparecesse. Pensou que o irmão se ressentia dela, que a mãe tinha vergonha dela, que a avó tinha morrido desapontada com ela, que o pai tinha morrido apenas como uma desculpa para abandoná-la.

Alex se segurou na pia e ficou de pé. Olhou para o espelho, mas não viu o próprio reflexo: viu o rosto de um fracasso total. O pó alterava não apenas a sua percepção do mundo, mas também o modo como se enxergava. Ela viu uma menina que não merecia afeto, que era indigna do sucesso, incapaz de qualquer coisa que não fosse cometer erros.

Não iria salvar os amigos, não iria derrotar o Exército Literário, não iria salvar o mundo dos contos de fadas. Eles iriam ruir como tudo em sua vida, e a culpa seria dela, somente dela.

– Você está sentindo a raiva fervendo dentro de você? – perguntou Morina. – Deixe-a crescer, deixe-a moldar você, deixe-a cegar você... Deixe-a *se transformar em* você.

As paredes e o chão do banheiro começaram a tremer, e as luzes bruxulearam. Os olhos de Alex se tornaram brilhantes, e seu cabelo passou a dançar como chamas em câmera lenta. Ela desapareceu de seu corpo, e o pó mágico a transformou em alguém totalmente diferente...



CAPÍTULO 27



Cemitério dos desmortos

Conner ficou tão atordoado por ver o Homem Mascarado no hospital que perdeu o fio da meada. Ele não se perguntou o que Bree e Emmerich estavam fazendo com o Homem Mascarado, como tinham chegado ali, ou quem era a senhora com eles; só conseguia pensar em tirar os amigos e a mãe de perto de um homem tão perigoso.

– Disseram que você tinha morrido – Conner falou.

– Vivi para aproveitar mais um dia – disse o Homem Mascarado. – Sinto muito por decepcioná-lo.

Charlotte fitava o Homem Mascarado como se estivesse vendo um fantasma. Apesar dos ferimentos e das roupas esfarrapadas, ele era a cara do seu falecido marido. Alex e Conner tinham mantido a existência do tio em segredo da mãe, mas a realidade perturbadora se encontrava bem diante dos olhos dela.

– Mãe, este homem não é o papai – disse Conner. – É Lloyd, irmão mais novo dele. Ele é um criminoso no mundo dos contos de fadas, não acredite em uma palavra que ele...

– Eu sei quem ele é, Conner – falou Charlotte. – Seu pai me contou tudo a respeito dele antes de vocês nascerem. Sinto muito por vocês o terem conhecido. Seu pai nunca quis que vocês soubessem que eram parentes de alguém tão terrível.

– Você não é o único parente dele, Conner – disse Bree. – Emmerich é filho do Homem Mascarado. É o filho que o Homem Mascarado teve com Bo Peep!

A informação era tão inesperada que para Conner foi como levar um tapa. Ele se lembrava que Hagetta contara a ele e à irmã que havia escondido o filho de Bo Peep do pai, mas isso fora muito antes de eles descobrirem quem era o Homem Mascarado. Conner tinha esquecido tudo a respeito da criança até aquele momento.

– Acho que somos primos, então – comentou Emmerich.

– Isso acabou virando um belo caso de família – disse o Homem Mascarado. – Mas receio que esta reunião não vá render uma lembrança *feliz*.

– O que você quer de nós? – Conner indagou.

O Homem Mascarado resmungou e disse:

– *Adolescentes...* Vocês sempre acham que os dois mundos giram em torno de vocês. Para ser sincero, querido sobrinho, você não tem a menor serventia para mim.

– Então o que você quer com Alex? – perguntou Conner.

– Ele também não está aqui por causa da sua irmã! – Bree revelou. – Ele quer a sua mãe!

– Eu? – falou Charlotte. – O que você poderia querer comigo?

– Preciso de uma enfermeira do Outromundo – o Homem Mascarado respondeu. – O conhecimento médico do mundo dos contos de fadas não é tão avançado quanto o daqui, e eu pretendo fazer um procedimento complicado.

Cachinhos Dourados gemeu com uma nova contração.

– Esta mulher está prestes a ter um filho – disse Charlotte. – Por favor, precisamos levá-la imediatamente a um médico.

– Mas que coincidência... Eu vou precisar de uma carona para sair do hospital – falou o Homem Mascarado. – Achei que teria de dar um ferimento de bala à velhinha aqui, mas a futura mamãe é ainda mais conveniente.

– Você não vai encostar um dedo nela! – gritou João.

João partiu para cima do Homem Mascarado, que disparou a arma para o alto. João congelou.

– Este foi o único aviso – o Homem Mascarado alertou. – Eu não vou *desperdiçar* outra bala. Isso vale para todos vocês.

O captor estava ficando visivelmente impaciente. Seu mais recente plano estava tão perto de se realizar que ele praticamente sentia o gosto da vitória. Começou a andar de um lado a outro da sala e ofereceu aos reféns mais informações sobre o que havia preparado:

– Eis o que vai acontecer: Charlotte vai pegar nesta sala tudo o que precisa para fazer uma *transfusão de sangue*. Então ela,

Emmerich e eu vamos acompanhar Cachinhos Dourados até o pronto-socorro. Vamos dizer aos paramédicos que Cachinhos Dourados precisa ser transferida para outro hospital e, quando eles a colocarem na ambulância, vamos roubar o veículo. Vamos dirigir para bem longe, e Charlotte vai transferir o sangue do meu filho para as minhas veias, até que não reste nem uma gota no menino.

Seu plano era tão cruel que Conner precisou de alguns momentos para entender o raciocínio por trás dele.

– Se Emmerich é seu filho, isso significa que o sangue dele contém magia – Conner pensou em voz alta. – Você quer o sangue dele para recuperar seu poder. Você está tão obcecado com poder que está disposto a matar o próprio filho!

– Estou disposto a matar mais se precisar – o Homem Mascarado advertiu.

– Eu não vou tirar o sangue do seu filho! – disse Charlotte.

O Homem Mascarado apontou a arma para Conner.

– Eu tenho como convencê-la.

O tenso silêncio foi rompido por outro grito de dor de Cachinhos Dourados, cujas contrações se intensificaram.

– Tudo bem, Charlotte – falou Emmerich. – Não estou com medo. Prefiro que ele machuque a mim a que faça mal a outras pessoas. Acredito que vai ser como adormecer.

Charlotte sacrificaria a si própria antes de fazer mal a uma criança, mas Emmerich tinha lhe dado uma ideia. O Homem Mascarado a empurrou com a arma até o armário de suprimentos, do qual a enfermeira tirou seringas, gaze, bolsas, ataduras e outros equipamentos. Charlotte colocou o material necessário para uma transfusão de sangue num grande saco – e pôs no bolso uma coisinha extra.

– Todos para o chão – o Homem Mascarado ordenou. – Emmerich, pegue essas bandagens elásticas no armário e amarre os pés e as mãos deles. Faça nós bem apertados. Eu vou verificar antes de sairmos.

Sem opção à vista, Conner, João, Cornelia, Chapeuzinho e Bree fizeram o que o Homem Mascarado mandara. Emmerich amarrou as mãos de todos atrás das costas e depois os pés. O Homem

Mascarado inspecionou os nós do filho para ter certeza de que resistiriam. Satisfeito, guardou o revólver debaixo da tipoia, fazendo questão de mostrar aos reféns que, embora a arma estivesse oculta, seria fácil acessá-la se necessário.

– Vamos! – falou.

Charlotte empurrou Cachinhos Dourados para fora da sala com o saco de suprimentos, e as duas se dirigiram ao pronto-socorro. O Homem Mascarado empurrou Emmerich porta afora, e eles seguiram as mulheres. Os reféns deixados na sala de cirurgia lutavam contra as bandagens com toda a força, mas elas se mantinham intactas.

– Precisamos fazer algo! – disse João, desesperado. – Cachinhos Dourados vai dar à luz! Aquele maluco pode fazer alguma coisa com ela!

– *Socorro!* – gritou Cornelia. – *Socorro!*

– Deixe comigo – disse Chapeuzinho. – Sem ofensa, mas eu sou uma jovem loura e atraente, é mais provável que alguém responda aos meus clamores! **SOCORRO! SOCORRO!**

– Pessoal, somos as únicas pessoas em uma ala vazia! – falou Conner. – Ninguém vai nos ouvir!

– Nós precisamos detê-lo! – disse Bree. – Ele vai matar Emmerich se não o impedirmos!

– É exatamente por isso que eu não sou próxima dos meus parentes! – Chapeuzinho comentou. – Família é um negócio louco! A família te dá a vida, e depois você tem que ter muita sorte para sobreviver a ela!

A reclamação de Chapeuzinho lembrou a Conner de algo que ele carregava na mochila: algo que eles poderiam usar!

– Sobrevivência! – Conner comemorou. – É isso!

Charlotte colocara canivetes nas mochilas dos gêmeos antes que eles partissem para “Estibórdia”. Felizmente, o Homem Mascarado não tinha instruído Conner a tirar a mochila para que Emmerich o amarrasse. Se Conner conseguisse alcançar o canivete ali dentro, poderia usá-lo para se libertar.

Ele rolou de lado e, apesar da dor por conta da amarra, alcançou a bolsinha da frente da mochila. Sentiu que estava prestes a

quebrar os braços quando finalmente conseguiu abrir o zíper com a ponta dos dedos.

– Bree, tente encontrar o canivete na minha mochila – disse Conner.

Eles rolaram pelo chão e, de costas um para o outro, ficaram a uma distância que permitisse a Bree tirar o pequeno canivete da mochila.

– Consegui – Bree falou, abrindo o instrumento. – Fique parado: vou cortar as bandagens nos seus pulsos.

Ela serrou as bandagens de Conner até cortá-las. Assim que estava com as mãos livres, ele retirou as bandagens dos próprios pés e desprendeu os outros. Todos se ajudaram a se levantar e correram para fora da sala de cirurgia, porém Cornelia ficou para trás.

– Cornelia, você vem? – perguntou Bree.

– Não consigo acompanhar vocês – disse Cornelia. – Ande! Vá com eles antes que seja tarde demais. Eu vou ligar para Wanda e Frenda e informar onde estamos.

– Cornelia, vá para a sala multiuso – Conner falou. – Encontre a minha irmã e conte a ela o que aconteceu. O nome dela é Alex, e ela se parece comigo.

– Vou fazer isso – disse a senhora. – Agora corram!

Conner, Bree, João e Chapeuzinho dispararam pelo hospital, seguindo as placas que levavam ao pronto-socorro e abrindo caminho entre as pessoas no saguão até chegarem à pista onde as ambulâncias estavam estacionadas.

Eles chegaram a tempo de ver dois paramédicos colocando Cachinhos Dourados na traseira de uma ambulância; assim que os dois fecharam as portas, a ambulância cantou pneu, e os paramédicos, sem poder fazer nada, apenas observaram o veículo sendo roubado bem diante de seus olhos. Eles então correram para dentro do hospital para chamar a polícia. Quando a ambulância passou por Conner e pelos outros, eles viram o Homem Mascarado no volante e Charlotte e Emmerich ao lado dele.

À frente, a pista fazia uma curva em forma de ferradura. Se Conner corresse em linha reta, poderia parar a ambulância – mas

com o *quê*? O que ele tinha em mãos que lhe permitiria deter um veículo em alta velocidade? Assim que a pergunta lhe ocorreu, a resposta veio como um relâmpago atingindo a Torre Eiffel.

– Eles estão escapando! – gritou Bree.

– Ah, não, não mesmo! – disse Conner.

Ele disparou pela pista e tirou o fichário de contos da mochila, abrindo-o na última página e jogando-o na frente da ambulância. Antes que o veículo atropelasse Conner, o fecho de luz atingiu a ambulância, que desapareceu dentro da história.

João e Chapeuzinho suspiraram de alívio. Não conseguiam acreditar que Conner havia conseguido. Bree não tinha a menor ideia do que acontecera; estava absolutamente atônita.

– Vamos! – Conner falou. – Sigam-me!

Sem tempo a perder, ele pulou no fecho de luz, e seus amigos fizeram o mesmo.

Como havia aberto o fichário na última página, Conner estava certo de que enviara a ambulância direto para “As aventuras do garoto do dirigível”. Ele esperava dar com um deserto egípcio e com a Pirâmide de Anestesia, porém não reconheceu o mundo à sua volta. De fato, nunca tinha visto o estranho ambiente em que se encontrava agora, nem mesmo em sua imaginação.

Eles se achavam sobre um morro cercado de colinas de terra preta. Uma lua cheia espiava dentre as nuvens, e uma névoa pairava. Ao longe, os quatro divisaram uma cerca alta de ferro forjado que se estendia pelo perímetro de um enorme e sinistro cemitério. A cerca guardava um mar de tumbas góticas, e, através da névoa, além das tumbas, eles distinguiram uma floresta de mausoléus de pedra.

As tumbas eram tão velhas que estavam rachadas e cobertas de fungos, com as inscrições praticamente ilegíveis. Eram ornadas com crucifixos e com estátuas macabras de anjos e da morte. Embora a névoa distorcesse a visão, o cemitério parecia tão sem fim quanto os desertos do Egito. Não havia nenhum sinal de vida; não havia árvores, grama ou flores, apenas tumbas por quilômetros e mais quilômetros.

– Conner, você estava de mau humor quando escreveu esta história? – perguntou Chapeuzinho.

– Esta história não é minha – disse Conner. – Eu nunca escrevi nada assim.

De repente, eles viram algo se movendo pelo cemitério. Uma raposa vermelha saltitava entre as tumbas. O animal bateu as pálpebras e moveu o rabo, flertando, quase como se quisesse atraí-los ao cemitério. Bree reconheceu a raposa e esfregou os olhos para ter certeza de que não estava alucinando.

– Conner, para onde aquele fecho de luz deveria ter-nos levado? – ela indagou.

– Para um dos meus contos – ele explicou. – Estamos usando uma poção para viajar para dentro das minhas histórias, mas eu não tenho ideia de onde estamos.

Assustada, Bree engoliu em seco e falou:

– Eu tenho. Este conto é *meu*. Estamos em “Cemitério dos desmorts”! Escrevi isto no oitavo ano!

Conner tentou entender a situação. Como eles poderiam estar numa das histórias de Bree?

– Eu peguei as minhas histórias com a senhora Peters – disse Conner. – Ela deve ter misturado os nossos textos quando me deu! A história estava no fim do meu fichário o tempo todo! Como não tem divisória, a Poção do Portal deve ter vazado dos meus textos para o seu.

Para Conner, a experiência de viajar para dentro de suas histórias tinha sido tremenda, mas ao menos ele sabia para onde estava indo. Não conseguia nem imaginar como Bree estava se sentindo após acidentalmente cair, sem aviso prévio, num mundo que ela própria havia imaginado.

– Vejam! – disse João, apontando.

Eles viram marcas de pneus que seguiam para dentro do cemitério e as seguiram. A ambulância havia batido na cerca contígua a um portão escancarado. O grupo examinou o veículo, que estava vazio. Um gemido soou de algum lugar no cemitério, e eles correram na direção do som.

– *Cachos!* – gritou João. – *Estamos chegando!*

Eles encontraram Cachinhos Dourados no chão, alguns metros já dentro do cemitério. Ela estava apoiada contra uma lápide, respirando fundo, com contas de suor na testa. João ajoelhou-se ao seu lado e segurou a sua mão.

– O Homem Mascarado... – ela ofegou. – Eu não consegui acompanhar, então eles me deixaram aqui... Ele levou Emmerich e Charlotte para lá... Eu não vi em qual eles entraram...

Cachinhos apontou para os mausoléus, mas havia centenas deles. Encontrar Emmerich e Charlotte seria como encontrar uma agulha em um palheiro.

– Vamos te levar de volta para o hospital – disse João, que tentou levantar Cachinhos Dourados, mas ela não se moveu.

– As contrações estão muito próximas – disse Cachinhos. – Eu não consigo levantar! O bebê vai nascer aqui e agora!

João e os outros se entreolharam temerosos. Cachinhos Dourados precisava de ajuda.

– Fiquem com Cachinhos – falou Conner. – Eu vou procurar Emmerich e minha mãe. Assim que libertá-los do Homem Mascarado, vou mandar minha mãe para cá.

– Eu vou com você – disse Bree.

– Não, é muito perigoso!

– Conner, eu sei que você está acostumado a ser o herói das suas próprias histórias, mas esta é minha. Eu conheço este cemitério como a palma da minha mão. Além disso, só temos vinte minutos até a meia-noite. Precisamos tirar todo mundo daqui antes disso!

– O que acontece à meia-noite? – perguntou Chapeuzinho.

Bree adquiriu uma expressão assustada e disse:

– Os personagens aparecem.

– O que vocês escritores têm na cabeça? – Chapeuzinho gritou. – Se vocês escrevessem manuais de instruções, não estaríamos nesta situação!

Cachinhos Dourados gemeu de novo e apertou a mão de João. Eles não tinham muito tempo antes que o bebê viesse ao mundo.

Conner e Bree correram para o cemitério e começaram a vasculhar os mausoléus um por um.

O Homem Mascarado havia obrigado Emmerich e Charlotte a entrar em um mausoléu com vitrais e a estátua de um anjo caído no telhado, nas profundezas do cemitério. Ele e o filho estavam sentados sobre o caixão enquanto Charlotte preparava o equipamento para a transfusão de sangue. O Homem Mascarado mantinha o olho na enfermeira e segurava o revólver com firmeza.

Para manter as aparências, Charlotte tirou sangue de Emmerich o suficiente para encher uma pequena bolsa. Emmerich olhou para o sangue que saía de seu corpo como se fosse areia saindo de sua própria ampulheta pessoal.

– Se você vir minha mãe, diga a ela que eu a amo – o garoto fungou.

– *Você mesmo vai falar isso para ela, prometo* – sussurrou Charlotte, piscando para o menino.

Em seguida, a enfermeira preparou a terapia intravenosa do Homem Mascarado. Fez tudo da maneira mais desagradável possível para ele: estendeu à força seu braço quebrado e o espetou com a agulha menos afiada que tinha.

– Cuidado! – ele ladrou.

Charlotte tirou um pequeno frasco do bolso e encheu uma seringa com o líquido transparente nele contido. Fez menção de injetar a solução na terapia intravenosa do Homem Mascarado, que ficou desconfiado e a impediu.

– O que é isso? – ele grunhiu.

– Apenas soro fisiológico – disse Charlotte. – Para prevenir infecções.

– Eu não quero que você coloque nada nas minhas veias além do sangue do garoto.

– Eu não posso colocar o sangue dele no seu sistema sem esterilizar a área. Se você não quer que eu faça o meu trabalho direito, não sei por que se deu o trabalho de sair do mundo dos contos de fadas para isso.

O Homem Mascarado a fitou zangado, segurou o revólver com mais força e permitiu que ela continuasse. Charlotte injetou a

solução em seu braço e observou o homem com atenção. Ele de repente sentiu-se muito cansado; suas pálpebras ficaram pesadas, e o pequeno mausoléu começou a girar: *ele tinha sido enganado!* Charlotte não lhe injetara *soro fisiológico*, mas um *sedativo*!

– CANALHA! – gritou o Homem Mascarado, erguendo o revólver.

Charlotte torceu seu braço quebrado, e o Homem Mascarado ganiu de dor. Deixou cair a arma e se jogou no chão para pegá-la. Charlotte jogou o suporte de soro contra o vitral, que se despedaçou. Ela e Emmerich passaram pela vidraça quebrada no mesmo instante em que o Homem Mascarado alcançou a arma. Ele disparou, porém, sob o efeito do sedativo, era um péssimo atirador e errou. A bala ricocheteou na parede de pedra do mausoléu e o acertou na lateral da perna direita. O Homem Mascarado gritou de dor.

Conner e Bree vasculhavam os mausoléus próximos quando ouviram o vidro se quebrando, o tiro e os gritos.

– Mãe! – Conner gritou.

– *Emmerich!* – disse Bree.

Eles correram na direção dos sons, torcendo para que nada tivesse acontecido aos dois. Um cemitério escuro e enevoado já era por si só assustador; saber ainda que havia ali um homem perigoso e armado fazia com que Conner e Bree se sentissem em um filme de terror. Eles se sobressaltavam a cada estátua que se materializava na névoa, com medo de que fosse o Homem Mascarado. Por sorte, esbarraram em Charlotte antes.

– Mãe! – disse Conner. – Que bom que você está bem! E o Emmerich, onde está?

Os olhos de Charlotte percorreram o cemitério.

– Ele estava do meu lado há um instante! – ela falou. – Fugimos do seu tio, mas acabamos nos separando na névoa.

Outro grito ecoou, mas desta vez era de Cachinhos Dourados.

– Mãe, você precisa ajudá-la – disse Conner. – Bree e eu vamos achar Emmerich.

Pela cara de Charlotte, Conner entendeu que deixar ele e Bree sozinhos era a última coisa que a mãe queria fazer. Charlotte estava dividida entre as obrigações de mãe e as obrigações de enfermeira.

Entretanto, ela recordou a si mesma que não era mãe de um jovem normal: sabia que Conner era mais do que capaz de cuidar de si. Ele já tinha provado isso várias vezes.

– Amo você, querido – disse Charlotte. – Tome cuidado!

Ela abraçou o filho e lhe deu um beijo na bochecha. Depois, seguiu os gemidos de Cachinhos Dourados até a entrada do cemitério e se preparou para fazer o parto.

Conner e Bree correram na direção oposta, à procura do amigo.

– *Emmerich!* – sussurrou Bree. – *Onde você está?*

Eles encontraram Emmerich agachado atrás de uma lápide. Ele tremia e olhava para os lados com olhos grandes e assustados. A névoa era mais espessa naquela parte do cemitério, e o garoto só distinguiu Bree e Conner quando estes estavam a um palmo de distância.

– Aí está você! – disse Bree.

– Conner! Bree! – gritou Emmerich, aliviado. – Onde está Charlotte?

– Ela voltou para ajudar Cachinhos Dourados – Conner falou. – Vamos tirar você daqui! Venha.

– PODEM PARAR! – gritou uma voz atrás deles.

Conner e Bree lentamente se viraram e viram o Homem Mascarado se aproximando. Ele nunca estivera num estado tão lamentável: mancava muito mais agora que tinha um tornozelo torcido e um ferimento de bala na mesma perna, as roupas estavam cobertas de sangue, e o sedativo havia deixado as bolsas sob seus olhos mais descaídas do que o normal. O Homem Mascarado estava lutando contra a medicação com toda a força que lhe restava.

– O menino vem comigo! – gritou.

Conner se posicionou entre o tio e Emmerich e falou:

– Ninguém vai a lugar nenhum com você!

– Seu idiota! – disse o Homem Mascarado. – Saia da frente, ou eu atiro!

– Pode atirar! Você nunca vai ficar satisfeito, não importa quantas pessoas mate, não importa quanto poder conquiste! E, se eu não

posso deter você, a minha irmã com certeza pode! Aliás, boa sorte enfrentando-a depois que ela souber que você me matou!

O Homem Mascarado ignorou Conner e apontou a arma para a cabeça do sobrinho.

– *Mande lembranças ao seu pai.*

Quando ele estava prestes a apertar o gatilho, todos se sobressaltaram com um alto ruído de algo raspando. A tampa de três caixões de pedra próximos foi removida por seus ocupantes, e os cadáveres se levantaram das tumbas.

– O que está acontecendo? – Conner sussurrou para Bree.

Ela olhou para o relógio.

– É meia-noite – disse. – Todos os cadáveres do cemitério voltam à vida por alguns minutos para esticar as pernas e bater um papo. A ideia era fazer uma representação mórbida da hora do recreio na escola!

Os três cadáveres eram de mulheres, e, embora na história de Bree estivessem menos decompostos do que estariam na vida real, cada qual obviamente havia morrido fazia um bom tempo. A pele das defuntas era azul de tão pálida, havia círculos escuros sob seus olhos, e partes dos ossos estavam expostas.

As mulheres trajavam roupas muito específicas de diferentes épocas da história. A primeira usava uma armadura do começo do século XV e tinha a pele parcialmente queimada. A segunda usava um vestido com mangas largas, um colar com a letra B e uma faixa na cabeça com um longo véu. A terceira usava um enorme vestido de baile, muitas joias e uma peruca branca e alta. As duas mulheres de vestido também tinham costuras no pescoço, como se suas cabeças tivessem sido desmembradas e depois costuradas de volta.

– Quem são elas? – perguntou Conner. – Por que parecem tão familiares?

– Esta área do cemitério se chama Pavilhão das Mulheres Injustiçadas – disse Bree. – São as mulheres que, na minha opinião, foram condenadas à morte sem merecer. Aquelas são Joana d’Arc, Ana Bolena e Maria Antonieta.

As figuras históricas se espreguiçaram e bocejaram ao voltarem à vida. Pareciam estar acordando de uma longa soneca mais do que

retornando dos mortos.

– Eu adoro essas nossas espreguiçadas noturnas – disse Joana d’Arc. – Você não, Ana?

– Eu vivo para isso! – Ana Bolena soltou uma risadinha.

– É como eu sempre digo – disse Maria Antonieta –: a morte é o que você faz dela. Como tudo na vida, o que importa é a *execução*!

Os cadáveres riram loucamente entre si. Aparentemente nada as divertia mais do que tiradas espirituosas sobre sua mortalidade. As mulheres viraram-se para um quarto caixão, cuja ocupante ainda não tinha se levantado.

– Parece que Bo preferiu ficar dormindo mais uma vez – disse Joana d’Arc.

– Melhor ela acordar e se esticar, ou vai estar toda rígida amanhã – Ana Bolena falou.

– Ei, Bo! Querida? – Maria Antonieta gritou para o caixão. – É meia-noite, amor! Venha ficar com a gente!

A tampa do caixão se abriu, e o quarto cadáver se levantou dentro da tumba. Ela usava um vestido elegante e chapéu e segurava um cajado. Certamente, fora a última a morrer, porque estava muito menos decomposta do que as outras.

– Desculpem, meninas, eu estava contando carneiros – disse a mulher. – Isso me ajuda a passar o tempo entre uma esticada e outra.

– Quantos você já contou até agora? – perguntou Joana d’Arc.

– Vinte e oito milhões, novecentos e setenta e quatro mil, oitocentos e sessenta e três.

Conner reconheceu a mulher imediatamente. O fato o pegou completamente desprevenido, pois ele achava que nunca mais a veria de novo – nem mesmo em uma história de ficção.

– É Bo Peep! – Conner sussurrou para Bree. – Você colocou a *Bo Peep* em “Cemitério dos desmorts”?

– Deve ser minha segunda versão – disse Bree. – Eu fiquei chateada com o jeito como ela morreu, então a acrescentei à história.

Por mais estranho que tenha sido para eles ver uma falecida conhecida, isso não foi nada perto do que Emmerich sentiu diante da visão de sua mãe biológica. Ele tinha centenas de perguntas para fazer, mas estava com medo demais para falar.

O Homem Mascarado, ao ver o cadáver dela ganhar vida, sentiu-se dentro de um pesadelo. Não sabia dizer se era ela de fato ou se não passava de uma alucinação produzida pelo sedativo.

– *Bo Peep?* – ele perguntou, em choque.

Todas as mulheres desmortas se viraram ao ouvirem a voz do homem. Ainda não tinham percebido que havia visitantes no pavilhão.

Bo Peep ficou furiosa ao vê-lo.

– *Lloyd!* – gritou.

As demais desmortas sufocaram um grito de exclamação.

– É este o homem de quem você nos falou, Bo? – perguntou Joana d’Arc.

– Ele mesmo – disse Bo Peep. – É o homem que me *usou*, que me *enganou*, que *partiu meu coração!* O único motivo de eu estar neste cemitério! Se não fosse por ele, eu ainda estaria viva!

– E ele não está sozinho – Ana Bolena observou. – Há três jovens com ele.

– Eu também os conheço – falou Bo Peep. – O que vocês três estão fazendo com um homem como *ele*?

– Eu juro que não é nossa escolha! – Conner garantiu. – Ele está nos mantendo reféns!

Bo Peep foi tomada por uma raiva sem fim ao ouvir isso. Ela saiu do caixão e partiu para cima do Homem Mascarado. Ele nunca sentira tanto medo em toda sua vida; apontou o revólver para ela, mas isso não a impediu de continuar avançando.

– Não se aproxime, ou eu atiro! – ele advertiu.

– Você não pode mais me ferir – disse Bo Peep.

Ela estendeu as mãos frias e mortas na direção dele, que disparou contra ela – gastando a terceira e última bala do revólver. Bo Peep olhou para o buraco de bala em seu torso, e isso só a deixou ainda mais furiosa.

– Mate-me uma vez, raios o partam. Mate-me duas vezes, raios *me* partam! – disse ela.

– Afaste-se! – o Homem Mascarado gritou. – Estou avisando!

– As suas ameaças são tão vazias quanto a sua alma!

O Homem Mascarado cambaleou para longe dela tão rápido quanto a perna ferida lhe permitia. Ele não estava prestando atenção no caminho e caiu dentro de uma tumba vazia com uma lápide sem gravação. Tentou sair, mas dúzias de mãos putrefatas de repente rasgaram o solo e o seguraram, puxando suas pernas, seus braços e suas roupas, puxando-o para dentro da terra.

– LARGUEM-ME IMEDIATAMENTE, SEUS DEMÔNIOS! – gritou o Homem Mascarado.

Ele berrava e tentava se desvencilhar, mas eram mãos demais para enfrentar. Quanto mais ele lutava, mais mãos apareciam. Mesmo quando ele já estava completamente sob a terra, seus gritos ainda podiam ser ouvidos na superfície. Entretanto, o som de sua voz ficava cada vez mais tênue à medida que ele era puxado para as profundezas da terra.

Quando o som enfim desapareceu por completo, uma inscrição surgiu na lápide: aqui jaz Lloyd Bailey – amado por ninguém.

Por mais que Conner detestasse o Homem Mascarado, foi algo terrível de testemunhar. Ele se perguntou se o tio tinha sumido de vez, mas, ao voltar-se para Bree, notou que ela estava tão desconcertada quanto. A história de Bree sobre os desmorts tinha ganhado vida própria.

– Bem, para mim, deu de empolgação por hoje – disse Joana d’Arc.

– Hora de voltar a dormir – falou Ana Bolena, bocejando.

– Até amanhã à noite, meninas – disse Maria Antonieta. – Mesma hora, mesmo lugar... Por toda a eternidade.

As mulheres se deitaram nas tumbas e tamparam os caixões, preparando-se para uma boa noite de descanso. Bo Peep caminhou até o seu caixão, porém Bree a deteve antes que ela entrasse.

– Bo? – disse Bree. – Não sei se é a coisa certa a fazer, mas, no seu lugar, eu gostaria de saber. É muito difícil dizer. Vou falar de uma vez: Emmerich é seu filho.

Atordoada, Bo Peep encarou o menino. Se o coração dela ainda batesse, estaria acelerado. Se ela ainda precisasse respirar, estaria sem fôlego.

– Você é meu *filho*? – perguntou.

– Sou – disse Emmerich.

– Hagetta prometeu que acharia um bom lar para você. Ela achou?

– Achou. Eu tenho uma mãe, uma mãe adotiva, que me ama muito.

– É muito bom ouvir isso. Agora talvez eu consiga descansar em vez de contar carneiros.

Emmerich voltou o olhar para o túmulo de Lloyd.

– Meu pai vai voltar?

– Não do lugar para onde está indo. Ele nunca mais vai machucar você ou qualquer outra pessoa.

Bo Peep tirou um pequeno colar do pescoço e o colocou nas mãos do filho. Bree e Emmerich se lembraram de quando ela o mostrara a eles durante a viagem com os nobres pelo caminho secreto, no ano anterior. A corrente era fina, e havia um pequeno coração de pedra atravessado por uma rachadura.

– Tome, para se lembrar de mim – disse Bo Peep. – Você parece uma boa criança. Sinto muito por não ter criado você, mas foi melhor para você ter ficado com a sua mãe adotiva. Você não merecia herdar os meus erros.

– Eu entendo – ele falou.

– Boa noite, Emmerich. Espero que nos encontremos em nossos sonhos.

Bo Peep deitou no caixão e puxou a tampa. Bree passou o braço em volta de Emmerich enquanto Bo se trancafiava. Quando o caixão se fechou, Emmerich olhou para o colar e o segurou com firmeza.

– Por falar em mãe – disse Conner –, acho melhor irmos atrás da minha mãe e dos outros.

Conner, Bree e Emmerich correram na direção da entrada do cemitério. Quanto mais eles se aproximavam, mais altas e nítidas ficavam as vozes dos amigos.

– *Empurre, Cachinhos!* – ouviram Charlotte gritar. – *Empurre! Empurre! Empurre!*

– AAARRRRRRRRR – Cachinhos Dourados rosnou.

– *Você consegue, Cachos!* – João incentivou a esposa. – *Está quase lá!*

– *Já estou vendo a cabeça!* – declarou Charlotte. – *Só mais uma empurrada!*

– AH, MEU DEUS, O QUE É ISSO? – Chapeuzinho gritou mais alto do que todos. – EU NUNCA VOU TER UM FILHO!

Logo o choro de um bebê ecoou pelo cemitério. Quando Conner, Bree e Emmerich alcançaram os outros, Cachinhos Dourados e João já eram pais orgulhosos de um bonito e saudável menino. Não havia um olho seco no grupo.

Charlotte limpou o bebê e o envolveu nas toalhas que encontrara na ambulância. Ele tinha os cachos dourados da mãe, o queixo forte do pai e os olhos arregalados da tia Chapeuzinho.

– João, somos pais – falou Cachinhos Dourados, com lágrimas nos olhos. – Temos um filho!

– Somos oficialmente uma família – disse João, com afeto.

– *Conseguimos!* – Chapeuzinho comemorou, irrompendo em lágrimas de alegria. – *Só queria que Charlie estivesse aqui para ver!*

Embora não tivesse nada a ver com a geração da criança, ela abraçou João e Cachinhos Dourados como se também fosse um dos pais.

– Que nome vocês vão dar a ele? – perguntou Conner.

– *Herói* – Cachinhos disse com convicção. – Assim, nunca vai importar de onde ele vem, o que se tornará ou quem são seus pais: ele sempre vai ser o herói da própria história.



CAPÍTULO 28



Crises

Assim que o grupo pisou no facho de luz e voltou ao Outromundo, Charlotte e João levaram Cachinhos Dourados e Herói para a emergência do Hospital Saint Andrew's, para que mãe e filho fossem examinados por um médico. Conner, Bree, Emmerich e Chapeuzinho seguiram direto para a sala multiuso, para contar aos outros o que tinha acontecido no "Cemitério dos desmorts" e para compartilhar a boa notícia sobre o filho de João e Cachinhos.

Conner deduziu que Cornelia contara sobre o Homem Mascarado, porque todos na sala multiuso exibiam uma expressão sombria, muito preocupada. Nem o sorriso da minholegre estava tão pronunciado quanto costumava ser. Bree e Emmerich ficaram um tanto fascinados por aquelas pessoas que não conheciam, mas que poderiam jurar que sabiam quem eram.

– Conner! – gritou Bob. – Você está bem? Onde está a sua mãe?

– Está tudo bem, estamos todos bem – disse Conner. – Mamãe está na emergência com João e Cachinhos Dourados. Eles tiveram um filho e deram o nome de Herói! Estão apenas fazendo exames para garantir que está tudo bem.

– E aquele homem terrível? – perguntou Cornelia.

– O Homem Mascarado já era – Conner respondeu. – E desta vez ele não vai voltar.

A notícia não foi tão reconfortante quanto Conner pensou que seria. De fato, a expressão dos personagens na sala não se alterou. Eles não pareciam empolgados nem mesmo com o bebê.

– Pessoal, o que há? – Conner questionou. – Pela cara de vocês, parece até que alguém morreu.

Os personagens se apartaram, e Conner então viu que eles estavam reunidos em torno do Homem de Lata, sentado a uma cadeira ao lado de Blubo, o pequeno macaco voador. O macaco estava perturbado, os olhos inchados de tanto chorar.

– Blubo? – falou Conner. – O que você está fazendo aqui? Por que não está no mundo dos contos de fadas com os outros?

– Nós queríamos compartilhar com as pessoas da mina a notícia de que o exército estava completo – disse o Homem de Lata. – Viajamos pelo livro esmeralda, mas, quando chegamos lá... *Todos na mina foram transformados em pedra!* Blubo foi o único a não ser afetado.

Conner balançou a cabeça como se estivesse tentando botar para fora as palavras que não queria ouvir.

– O quê? – disse. – Você quer dizer que as famílias reais, os bichos, os cidadãos, Hagetta, o Mercador Viajante...

– TODOS VIRARAM ESTÁTUAS! – Robin Hood pronunciou. – IMÓVEIS FEITO PEDRA E PÁLIDOS FEITO OSSO.

– Ah, não! *Vovozinha...* – Chapeuzinho arquejou. – O que aconteceu com eles?

– Logo depois que vocês saíram da mina, fomos atacados por um monstro horrível – disse Blubo. – Fiquei com tanto medo que me escondi e tapei os olhos. Eu não cheguei a vê-lo direito.

Conner tinha uma ideia do que havia acontecido.

– A criatura que transformou o Conselho das Fadas em pedra deve ter achado um caminho até a mina – observou.

Ele andou em círculo pela sala, perguntando-se o que fazer. Aparentemente, tinha saído de uma crise e entrado em outra. Procurou a irmã, mas não a viu.

– Alguém sabe da Alex? – perguntou.

– Não a vi desde que cheguei – disse Cornelia.

– Vou ver se ela está no banheiro – Chapeuzinho falou.

Chapeuzinho saiu da sala e se apressou pelo corredor. Assim que abriu a porta do banheiro feminino, soltou um grito de gelar o sangue.

– *Conner!* – gritou. – *Venha logo! Você precisa ver isso imediatamente!*

Antes mesmo que ela terminasse a frase, ele já estava correndo em sua direção. Todos os personagens o seguiram. O que quer que Chapeuzinho tivesse encontrado era tão ruim que ela nem precisara

entrar no banheiro para ver. A rainha segurava a porta e olhava para dentro completamente chocada.

Conner a alcançou e espiou o banheiro, mas já não havia banheiro para espiar. Ele deparou com o céu noturno e com os prédios vizinhos. Ergueu os olhos e viu o interior de um escritório vazio; olhou para baixo e viu um porão deserto. Havia placas de gesso, fios elétricos soltando faíscas e canos quebrados: parecia ter havido uma explosão.

Embora não houvesse indício de que Alex a causara, ou mesmo de que a presenciara, Conner soube no fundo do estômago que aquilo tinha algo a ver com a irmã.

– Alex... *O que aconteceu com você?*



Katherine Walker, presidenta dos Estados Unidos, encontrava-se no Salão Oval da Ala Oeste com dois embaixadores estrangeiros.

– Senhores – disse a presidenta Walker –, entendo que é difícil para o primeiro-ministro e o sultão concordarem quanto a um local, mas eu não vou ficar aqui sentada enquanto pessoas inocentes sofrem por causa da negligência deles. Se nós não encontrarmos uma solução para esse assunto nas próximas quarenta e oito horas, eu vou enviar as tropas.

A reunião, prioridade absoluta na agenda da presidenta, tinha sido marcada com semanas de antecedência. Para ela, nenhuma outra questão era mais importante, e ela destinara aquela tarde inteira para a conversa. Por isso, ficou surpresa quando a porta do Salão Oval se abriu e seu chefe de gabinete a interrompeu.

– Senhora presidenta – disse o chefe de gabinete –, desculpe a interrupção, mas a sua presença é necessária agora mesmo no Salão de Crises.

– O que foi? – perguntou a presidenta Walker.

– É melhor a senhora ver com os próprios olhos. Há uma *crise* em Nova York.

– Terrorismo?

– Não, senhora. – O chefe de gabinete hesitou. – A nossa análise, feita com os melhores instrumentos científicos e tecnológicos, concluiu que se trata de... *mágica*.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Rob Weisbach, Alla Plotkin, Rachel Karten, Derek Kroeger, Heather Manzutto, Marcus Colen, Jerry Maybrook e o incrível Brandon Dorman. E eu não teria escrito este livro sem a colaboração de Alvina Ling, Bethany Strout, Melanie Chang, Nikki Garcia, Megan Tingley, Andrew Smith, Kristin Dulaney, Svetlana Keselman e todos da Little, Brown. E, claro, gostaria de agradecer a todos os meus amigos e familiares. Obrigado por serem meus!

Sobre o autor



Crédito da foto: Brian Bowen Smith/FOX

Premiado com o Globo de Ouro de melhor ator coadjuvante, Chris Colfer ficou conhecido por interpretar o personagem Kurt Hummel no seriado *Glee* e foi eleito pela revista *Time* uma das cem personalidades mais influentes do mundo. É autor de *Terra de Histórias: O Feitiço do Desejo* – que ficou em primeiro lugar na lista

de best-sellers do The New York Times –, Terra de Histórias: O Retorno da Feiticeira, Terra de Histórias: O Alerta dos Irmãos Grimm, Terra de Historias: Além dos Reinos, dos spin-offs Guia da Rainha Chapeuzinho para a Realeza e Os Diários da Mamãe Ganso, além de O diário de Carson Phillips, todos publicados no Brasil pela Benvirá.

Table of Contents

[Prólogo](#)

[O aluno favorito](#)

[Capítulo 1 - O império mascarado](#)

[Capítulo 2 - De castigo](#)

[Capítulo 3 - O imperador caído](#)

[Capítulo 4 - Um gostoso jantar em família](#)

[Capítulo 5 - Choro no castelo](#)

[Capítulo 6 - Uma oferta enfeitiçante](#)

[Capítulo 7 - A capitã e sua tripulação](#)

[Capítulo 8 - A ira de Tião Vela-Tochada](#)

[Capítulo 9 - Velejando em círculos no Triângulo das Bermudas](#)

[Capítulo 10 - Estibórdia](#)

[Capítulo 11 - Maldições](#)

[Capítulo 12 - Um navio na piscina de Sycamore Drive](#)

[Capítulo 13 - Rainha da Galáxia](#)

[Capítulo 14 - Pragas do universo](#)

[Capítulo 15 - O fruto conhece a árvore](#)

[Capítulo 16 - Casa cheia, corações cheios](#)

[Capítulo 17 - Todos juntos de novo](#)

[Capítulo 18 - Hospital Pediátrico Saint Andrew's](#)

[Capítulo 19 - Os Zirmãos](#)

[Capítulo 20 - O laboratório secreto do Professor Carteira](#)

[Capítulo 21 - Cidade da Luz do Relâmpago](#)

[Capítulo 22 - Um castelo de perguntas](#)

[Capítulo 23 - Estranhos familiares](#)

[Capítulo 24 - As aventuras do garoto do dirigível](#)

[Capítulo 25 - A vida da Rainha Trollbella - Direção e roteiro:
Trollbella](#)

[Capítulo 26 - Alex sozinha](#)

[Capítulo 27 - Cemitério dos desmorts](#)

[Capítulo 28 - Crises](#)

[AGRADECIMENTOS](#)